

DEBBIE MACOMBER

AUTORA BEST-SELLER #1 PELO *THE NEW YORK TIMES*
COM MAIS DE 160 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

A busca por um novo começo pode
levar a grandes revelações...



A Pousada
Rose Harbor



Sumário



[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Carta](#)

[Dedicatória](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Agradecimientos](#)

[A Autora](#)

[Padrões de tricô](#)

[Xale de crochê de Jo Marie Modelo criado por Ellen Gormley](#)

[Xale de tricô de Jo Marie, Modelo criado por Michael del Vecchio](#)

[Créditos](#)

DEBBIE
MACOMBER

A busca por um novo começo
pode levar a grandes revelações...

**A Pousada
Rose Harbor**



Tradução
Antonio Carlos Vilela



Caros(as) Amigos(as),

Eu captei a mensagem. Vocês amam Cedar Cove e não queriam abandonar os personagens. Nenhum dos dez mil. Tudo bem, isso foi um pequeno exagero, mas esse era o problema. Treze livros, cada um com seu elenco de personagens. Se a sua cabeça não entrou em parafuso tentando lembrar quem era quem, saiba que a minha entrou. Já estava na hora de dizer adeus, mas despedidas são difíceis e, pelo que vocês me escreveram, traumáticas.

Como escritora, eu procuro ouvir meus leitores. Vocês guiaram minha carreira desde que publiquei meu primeiro livro. Tento não decepcionar quem é tão leal e encorajador. Então, encontrei uma solução. Minha nova série envolve uma pousada maravilhosa localizada em Cedar Cove. Dessa forma, os personagens que vocês amam farão participações especiais contando o que aconteceu em sua vida. Contudo, o ponto central da história irá girar ao redor de Jo Marie e dos hóspedes que surgirão para se hospedar na Pousada Rose Harbor.

O nome Rose tem um significado especial em minha vida pessoal. Minha bisavó se chamava Rose, assim como minha mãe. Minha filha mais velha se chama Jody Rose, e o nome da minha neta (a que nasceu no dia do meu aniversário) é Madeleine Rose. Podem ver que esse nome tem raízes profundas na minha família. Como em todas as minhas histórias, nesta compartilho uma parte de mim mesma com meus leitores. Como sempre, aguardo seus comentários. Podem entrar em contato de várias formas. Registrem-se no meu site em DebbieMacomber.com e deixem sua mensagem no livro de visitantes, ou escrevam para mim na caixa postal P.O. Box 1458, Port Orchard, WA 98366. Eu leio pessoalmente todas as cartas e mensagens no livro de visitantes. Também é possível entrar em contato por meio da página no Facebook. Esperem, tem mais... Eu tenho meu próprio aplicativo. Sou tão tecnológica que nem sei o que dizer.

Agora recostem-se, ponham os pés para cima e conheçam Jo Marie enquanto ela recebe seus dois primeiros hóspedes. Essa vida é nova para ela, e tenho certeza de que irão amar Jo Marie e as pessoas que entram em sua pousada e encontram abrigo e alívio.

*Um abraço,
Debbie Macomber*



Para meus amigos
especiais da *Knitter's Magazine*
e das Stitches Conferences,
Benjamin Levisay
e Rick Mondragon.

Capítulo 1



Na noite passada eu sonhei com Paul.

Ele nunca está longe dos meus pensamentos — não se passa um dia em que ele não esteja comigo —, mas Paul não havia participado dos meus sonhos até agora. É irônico, imagino, que ele tenha me deixado, porque antes de fechar os olhos eu fantasio sobre a sensação de ter seus braços à minha volta. Enquanto pego no sono, finjo que minha cabeça está descansando em seu ombro. Infelizmente, nunca mais terei a oportunidade de estar outra vez com meu marido, pelo menos não nesta vida.

Até a noite passada, se eu sonhava com Paul, os sonhos estavam há muito esquecidos na hora em que eu acordava. Este sonho, contudo, ficou comigo, permanecendo em minha memória e me preenchendo com partes iguais de tristeza e alegria.

Quando soube que Paul fora morto, a dor me consumiu por inteira, e eu não pensei que fosse capaz de seguir com minha vida. Mas esta continua seu caminho, e eu tive que fazer o mesmo, arrastando-me de um dia para outro até descobrir que podia respirar normalmente.

Estou em meu novo lar, agora, a pousada que comprei há menos de um mês na Península Kitsap, em uma aconchegante cidade litorânea chamada Cedar Cove. Decidi batizá-la de Pousada Rose Harbor. “Rose” vem de Paul Rose, meu marido por menos de um ano; o homem que sempre vou amar e por quem vou chorar pelo resto de minha vida. “Harbor” (porto), porque este é o lugar em que joguei minha âncora no momento em que a tempestade da perda me abateu.

Isso parece tão melodramático, mas não há outro jeito de dizê-lo. Embora eu esteja viva, funcionando normalmente, às vezes me sinto meio morta. Paul odiaria me ouvir dizer isso, mas é verdade. Eu morri com Paul, abril passado, em uma encosta de montanha num país a meio mundo de distância, enquanto ele lutava pela segurança de nossa nação.

A vida que eu conhecia acabou no tempo de uma batida de coração. O futuro com o qual eu sonhava foi roubado de mim.

Os conselhos dados a quem está de luto diziam que eu devia esperar um ano antes de tomar grandes decisões. Minhas amigas me disseram que eu me arrependeria de largar o emprego, sair de minha casa em Seattle e me mudar para uma cidade estranha.

O que elas não compreendiam era que eu não encontrava conforto na familiaridade, nem alegria na rotina. Mas como respeito a opinião delas, eu me dei seis meses. Nesse tempo nada me ajudou, nada mudou. Mais e mais eu senti a necessidade de ir embora, de começar uma vida nova, certa de que somente assim encontraria paz, e a dor horrenda dentro de mim diminuiria.

Comecei minha busca por uma vida nova na internet, procurando em várias regiões dos Estados Unidos. A surpresa foi encontrar exatamente o que eu procurava no meu próprio quintal.

A cidade de Cedar Cove fica do outro lado do Estreito de Puget, oposta a Seattle, e é uma cidade da Marinha, situada bem em frente ao estaleiro de Bremerton. No minuto em que encontrei essa charmosa pousada à venda, meu coração começou a bater em ritmo acelerado. Eu, proprietária de uma pousada? Não pensara em assumir um negócio, mas instintivamente sabia que precisaria de algo para preencher meu tempo. Como benefício adicional, sempre gostei de receber hóspedes.

Com varanda à volta toda e a incrível vista da enseada, a casa era arrebatadora. Em outra vida eu conseguiria me imaginar sentada na varanda com Paul, após o jantar, tomando café quente e conversando sobre nosso dia e nossos planos. Com certeza a fotografia colocada na internet fora tirada por um profissional que soubera mascarar seus defeitos. Nada, aparentemente, poderia ser tão perfeito.

Ou poderia. No momento em que encostei o carro, acompanhada pela corretora, fui envolvida pelo encanto da pousada. Ah, sim, com a brilhante iluminação natural e as grandes janelas com vista para a enseada, aquela pousada já tinha cara de lar. Era o lugar perfeito para começar minha vida nova.

Embora eu deixasse Jody McNeal, a corretora, me mostrar o imóvel, não restava uma única dúvida na minha cabeça. Era meu destino ser a proprietária daquela pousada; era como se ela tivesse ficado todos aqueles meses no mercado esperando por mim. Tinha oito quartos espalhados pelos dois pisos superiores, e no térreo havia uma cozinha, grande e moderna, ao lado de uma espaçosa sala de jantar. Originalmente construída no início do século 19, a casa se debruçava sobre um deslumbrante panorama marinho. Cedar Cove ficava abaixo, disposta ao longo da Rua do Porto, que serpenteava pela cidade com lojinhas dos dois lados da rua. Eu me senti atraída pela cidade antes mesmo de poder explorá-la.

O que mais me chamou a atenção na pousada foi a sensação de paz que experimentei assim que entrei nela. O peso no coração, que era meu companheiro constante, pareceu ficar mais leve. A dor que eu carregava há meses comigo diminuiu. Naquele lugar veio serenidade, uma paz difícil de descrever.

Infelizmente, o contentamento não durou muito; meus olhos se encheram de lágrimas, deixando-me constrangida, quando terminamos a visita. Paul também teria amado aquela pousada. Mas eu a administraria sozinha. A corretora teve a delicadeza de fingir que não reparara nas emoções que eu lutava para disfarçar.

— Bem, o que você acha? — perguntou Jody, ansiosa, enquanto saíamos pela porta da frente.

Eu não dissera palavra alguma durante toda a visita, nem fizera uma pergunta sequer.

— Eu fico com ela.

Jody se inclinou na minha direção, como se não tivesse escutado direito.

— Desculpe?

— Eu gostaria de apresentar uma proposta. — Eu não hesitei. Àquela altura não tinha dúvida. O preço pedido era mais do que justo e eu estava pronta para seguir adiante.

Jody quase deixou cair a pasta repleta de informações detalhadas sobre a propriedade.

— Não é bom você pensar melhor? — sugeriu ela. — Essa é uma decisão importante, Jo Marie. Não me entenda mal; eu quero muito fazer esta venda; só que nunca vi alguém tomar uma decisão tão importante de forma tão... rápida.

— Vou pensar até amanhã, se você deseja, mas não preciso. Eu soube que este é o lugar assim que o vi.

No momento em que minha família ouviu que eu pretendia deixar meu emprego no Columbia Bank e comprar a pousada, todos tentaram me dissuadir, principalmente meu irmão Todd, o engenheiro. Eu tinha conquistado o cargo de gerente-assistente na agência Denny Way, e ele receava que eu estivesse jogando fora uma carreira promissora. Todd sabia que eu acabaria me tornando gerente. Eu dedicara quase quinze anos ao banco, sempre fora uma boa funcionária e meu futuro na instituição parecia brilhante.

O que as pessoas ao meu redor aparentavam não compreender era que a vida que eu conhecia, do jeito que eu a queria e como a sonhava, tinha acabado. A única forma de eu me realizar era encontrar uma nova vida.

Assinei a proposta pela pousada no dia seguinte e minha determinação não fraquejou nem por um instante. Os Frelinger, proprietários do lugar, aceitaram de bom grado minha proposta, e em questão de semanas — pouco antes dos feriados — estávamos reunidos no cartório para assinar toda a aborrecida, mas necessária, papelada. Eu lhes entreguei um cheque visado e peguei as chaves da pousada. Os Frelinger não tinham aceitado reservas para as últimas semanas de dezembro, pois pretendiam passar esse período com os filhos.

Saindo do cartório, fiz um pequeno desvio para passar na Junta Comercial, onde solicitei a mudança de nome da pousada. Batizei-a de Pousada Rose Harbor.

Voltei para Seattle no dia seguinte e entreguei minha carta de demissão ao Columbia Bank. Passei o feriado de Natal empacotando meu apartamento de Seattle e preparando-me para a mudança através do Estreito de Puget. Embora estivesse me afastando uns poucos quilômetros, era o mesmo que ir para o outro lado do país. Cedar Cove era um mundo totalmente diferente — uma cidade pitoresca na Península Kitsap, distante da vida agitada da cidade grande.

Percebi que meus pais ficaram decepcionados porque não passei todo o feriado com eles no Havaí, uma tradição de nossa família. Mas eu tinha tanto o que fazer para me aprontar para a mudança, incluindo organizar minhas coisas e de Paul, empacotar tudo e vender minha mobília. Precisava me manter ocupada — o que me ajudaria a manter a cabeça sem pensar no primeiro Natal sem Paul.

Mudei-me oficialmente para a nova casa na segunda-feira seguinte ao Ano-Novo. Felizmente os Frelinger me venderam a pousada como uma transferência de proprietários. Assim, tudo de que eu precisava eram algumas cadeiras, uma luminária que pertencera a minha avó e coisas pessoais. Desencaixotar a mudança não demorou muito. Escolhi como meu quarto a suíte do andar principal — que os Frelinger usavam como seu espaço pessoal. A suíte tinha uma lareira e um recanto com janela para a enseada. O aposento era grande o suficiente para acomodar a mobília de um dormitório e um sofá próximo à lareira. Gostei principalmente do papel de parede, coberto de hortênsias brancas e lilases.

Quando a noite desceu sobre a pousada, eu estava exausta. Às oito da noite, enquanto a chuva batia contra as janelas e o vento assobiava por entre as sempre-vivas que cobriam um lado da propriedade, fui para meu quarto no andar principal. O clima tempestuoso tornou ainda mais aconchegante o fogo trêmulo na lareira. Não senti nenhuma estranheza por estar me acomodando em um lugar novo. Senti-me bem-vinda naquela casa desde o momento em que entrei pela porta da frente.

Os lençóis estavam limpos e esticados quando me deitei. Não me lembro de pegar no sono, mas o que logo vem à mente é aquele sonho com Paul, tão vívido e real.

Na terapia do luto aprendi que os sonhos são importantes no processo de cura. O orientador descreveu dois tipos diferentes de sonhos. O primeiro e provavelmente mais comum é de sonhos com nossos amados — memórias que ganham vida.

O segundo tipo é o dos sonhos de visitação, quando o ente querido cruza a separação entre vida e morte para visitar quem deixou para tr s. Aprendemos que esses são, geralmente, sonhos reconfortantes: o falecido vem mostrar aos vivos que está feliz e em paz.

Fazia oito meses que eu recebera a notícia de que Paul morrera em uma queda de helicóptero em Hindu Kush, a cadeia de montanha que se estende entre o centro do Afeganistão e o norte do Paquistão. O helicóptero do exército fora abatido pela Al-Qaeda ou por um de seus aliados do Talib ; Paul e cinco dos seus camaradas dos Rangers aerotransportados morreram instantaneamente. Por causa do local da queda, foi impossível recuperar seus corpos. A notícia da morte dele já era muito difícil, mas ser impossibilitada de enterrar seu corpo foi ainda mais cruel.

Durante dias após eu receber a notícia mantive no coração a esperança de que Paul tivesse, na verdade, sobrevivido. Eu estava convencida de que, de alguma forma, meu marido encontraria um modo de voltar para mim. Isso era impossível. Fotografias aéreas do local da queda logo confirmaram que ninguém sobrevivera. No final, tudo que realmente importava era que o homem que eu amava e com quem tinha me casado se fora. Ele nunca mais voltaria para mim, e com o passar das semanas e dos meses eu vim a aceitar a notícia.

Demorei muito para me apaixonar. A maioria das minhas amigas se casou na faixa dos vinte anos, e com trinta e poucos já tinham começado suas famílias. Eu fui madrinha seis vezes.

Do meu lado, permaneci solteira até meus trinta e tantos anos. Eu tinha uma vida ocupada e feliz, envolvida tanto pela carreira quanto pela família. Nunca senti a necessidade de me casar apressadamente ou de ouvir minha mãe, que insistia para que eu encontrasse um homem bom e deixasse de ser tão seletiva. Namorei bastante, mas nunca houve alguém que eu sentisse que poderia amar pelo resto de minha vida, até que encontrei Paul Rose.

Como eu demorara trinta e sete anos para encontrar minha metade, não imaginava que o amor pudesse me encontrar duas vezes. Francamente, eu nem sabia se queria me apaixonar novamente. Paul Rose era tudo que eu esperava

encontrar em um marido... e muito mais.

Nós nos conhecemos em um jogo de futebol do Seahawks. O banco me dera ingressos e eu levava comigo um dos nossos melhores clientes e sua esposa. Enquanto nos acomodávamos em nossos lugares, reparei em dois homens com corte de cabelo militar sentados ao meu lado. Durante o jogo, Paul apresentou-se e também seu amigo de exército, e puxou conversa. Ele me disse que estava estacionado em Fort Lewis. Como eu, gostava de futebol. Meus pais eram torcedores entusiasmados do Seahawks, e eu crescera em Spokane assistindo aos jogos na televisão após ir à igreja aos domingos com eles e meu irmão mais novo, Todd.

Paul me convidou para tomar cerveja enquanto saíamos do jogo naquela tarde, e nos vimos praticamente todos os dias depois disso. Descobrimos que compartilhávamos muito mais do que o amor pelo futebol: tínhamos as mesmas inclinações políticas, líamos muitos dos mesmos escritores e adorávamos comida italiana. Também tínhamos em comum o vício em Sudoku. Nós podíamos conversar durante horas, algo que fazíamos com frequência. Dois meses após nos conhecermos ele foi enviado para a Alemanha, mas a separação não conseguiu deter o desenvolvimento da nossa relação. Não se passava um dia em que não mantínhamos contato de um jeito ou de outro — e-mail, sms, Skype, Twitter e todos os meios de que dispúnhamos para nos falar e ver. Sim, nós até mesmo escrevíamos cartas de verdade, com papel e caneta. Eu ouvira pessoas afirmarem que sentiram “amor à primeira vista”, do que zombei. Não sei se posso dizer que foi isso que aconteceu com Paul e eu, mas foi algo parecido. Uma semana após tê-lo conhecido eu já sabia que ele era o homem com quem me casaria. Paul disse que sentiu o mesmo a meu respeito, embora afirmasse que bastou um encontro.

Preciso admitir isto: o amor me mudou. Eu estava mais feliz do que em qualquer outro momento de que conseguia me lembrar. E todos notaram.

No Dia de Ação de Graças, há um ano, Paul pegou um avião para Seattle e me pediu para ser sua esposa. Ele até mesmo conversou com meus pais antes. Estávamos loucamente apaixonados. Eu tinha esperado muito tempo, e quando lhe entreguei meu coração foi para sempre.

Logo depois de nosso casamento, em janeiro, Paul recebeu ordens de ir para o Afeganistão. O helicóptero foi abatido em 27 de abril e meu mundo desabou.

Eu nunca sentira esse tipo de dor e receio ter lidado mal com a situação. Meus pais e irmão ficaram preocupados comigo. Foi minha mãe que sugeriu a terapia do luto. Como eu estava desesperada para encontrar uma forma de amenizar minha dor, concordei. No fim, gostei de ter participado das sessões. Elas me ajudaram a entender meus sonhos, principalmente o que tive na primeira noite

na pousada.

Ao contrário do que me disseram sobre os sonhos de visitação, Paul nada fez para me garantir que estava em paz. Ao contrário, ele apareceu diante de mim com todo o seu equipamento militar. Estava envolto por uma luz tão brilhante que era difícil olhar para ele. Mesmo assim, não consegui desviar o olhar.

Eu quis correr até ele, mas tive medo de que, se me mexesse, ele desapareceria. Eu não aguentaria perdê-lo novamente, mesmo que fosse apenas uma aparição.

Ele não falou logo. Nem eu, insegura sobre o que podia ou devia falar. Lembro que a emoção encheu meus olhos de lágrimas e cobri minha boca com medo de chorar alto.

Então ele se aproximou e me pegou em seus braços, estreitando-me e passando a mão pela minha nuca, para me confortar. Eu me agarrei a ele, para que não fosse embora. Ele sussurrou e repetiu palavras delicadas de amor.

Quando o nó na minha garganta diminuiu, ergui a cabeça e nossos olhares se encontraram. Senti como se ele estivesse vivo e nós precisássemos pôr o assunto em dia após uma longa ausência. Havia tanto que eu queria lhe contar, tanto que eu queria que ele explicasse. O fato de ele ter uma apólice de seguro tão valiosa foi um choque. Primeiro eu me senti culpada por aceitar uma quantia tão grande de dinheiro. Esse dinheiro não deveria ir para a família dele? Mas sua mãe tinha morrido e o pai se casara novamente e mudara para a Austrália. Eles nunca foram muito próximos. O advogado me disse que Paul fora claro em suas orientações.

No meu sonho eu queria dizer a Paul que usara o dinheiro para comprar a pousada e que a batizara com seu nome. Uma das primeiras melhorias que eu queria fazer era um jardim com roseiras, um banco e um caramanchão. Mas no sonho eu não disse nada disso, porque parecia que ele já sabia.

Ele afastou o cabelo da minha testa, onde me beijou suavemente.

“Você fez uma boa escolha”, sussurrou ele, os olhos calorosos de amor. “Com o tempo você reencontrará alegria.”

Alegria? Eu quis discutir com ele. Aquilo não parecia provável, nem mesmo possível. Uma pessoa não se cura daquele tipo de dor. Eu me lembro de como meus familiares e amigos se esforçavam para encontrar as palavras certas para me confortar. Mas não existem palavras... simplesmente não existem.

Ainda assim, não discuti com ele. Eu queria que o sonho durasse e temia que se o questionasse ele sumiria, e eu queria que Paul ficasse comigo. Uma sensação de paz me envolvia, e meu coração, que carregava um peso imenso,

pareceu um pouco mais leve.

“Não sei se consigo viver sem você”, disse eu, o que era verdade.

“Você consegue e viverá. Na verdade, sua vida será longa e plena”, insistiu Paul. Ele parecia o oficial que fora em vida, dando ordens que não deviam ser questionadas.

“Você sentirá alegria novamente”, repetiu ele, “e boa parte dela virá da Pousada Rose Harbor.”

Franzi a testa. Sabia que estava sonhando, mas o sonho era tão vívido que eu queria acreditar que aquilo estava realmente acontecendo.

“Mas...” Minha cabeça estava cheia de perguntas.

“A pousada é meu presente para você”, continuou Paul. “Não duvide, meu amor. Deus irá lhe mostrar.” Em seguida ele desapareceu.

Eu chorei alto, implorando para ele voltar, e meu próprio choro me acordou. Minhas lágrimas eram reais; eu sentia a umidade no rosto e na franha.

Depois que acordei fiquei um longo tempo sentada, no escuro, querendo me apegar à sensação da presença do meu marido. Mas ela foi ficando mais fraca e acabei pegando no sono, quase contra minha vontade.

Na manhã seguinte, escorreguei da cama e me arrastei descalça pelo chão de madeira encerada do corredor até o escritorzinho ao lado da cozinha. Acendi a luminária da escrivaninha e folheei o livro de reservas que os Frelinger tinham me dado. Analisei os dois hóspedes marcados para chegar naquela semana.

Joshua Weaver fizera sua reserva na semana anterior a eu assumir a pousada. Os antigos proprietários falaram nisso no momento em que assinávamos os papéis.

O segundo nome na lista era o de Abby Kincaid.

Dois hóspedes.

Paul dissera que a pousada era um presente dele para mim. Eu faria o meu melhor para oferecer conforto aos dois hóspedes; talvez, ao me entregar ao trabalho, eu pudesse encontrar a alegria que Paul me prometera. E, com o tempo, talvez fosse possível que eu reencontrasse uma forma de voltar à vida.

Capítulo 2



Josh Weaver nunca pensou que voltaria a Cedar Cove. Nos doze anos desde sua formatura no Ensino Médio, retornara apenas uma vez, para comparecer ao funeral de seu meio-irmão, Dylan. Mesmo assim não dormira na cidade. Havia embarcado em um voo cedo, alugara um carro, aparecera no funeral e fora embora logo depois, chegando a seu emprego na Califórnia no mesmo dia. Ele mal falara com o padrasto.

Isso porque Richard não se preocupara em ser gentil, exatamente como Josh imaginava. Embora Dylan e Josh fossem amigos, seu padrasto não julgou adequado pedir a Josh que fosse um dos carregadores do caixão de seu filho. Esse deslize magoara. Mas ele fora, de qualquer forma, prestar sua homenagem ao meio-irmão.

Agora Josh estava de volta e não tinha nenhum desejo de passar muito tempo em Cedar Cove. Aquela cidade não significava nada para ele, a não ser pelo fato de sua mãe e Dylan estarem enterrados ali.

Com apenas um ano de diferença entre eles, Josh e Dylan foram muito próximos. Dylan sempre tinha sido um sujeito audacioso. Desde que se conheceram, Josh admirou o completo destemor do meio-irmão. Ainda assim, foi um choque saber que Dylan morrera em um acidente de motocicleta. Fazia cinco anos que isso acontecera. E fazia sete anos que Richard Lambert chutara Josh para fora de casa, forçando-o a encontrar seu próprio caminho no mundo.

Parecia que agora era a vez do velho de ir ao encontro do Criador. A única razão pela qual Josh voltara à cidade era que os Nelson, vizinhos de Richard, tinham entrado em contato com ele. Michelle Nelson e Dylan frequentaram a mesma turma na escola, com Josh um ano à frente deles. Após a formatura, Michelle, de índole gentil, tinha se tornado assistente social. Josh lembrou-se de que ela fora apaixonada por Dylan, mas era uma garota acima do peso e Dylan não correspondeu. Em sua cabeça, Josh ligava a dedicação de Michelle ao cuidar de Richard ao sentimento que ela nutria por Dylan.

— Richard está mal — dissera-lhe Michelle durante a breve conversa

telefônica. — Se você quiser vê-lo vivo, é melhor vir, e logo!

Josh não tinha nenhuma vontade de ver o velho. Nenhuma. Eles não tinham nada em comum, a não ser uma aversão mútua. Mas acabara concordando em fazer a viagem, por dois motivos. Primeiro, ele estava esperando seu próximo trabalho como gerente de obras. Tinha terminado um projeto e aguardava os detalhes do próximo. Depois, embora não achasse importante, nem esperasse que fosse possível, seria bom fazer as pazes com o velho. Por outro lado, havia algumas coisas que ele gostaria de pegar na casa do padrasto. Aproveitando sua estadia em Cedar Cove, queria recuperar alguns bens pessoais que sua mãe levara para o casamento. Nada menos que fosse dele por direito e certamente nada mais que isso.

— Eu vou assim que puder — respondeu a Michelle.

— Depressa — disse ela. — Richard precisa de você.

Josh apostava que seu padrasto preferiria cair morto antes de admitir que precisava de alguém, principalmente dele. Aparentemente, os vizinhos tinham se esquecido da alegria de Richard ao chutar Josh de casa alguns meses depois da morte de sua mãe. Josh estava a poucas semanas de sua formatura no Ensino Médio. Quando saiu, Richard não lhe permitiu levar nada consigo, a não ser algumas roupas e os livros de escola.

Richard dissera que Josh era um ladrão. Duzentos dólares sumiram de sua carteira e ele estava convencido de que Josh roubara o dinheiro. A verdade era que Josh não tinha ideia do que acontecera com esse dinheiro, o que incriminava Dylan. Richard nunca acreditaria que seu próprio filho era culpado, então Josh aceitou a culpa. Porém não esperava que Richard exigisse que ele saísse tão perto da formatura.

Depois, pensando melhor, Josh percebeu que o sumiço do dinheiro foi só uma desculpa. Richard o queria fora de casa e fora de sua vida, o que, do seu lado, Josh estava mais do que disposto a aceitar.

Ele estava de volta a Cedar Cove, mas não experimentou nenhum sentimento de volta ao lar quando estacionou sua caminhonete na entrada do endereço escrito no pedaço de papel. Aquela pousada surgira em uma busca apressada na internet enquanto procurava um lugar próximo à casa de seu padrasto.

Uma coisa era certa, não podia ficar com Richard. Pelo que Josh sabia, Richard não fazia ideia de que ele estava vindo, o que era bom. Se tudo desse certo, não passaria mais do que dois dias na cidade. Não queria ficar nem um instante além do necessário. E ao sair de Cedar Cove, dessa vez, Josh tinha intenção de nunca mais olhar para trás.

Depois de parar no pequeno estacionamento da pousada, Josh saiu da

caminhonete e pegou sua maleta e seu notebook. O céu estava carregado, parecendo que logo mandaria chuva, o que era normal para janeiro no noroeste junto ao Pacífico. O céu cor de carvão era um reflexo adequado de seu estado de espírito. Ele daria qualquer coisa para estar em outro lugar que não Cedar Cove — um lugar que não o forçasse a se encontrar com o padrasto, que o detestava.

Não adianta adiar o inevitável, decidiu ele. Josh subiu os degraus da varanda com a maleta e o computador e tocou a campainha. Menos de um minuto se passou até que uma mulher atendesse.

— Sra. Frelinger? — perguntou ele. A mulher tinha estatura média e era muito mais nova do que ele imaginara ao fazer a reserva. Seu espesso cabelo castanho estava na altura dos ombros. Seus olhos eram de um penetrante tom de azul, semelhante a um céu de verão. Quando fizera a reserva, a voz do outro lado da linha soara como a de uma pessoa mais velha, como se tivesse seus sessenta anos. A mulher diante dele era jovem, trinta e poucos anos no máximo. Ela usava um colorido avental vermelho sobre uma calça e um suéter de manga longa.

— Não, desculpe. Sou Jo Marie Rose. Eu comprei a pousada há pouco tempo dos Frelinger. Entre, por favor.

Ela se pôs de lado, dando espaço para que ele entrasse naquela casa grande.

No saguão, Josh se sentiu instantaneamente reconfortado. O fogo crepitava na lareira e o aroma de pão recém-assado o deixou com água na boca. Ele não conseguia se lembrar da última vez em que sentira o cheiro de pão tirado há pouco do forno. Sua mãe costumava assar pães, mas isso fazia anos.

— Alguma coisa está cheirando muito bem — comentou.

— Sempre gostei de fazer pão — disse Jo Marie, como se precisasse se explicar. — Espero que seu apetite seja bom.

— E é — concordou Josh.

— Você é meu primeiro hóspede — contou Jo Marie, com um sorriso caloroso. — Bem-vindo. — Ela esfregou a palma das mãos, como se não soubesse bem o que fazer em seguida.

— Você gostaria de pegar as informações do meu cartão de crédito? — perguntou Josh, enquanto pegava a carteira no bolso.

— Ah, essa provavelmente é uma boa ideia.

Ela o levou pela cozinha até um pequeno escritório. Josh suspeitou de que aquilo devia ter sido uma despensa no passado. Ele pegou o cartão de crédito.

Jo Marie olhou para o cartão.

— Por enquanto vou ter que anotar o número. Mais tarde tenho uma reunião no banco. — Parecendo insegura, ela ergueu os olhos para ele. — Tudo bem?

— Sem problema — disse Josh e ela anotou as informações do cartão, que lhe devolveu em seguida.

— Agora posso pegar a chave do meu quarto? — perguntou ele.

— Ah, claro... desculpe! Como eu disse, você é meu primeiro hóspede.

Josh tentou imaginar há quanto tempo ela estava com a pousada. Jo Marie devia ter lido sua mente, porque logo acrescentou:

— Assinei os papéis pouco antes do Natal.

— Para onde foram os Frelinger? — Josh não se lembrava de tê-los conhecido quando morava na cidade, mas ficou curioso quanto aos motivos que os teriam feito vender a pousada.

Jo Marie voltou para a cozinha e pegou a cafeteira, erguendo-a para Josh, numa pergunta muda se ele queria uma xícara. Josh acenou que sim.

— Os Frelinger decidiram viajar pelo país em seu motorhome — explicou Jo Marie. — O veículo estava carregado e pronto para partir no dia em que assumi a pousada. Eles me entregaram as chaves e partiram para passar o Natal com as duas filhas na Califórnia. Seria a primeira parada.

— Pelo jeito eles não queriam criar raízes muito profundas — disse Josh enquanto Jo Marie lhe entregava a caneca de café.

— Você quer açúcar ou leite? — perguntou ela.

— Não, preto está bom. — Ele se acostumara a tomar café assim enquanto vivia com Richard.

— Você pode escolher o quarto — disse Jo Marie.

— Qualquer um está bom. — Josh deu de ombros. — Esta não é exatamente uma viagem de passeio.

— É mesmo? — Ela deixou clara sua curiosidade.

— Estou aqui para internar meu padrasto.

— Ah. Sinto muito.

Josh ergueu a mão, impedindo-a de manifestar compaixão.

— Nós nunca fomos próximos e, francamente, nunca tivemos um bom relacionamento. Isto é mais um dever do que qualquer outra coisa.

— Posso ajudar de alguma forma? — ofereceu ela.

Josh negou com a cabeça. Àquela altura não havia nada que pudesse ser feito. Se fosse possível, ele teria evitado completamente a viagem, mas infelizmente não havia ninguém mais que assumisse a responsabilidade por Richard.

Jo Marie levou-o a um quarto no segundo andar e o deixou a sós. O aposento tinha uma grande janela com vista para a enseada, com o Estaleiro da Marinha no Estreito de Puget bem em frente. Vários navios e um porta-aviões desativado estavam ancorados, e o céu espelhava o cinza dos navios de guerra.

Richard trabalhara no estaleiro durante a maior parte de sua vida profissional, lembrou Josh. Ele servira na Marinha durante a Guerra do Vietnã, e após sua baixa honrosa conseguiu emprego como soldador em Bremerton. Dylan também trabalhara no estaleiro até o acidente que lhe tirara a vida.

Afastando-se da janela, Josh não se preocupou em desfazer a mala. Pegou o celular e verificou suas mensagens de e-mail, na esperança de alguma novidade sobre seu próximo trabalho. Ainda não vira Richard, mas já estava planejando sua partida.

A primeira mensagem que apareceu foi de Michelle Nelson, a vizinha de Richard. Ela a enviara algumas horas antes.

Josh leu a mensagem.

De: Michelle Nelson (NelsonM@wavecable.net)

Enviado: 12 de janeiro

Para: JoshWeaver@sandiegonet.com

Assunto: Bem-vindo ao lar

Caro Josh,

Espero sua chegada a Cedar Cove a qualquer momento e queria garantir que nos falássemos assim que possível. Meus pais estão visitando meu irmão no Arizona — ele acaba de ser pai — e estou hospedada na casa deles para cuidar do cachorro e ficar de olho em Richard. Estou de folga no trabalho nos próximos dois dias, então me ligue depois que se acomodar na pousada. Irei visitar Richard com você, se quiser.

Michelle

360-555-8756

Josh reclinou-se na cadeira e cruzou os braços. Lembrou-se de como a paixão óbvia de Michelle por Dylan tinha sido um constrangimento para seu meio-irmão. Ainda assim, Dylan nunca fora cruel com Michelle, como foram outros garotos na escola, provocando-a com apelidos e piadas inconvenientes.

Ele gostou da disposição dela em acompanhá-lo em sua primeira visita a Richard. Seria ótimo ter alguém que servisse como um para-choque. Josh teclou o número fornecido por Michelle e ela logo atendeu.

— Michelle, aqui é o Josh.

— Ah, Josh, é muito bom ouvir sua voz. Como você está?

— Bem. — O entusiasmo de Michelle era um bálsamo. Josh não esperava que alguém ficasse feliz por ele estar na cidade. Tivera muitos amigos na escola, mas não continuara em contato com nenhum deles. Logo depois da formatura no Ensino Médio, tinha entrado para o Exército e seguido quase que imediatamente para o treinamento básico. Depois se associou a uma empreiteira, onde chegou ao posto de gerente de projetos. Não se importava de viajar, então pulava de cidade em cidade, de emprego em emprego, nunca ficando mais do que alguns meses em qualquer lugar. Vira uma boa parte do país e nunca lançara raízes em nenhum lugar. Imaginava que, com o tempo, haveria de se estabelecer, mas não sentia vontade de que isso acontecesse logo.

— Pela voz você parece ótimo — disse Michelle em um tom suave que parecia afeto lembrado.

— Você também — murmurou ele. Josh sempre gostara de Michelle, embora sentisse pena dela pelo sobrepeso que carregava. — Imagino que você esteja casada e que tenha um monte de filhos — brincou, confiando que ela teria encontrado alguém que gostasse dela. Ele se lembrava de que Michelle era bondosa e generosa. Não era surpresa que ela tivesse se tornado assistente social para cuidar dos outros.

— Infelizmente, não. — A voz dela mostrou uma ponta de tristeza.

Josh se arrependeu de ter perguntado.

— E você? — perguntou ela. — Trouxe mulher e filhos para ver onde você aprontava?

— Não, também não me casei.

— Ah. — Ela pareceu surpresa. — Perguntei a Richard sobre sua família, mas ele não sabia.

Nenhum motivo para ele saber; os dois não se falavam há anos.

— Como está o humor do velho atualmente? — perguntou Josh para mudar de assunto.

— Não muito bom. Ele é tolo e teimoso. Insiste que não precisa da ajuda de ninguém, embora me deixe levar refeições para ele e ver como está de vez em quando.

O mesmo Richard de sempre: irracional, briguento e em constante mau humor.

— Ele sabe que eu vim? — perguntou Josh.

— Não contei para ele — disse Michelle.

— Será que seus pais falaram alguma coisa antes de viajarem para ver seu irmão?

— Duvido. Nenhum de nós tinha certeza de que você viria.

Parecia que os Nelson o conheciam melhor do que ele supunha.

— Nem eu tinha certeza — admitiu Josh.

— Passe na casa dos meus pais primeiro — sugeriu Michelle. — Eu me encontro com você lá e podemos ir juntos ver o Richard.

— Obrigado pela disposição — disse ele.

Michelle hesitou, e quando falou sua voz estava branda, quase saudosa.

— Pensei em você ao longo dos anos, Josh. Eu queria... eu queria que nós púdessemos ter conversado no funeral do Dylan.

Josh não se lembrava de ter visto Michelle lá, embora fosse certo que ela tivesse comparecido. Sua própria participação fora tão breve que ele não tivera tempo de conversar com ninguém. Tinha ficado magoado por Richard ter feito pouco caso do relacionamento próximo que ele tinha com Dylan. Fora mais uma ofensa que se somara às outras, mas naquele momento Josh era o único parente vivo de Richard.

— Quando você gostaria de ir? — perguntou Michelle.

— Eu vou me ajeitar aqui e posso aparecer lá em cerca de uma hora. Assim está bom para você? — Quanto antes ele enfrentasse o velho, melhor. Adiar o encontro não tornaria mais fácil a provação de vê-lo novamente.

— Está ótimo. Então, vejo você na casa dos meus pais.

— Até lá — disse Josh, desligando em seguida. Ter uma aliada na cidade dava uma boa sensação. Era alguém com quem ele podia conversar à vontade. Tinha se esquecido de como apenas estar naquela cidade, perto de Richard, fazia com que ele se sentisse acuado.

Com as chaves da caminhonete na mão, Josh desceu a escada.

Jo Marie encontrou-o lá embaixo.

— Eu vou ao banco esta tarde, mas a chave do seu quarto também destranca a porta da frente. Então, se eu não estiver aqui, sintá-se em casa.

— Obrigado. Vou sair agora — disse ele. — Não sei a que horas vou voltar.

Josh decidira dar um giro pela cidade antes de ir até a casa dos Nelson. Seria interessante ver que mudanças o tempo provocara em Cedar Cove. Ele não vira muita diferença desde que saíra da rodovia. Da janela do seu quarto, à beira-mar, não parecia muito diferente do que ele se lembrava. Esperava que muita coisa na cidade permanecesse igual.

— Vejo você depois, então.

— Até mais — despediu-se ele. Ao sair da pousada, Josh parou para fechar a jaqueta. O frio bateu firme enquanto ele caminhava até a caminhonete. Tinha começado a garoar, um chuvisco persistente que era muito comum nos meses de inverno na região do Estreito de Puget.

Primeiro ele foi até a escola e viu que, a não ser por algumas salas de aula móveis, tudo ainda era como ele se lembrava. Josh estacionou a caminhonete e andou até os fundos da escola, onde ficavam o campo de futebol e a pista de atletismo. A pista parecia ter sido reformada recentemente. Ele corria ali no

Ensino Médio, e até que se saía bem, mas Dylan era o verdadeiro atleta da família — até fora indicado para a Corte da Festa de Retorno em seu último ano. Nessa época Josh estava no Exército, e ele se lembrou de como tinha ficado orgulhoso quando Dylan lhe contara de sua nomeação.

Josh, por sua vez, não comparecera à sua própria Festa de Retorno nem ao seu baile de formatura. Ele não podia arcar com os custos e Richard não pagaria por nada além de suas necessidades mais básicas. Depois que sua mãe morrera, Josh imaginou que não poderia contar com Richard para mais nada além de prover um teto sobre sua cabeça — e o tempo mostrou que seria assim mesmo. No final, Richard não quis lhe dar nem isso.

Saindo da escola, Josh dirigiu pela Rua do Porto e ficou surpreso. A biblioteca recebera um mural recém-pintado e o restaurante chinês continuava no mesmo lugar de que ele se lembrava. Mas diversas lojas tinham fechado, inclusive a pet shop em que ele trabalhara enquanto cursava do primeiro ao terceiro ano do Ensino Médio.

Final, ele percebeu que era ridículo ficar adiando seu reencontro com Richard e se dirigiu ao seu antigo bairro. Embora nem um pouco ansioso para rever seu padrasto, não queria deixar o velho intimidá-lo nem mais um minuto.

Josh estacionou na rua em frente à casa dos Nelson e pegou papel e caneta, fazendo uma lista rápida das coisas que queria pegar na casa. A Bíblia de sua mãe foi a primeira coisa que relacionou, seguida por seu camafeu. Ele o daria para sua filha, se um dia tivesse uma. Josh também queria recuperar sua jaqueta do departamento de esportes da escola e o livro de fotos do terceiro ano; duas coisas pelas quais ele mesmo pagara. Não conseguira levá-los consigo quando Richard o expulsara de casa. Seu padrasto não permitira.

Uma hora depois de telefonar para Michelle, Josh tocou a campainha na casa dos Nelson.

— Josh? — perguntou ela, recebendo-o com um sorriso caloroso.

Devia haver algum engano. A pessoa do outro lado da porta de vidro não podia ser Michelle. A mulher diante dele era alta, magra e... incrivelmente atraente.

— Michelle? — perguntou Josh, incapaz de disfarçar sua surpresa.

— Isso — ela riu suavemente —, sou eu mesma. Acho que você ainda não tinha me visto desde que emagreci, não é?

Tudo que Josh conseguiu fazer foi fechar a boca e parar de encará-la.

Capítulo 3



Josh entrou na casa dos pais de Michelle, ainda tentando assimilar o fato de que a mulher linda à sua frente era mesmo Michelle Nelson. Era difícil acreditar que a adolescente gordinha de que ele se lembrava e aquela mulher esbelta eram a mesma pessoa.

— Café? — perguntou ela enquanto entravam na cozinha.

— Ah, por favor. — A cabeça de Josh zumbia. Ele queria lhe perguntar o que tinha acontecido, mas imaginou que seria indelicado.

Michelle serviu uma caneca, que entregou para ele.

Josh não conseguia parar de olhá-la. De repente, percebeu por que não a tinha visto no funeral de Dylan — ele simplesmente não a reconhecera. Ela podia ter ficado bem na frente dele, e os dois podiam ter até conversado. Josh se lembrava de ter conversado brevemente com diversas pessoas, algumas das quais ele não conseguira identificar.

Josh continuou a olhar fixamente para ela por cima da borda de sua caneca de café.

— Você está tão chocada assim? — perguntou ela com um sorriso aberto. Ela estava de um lado do balcão da cozinha e ele do outro.

Ele concordou com a cabeça, sem saber o que mais poderia dizer.

— Não sou a mesma garota que era na escola — ela falou com firmeza. — E, francamente, estou feliz.

— Está claro que você mudou. — Ele puxou um banco e se sentou.

— Todos nós mudamos, você não acha? Você não é o mesmo de quando saiu de Cedar Cove, certo?

Josh concordou.

— Não e, como você, estou feliz por isso. — Ele fora um adolescente revoltado e esquentado. Ele tinha acabado de perder a mãe e ser rejeitado pelo

padrasto. Josh não queria pensar naquela época e estava feliz por não ter que passar por tudo aquilo novamente.

— O que você sabe do Richard? — perguntou ele.

Michelle refletiu sobre a pergunta por alguns instantes.

— O sr. Lambert não mudou muito, no que diz respeito a sua personalidade — acabou dizendo.

— Você quer dizer que ele continua briguento, teimoso, irracional, orgulhoso e difícil? — Embora Josh usasse tom de brincadeira, falava sério. Era assim que se lembrava de Richard. Se algo mudara, Josh imaginava que a morte de Dylan e a velhice provavelmente teriam intensificado os traços negativos de seu padrasto, embora tivesse esperança do contrário.

— Basicamente, isso mesmo — Michelle riu, segurando a xícara de café a meia distância da boca. — Ele deveria estar em uma casa de repouso ou algum tipo de instituição, mas não quer ouvir falar disso.

— O bom e velho Richard. — Josh imaginava que seu padrasto devia estar brigando muito para continuar em sua casa, mas não podia culpá-lo por isso, ele teria feito o mesmo.

— O bom e velho Richard — repetiu Michelle.

— E quanto à instituição?

Michelle ergueu os ombros magros.

— Ele se recusa a conversar a respeito. Ele me disse que não quer um monte de gente fingindo simpatia enquanto fica ao seu redor esperando que ele morra.

Josh balançou a cabeça. Esperava que Richard fosse difícil, mesmo perto da morte. Por que mudaria agora?

Ele tomou mais um gole do café e colocou a caneca no balcão.

— Não tem por que ficarmos adiando isso. Vamos lá. — Josh não conseguia evitar de pensar que nem o choque de vê-lo poderia ser suficiente para dobrar Richard. Sentia-se um pouco culpado por ser tão negativo e estava surpreso com sua própria atitude, principalmente porque parecia que ele queria que as coisas fossem assim.

Josh se esforçara, ao longo dos anos, para não ter ressentimentos de seu padrasto. Ainda assim, estava na cidade há apenas algumas horas e se via retornando aos mesmos sentimentos negativos de quando partira e ainda era um adolescente. Era como se o tempo não tivesse passado e ele fosse um jovem de dezoito anos — orgulhoso, imaturo e revoltado.

— Vou pegar meu casaco e já volto — disse Michelle, também largando sua caneca ao sair da cozinha.

Josh enfiou os dedos nos bolsos da calça.

— Obrigado por ir comigo.

— Não tem problema — as palavras de Michelle ecoaram pelo corredor que levava aos quartos.

Quando voltou, ela vestia um casaco vermelho vivo e uma echarpe branca ao redor do pescoço. Do lado de fora, Josh foi surpreendido novamente pelo vento frio e cortante de inverno. Ainda bem que as duas casas eram próximas. Os Nelson eram vizinhos de sua família desde que sua mãe se casara com Richard.

— Devo saber de algo em especial antes de vê-lo? — perguntou Josh, desejando ter pensado nisso antes.

Michelle e Josh caminhavam lado a lado sob a chuva fina.

— Ele parece muito mais velho do que é — respondeu ela. — Eu reparei nisso, pela primeira vez, seis meses depois que Dylan morreu. Acho que ele nunca mais foi o mesmo desde que enterrou o filho.

Para sua própria surpresa, Josh sentiu uma pontada de compaixão. Richard perdera duas esposas e seu único filho. Seu último parente vivo era um enteado do qual nunca gostara. Todo mundo que tivera alguma importância para ele se fora. E após a morte de Dylan, Richard não tinha mais uma próxima geração a quem deixar seu legado.

Eles subiram os degraus até a pequena varanda da casa. O canteiro de flores de que sua mãe cuidava com tanto carinho tinha sido completamente tomado pelo gramado. Josh fizera o seu melhor para manter o canteiro sem ervas daninhas enquanto sua mãe lutava contra o câncer de mama, e continuou após ela morrer. Ele desviou o olhar, recusando-se a permitir que algo como um canteiro mal cuidado o perturbasse.

— O sr. Lambert mantém a porta trancada a maior parte do tempo. — Michelle colocou a mão dentro da caixa de correio, de onde tirou uma chave da casa. Destrancou a porta e devolveu a chave ao seu lugar. Ela fez um clique metálico quando atingiu o fundo da caixa.

— Olá — chamou Michelle ao abrir a porta da frente. — Alguém em casa?

— Quem é? — perguntou Richard com uma voz que Josh achou apenas vagamente familiar. Pelo som, seu padraсто estava na sala íntima ao lado da cozinha.

— É a Michelle.

— Estou bem. Não preciso de nada.

— Ótimo — respondeu ela, indo até ele. — Porque eu não lhe trouxe nada — ela riu, deixando claro que era boa em não deixar a rabugice de Richard atingi-la.

Eles entraram na sala, e o olhar de Josh foi imediatamente para o velho sentado na espreguiçadeira, a favorita de Richard desde quando Josh ainda morava com ele.

O velho parecia pequeno e frágil na cadeira, com um cobertor sobre as pernas. Ele nunca fora um homem robusto. Aos dezesseis anos, Josh tinha 1,80 metro, cinco centímetros a mais que o padrasto. E ele crescera três centímetros no ano seguinte.

O que lhe faltava em altura, Richard compensava com fanfarronice. Ele nunca chegara às vias de fato com Josh, mas as ofensas verbais eram contínuas. E ficaram piores após a morte de sua mãe.

Richard ergueu os olhos, e, quando viu Josh, seus olhos revelaram o choque. Por um instante seu olhar pareceu se abrandar, mas qualquer indício de que gostara de ver o enteado rapidamente desapareceu.

— O que você está fazendo aqui? — quis saber ele.

Josh enrijeceu o corpo, surpreso de que aquele homem, mesmo doente, ainda tivesse a capacidade de intimidá-lo.

— Eu vim ver como você está e também pegar algumas coisas minhas.

— Que coisas? Você não vai pegar nada, entendeu? Nada.

Josh irritou-se e segurou uma resposta azeda, espantado pela forma como Richard conseguia provocá-lo.

Michelle colocou a mão sobre o braço de Josh, para contê-lo.

— Posso fazer algo pelo senhor? — perguntou ela.

— Não — Richard rosnou. Ele jogou o cobertor de lado e tentou se levantar da cadeira.

Antes que ele fizesse algo que pudesse machucar a si mesmo, Michelle se adiantou.

— Sr. Lambert, por favor.

Richard voltou à posição anterior. Ele estava pálido e parecia prestes a desmaiar. O som de sua respiração profunda e difícil preenchia a sala.

Josh sentia-se péssimo. Não tivera a intenção de provocar o velho. E não fazia

ideia de que o padrasto estava tão frágil.

— Não vou pegar nada sem sua aprovação — garantiu-lhe Josh.

— Você não é nada mais que um abutre — disse Richard após reunir fôlego suficiente para falar. Mesmo assim, a voz saiu trêmula e fraca. Ele apertou a mão contra o peito. — Você veio voar sobre a minha cabeça, só esperando que eu morra para me roubar do mesmo jeito que roubou quando era adolescente.

— Eu não quero nada de você — insistiu Josh. Cinco minutos com o padrasto e seu sangue estava fervendo.

— Se está querendo uma doação, então...

— Não quero nada de você — insistiu Josh, cortando-o.

— Você não vai conseguir nada.

— Você realmente acha que quero alguma coisa sua? — perguntou Josh. — Eu pareço tão desesperado assim?

— Você estava desesperado o bastante para me roubar duzentos dólares. Não dá para se rebaixar mais do que isso.

Josh fechou os punhos. Se não saísse naquele instante, faria ou diria algo de que se arrependeria. Virou-se, saiu da casa e ficou andando na calçada enquanto lutava para controlar a raiva.

Michelle apareceu alguns minutos depois. Josh já tinha recuperado seu autocontrole.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Como ele está? — Josh ignorou a pergunta.

— Fraco, mas tudo bem.

Josh soltou lentamente o ar dos pulmões e fechou os olhos.

— Acho que o encontro não poderia ter sido muito pior.

— O sr. Lambert está muito diferente.

Josh bufou.

— Você está enganada. Ele me odiava quando eu era adolescente e seus sentimentos não mudaram. — O velho devia ter ficado maluco ao perceber que Josh era seu único parente vivo.

— Que história é essa de duzentos dólares? — perguntou Michelle.

— Eu não peguei esse dinheiro — respondeu Josh com veemência.

— O dinheiro foi o motivo de ele expulsar você de casa, não foi?

Ele enfiou as mãos nos bolsos, baixou os ombros e concordou com a cabeça.

— Quem pegou? — sem esperar, ela mesma respondeu: — Dylan?

— Deve ter sido. Só consigo imaginar que ele pretendia devolver, mas Richard descobriu antes que ele conseguisse.

— E o sr. Lambert naturalmente achou que foi você.

Não era uma pergunta, mas uma leitura dos fatos. Josh duvidava que conseguiria se esquecer da cena. Dylan estava na cozinha quando seu pai irrompeu na sala íntima, onde Josh estudava. Gritando e xingando, Richard agarrou Josh pelo colarinho. Dylan ficou paralisado de medo, em choque e sem fala enquanto Richard literalmente jogava Josh para fora de casa.

Embora Josh e seu padrasto nunca tenham se dado bem, Richard nunca tocara nele antes.

Mais tarde Dylan foi falar com ele. Josh sabia que Dylan pegara o dinheiro, e Dylan sabia que Josh sabia. Mas ele disse ao meio-irmão que estava mesmo na hora de partir, e que eles deveriam deixar as coisas assim. Não importaria se Dylan confessasse, pois o sumiço do dinheiro era a desculpa de que o padrasto estava precisando.

O que Richard não sabia era que Josh já tinha se alistado no escritório de recrutamento do Exército. Ele estava agendado para seguir para o treinamento básico uma semana após a formatura do Ensino Médio. De qualquer modo, nunca fizera planos de voltar, então esclarecer aquele assunto não lhe parecera importante.

Michelle pôs a mão em seu braço.

— Você está bem?

Josh não sabia como responder. Será que estava?

— Estou surpreso, só isso. Surpreso por Richard ainda ter a capacidade de atingir meus nervos, e chocado por ele ainda ter tanto controle sobre minhas emoções.

— Posso fazer algo para ajudar? — perguntou ela.

Mesmo que soubesse de algo, Josh duvidava que conseguisse dizer. Mais chocante do que a raiva que o consumia era a tristeza que ameaçava dominá-lo.

À sua maneira, Josh fizera as pazes com seu passado. Ele não esperava se tornar um amigo do peito do padrasto. Mas, lá no fundo, uma parte dele esperava — e talvez desejasse — que houvesse uma chance de que os dois pudessem, afinal, se entender. Ele nunca odiara Richard. O velho estava no fim da vida e, mesmo assim, com talvez algumas semanas para viver, não parecia disposto a

resolver suas diferenças.

— Josh? — Michelle chamou novamente.

— Não, obrigado. Já estou grato por você me acompanhar.

— Acho que vai ser melhor se eu também estiver presente da próxima vez que você vir Richard — ofereceu ela.

Josh concordou com a cabeça.

— Acho que essa é uma boa ideia.

— Você já foi ao Palácio da Panqueca? — perguntou ela após uma pausa.

A pergunta parecia ter saído do nada.

— Como é? — O Palácio da Panqueca, que servia uma variedade de alimentos, mas era especializado em café da manhã, costumava ser o ponto de encontro dos adolescentes após os jogos de futebol da escola, mas Josh não pensava nele há anos.

— Você já almoçou? — perguntou ela. — Eu fico de mau humor e me irritado facilmente quando estou de barriga vazia.

— Se almocei? — ele repetiu, ainda perdido na altercação com Richard. — Ainda não.

— Eu também não, e estou faminta. Quer me acompanhar?

Ela pareceu acreditar que a resposta seria positiva, pois passou seu braço pelo dele e o levou até a caminhonete.

— Já passa de três horas e eu não como desde cedo — disse ela.

Josh duvidava de que conseguisse engolir um bocado que fosse, mas precisava se afastar de Richard e a ideia de voltar para a pousada e ficar em seu quarto não era muito atraente.

— Então, vamos ao Palácio da Panqueca — disse ele, abrindo a porta do passageiro para Michelle e ajudando-a a subir.

Ele passou pela frente da caminhonete e se juntou a ela. Quando foi inserir a chave na ignição, a mão dela o impediu.

— Deve ter sido difícil para você. Sinto muito, Josh. Sinto muito.

Ele gostou do toque gentil da mão dela e da ternura de seu olhar. Sentia-se fascinado pelas mudanças em Michelle. Não só as físicas — embora fossem dramáticas —, mas o que mais o impressionava eram suas maturidade e sabedoria, coisas que não vêm sem que se tenha de lidar com grande dor emocional.

Josh tinha seus próprios problemas, suas próprias cicatrizes. Richard parecia determinado a deixar as coisas entre eles como estavam e a morrer sozinho. Se era isso que seu padrasto queria, não seria Josh que o impediria.

Capítulo 4



Ajeitei tudo com o banco para que pudesse aceitar pagamento em cartão de crédito de meus hóspedes. Eu pretendia resolver isso antes, mas tinha adiado devido a tantas outras coisas que exigiram minha atenção.

Eu voltara à pousada umas duas horas depois, após uma rápida parada no mercado. Passei o resto da tarde preparando o café da manhã que pretendia servir no dia seguinte.

Meu único hóspede, Joshua Weaver, não voltou naquela tarde, mas, como ele deixara suas coisas no quarto, imaginei que logo apareceria. Como era nova no ramo, não sabia muito bem o quanto deveria cuidar dos hóspedes.

De acordo com o livro de reservas que os Frelinger tinham me deixado, outro hóspede deveria chegar naquela tarde ou noite. Abby Kincaid. Aprontei outro quarto, afofei os travesseiros e me certifiquei de que tudo estava certo. Se fosse eu a me hospedar em uma pousada, aquele seria exatamente o tipo de quarto de que gostaria para mim mesma. As paredes cor de lavanda eram convidativas e reconfortantes. A cama era queen-size com dossel e muitas almofadas bordadas. Ao pé da cama ficava algo que minha avó chamava de baú da esperança. Eu já olhara dentro dele, ali havia mais cobertores. A janela era semelhante à que havia no meu quarto, dando para a enseada, com excelente vista para a marina, onde as embarcações balançavam suavemente sobre as águas verde-ardósia.

Satisfeita, desci a escada bem a tempo de ver um veículo parar no estacionamento reservado aos hóspedes. Passaram-se vários minutos, mas ninguém apareceu na porta da frente. Espiando pela janela, vi que minha visitante continuava sentada em seu carro. Imaginei que ela não tivesse certeza de que estava no endereço certo. Fiquei tentada a me aventurar lá fora e assegurar-lhe de que se encontrava no lugar certo.

Se não estivesse chovendo, eu teria feito isso. Contudo, não queria me molhar e a tarde escurecia rapidamente. Liguei a lareira a gás, voltei para a cozinha e coloquei meu avental. Decidi assar uma torta de frango para o jantar. Quando passei pelo mercado, comprei um frango assado, que desossei e do qual reservei a carne.

Após fazer um molho branco, acrescentei caldo de galinha, temperos e diversos vegetais frescos, antes de juntar a carne e deixar tudo no fogo para engrossar. Eu estava me preparando para medir a farinha da massa quando a campainha tocou.

Após passar uma água nas mãos, corri para a entrada da frente.

Uma mulher aparentando trinta e poucos anos estava do outro lado da soleira, com uma mala a seu lado. Seu cabelo preto estava encharcado, como se tivesse tomado muita chuva, o que não compreendi, porque era curta a distância entre o estacionamento e a varanda.

— Olá — cumprimentei-a calorosamente —, você deve ser Abby Kincaid.

Ela aquiesceu e sorriu sem ânimo.

— Entre, entre — pedi, tirando-a da varanda e da chuva.

Abby adentrou o saguão e observou o ambiente, seus olhos correndo de um lugar para outro.

— Eu estive aqui, anos atrás — explicou ela. — Isso foi antes de os Frelinger comprarem a casa e a transformarem em uma pousada.

— Ah, você precisa me contar como ela era — disse eu, ansiosa para saber o máximo da história da casa. Eu sabia que ela pertencera à proeminente família de um banqueiro de Cedar Cove, o que era de certa forma irônico, pois eu desistira do meu cargo no banco para ficar com a casa. Esta ficara abandonada e então os Frelinger a compraram, reformando-a do porão ao sótão para depois transformá-la em uma pousada. Mas isso era tudo o que eu sabia.

— O... amigo da minha mãe conhecia o dono. Todo mundo na cidade adorava esta casa velha. Está um pouco diferente agora. — O olhar dela continuava vagando pelo que podia ser visto do térreo.

Pelo que eu sabia, os Frelinger tinham feito grandes melhorias, trocando todo o encanamento e toda a fiação, além de acrescentar novidades a todos os aposentos. Muito do trabalho foi feito pelo próprio sr. Frelinger. Ele era obviamente um mestre, pois conseguira preservar os detalhes de época ao mesmo tempo em que modernizara a casa.

— Então você conhece a região? — Não quis parecer excessivamente curiosa. Mas como eu mesma não conhecia a cidade muito bem, talvez Abby pudesse me falar algo de sua história.

— Nasci e cresci em Cedar Cove, mas eu... estou fora há muitos anos. Meus pais se mudaram pouco depois que me formei na faculdade e, bem, não havia motivo para voltar.

— Então faz um tempinho — comentei.

— Mais de dez anos.

Pensei em lhe perguntar de seus amigos, de reencontros da turma da escola, mas me contive. Ela parecia nervosa, pouco à vontade e eu não queria aumentar sua óbvia ansiedade.

— Você gostaria de preencher a papelada antes de eu lhe mostrar seu quarto? — perguntei, conduzindo-a pela cozinha até meu escritório. — Você reservou três noites. É isso mesmo?

— Sim — disse Abby, que depois hesitou. — Talvez eu... eu espero poder sair antes, mas não sei quais são suas regras a respeito.

— Não tem problema. — Eu sabia que alguns hotéis cobravam uma taxa por saídas antes do previsto, mas naquele momento não pretendia fazer nada assim. Eu ainda estava aprendendo e queria ser mais flexível.

— Eu vim para um casamento — explicou ela. — Meu irmão mais velho... acho que meus pais já não acreditavam mais que Roger iria se estabelecer e casar. Estamos todos muito felizes por ele e Victoria.

— Que ótimo!

Abby me entregou o cartão de crédito. Eu rapidamente anotei as informações e o coloquei de lado.

— Você gostaria de ver seu quarto, agora? — perguntei.

— Por favor.

Abby parou no caminho para a escada e observou as luzes da cidade.

— Aqui é uma delícia à noite — disse-lhe eu. — E a vista durante o dia é ainda melhor.

— Eu sei... sempre adorei a vista que esta rua tem da enseada. — Ela pegou a mala e me seguiu pela escada até o quarto oposto ao de Joshua Weaver.

— Só há outro hóspede — disse eu. — Você provavelmente irá encontrá-lo no café da manhã.

Ela fez um sinal com a cabeça, mas não pareceu muito interessada em conhecer outras pessoas. Após colocá-la no quarto, mostrar-lhe onde pegar toalhas limpas e um cobertor extra se necessário, voltei à cozinha, onde montei a torta de frango.

Depois que coloquei a torta no forno percebi que havia o suficiente para alimentar um exército. Ainda bem que não ia comer sozinha. Ajustei o *timer* do forno e subi de volta ao quarto de Abby. Como a porta estava fechada, bati de

leve.

— Só... só um minuto.

Fiquei no corredor um tempinho até Abby destrancar a porta, que ela apenas entreabriu. Ela não me encarou, mas pude ver lágrimas não derramadas brilhando em seus olhos. Para não constrangê-la, eu disse rapidamente:

— Se não tiver outros planos, gostaria de convidá-la para jantar comigo.

— Ah, obrigada, é muito atencioso da sua parte. Minha família não sabe que estou aqui... eu cheguei um dia antes, mas eu... eu não estou com fome.

Um dia antes e não contou para a família. Aquilo era estranho, principalmente porque ela estava na cidade para um evento tão alegre.

— Se precisar de algo, não hesite em me chamar.

— Obrigada, mas está tudo bem.

A porta já estava quase fechada; ela obviamente queria ficar sozinha, o que respeitei, já que eu mesma me sentira assim em diversas ocasiões nos últimos meses. Decidi deixá-la em paz até a manhã seguinte.

Ainda assim, eu continuava curiosa. Abby Kincaid viera de avião da Flórida, que era o lugar mais longe que se podia estar de Cedar Cove na parte continental dos Estados Unidos. Parecia feliz pelo irmão e pela noiva, mas não muito satisfeita por estar na cidade. Ela mencionara que fazia dez anos desde sua última vez em Cedar Cove, mas devia existir algum colega de escola que ela quisesse ver.

O *timer* disparou e eu tirei a torta do forno. A massa da cobertura estava perfeitamente dourada e o recheio borbulhava pelos cortes que eu fizera. Deixei a torta esfriando no balcão enquanto eu lavava a louça que sujara durante o preparo.

Um dos meus lugares favoritos na pousada era um abrigo com três lados do outro lado da entrada de carros. Aparentemente, aquilo já fora uma construção, uma residência menor, imaginei. Tudo que restava da construção original eram três paredes, um teto e uma lareira.

Os Frelinger a tinham transformado em um lugar aconchegante para se sentar em cadeiras, ao lado de pilhas de madeira para o fogo. A chuva tinha parado e as estrelas apareceram. Senti vontade de ir lá fora. Depois de jantar, me enrolei no casaco e me aventurei até esse abrigo.

Tudo estava preparado para acender o fogo na lareira de pedra. Então risquei o fósforo e observei o papel imediatamente se acender. Logo a fogueira crepitava. Coloquei um pedaço de lenha por cima e me ajeitei na cadeira,

colocando os pés sobre um banco. Eu trouxera um cobertor, que abri sobre as pernas.

Que tranquilidade. Se fechasse os olhos, poderia até fingir que Paul estava do meu lado. Era assim que sonhávamos passar nossas noites, sentados juntos em frente de uma fogueira tremeluzente que nos aqueceria. Nós conversariamos sobre os acontecimentos do dia e encontraríamos algo de que pudéssemos rir. Acho que nunca ri tanto com alguém como ri com Paul.

Seus comentários espirituosos eram o que eu mais gostava nele. Ele tinha um senso de humor tão maravilhoso. Não era o tipo de homem que animava uma festa; seu humor era seco e sutil, com comentários feitos em apartes, na maioria das vezes sussurrados. Eu sorri com a lembrança.

Descansei a cabeça no encosto da cadeira e fechei os olhos. Sentia tanta falta dele... Cem vezes por dia, mesmo agora, tantos meses depois, eu não parava de pensar nele. Seria sempre assim? Imaginei que seria. Paul sempre seria uma parte de mim. Esta semana seria nosso primeiro aniversário de casamento, e eu já era uma viúva.

Amigos bem-intencionados diziam que, com o tempo, eu voltaria a amar, mas não era o que eu achava. Eu podia imaginar que algum dia conseguiria sentir alguma satisfação. Talvez essa dor que eu carregava como se fosse uma camada extra de pele diminuísse, lentamente. Mas me apaixonar novamente? Eu sinceramente duvidava que fosse possível. Agora, encontrar a verdadeira felicidade e sentir alegria novamente eram questões que apenas o tempo poderia responder.

O fogo crepitava suavemente, e seu calor me envolvia como um abraço gentil. Sentada lá, em silêncio, pensei sobre os últimos dias e meus primeiros hóspedes na pousada.

Em meu sonho, na primeira noite na Pousada Rose Harbor, Paul viera até mim e dissera que eu voltaria a me sentir viva. Eu podia ver que ele estava certo. Meus dois primeiros hóspedes chegaram e ambos pareciam carregar seus próprios fardos. Acho que percebi isso porque eu também carregava uma carga pesada.

Pensei em Abby sentada em seu quarto, lutando para dominar suas emoções a respeito de alguma coisa. Eu não sabia o quê. Joshua também parecia ansioso, o que não era surpresa, dadas as circunstâncias de sua visita.

Com os olhos fechados, murmurei uma prece silenciosa pedindo que Abby Kincaid encontrasse aquilo de que precisava durante sua estadia em Cedar Cove — e Joshua Weaver também. Aproveitei para fazer uma prece por mim mesma, para que minha alegria e satisfação voltassem.

— Jo Marie — Abby disse meu nome, buscando-me em meus devaneios. Acho que eu estava meio adormecida.

— Pois não? — disse eu, erguendo os olhos.

— Espero não ter acordado você.

— De modo algum, eu estava pescando — brinquei e sorri para ela. — Quer me fazer companhia?

Abby hesitou, mas depois se sentou na cadeira de madeira ao meu lado. Porém ela se sentou na beirada, sem se recostar e relaxar. Parecia assustada, como se tivesse que fugir a qualquer instante.

— Eu... eu vi você da janela do meu quarto... você parecia tão tranquila.

Tranquila. Logo vi que ela tinha razão. Eu estava tranquila. Aquilo era novidade para mim. Parecia impossível que nas profundezas da minha dor eu pudesse encontrar tranquilidade. As duas palavras pareciam um oxímoro, uma contradição aparente. Nem tanto, como descobri.

— Eu... eu não trouxe pasta dental — disse Abby, como se aquilo fosse uma pequena tragédia. — Não sei como pude me esquecer.

— Eu lhe empresto a minha esta noite, já que as lojas estão todas fechadas, mas não tenho um tubo sobrando. Na Rua do Porto tem uma farmácia que abre pela manhã.

— Ah. — Seus ombros se curvaram como se aquilo fosse a última coisa que ela desejava ouvir. — Obrigada, vou caminhar até lá pela manhã — disse ela.

— Deixei uma fatia de torta de frango fora da geladeira para você, caso mude de ideia.

— Não, obrigada. Como disse, eu... eu não estou com apetite.

— Bem, espero que você tenha fome pela manhã. — Eu tinha grandes planos para o primeiro café da manhã oficial da pousada. Pensava em fazer um assado. A receita dizia para deixá-lo dormir na geladeira. Planejava servi-lo com frutas frescas, bolinhos caseiros, bacon frito e suco de laranja. Eu também tinha gérmen de aveia para quem quisesse.

— A que horas é o café?

Respondi e Abby voltou em silêncio para a casa; eu lhe disse que iria logo depois.

Ainda assim, embalada pelas chamadas, confortável e tranquila, não sei dizer quanto tempo fiquei junto à lareira até entrar. Saboreei o aconchego, pensando na vida nova que estava criando.

Capítulo 5



Abby Kincaid puxou o lençol por sobre o ombro. Forçou seus olhos a se fecharem, mas rapidamente eles se abriram. Sombras dançavam nas paredes, provocando-a. Era isso que ela mais temia em seu retorno a Cedar Cove. Seus demônios já estavam em ação, sufocando-a e afastando qualquer possibilidade de dormir.

A lua cheia brilhava, dificultando ainda mais sua capacidade de relaxar. Abby sentou-se na cama e olhou para a enseada. O luar tremeluzia na superfície calma da água. Em qualquer outra época ela se perderia na beleza da cena diante dela. Não naquela noite, contudo. Não naquela noite.

Abby tinha que dormir. Fazia dias, ou melhor, semanas desde que tivera uma noite inteira de descanso ininterrupto. Seus olhos queimavam, mas sua cabeça se recusava a parar de girar. Apavorada com sua volta a Cedar Cove, ela não parava de se preocupar com o casamento iminente do irmão. Teria dado qualquer coisa para conseguir uma desculpa para se manter longe. Mas como poderia? Era seu irmão. A família toda fazia planos para comparecer ao casamento. Tios e tias... primos, também, muitos dos quais ela não via há anos.

Por que, ah, por que Roger tinha se apaixonado por uma mulher de Cedar Cove? Abby ainda não conhecera sua futura cunhada, embora tivesse falado com Victoria algumas vezes por telefone. Ela lhe parecera uma jovem ótima. Gentil, educada... e se sabia alguma coisa da tragédia que pairava como uma nuvem escura sobre a vida de Abby, Victoria fizera o favor de nunca falar a respeito.

Embora as duas fossem pouco mais que estranhas, sua futura cunhada lhe pedira para participar do casamento, com o que Abby concordara, embora de modo relutante. Ela iria servir o bolo de casamento.

A única falha que via na noiva de Roger era o fato de ela escolher se casar no último lugar da terra que Abby queria rever.

Ela estava na cidade há menos de vinte e quatro horas e a vontade de fazer a mala e voltar para a Flórida já era mais forte do que nunca. O fato de ter sido

forçada a chegar um dia inteiro antes complicara tudo. De alguma forma, em seu nervosismo e sua relutância, cometera um erro ao fazer a reserva. Como data de chegada ela queria colocar sexta-feira, o que lhe daria tempo para o jantar e o ensaio. O casamento seria no início da noite de sábado, e então, claro, haveria a recepção. Propositalmente, não havia escolhido o hotel que sua família reservara, preferindo se manter distante do burburinho da ocasião. Seu retorno estava marcado para o primeiro voo da manhã de domingo. Ela planejava ficar na cidade o menor tempo possível.

Chegar e partir.

Mas não tivera sorte.

Quando percebeu que marcara sua chegada na quinta-feira e não na sexta, era muito tarde e muito caro mudar a data da passagem aérea. Todos os assentos do voo de sexta-feira tinham sido vendidos. E embora ela odiasse essa ideia, fazia mais sentido chegar na quinta. Abby rilhou os dentes e pegou seu avião. Tudo o que ela menos queria — vinte e quatro horas a mais em Cedar Cove.

Ela não contara a seus pais e irmão sobre seu erro. Provavelmente era melhor assim, no caso de encontrar algum conhecido do passado... de antes de Abby causar a morte de sua melhor amiga e ver a cidade de Cedar Cove julgá-la e condená-la.

Durante mais de dez anos Abby conseguira evitar sua volta àquela cidade. Finalmente, seus pais precisaram se mudar dali. Ah, eles usaram uma desculpa adequada, com o cuidado de não responsabilizá-la. Mas Abby sabia a verdade, ainda que eles fossem generosos demais para admiti-la. Ninguém precisava lhe dizer. Seus pais não conseguiam mais encarar os amigos, ou os White... principalmente os White.

Seu pai afirmara que aceitara uma proposta de aposentadoria do estaleiro, o maior empregador do Condado de Kitsap, e logo depois ele e sua mãe se estabeleceram no Arizona. Seu irmão já morava em Seattle na época do acidente, onde trabalhava como executivo na Seattle Best Coffee. De todas as mulheres com quem namorara ao longo dos anos, por que, ah, por que ele não se apaixonara por uma de Seattle ou do Alasca? Ou de Timbuku? Qualquer lugar menos Cedar Cove.

Bem, não tinha jeito. Abby estava lá, gostasse disso ou não. Estava lá, sentindo-se péssima e apavorada. Um terapeuta com quem conversara anos atrás tinha lhe sugerido que enfrentasse seus medos. Bom conselho, ela pensou, já que os medos agora estavam bem à sua frente. Fugia deles há tanto tempo e agora aquelas memórias terríveis a assombravam, mantendo-a acordada com o pesadelo que ela passara os últimos quinze anos tentando esquecer.

Tudo tinha começado de forma tão inocente, tão divertida. Abby e Angela foram grandes amigas durante todo o Ensino Médio; a mãe de Abby as apelidava de “Esquadrão Classe A”. Melhores Amigas para Sempre, sem dúvida. Angela era a melhor amiga que Abby já tivera. As duas eram animadoras de torcida, jogavam futebol, faziam teatro e eram praticamente inseparáveis. Mas elas eram mais que melhores amigas. Angela era a única pessoa no mundo com quem Abby se sentia à vontade para contar tudo, qualquer coisa, sem sentir que estava sendo julgada. Elas podiam conversar durante horas, o que faziam com frequência. E, ah, como sabiam rir.

Depois da formatura, Abby foi para a University of Washington, em Seattle, enquanto Angela seguiu para a Washington State University, em Pullman, arquirrival da universidade de Abby, mas a escola onde a mãe de Angela estudara.

Embora tivessem um estado inteiro de distância entre elas, as duas se comunicavam diariamente, e aguardavam ansiosamente pelo feriado de Natal. Abby tinha centenas de coisas para contar para sua melhor amiga, mas queria atualizar Angela, principalmente, sobre seu relacionamento com Steve, colega de quarto de seu irmão, com quem começara a namorar. Fazia apenas uns dois meses, mas Abby tinha certeza de que aquilo era amor, estava absolutamente convencida disso. Amor verdadeiro. Olhando para o passado, Abby percebeu que não sabia nada sobre amor... e menos ainda sobre perda.

Ao longo dos anos, algumas amigas de Cedar Cove tentaram manter contato, mas Abby não respondera suas cartas nem os cartões de Natal. Não se comunicara com Patty, Marie, Suzie ou qualquer de suas outras boas amigas, desde que se mudara.

Como ela conseguiria comemorar o Natal novamente? Abby fazia o melhor que podia para ignorar o feriado completamente. Aquela era a pior época do ano para ela e parecia que nunca iria melhorar.

Durante algum tempo, tinha se esforçado para manter contato com a família de Angela, mas eles não queriam lembranças do que acontecera com sua filha. A verdade é que não queriam mais ouvir falar de Abby. Embora ela precisasse desesperadamente saber deles, suas cartas eram devolvidas sem serem abertas.

Quando Abby não aguentava mais, perguntara para sua mãe a respeito dos White, pois se preocupava com eles, mas Linda Kincaid esquivou-se de suas perguntas. Pressionada, a mãe acabou confessando que a relação entre as duas famílias estava difícil. Tensa.

Menos de seis meses depois, o pai de Abby anunciou que resolvera se aposentar mais cedo e que colocara a casa da família à venda. Há muito Abby

suspeitava que a aposentadoria do pai e o desejo repentino de mudança tinham sido provocados pelo acontecido naquela fatídica noite de dezembro. Seus pais negaram, mas Abby acreditara que os pais estavam tentando protegê-la da verdade.

De qualquer modo, aquilo não importava mais. Com os pais no Arizona, Abby soltou um grande suspiro de alívio. Ela se sentira agradecida por enterrar Cedar Cove no passado. Os planos de aposentadoria de seus pais eram a desculpa perfeita para deixar aquela parte de sua vida para trás e tentar olhar para frente.

Só que Abby nunca conseguiu esquecer. Afinal, como conseguiria se esquecer de Angela? Ou escondê-la no fundo de suas lembranças, como se sua vida não tivesse nenhuma importância? Era ela que estava dirigindo. Ela era a responsável. A culpa caía totalmente sobre seus ombros. O que demorou anos para perceber foi que perdera muito mais que sua melhor amiga naquela noite. Junto a todo o resto, Abby perdera sua alma.

A adolescente despreocupada e feliz que ela fora um dia morrera com sua melhor amiga. Toda sua vida mudou depois daquilo — bem como sua personalidade. Antes do acidente ela era gregária, brincalhona e divertida. Atualmente, era muito mais introvertida, tensa e silenciosa. Namorava, mas não muito. Parecia terrivelmente errado ter uma vida feliz com Angela morta. E do que ela sabia da família White, eles nunca se recuperaram da perda de sua única filha.

Por fim, Abby se formou na faculdade e saiu da Washington State, mas nunca mais foi a mesma. Tinha poucas amigas e evitava ficar muito íntima de qualquer pessoa, pois isso sempre lhe parecia uma traição a Angela. Vivia arrependida, ou pelo menos foi isso que lhe disse o terapeuta. Nada que fizesse de bom ou mau seria suficiente para aliviar o peso da culpa que carregava.

Ao longo dos anos, o fato de ter sido a responsável por matar sua melhor amiga tornou-se parte dela e da pessoa que estava destinada a ser.

Após sua graduação, Abby aceitou um emprego de gerência no centro de atendimento da QVC, em Port St. Lucie, Flórida. Esse era o lugar mais distante de Cedar Cove a que ela podia ir, tanto física quanto emocionalmente. Viver em um lugar com dias de inverno a 32oC, umidade e jacarés tornava quase possível acreditar que uma cidadezinha de casas de madeira em uma enseada na costa noroeste do Pacífico fosse apenas um sonho.

Com seus pais vivendo longe dali e seu único irmão em Seattle, nunca haveria motivo para voltar à cidade de sua infância. Até aquele momento.

A família estava feliz por Roger. Ele entrara e saíra de relacionamentos durante anos até conhecer Victoria. Sua mãe ficara encantada com a notícia

quando Roger e Victoria anunciaram o noivado. Essa era a melhor chance que Linda e Tom tinham de ser avós.

Todos, incluindo a própria Abby, acreditavam que ela provavelmente nunca se casaria. Ela sentia que, de várias formas, sua vida ficara em suspenso após o acidente. Acostumara-se a viver em um tipo de bolha emocional.

Esfregando o sono dos olhos, Abby consultou pela décima vez o radiorrelógio ao lado da cama. Já passava de seis horas e continuava escuro. Ela dormira, se é que podia chamar aquilo de dormir, por um total de três horas.

Acendendo o abajur ao lado da cama, Abby pegou o livro que trouxera. Mergulhar em uma boa história a distrairia por algum tempo, mantendo sua cabeça ocupada até que fosse hora de descer para tomar café da manhã com Jo Marie e o outro hóspede.

Mais tarde ela se arriscaria na cidade para encontrar a farmácia que Jo Marie mencionara, com a esperança de não encontrar nenhum conhecido enquanto isso. Então, à tarde, ficaria com seus pais e o irmão para o ensaio de casamento.

Abby estava sinceramente feliz pelo irmão e resolveu forçar um sorriso por ele.

Capítulo 6



Josh não dormiu bem, o que não era de espantar — a cena horrível com Richard ficava se repetindo em sua cabeça, como um filme que se recusava a acabar. Contra sua vontade, o confronto tinha sido pior do que imaginara. Richard parecia detestá-lo ainda mais intensamente. Fazia sentido. Richard tinha motivos para se ressentir. Josh estava vivo, mas o filho favorito — seu filho de sangue — tinha morrido.

O café da manhã estava servido quando Josh desceu. Jo Marie o cumprimentou com um caloroso “bom-dia”. A alegria natural dela o pegou desprevenido. Apenas de vê-la, seu humor melhorou. Embora tivesse dito que ele era o primeiro hóspede desde que assumira a pousada, Jo Marie tinha o dom. Pelo que Josh podia ver, ela era a anfitriã perfeita, pois cuidava dele de modo a deixar que ele mesmo estabelecesse os parâmetros da quantidade de atenção que desejava.

Josh retribuiu o cumprimento, depois se sentou à mesa na sala de jantar. A luz do sol inundava o local, como se refletisse o entusiasmo de Jo Marie pela nova manhã, substituindo o clima melancólico do dia anterior. Sua mãe fora uma pessoa matutina, lembrou-se Josh. Às vezes ela cantava para acordá-lo em dias de aula. Sorriu com a lembrança. Aquela animação toda o irritava, à época. Resmungando, ele enterrava a cabeça no travesseiro.

Richard era uma pessoa diferente naquele tempo. Estava sempre apressado para sair de casa pela manhã. Frequentemente tomava o café em pé, engolindo os últimos goles antes de se ir pela porta dos fundos. Mas não importava o quão apressado Richard estivesse, ele sempre arrumava um instante para se despedir de Teresa com um beijo. Às vezes os dois se beijavam com tanto entusiasmo que Josh tinha que olhar para o outro lado. Seu padrasto era um homem mais feliz, então.

Ouvindo passos atrás de si, Josh olhou por sobre o ombro. Jo Marie mencionara que outra hóspede estava para chegar. A mulher parecia estar com a mesma disposição que ele. Mantinha o olhar baixo e sorriu sem entusiasmo

quando Jo Marie lhe deu o alegre “bom-dia”.

A mulher não pareceu reparar nele até que se sentou à mesa. Seu rosto revelou a surpresa quando ela ergueu os olhos.

— Bom dia — disse ele. Embora não tivesse vontade de conversar, Josh não quis parecer mal-educado.

— Bom dia — respondeu ela, com o que pareceu ser uma certa relutância.

— Josh Weaver, esta é Abby Kincaid — disse Jo Marie quando voltou para a sala de jantar trazendo uma jarra de suco de laranja.

Josh percebeu que sua xícara de café já estava cheia.

O assado descansava no centro da mesa, ao lado de um prato com bacon crocante, uma pilha de torradas com manteiga e uma série de geleias — além de bolinhos caseiros.

— Suco de laranja? — perguntou Jo Marie.

— Por favor.

— Para mim, não, obrigada — disse Abby.

Josh descobriu que estava faminto. Não jantara, na noite anterior, embora tivesse almoçado tarde com Michelle. Os dois tinham ficado no Palácio da Panqueca por quase três horas falando de tudo, menos de Richard. O orgulho não deixara que ele demonstrasse como o padrasto o perturbava.

Depois de levar Michelle até a casa dos pais, Josh ficou dirigindo por mais algumas horas, familiarizando-se com a cidade e as áreas ao redor. Cedar Cove continuava sendo o único lar de verdade que ele tivera, e voltar provocava sensações estranhas.

Michelle não tinha exagerado a situação de Richard. Josh não duvidava de que o padrasto estivesse morrendo e, por estranho que parecesse, ele foi invadido por um sentimento de perda. O fim de uma era, ainda que não tivesse sido feliz. O fim da sua chance de, se não acertar as coisas, pelo menos torná-las diferentes do que sempre tinham sido.

Talvez sua tristeza viesse do fato de que ele estaria sozinho no mundo quando Richard morresse. Mas isso não fazia sentido, porque já estava sozinho. Os dois não se falavam há anos.

Contudo, tinha a sensação de que estava a ponto de perder algo importante. Mal se lembrava do pai biológico, um alcoólatra que abandonara a família quando ele tinha cinco anos. Sua mãe morrera treze anos depois e então seu meio-irmão se fora.

Josh percebeu que estava com os olhos vidrados na janela da sala, olhando para o nada, enquanto ignorava os outros. Serviu-se de uma porção grande dos ovos mexidos que Jo Marie trouxera e comeu com gosto.

A refeição estava deliciosa. Josh até repetiu, o que não era comum para ele. Por outro lado, Abby mal tocou na comida. Ela remexia as coisas no prato quando achava que alguém estava olhando. Josh duvidava que ela tivesse comido mais que dois bocados, se tanto. Imaginou que a noite da moça não fora das melhores.

Parecia que os dois tinham chegado a Cedar Cove carregando pesados fardos. Ele não falou de seus problemas, e ela também não, o que Josh achou ótimo. Mas conversaram educadamente.

— Algum de vocês vai jantar aqui? — perguntou Jo Marie, entrando na sala com uma jarra de café.

— Não tenho planos para o jantar — respondeu Josh. — Mas não conte comigo.

— Vou ficar com minha família — desculpou-se Abby.

— Ah, não tem problema — garantiu-lhes Jo Marie. Depois ela colocou a mão no encosto da cadeira de Josh. — Está tudo bem para vocês?

Após o esplêndido café da manhã que ela preparara, Josh achava difícil acreditar que ela era nova no ramo.

— Está tudo maravilhoso — elogiou.

Abby não respondeu; ela parecia perdida em seus pensamentos.

— Abby — Jo Marie perguntou direta, mas gentilmente —, posso providenciar mais alguma coisa para você?

Abby se esforçou para sorrir, mas não conseguiu.

— Tudo estava... perfeito. Muito obrigada.

— Não tem de quê.

Jo Marie parecia uma abelha indo de flor em flor, zumbindo pela sala de jantar.

— Eu tive uma noite maravilhosa — disse ela, como se não conseguisse mais se conter. — Fiquei sentada junto à lareira e absorvi a tranquilidade da noite. Há muito tempo que não tenho uma noite tão tranquila.

Josh ficou satisfeito por alguém ter conseguido encontrar conforto. Ele duvidava de que conseguisse o mesmo enquanto estivesse em Cedar Cove. Não havia nada que gostaria mais do que recuperar as coisas que queria e, se possível,

ir embora ainda naquela manhã.

Ele saiu da pousada pouco depois do café. Michelle dissera que o encontraria na casa de seus pais para tentarem novamente falar com Richard. Josh gostava de sua companhia.

Enquanto dirigia para seu antigo bairro, percebeu que, embora tivesse passado uma boa parte do dia anterior com Michelle, ainda não sabia muito a respeito dela. Josh se deu conta de que praticamente só ele falara. Michelle parecera curiosa a respeito do tempo que ele passara longe de Cedar Cove. Ela lhe perguntara de seu tempo no exército e também sobre seus estudos e trabalhos pelo país. Josh não conseguia se lembrar de quando tivera uma conversa de três horas que não fosse profissional. Depois disso, sentira-se atraído por ela, mais do que se sentira por qualquer mulher em muito tempo. Não sabia o que fazer a respeito, se é que faria algo, mas aquilo ficou na sua cabeça.

Josh nunca se casara, mas não porque tivesse decidido não se casar. Tinha namorado bastante ao longo dos anos e tivera três relacionamentos sérios. Mas estes acabaram esfriando.

Josh não sabia muito bem por que, a não ser que fosse por nunca ficar muito tempo no mesmo lugar. Um relacionamento desfeito era algo compreensível, dois era questionável, mas três? Isso dizia muita coisa. Estava claro que o problema era com ele. Josh imaginava que era ótimo candidato a terapia. Sem dúvida, tinha problemas não resolvidos com o pai que o abandonara e com o relacionamento deprimente com seu padrasto.

Quando chegou à residência dos Nelson, Josh reparou que as luzes de dentro estavam acesas, enquanto as da casa de seu padrasto, não. Instantaneamente preocupado, ele correu para seu antigo endereço, mas deteve-se bem a tempo. Se irrompesse na casa para encontrar Richard sentado em uma cadeira, pareceria um bobo. Era melhor fazer como planejado.

Michelle abriu a porta da frente enquanto ele caminhava até sua casa. Ela segurava uma caneca de café com as duas mãos.

— Bom-dia — disse ela.

— Bom-dia — respondeu ele. Ainda era difícil se acostumar com o fato de que aquela mulher linda era Michelle. A garota de que ele se lembrava era tímida e retraída, e parecia desconfortável dentro da própria pele. Durante anos os dois foram juntos de ônibus para a escola.

Ela tinha amigos. Josh sabia disso, mas não conseguia lembrar quem eram eles. Mas recordava dos apelidos que os outros garotos punham nela. Michelle os ignorava, mas aquilo devia magoar. Algumas vezes ele tentara acabar com as provocações, mas a zombaria se voltara contra ele. Os outros garotos

começaram a debochar dele, dizendo que Josh gostava dela.

— Que tal uma xícara de café? — ofereceu Michelle.

— Boa ideia. — Ele não estava interessado no café, mas sim em evitar o inevitável, outro confronto com o padrasto. Acompanhou Michelle até a cozinha e sentou junto ao balcão enquanto ela lhe servia uma caneca de café.

— Quando foi que você emagreceu? — perguntou Josh. Aquele talvez não fosse o melhor modo de começar uma conversa, mas essa pergunta não saía de sua cabeça.

Michelle deu de ombros, como se não fosse nada demais. No entanto Josh não se deixou enganar; aquilo devia ter sido uma virada na vida dela. Só podia.

— Já faz alguns anos.

Sabendo como ela amara Dylan a distância, Josh perguntou:

— Dylan chegou a ver você... assim? — Ficou em dúvida sobre como formular a pergunta e esperou não tê-la ofendido.

— Eu já tinha perdido bastante peso quando ele sofreu o acidente, mas duvido que Dylan tenha reparado.

Josh achou difícil de acreditar que o meio-irmão não tivesse reparado.

— Dylan não morava em casa nessa época — esclareceu Michelle. — Eu não o via com tanta frequência. Ele estava envolvido com a Brooke.

— Brooke Davis? — perguntou Josh. Dylan sentia-se atraído por Brooke no Ensino Médio. Ela era uma garota rebelde, cujos cabelos vermelhos combinavam com seu temperamento sanguíneo. Pelo que Josh sabia, Brooke era sinônimo de encrenca. Ela fazia aparecer o pior que havia em Dylan. — Eles estavam morando juntos?

Michelle concordou com um gesto de cabeça. Josh percebeu que fora ingênuo de supor que Dylan tivesse continuado em casa. Sempre se esperara que Josh saísse de casa assim que terminasse o Ensino Médio, mas com Dylan a história seria outra, e Josh nunca imaginou algo diferente.

Escondendo sua reação à notícia de que Dylan estava vivendo com Brooke, Josh experimentou seu café. Falar do meio-irmão o deixara chateado, então ele mudou abruptamente de assunto.

— Nós falamos muito de mim, ontem. Mas e você? Não está casada, está?

— No momento não.

— Mas esteve? — Isso também foi uma surpresa, embora não devesse ter sido. Mais uma vez, ele fizera uma suposição errada. Como ela era próxima dos

país, e ajudava em casa, Josh pensara que Michelle, naturalmente... bem, ele se enganara.

— Eu fui casada por pouco tempo — continuou Michelle. — Foi um erro do qual me arrependi quase que imediatamente. Eu me casei com Jason aos vinte anos e com vinte e um já estava divorciada. Ele se casou de novo e foi embora daqui.

— Sinto muito — falou Josh, sem saber ao certo o que dizer. Embora Michelle fizesse pouco do casamento fracassado, este devia ter deixado feridas profundas, imaginou.

— Eu também — disse ela, dando de ombros.

Josh percebeu que ela não dava desculpas, não culpava ninguém nem listava motivos para o divórcio, ao contrário do que faziam algumas mulheres que ele tinha namorado. Considerou isso um sinal da maturidade dela. Josh tomou outro gole de café.

— Depois que deixei você em casa percebi que praticamente não tinha lhe perguntado nada.

— O que você quer saber?

— Bem, para começar, onde você mora? — indagou Josh.

— Tenho um apartamento à beira da água em Manchester.

Devia ser alguma construção nova. Josh não se lembrava de condomínios por ali.

— Você gosta do seu trabalho? Não deve ser fácil ser assistente social quando tanta gente precisa de ajuda.

— Na verdade, eu amo meu trabalho. Tenho sorte de atuar na área de adoção e estar a cargo de encontrar lares permanentes para crianças que necessitam deles. É recompensador de muitas formas.

Ele hesitou, pois não queria que ela se sentisse em um interrogatório.

— Sou muito grato a você por me ajudar com o Richard... queria que você soubesse disso. Espero que hoje a coisa melhore.

— Eu também. — Ela lhe deu um sorriso gentil.

Josh sentiu dificuldade em olhar para outro lado. Ela realmente era uma mulher linda. Sempre fora linda, por dentro e por fora, mas ele não tinha sido capaz de enxergar. Ninguém tinha.

Ela colocou a caneca na pia e pareceu constrangida com o olhar de Josh.

A atmosfera ficou um pouco pesada, e Josh tentou preencher o silêncio.

— E eu realmente agradeço pela forma como você e seus pais têm cuidado de Richard. Vocês sempre foram bons vizinhos. — Ele se lembrou de quando a mãe de Michelle levava comida quando sua própria mãe estava muito doente.

— Richard e minha mãe se desentenderam há alguns meses — disse ela, baixando o olhar. — Uma vez, quando levou o almoço para ele, ela o encontrou caído no chão e telefonou para a emergência. Richard ficou bravo e a colocou para fora da casa, e ainda disse para ela nunca mais voltar.

Que homem ridículo. Mas esse era o Richard.

— Seu pai tem cuidado dele desde então? — perguntou Josh.

— Não. Sou a única pessoa que ele deixa entrar na casa.

Como resposta Josh balançou a cabeça e segurou um sorriso. Aparentemente seu padrasto não era imune a um rosto bonito.

— Acho que tem a ver com minha paixõnite colegial pelo Dylan. Me ver torna mais fácil para ele lidar com a perda do filho. Não sei por que, mas ele costuma ficar feliz quando eu apareço.

— A Brooke vem visitá-lo?

Michelle soltou um riso abafado.

— Nunca. Ela nem apareceu no enterro do Dylan. Pelo que eu soube, ela passou o dia se embebedando, afogando as mágoas.

— Ela continua na cidade?

— Não sei — murmurou Michelle. — E na verdade não me importo.

Josh também não se importava em saber.

— E o Richard ainda dificulta tudo, não é?

— Receio que sim — ela não se preocupou em esconder a verdade.

Ainda que Richard provavelmente não gostasse da ideia, Josh sentiu-se obrigado a perguntar:

— Posso fazer alguma coisa por ele?

Michelle refletiu sobre isso, mordendo brevemente o lábio inferior.

— Eu... acho que ele não vai aceitar ajuda de você.

Josh achava o mesmo. Ouvi-la confirmar o que já suspeitava não diminuiu a decepção. Apesar do histórico negativo entre eles, Josh queria ajudar o velho.

— Você falou com o médico dele? — perguntou Josh.

— Um pouco. Tentei telefonar para ele algumas vezes. Como eu disse antes, Richard não deveria estar morando sozinho, mas ele insiste que, se vai morrer, que seja em sua própria cama.

— Obrigado por ser uma amiga tão boa para ele — disse Josh com sinceridade.

— Faça isso por Dylan...

— Você o amava, não é mesmo?

Ela hesitou.

— Em certa época, talvez, mas você não me deixou terminar.

— Desculpe.

— Faça isso por Dylan... e por você.

Capítulo 7



Eu estava arrumando a cozinha quando a campainha tocou. Pus de lado o pano de prato e fui atender a porta da frente. Na entrada havia, sorrindo para mim, uma impressionante mulher de cabelos grisalhos. Ela vestia capa de chuva e bandana, e trazia nas mãos uma bandeja do que pareciam ser bolinhos.

— Olá, sou Peggy Beldon.

Beldon, Beldon. O nome era vagamente familiar.

— Acredito que os Frelinger devem ter falado que eu apareceria. Sandy me ligou perguntando se eu tinha tempo para conversar com você sobre a pousada.

— Ah, claro! — Era daí que eu conhecia o nome dela. Os Frelinger tinham me dito que pediriam a sua amiga e colega proprietária de pousada para vir tirar minhas dúvidas sobre o negócio. Eles estavam ansiosos para começar logo sua vida nova, mas não quiseram me deixar sem apoio. Admirei sua consideração.

— Por favor, entre — convidei, abrindo a porta para ela. A chuva recomeçara, o que não era incomum para aquela época do ano.

— Eu lhe trouxe uns bolinhos de mirtilo que acabei de fazer. As frutas são dos meus próprios arbustos. Precisei brigar com os cervos, no verão, mas consegui congelar uma boa quantidade delas. — Ela tirou a bandana do cabelo e a enfiou no bolso. Depois, despiu a capa de chuva. — Eu e meu marido somos proprietários da pousada Bosque dos Mirtilos, em Cranberry Point.

— Bem-vinda — disse eu.

— Eu pretendia telefonar antes, mas estava vindo para este lado e resolvi aparecer. Meu marido está fazendo limpeza nos dentes, e o dentista dele é aqui perto. Espero não estar sendo inoportuna.

— De modo algum. Na verdade, o momento não poderia ser melhor. Eu estava para fazer uma pausa. — Levei-a até a cozinha e comecei a preparar chá. — Ainda estou apanhando um pouco. — Até o momento eu agia por instinto, e gostei da oportunidade de falar com alguém mais experiente. Com certeza havia alguns macetes que eu precisava aprender.

Minha mãe era uma anfitriã excepcional, e eu herdara seu jeito de fazer as pessoas se sentirem em casa. Tinha imaginado que administrar uma pousada não devia ser muito diferente de se receber convidados para dormir.

Será?

Servi o chá e trouxe pratos para os bolinhos. Tinha preparado o café da manhã para meus hóspedes, mas eu mesma não tivera tempo de ingerir nada além de um copo de suco de laranja. O desjejum não era minha refeição favorita, e eu geralmente me satisfazia com um café com leite ou suco. Mas eram dez e meia da manhã e meu estômago começava a reclamar.

Peggy soprou sua xícara, tentando resfriar o líquido fumegante. Seus cotovelos estavam confortavelmente apoiados na mesa.

— Então, como você está se saindo? — perguntou ela.

— Até aqui parece que está tudo bem, mas só se passaram alguns dias.

— Que bom. Você se incomoda se eu fizer algumas sugestões?

— Claro que não. Você é quem conhece o ramo. — Eu me recostei na cadeira com o chá, apreciando o aroma de gengibre e menta, e peguei um bolinho de mirtilo.

— Você já tirou sua licença para servir comida? — perguntou Peggy.

Fiquei com vergonha por admitir:

— Ainda não, mas vou tirar logo.

— Quanto antes, melhor — aconselhou Peggy. — Não demora tanto quanto se pode imaginar, e é fácil fazer o treinamento online.

Aquela era uma boa notícia. A pesquisa pelas opções de treinamento estava na minha lista de tarefas, mas eu ainda não chegara lá. Com tanta coisa para fazer tinha acabado adiando aquilo.

Vi que Peggy tinha muito para me ensinar devido a sua experiência, e não quis confiar apenas na minha memória.

— Você me dá licença? Eu quero anotar tudo.

— Ah, claro.

Levantei da minha cadeira e fui até o escritório, onde peguei um bloco de notas pequeno e uma caneta.

Peggy esperou que eu me ajeitasse antes de recomendar a falar. Reparei que ela pegara um bolinho enquanto eu estava no escritório. Comi um pedaço do meu — delicioso.

— Soube que você é nova nesta região — disse Peggy enquanto tirava o papel do bolinho.

— Em Cedar Cove, sim, mas não no Estreito de Puget.

— Isso vai ajudar.

— Como? — perguntei.

— É importante que você conheça Cedar Cove. Bob e eu crescemos aqui, e, embora tenhamos passado muitos anos fora, pensávamos conhecer a cidade. E conhecíamos, mas não tanto quanto devíamos. Você precisa vê-la com os olhos de seus hóspedes.

Lambi farelos dos meus dedos. O bolinho ainda estava quente no meio.

— Não sei se entendi bem o que você quer dizer... com os olhos dos meus hóspedes?

— Tire um tempo para conhecer lojas, restaurantes e atrações da região. Visite a Câmara do Comércio ou, melhor ainda, associe-se a ela. Nós também temos um Centro de Visitantes. Estude os restaurantes próximos e faça um arquivo com seus cardápios. Assim você vai poder ajudar seus hóspedes quando eles pedirem sugestões. Bob e eu mandamos imprimir uns mapas para que os hóspedes possam se orientar e saber em que lugar da cidade estão.

— Que ideia ótima. — Peguei a caneta e fiz uma anotação no bloco.

— Aproveite e descubra o que puder sobre os eventos da região — aconselhou Peggy. — Nós descobrimos que nossos hóspedes gostaram muito dos Concertos na Enseada, no verão passado. Eles aconteciam às seis da noite, toda quinta-feira. Vários grupos são convidados e pagos por meio de doações de empresas da cidade. Você vai se surpreender com o talento e a variedade. As pessoas levam cadeiras de praia, porque os assentos acabam rapidamente. E muitas famílias também levam cestas de piquenique.

— Parece muito gostoso.

— E é, como também é uma boa forma de conhecer seus vizinhos. Todos temos uma tendência a nos isolar em nossas ocupações. Como Bob e eu vivemos em Cranberry Point, não temos vizinhos por perto, e sinto falta disso.

Então, estar na cidade era uma vantagem para mim.

— Eu ainda não tive a oportunidade de conhecer ninguém — confessei.

— Você logo vai conhecer — garantiu Peggy. — Sandy e John Frelinger eram muito queridos na cidade. Eles devem ter contado por aí que você assumiria a pousada. As pessoas vão querer conhecê-la.

De repente, ela se endireitou na cadeira e sugeriu:

— Por que você não faz uma festa de inauguração? Sério, acho que você devia. Isso daria a oportunidade de os vizinhos conhecerem você, e você a eles.

— Ora, essa parece uma outra boa ideia, mas eu gostaria de resolver algumas coisas antes.

— Claro. Posso ajudar com mais alguma coisa?

Minha cabeça rodopiava com ideias e a lista de afazeres que eu queria realizar.

— Bem, para começar, mudei o nome da pousada.

Ela aquiesceu.

— Isso significa algumas despesas, mas vai personalizar a pousada.

Eu sabia que a mudança de nome significaria novos folhetos, cartões de visita, enfim, refazer toda a papelaria, mas eu não sentiria que a pousada era totalmente minha se não a renomeasse.

— Decidi chamá-la de Pousada Rose Harbor.

— Pousada Rose Harbor — repetiu Peggy, franzindo a testa de leve.

— Você não gosta?

Peggy recolocou sua xícara no pires.

— Não é isso. Acho que é um nome muito bonito, mas você não tem nenhuma roseira.

— Eu sei. Rose é meu sobrenome. E plantar um grande jardim de rosas está na minha lista de tarefas, junto com uma pérgola e um banco para os hóspedes se sentarem. Algumas das minhas rosas favoritas são as clássicas... eu tenho acesso a essa variedade, e seu aroma é incrível. — Eu sabia que estava tagarelando, falando muito mais que o necessário, mas não conseguia me fazer parar.

— Você vai precisar de um novo letreiro, o que pode sair caro; é melhor que saiba.

Eu já tinha pesquisado isso e ficara chocada com o custo.

— Você pensou em contratar um faz-tudo? — perguntou Peggy.

— Ainda não... — Eu sabia que acabaria precisando de um, mas ainda não começara a procurar.

— Vou lhe dar o nome de um sujeito confiável. Bob faz a maior parte do trabalho no Bosque dos Mirtilos, de modo que só de vez em quando precisamos

de Mark. Ele trabalha com madeira, também. Acho que ele pode lhe fazer um letreiro novo por um bom preço.

Peguei a caneta mais uma vez.

— O nome é Mark Taylor. Você vai gostar dele, mas... — ela hesitou.

— Mas? — fiquei curiosa.

— Ele é um pouco esquisito, às vezes. Ele late, mas não morde. Mark chegou à cidade há alguns anos, mas ninguém sabe muita coisa sobre ele. Talvez não seja candidato a Mister Simpatia, mas trabalha bem por um preço justo.

Bem, pensei, tudo que preciso em um faz-tudo é habilidade com ferramentas. Não me importava que ele fosse de conversar ou não.

— Tenho o número dele na agenda do meu celular. — Peggy pegou sua bolsa e vasculhou dentro dela até encontrar o telefone celular. Depois de apertar alguns botões, ela me disse o número. Mais tarde eu ligaria para o “Mister Simpatia” e talvez marcasse uma reunião, para que ele não fosse um desconhecido quando surgisse uma emergência.

Peggy pegou sua xícara de chá novamente e eu fiz o mesmo. A temperatura estava boa e tomei o líquido reconfortante.

— Mais alguma coisa que eu deva saber? — perguntei.

Peggy tamborilou os dedos na mesa enquanto pensava na minha pergunta.

— Você tem um plano de marketing?

Eu tinha, de modo que discutimos brevemente minhas ideias. Ela pareceu aprová-las e eu sorri pensando que ela assumira o papel de irmã mais velha; meio mandona, mas bem-intencionada.

— Você logo vai descobrir que a propaganda boca a boca é importante. Vai se surpreender com o estrago que um hóspede insatisfeito pode fazer. Tenho o contato de um ótimo designer de website, se você precisar. Não gaste demais nisso se não precisar, entendeu?

— Tudo bem.

— Desculpe — disse Peggy recostando-se na cadeira. — Às vezes sou muito incisiva nas minhas opiniões. Pergunte ao meu marido.

Não me ofendi. Já estava providenciando o site. Na verdade, comecei a trabalhar com o designer praticamente desde o dia em que assinei os papéis. Era uma tarefa que eu estava completando. Embora estivesse determinada a ter sucesso naquela empreitada, não queria que Peggy me julgasse ansiosa demais.

— Existem associações de pousadas locais, estaduais e nacionais. Associe-se

a elas.

— Vocês são associados? — perguntei.

— Somos. Meu marido e eu somos bem participativos nos níveis local e estadual. Aviso você quando marcarem a próxima reunião. Aliás, eu levo você.

— Muito obrigada, é muita gentileza da sua parte.

— Não há de quê — disse Peggy. — Só mais uma coisa.

— Pois não?

— Você se dá bem com computadores?

— Totalmente.

— Ótimo. Aprenda a usar os programas de gerenciamento. Você vai precisar deles para contabilidade e controle da pousada. Bob descobriu um programa maravilhoso para fazer reservas. Depois eu lhe passo o nome.

— Maravilha. Isso vai ser ótimo. — Pensei no livro de reservas dos Frelinger e achei que provavelmente seria melhor trazer a pousada para o século 21.

— Também existem programas ótimos para gerenciamento da propriedade.

Inspirei fundo e refiz meu juramento de não entrar em pânico com a lista de tarefas. Um passo de cada vez.

Peggy terminou seu chá e conferiu o relógio.

— Bob deve estar terminando, então é melhor eu pegá-lo no consultório do dentista. Foi um prazer conhecê-la, Jo Marie. De verdade.

— Para mim também. — Resisti ao impulso de abraçá-la. Embora a visita tivesse sido curta, senti como se Peggy e eu fôssemos amigas de longa data. Seu jeito mandão era reconfortante e me fez sorrir. — Obrigada também pelos bolinhos.

— Se você quiser, depois lhe dou a receita. — Ela pegou o casaco e se dirigiu para a porta.

— Eu adoraria ter a receita — falei, seguindo-a. Eu tinha certeza de que meus hóspedes adorariam aqueles bolinhos maravilhosos. Mas talvez Peggy não gostasse que eu compartilhasse sua receita especial com os meus hóspedes. Como se estivesse lendo minha mente, ela sorriu.

— Não se preocupe, eu já distribuí esta receita por toda cidade. O segredo, pelo menos na minha opinião, são os mirtilos caseiros. Essa é uma das razões pelas quais estou disposta a enfrentar os cervos a cada verão. Eles são criaturas lindas, mas podem dar muita dor de cabeça.

Eu não via um cervo pessoalmente há mais tempo do que conseguia me lembrar — desde a adolescência. Achava que eram criaturas mágicas quando apareciam no nascer ou no pôr do sol. Para mim era surpreendente que as pessoas que viviam fora da cidade os considerassem pragas.

— A propósito, pode ser bom você fazer algo para proteger suas rosas, quando fizer seu jardim. Rosas estão entre as guloseimas favoritas dos cervos — sugeriu Peggy.

— Eles se aventuram na cidade? — perguntei.

— O pior é que se aventuram. São mais encontrados fora do centro urbano, mas não é incomum que apareçam em um quintal ou outro, comendo tudo que veem.

Eu daria um jeito de proteger minhas rosas. Esse jardim seria importante demais para mim para deixar as criaturas locais o comerem.

— Lembre-se de ligar para o Mark — disse Peggy enfiando as mãos nos bolsos do casaco. — Ele está sempre ocupado, então é uma boa ideia adiantar o assunto do leteiro. Tenho certeza de que ele fará um bom serviço. Apenas não se ofenda com os latidos dele.

— Tudo bem, não vou me ofender. — Abri a porta da frente para ela.

Observei Peggy caminhar rapidamente até seu carro. Sua visita tinha durado menos de trinta minutos, mas senti que recebera o equivalente a um ano de conselhos e informações. Planejei pôr tudo em ação o mais rápido possível.

Revigorada pela visita de Peggy, voltei para a casa e, pegando o telefone, disquei o número de Mark Taylor, o artesão que ela recomendara.

Ele atendeu no quarto toque, pouco antes de cair na caixa postal.

— Oi, quem é? — disparou ele, sem fôlego, como se tivesse corrido para atender.

— Ah, oi — disse eu. — Meu nome é Jo Marie Rose.

— Quem?

— Jo Marie Rose. Sou nova na cidade — balbuciei, nervosa. — Peggy Beldon me deu seu número.

— De que você precisa? — perguntou Mark Taylor com certa paciência.

— Bem, acontece que preciso de ajuda com uma série de coisas.

— Quantos anos você tem? — perguntou ele.

— Como é? — retruquei, surpresa. Ele era realmente abusado.

— Sua idade — repetiu ele. — Francamente, pela voz parece que você ainda está no colégio.

— Ora, eu não estou, e o que isso tem a ver, afinal? — Tive a sensação clara de que não ia gostar daquele sujeito. Ele era muito rústico para o meu gosto, mas Peggy tinha me avisado.

— Sua idade vai me dizer em que posição da minha lista devo colocar você.

Eu ficava cada vez mais nervosa.

— Acho que minha idade não é da sua conta — disparei.

— Tudo bem, então, não precisa me dizer.

— Não tenho nenhuma intenção de dizer.

— Você quer que eu tente adivinhar? — resmungou ele.

— Não, o que eu quero é uma ideia de preço para o letreiro que pretendo fazer para a pousada que comprei recentemente dos Frelinger.

— Para quando você quer? — perguntou Mark.

— O preço ou o letreiro?

— Os dois.

— O mais cedo possível. — Fiquei em dúvida se conseguiria trabalhar com aquele homem. — Você já fez algum serviço para os Frelinger antes?

— De monte.

— Quando você virá para conversarmos?

— Vou colocar você na lista. Eu tinha ouvido que os Frelinger venderam a pousada — disse ele.

Ele não me deu parabéns nem me desejou sucesso. Que homem desagradável.

— Soube que você não é da região — continuou ele.

— Soube que você também não é — disparei. Eu também sabia ser chata.

Ele ignorou meu comentário.

— Acho que consigo passar por aí mais tarde — disse.

— Tudo bem, mas ligue antes. Tenho que fazer umas coisas e posso não estar aqui. — E eu também não tinha a intenção de ficar esperando por ele a tarde toda.

Ele riu como se eu tivesse dito algo engraçado.

— Ligar antes? Eu pareço o tipo de pessoa que gosta de telefonar?

Tive que admitir que não.

— Arrisque-se, então.

— Vou me arriscar.

Tive vontade de fazer um comentário sarcástico, do tipo “foi um prazer falar com você”, mas resisti. Admiti, contudo, que Mark Taylor me deixara curiosa.

Capítulo 8



Josh fitou Michelle, tentando entender o que ela quisera dizer. Ela estava sendo amiga de Richard pelo que sentia por ele, Josh? Não fazia sentido. Eles não tinham nenhum relacionamento. Ah, claro, ele sempre se mostrara simpático quando os dois eram adolescentes. Ajudara o pai dela a pintar a garagem, certo verão, e lembrava-se de que ela lhe levava um copo de chá gelado e os dois conversaram um pouco, mas nunca pensara nela de outra forma que não uma amiga — em parte porque ele sempre acreditara que Michelle estava interessada em Dylan.

Encarou-a com outros olhos, um pouco espantado por ter sido tão cego, mas decidiu ignorar o comentário. Era melhor assim. Menos complicação. Menos problemas. Ele não conseguia se concentrar em nada além de lidar com Richard; qualquer outra coisa seria uma distração.

Interrompendo seus pensamentos, Michelle perguntou:

— Pronto para matar o dragão? — Ela também parecia ansiosa para esquecer o comentário anterior.

Josh nunca pensara em si mesmo como um matador de dragões, mas gostou da analogia.

— Mais pronto impossível.

Ele pegou seu casaco e acompanhou Michelle através do pátio até a casa de Richard. Reparou que a casa mostrava muitos sinais de falta de manutenção. As calhas precisavam ser limpas, e parecia que já tinha passado da hora de se consertarem as goteiras no telhado. E a lateral da residência estava precisando de uma pintura.

Richard sempre fora muito rigoroso quanto à conservação da casa e do jardim — era algo de que ele se orgulhava.

Parecia que seu padrasto desistira de praticamente tudo após a morte de Dylan. O abandono da casa também deixava claro que Richard estava mal de

saúde há bastante tempo.

Michelle não fez mais do que bater educadamente na porta antes de abri-la e entrar.

— Richard, sou eu — gritou ela.

— *Ele* não está com você, está? — gritou Richard de volta.

Por *ele* Richard queria dizer Josh.

— Estou aqui — respondeu Josh, tentando manter o clima leve.

Encontraram Richard na sala íntima, sentado em sua espreguiçadeira, com os pés para cima e as pernas cobertas por uma manta de tricô. Era a manta azul-escuro que a mãe de Josh tricotara no ano em que morrera. Josh se lembrava da dificuldade que ela tivera para manter os fios alinhados. Achou engraçado como coisinhas assim permaneciam na memória, igual a um prego levantado numa tábua do piso, no qual tudo se enrosca. Por um breve instante, Josh viveu uma sensação de perda avassaladora. Ele era um homem com bem mais de trinta anos, mas sentia falta da mãe. No entanto pôs aquele sentimento de lado antes que Richard ou Michelle percebessem sua tristeza.

— O que você quer agora? — resmungou Richard. Sua voz estava áspera e fraca, como se quisesse gritar, mas não tivesse força ou fôlego para fazê-lo.

— Só umas coisas que pertenciam a minha mãe — disse Josh, mantendo a voz serena e equilibrada.

— Como por exemplo o quê?

— O camafeu dela. — Sua mãe usara a joia praticamente todos os dias. Ela amava aquele pequeno broche que, por sua vez, ganhara da mãe.

Richard fez uma careta e balançou a cabeça, como para dizer que não se lembrava de nenhum broche.

— Não sei do que você está falando.

Josh estava convencido de que o padrasto jogara o camafeu fora só para irritá-lo.

— Este camafeu — esclareceu, pegando uma foto de Richard com sua mãe, na estante, e entregando-a ao padrasto. — Veja, na blusa dela. Já era dela antes de se casar com você, e eu gostaria de ficar com ele como lembrança.

Richard ficou olhando para a fotografia emoldurada por um longo tempo antes de responder.

— Eu a enterrei com o broche... não pensei em guardá-lo.

Josh franziu a testa. Tentou se recordar da mãe no caixão, mas não lembrou a roupa ou as joias com que ela estava.

— O diretor da funerária deve ter devolvido o camafeu para você — insistiu. — Junto com a aliança de casamento.

Richard olhou para ele e balançou lentamente a cabeça.

— Eu... eu não sei onde está, e mesmo se soubesse...

Josh não ficou para ouvir o resto. Ele não ficara cinco minutos dentro da casa e já estava prestes a explodir. Os dois não podiam ficar perto um do outro sem uma explosão de raiva.

— Aonde você vai agora? — gritou Richard para ele.

Josh ignorou a pergunta e subiu a escada para o quarto que fora dele. Ouviu passos atrás de si e imaginou que fossem de Michelle. Ficar em Cedar Cove se mostrava mais difícil do que ele tinha imaginado.

— Josh? — Michelle o alcançou antes de ele entrar em seu antigo quarto.

Ele inspirou profundamente para se acalmar. Suas emoções passaram tão depressa da tristeza à raiva que até ele estava assustado. Aquela viagem estava sendo uma montanha-russa emocional para ele. Não estava acostumado a lidar com altos e baixos tão acentuados. Seu coração martelava enquanto ele lutava para se conter.

— Desculpe, Michelle — disse, virando-se e colocando as mãos nos ombros dela. — Não sei o que há no Richard que me deixa tão bravo. Eu não queria explodir daquele jeito.

— A situação é tensa — ponderou ela. — Eu compreendo.

Josh enfiou as mãos nos bolsos. Ela tinha razão; a situação era tensa, mas não era só isso.

— Se você quiser, eu peço ao Richard para procurar o camafeu da sua mãe no quarto dele.

Josh balançou a cabeça.

— Talvez fosse melhor simplesmente esperar — disse ele.

— Você quer dizer...

Ela não pronunciou as palavras. Não precisou completar o pensamento para que Josh entendesse o que ela queria dizer.

— Isso mesmo — confirmou ele. Josh queria esperar até Richard morrer para procurar o camafeu, se é que o encontraria. Não adiantava perturbar o

velho mais do que já tinha feito.

— Então, qual era o seu quarto? — perguntou Michelle enquanto os dois estavam no apertado corredor dos quartos.

O de Dylan ficava à direita e o de Josh à esquerda. O banheiro que eles compartilhavam ficava no fim do corredor. O quarto principal situava-se no térreo. Josh se perguntou se Richard, quando comprara a casa anos antes, tinha imaginado que na velhice não teria forças para subir a escada. Ele não conseguia subi-la, atualmente, ou teria seguido Josh até ali.

Em vez de responder à pergunta de Michelle, Josh abriu a porta de seu quarto. Parecia estar exatamente do mesmo jeito de quando ele estava no Ensino Médio. O jogo de cama era o mesmo de quando partira — ou melhor, de quando fora expulso.

A cômoda e o espelho também estavam exatamente como ele se lembrava. Ele andou até a cômoda, abriu uma gaveta e estranhou. Em vez de suas camisetas estarem na primeira gaveta, onde sempre as guardava, não importa onde morasse, encontrou suas meias e cuecas. Estavam jogadas ali desorganizadamente, da forma como ele as deixara — mas em uma gaveta diferente. Na segunda estavam as camisetas.

— Você quer levar as roupas? — perguntou Michelle. — Eles parecem quase novas.

Josh balançou a cabeça.

— Acho que prefiro doar tudo para alguma instituição... a não ser — ele fez uma pausa e sorriu para Michelle — ... minha jaqueta esportiva. — Ele conquistara o direito de usá-la em seu último ano, no atletismo. Dylan era o atleta pelo qual todas as garotas torciam, mas Josh deixara sua marca na pista de corrida. Ele não era um grande corredor, mas tinha sido bom o bastante para conseguir um lugar no time.

— Onde você a guardava? — perguntou Michelle, parecendo ela mesma ansiosa por encontrá-la.

Ela fazia questão de comparecer a todos os eventos esportivos da escola, incluindo as provas de atletismo. Josh se lembrou de como ela costumava torcer pela equipe da escola e se sentiu grato. Algumas vezes pegara carona com ela para voltar para casa. Sua mãe estava doente demais para ir às corridas e Richard, bem, ele não dava a mínima. Até mesmo dirigir para pegar Josh após um evento parecia ser um fardo muito pesado para ele, que sempre reclamava. Esse era o apoio que o padrasto lhe dava.

Josh deslizou a porta do armário. Restavam algumas camisas e uma calça

boa, a mesma que usara no funeral de sua mãe. Então ele viu sua jaqueta esportiva.

— Ah, Josh — Michelle cobriu a boca com a mão.

Alguém tinha feito cortes nas mangas com uma lâmina, rasgando o couro.

Alguém?

Josh conseguiu identificar esse alguém em menos de um segundo.

Richard.

Só podia ter sido Richard. Por um instante ele quis vingança. Não iria ignorar aquela agressão. Não importava que Richard estivesse doente, aquilo era destrutivo e imaturo, incompatível com um homem adulto. Josh saía do quarto quando Michelle o conteve, colocando a mão em seu braço.

— Por quê? — perguntou Josh. — O que é que eu fiz para o Richard que lhe desse motivo para destruir a coisa de que eu mais me orgulhava em ter conquistado no Ensino Médio?

— Ah, Josh, nem sei o que dizer...

— Por quê? — repetiu ele. — O que foi que eu fiz para que ele me odeie tanto?

Josh se deixou cair em uma das pontas da cama. Michelle se sentou ao seu lado e pegou-lhe a mão, que segurou entre as suas.

— Acho que ele fez isso no dia em que soube da morte do Dylan — disse ela.

— Como você sabe disso?

— Não tenho certeza. É um palpite. Ele estava sofrendo tanto que quis descontar em alguém.

— Em mim? Mas por quê? Explique, se puder, porque francamente isso me parece bastante doentio.

— Porque você estava vivo e o filho dele morto — explicou Michelle. — Você só passou por aqui no dia do funeral, mas eu continuei depois e vi como foi difícil para Richard. Tão difícil que meus pais me chamaram e pediram que eu conversasse com ele. Richard estava inconsolável, e sentia uma dor tão terrível que ninguém conseguia falar com ele. Minha família achou que eu poderia ajudar. Você tem que entender que ele não saiu de casa durante dias. Ele não comia nem tomava banho.

— Eu estava vivo e o filho dele morto.

— Eu sei que isso não faz sentido. — Michelle apertou o braço dele tentando

demonstrar apoio.

Josh queria atacar o padrasto, fazê-lo se arrepender do que tinha feito. Em vez disso, contudo, procurou se acalmar.

— Em outras palavras, me punir por estar vivo fazia sentido para Richard — disse Josh.

Michelle se encostou em Josh.

— Deixar que sua raiva tome conta de você não será bom para nenhum dos dois.

Josh sabia que ela tinha razão. Ainda que fosse difícil, o que ele precisava era simplesmente esquecer a ofensa.

— Na verdade, não chega a ser uma surpresa. Richard nunca gostou de mim. Eu era pouco mais do que um estorvo que ele teve que tolerar enquanto minha mãe estava viva.

— Sua mãe amava Richard, mesmo com todos os defeitos — disse Michelle.

— É verdade. — Josh suspirou e percebeu que Michelle tinha razão. Sua mãe havia tido um casamento feliz com Richard. O pai de Josh abandonara a família quando ele mal completara cinco anos, e Teresa teve que se virar para sustentar o filho sozinha. Ela via em Richard um homem honrado. E mais do que isso, na verdade.

Infelizmente, o padrasto de Josh nunca se afeioara por ele. Josh acreditava que Richard nunca tentara gostar dele. Ele se casara com Teresa, a esposa em quem encontrou uma mãe para seu amado filho. Acontece que Teresa veio acompanhada de um filho, que Richard fez o possível para ignorar.

Não demorou muito para Josh entender a situação. Dylan era a vida do pai. Tudo que ele fazia era ótimo, e nada do que Josh realizava era bom aos olhos de Richard. Josh fora um garoto sem pai que ansiava por uma figura paterna em sua vida, o que só piorou as coisas. Embora Dylan não brilhasse nos estudos, era um astro tanto no futebol quanto no basquete. Josh o ajudara a conseguir a média em geometria, o que lhe conquistou o respeito do meio-irmão. Os dois se davam bem.

O mesmo não acontecia com Richard e Josh. Os dois se enfrentavam com frequência, e, embora Josh quase sempre perdesse, isso não o impedia de continuar desafiando seu padrasto.

— Ele foi bom para minha mãe — disse ele, refletindo profundamente.

— Vejo essa mesma situação no meu trabalho todos os dias. Richard amava sua mãe, mas não era afetuoso com você.

— É, acho que dá para dizer isso — bufou Josh.

— Ele... alguma vez agrediu você? — perguntou ela. Sendo assistente social, ela provavelmente lidava muito com esse tipo de coisa. A relação entre os dois era ruim, mas não *tão* ruim.

— Nunca fisicamente.

— Com palavras?

Em vez de encará-la, Josh afastou o olhar.

— Sempre que podia.

— Sua mãe nunca...

— Ele tomava cuidado na frente dela, que nunca ouviu as coisas que ele me dizia. — E Josh também não lhe contava. Sua mãe estava feliz e Josh não iria destruir a felicidade que ela encontrara no casamento com Richard Lambert.

Josh se endireitou e abriu a gaveta do criado-mudo, onde deixara seu anuário do ano de formatura. Soltou um suspiro de alívio — o álbum continuava lá. Pegou-o e o colocou sobre os joelhos, passando a mão pela capa dura, como se procurando por estragos.

— Ele destruiu o anuário também? — perguntou Michelle.

Só de sentir o álbum Josh soube que algo estava errado. Ao abri-lo, rapidamente descobriu que várias páginas tinham sido arrancadas. Sua foto de formatura era uma delas, mas várias outras também tinham sumido. Josh percebeu que Richard não tinha se sentado para folhear o álbum metodicamente até encontrar o que procurava; não, ele tinha arrancado páginas do anuário aleatoriamente, em um surto de tristeza e raiva. Aquilo tinha um pouco de loucura — a violência do ato —, mesmo tantos anos depois. Josh se sentiu incomodado por ser tão odiado pelo padrasto, embora aquilo não devesse chocá-lo.

— O que você vai fazer? — perguntou Michelle, trêmula, como se temesse sua resposta.

— Nada.

— É sábio da sua parte — disse Michelle. — Você é um homem muito mais sofisticado e emocionalmente estável do que ele.

Não teria nada que Richard gostaria mais do que uma reação irada de Josh. Michelle tinha razão; ele tinha que deixar para lá. Se respondesse instintivamente com raiva, o problema só se agravaria. Ainda que fosse difícil, Josh se recusava a conceder ao padrasto o poder de tirá-lo do sério.

Michelle se levantou com um salto.

— Não se preocupe — garantiu-lhe Josh —, não pretendo dizer nada para ele.

— Ótimo.

— Você sabe o que o Richard quer, não sabe?

Ela aquiesceu.

— Ele quer que você reaja.

— Eu não vou lhe dar essa satisfação.

— Ele está arrependido, você sabe — disse Michelle.

— Richard? Duvido.

— Na verdade, acredito que ele esteja. Ele não queria que você viesse aqui para cima, e esse é o motivo. Está com vergonha do que fez, mas não conseguiu subir a escada para esconder a jaqueta e o anuário.

Josh queria acreditar que seu padrasto estava arrependido do ataque de fúria que o levava a destruir suas coisas, mas achava que não conseguiria.

— Ele está arrependido — repetiu Michelle. — Se você conseguir encontrar a força para ignorar isso, é o que deve fazer.

Ela fazia parecer tão fácil. Ele ficou andando pelo quarto, como se sua raiva fosse grande demais para segurar dentro de si.

— Isso é tão errado. Como Richard conseguiu fazer algo assim? Que tipo de homem adulto faz uma coisa dessas?

Ele não deu a Michelle possibilidade de responder. Sentia a agitação crescendo dentro de si novamente. Era difícil controlar a raiva e manter a cabeça fria.

— Como você pode dizer que ele se arrepende do que fez? — acabou indagando.

Ela voltara a sentar-se na borda do colchão e ergueu os olhos para encará-lo, absolutamente calma enquanto ele ventilava seu inconformismo.

— Você reparou como o anuário estava guardado direitinho dentro da gaveta? — perguntou Michelle.

— E daí? — disparou ele.

— Richard jogou fora as páginas arrancadas.

— Grande coisa. — Mas ainda assim Josh sentiu a raiva indo embora. Ele admirava Michelle ainda mais por acalmá-lo. Resistiu ao impulso de ir até ela e

abraçá-la.

— Em algum momento Richard voltou a este quarto para limpar a bagunça.

Ela estava certa. Ninguém mais tinha entrado ali. Richard morava sozinho. Aos poucos sua pulsação voltou ao normal. Perder Dylan fora um inferno para Richard. Nem queria imaginar que outros estragos seu padrasto podia ter feito ao saber que perdera o único filho. Porém o que quer que tivesse feito, Richard procurara consertar o melhor que pudera. Sem dúvida as gavetas da cômoda de Josh também foram esvaziadas; depois tudo fora recolocado no lugar na tentativa de deixar como antes. Isso explicaria por que suas meias estavam na primeira gaveta e não na segunda, que era como ele costumava guardá-las.

A jaqueta esportiva também estava pendurada, o que mostrava que, em algum momento, Richard voltara ao quarto para recolocá-la no cabide.

— Provavelmente Richard não esperava que eu descobrisse isso até que... — Josh não completou a frase. O velho imaginava que estaria morto e enterrado quando o enteado descobrisse o estrago.

Michelle parecia não conseguir ficar quieta.

— Vamos para algum lugar conversar sobre isto — sugeriu ela.

— Aonde você quer ir? — Sua permanência na cidade tinha duração limitada e ele queria definir a situação para poder partir. Ele não estava de férias.

— Eu preciso sair daqui... por apenas algumas horas. Ainda acho que você pode recuperar as coisas da sua mãe e se despedir, mas precisamos ir devagar.

— Tudo bem — Josh concordou.

Eles desceram a escada e se depararam com Richard no vestibulo, apoiando seu peso em uma parede, como se preparado para um confronto com Josh.

— Nós vamos voltar mais tarde — disse Josh, evitando o olhar do padrasto.

Richard franziu a testa, quase como se estivesse decepcionado, e então aquiesceu lentamente e voltou para sua espreguiçadeira.

Quando saíram, Michelle o encarou. O rosto dela estava mais sombrio do que o de Richard estivera alguns momentos antes.

— Você é uma pessoa melhor do que eu — disse ela.

Josh sinceramente duvidou daquilo.

— Venha cá — sussurrou ele. Quando ela se aproximou, ele a estreitou em um abraço apertado. Teria sido simples beijá-la, mas ele não o fez. Tudo que queria era absorver a doçura dela. Fechou os olhos e descansou a cabeça no topo da cabeça dela. Josh não sabia bem o que estava fazendo, mas o órfão que havia

nele não se importava. Ele ansiava por consolo.

— Vai ficar tudo bem — disse ela quando Josh a soltou.

— Eu sei — admitiu ele. — Obrigado, Michelle. Sério. Obrigado por tudo.



Abby esperou em seu quarto, na Pousada Rose Harbor, até quase onze horas antes de conseguir reunir a coragem necessária para se aventurar na rua e comprar a pasta de dente e o fixador de cabelo de que precisava. Ficar na pousada até o momento de se reunir com a família era simplesmente uma bobagem. Ela teria que abandonar a proteção de seu quarto, e poderia ser a qualquer instante. Além disso, Jo Marie precisava entrar no aposento para fazer a cama e trocar as toalhas.

Ao descer a escada, Abby sentiu o cheiro de biscoitos sendo assados. Com lascas de chocolate? O aroma era divino. Ela parou junto ao batente da cozinha a tempo de ver Jo Marie tirando biscoitos recém-assados do tabuleiro e colocando-os sobre uma prateleira de arame para esfriarem. Ela ergueu os olhos e ofereceu um sorriso reconfortante para Abby.

— Você vai sair?

— Pensei em ir até a farmácia que você mencionou.

— Boa ideia. Ela fica a poucos quarteirões daqui. Fique à vontade para usar o guarda-chuva que está ao lado da porta — disse Jo Marie.

Mais cedo, a manhã estava ensolarada, mas parecia que ia chover. O clima em Cedar Cove era muito volúvel, principalmente nos meses de inverno, lembrou-se Abby.

— Obrigada, mas a chuva não me incomoda. E é mais uma neblina do que chuva de verdade. — Abby pensara ser especialista em chuva quando se mudara para a Flórida. Afinal, a costa noroeste do Pacífico era conhecida por seu tempo chuvoso. Essa suposição se mostrou errada. Em toda a sua vida ela nunca vira a chuva cair como na Flórida. Muitas vezes fora forçada a parar o carro no acostamento porque seus limpadores de para-brisa não conseguiam dar conta do aguaceiro.

Jo Marie estava ocupada pondo rodela de massa em uma assadeira vazia.

— Boa caminhada.

Abby passou pela porta, que fechou suave e timidamente atrás de si. Ela pisou na varanda e congelou. Seu coração disparou como um carro de corrida. Sério, aquilo era ridículo. E daí se alguém a reconhecesse? O acidente acontecera anos atrás. Só porque ela não conseguira superá-lo, isso não queria dizer que o mundo inteiro continuava a pensar nele.

Esse medo, esse pavor, era absurdo. Abby nem sabia dizer por que tinha tanto medo. É verdade que encontrar antigas amigas que conheceram tanto ela quanto Angela poderia ser constrangedor. E ela talvez encontrasse os pais da amiga. De qualquer modo, seria melhor lidar com isso logo em vez de durante o casamento do irmão.

O primeiro passo para descer os degraus da varanda foi o mais difícil. Abby inspirou profundamente para afastar um ataque de pânico e conseguiu descer até a calçada. Tudo bem até ali.

Com as mãos cuidadosamente enfiadas nos bolsos do casaco, ela começou a andar. Até que não era tão ruim. Na verdade, ela respirava com um pouco mais de facilidade. O vento, vindo do norte, gelou-a, e Abby apertou os ombros. Por morar na Flórida, ela desacostumara de temperaturas que chegavam próximas de zero. Mas àquela altura ela congelaria com qualquer temperatura abaixo de 20 graus. Ainda não se aclimatara, mas não ia demorar. Abby sorriu. No momento em que se acostumasse ao frio estaria na hora de voltar a West Palm Beach. Ela já estava há quase um dia inteiro em Cedar Cove, o que significava que só restavam mais dois.

Ainda bem que a caminhada até a farmácia da Rua do Porto era ladeira abaixo. Um pouco íngreme, mas Abby usava botas e conseguia pisar com firmeza. O Wok and Roll continuava funcionando, o que a deixou satisfeita. Ela e Angela gostavam de comer os pastéis no vapor desse restaurante. O atendimento sempre fora um pouco lento, mas cada bocado fazia valer a espera.

Angela conseguia comer os pastéis com pauzinhos, mas Abby, não. Na última vez em que comeram ali, Angela a provocara sobre sua falta de coordenação, mexendo seus pauzinhos com uma agilidade que Abby só podia invejar. Abby ficara tão aborrecida que quase havia quebrado seus pauzinhos no meio. No fim, simplesmente espetou um pastel e o enfiou na boca, enquanto sua melhor amiga a acusava de trapaça. Abby sorriu com a lembrança. Mesmo tantos anos depois, aqueles momentos com sua melhor amiga permaneciam vivos em sua memória.

A floricultura na Rua do Porto também continuava a mesma. Sua mãe era boa amiga da proprietária. Yvonne? Yvette? Abby não conseguia se lembrar do nome.

A doceria era nova. O vestido que ela comprara para o casamento estava um pouco justo, do contrário Abby teria se aventurado nos doces. Incapaz de resistir, ela olhou pela janela e viu algo que a fez sorrir.

Cocô de gaivota. Chocolate branco com redemoinhos verdes. Só mesmo em Cedar Cove. Novamente, as lembranças de Angela a inundaram.

Toda primavera, Cedar Cove realizava seu concurso anual de chamado de gaivotas, e em um ano Angela tinha participado. O vencedor era aquele que mais gaivotas conseguisse atrair com seu chamado. Angela perdera para um garoto de catorze anos, mas aceitara a derrota com bom humor. Ela sempre levava tudo na esportiva. Aquele dia foi muito divertido; as duas riram até ficarem com dor de barriga.

Descendo a rua, Abby avistou a farmácia. Era pequena e aconchegante, do tipo que só se encontra em cidades pequenas. Na verdade tratava-se de uma loja de conveniência que incluía uma agência do correio e vendia bebidas alcoólicas. Se aquilo existia quando ela estava no Ensino Médio, Abby não se lembrava.

Uma vez lá dentro, não demorou para que encontrasse as coisas de que precisava. Ela pegou os dois itens e os levou para o balcão.

A mulher do outro lado encarou Abby, que a reconheceu no mesmo instante — era Patty, amiga da escola. Uma das pessoas de quem Abby se afastara após o acidente.

— Abby? — sussurrou Patty, como se não acreditasse que era realmente ela.
— Abby Kincaid?

Abby hesitou antes de aquiescer timidamente.

— Olá, Patty. — Quase cedeu ao impulso de se virar e fugir.

Patty devia ter percebido, porque esticou o braço e disse:

— Não vá.

Enquanto Abby permanecia congelada em seu lugar, Patty deu a volta no balcão e a observou de perto. Seus olhos brilhavam e seu sorriso era amplo e satisfeito.

— Não acredito! — exclamou Patty, agitada. — É você mesma!

— Em carne e osso. — O comentário saiu com um tom sarcástico não intencional.

— Meu Deus, por onde você andou todos esses anos?

Ela deu de ombros, como se não fosse um grande mistério.

— Por aí — disse Abby.

— Você está morando nesta região?

— Não — admitiu Abby com certa relutância. Percebeu que tinha se preparado para ser acusada e culpada.

— Onde, então?

Abby hesitou.

— Não importa — disse Patty. — Ah, meu Deus, é tão bom ver você. — Impulsivamente, ela se adiantou e abraçou Abby. Esta ficou com os braços caídos ao lado do corpo, sem saber como reagir àquela recepção.

Patty tinha sido uma boa amiga. Elas se conheceram no quinto ano e fizeram sete anos de escola juntas. Durante um período, suas famílias viveram no mesmo quarteirão e elas caminhavam juntas para a escola todos os dias. Depois Patty se mudou, mas a amizade continuou durante todo o Ensino Médio.

— Você se casou? — perguntou Patty.

— Não — respondeu ela, e então, motivada pelo sorriso caloroso de Patty, acrescentou: — E você?

A amiga balançou a cabeça positivamente.

— Agora sou Patty Jefferies.

— Você trabalha na farmácia?

— Eu sou farmacêutica. Meu marido também. O negócio está um pouco devagar, no momento, então eu ajudo no atendimento, quando posso. É difícil para uma farmácia pequena competir com as grandes redes, mas nós nos viramos.

— Você e seu marido são os donos da farmácia?

— Somos. — Patty sorriu. — E graças ao apoio dos moradores nós sobrevivemos.

— Que ótimo — disse Abby com sinceridade.

— Abby, é tão bom ver você. Conte tudo.

Nervosa, ela ergueu as mãos.

— Tipo o quê?

— Não consigo imaginar por que você continua solteira.

Abby balançou a cabeça.

— Sou muito exigente, eu acho. Pelo menos é o que a minha mãe diz — De imediato, Steve Hooks surgiu na sua cabeça. Ele era colega de faculdade do seu

irmão. Após o acidente, ela se afastara dele também.

— Quanto tempo vai ficar na cidade? Você sabia que nas reuniões da turma fazem todo tipo de especulação sobre onde você mora? Ninguém a viu ou falou com você por tanto tempo. Alguém disse que você tinha entrado para uma comunidade.

— Uma o quê?

— Uma comunidade — repetiu Patty. — Aquilo me soou bobagem, mas nunca se sabe. Não conseguimos encontrar você para as reuniões de cinco e dez anos. E olha que procuramos! Foi uma caçada humana — brincou ela.

Na verdade, Abby ouvira muito bem da primeira vez. Ela, entrar para uma comunidade? A sugestão era tão absurda que sua pergunta fora instintiva. Por que, pelo amor de Deus, alguém imaginaria que ela faria algo tão diferente do seu jeito de ser? Bem, não podia culpar ninguém, pois deixara seu paradeiro aberto à especulação.

As amigas não a encontraram porque Abby não tinha interesse em ser encontrada. Seu irmão sabia que não deveria responder perguntas a seu respeito, e suas amigas de escola provavelmente não sabiam para onde seus pais tinham se mudado.

Seus pais.

Pelo que Abby sabia, seu pai e sua mãe cortaram contato com vários amigos de Cedar Cove. Sempre que Abby perguntava sobre algum amigo de longa data da família, recebia a mesma resposta: “Bem, filha, você sabe, as pessoas mudam. É difícil manter amizades a distância. Agora temos novos amigos no Arizona”.

Novos amigos, porque era muito difícil encarar os antigos, percebeu Abby com uma pontada de dor. Seus pais deram duro para protegê-la, mas ela sabia o quanto aquele acidente de carro lhes custara.

— É bom demais ver você — repetiu Patty. — Todo mundo se pergunta o que aconteceu com você. Por que não foi às reuniões de classe?

Abby apenas olhou para a amiga. A resposta devia ser óbvia.

— Não era a mesma coisa sem você. — Patty soava espantada e um pouco magoada. — É claro que deve ter sido difícil, após o acidente, mas você simplesmente desapareceu! Você sempre foi tão positiva, divertida e simpática... e saber que não se casou! Eu estava crente que você estava estabelecida, com dois ou três filhos.

Abby não queria abordar os motivos pelos quais continuava solteira. Patty

brilhou de alegria.

— O que traz você à cidade?

— Meu irmão vai se casar. Você conhece a família Templeton?

Patty franziu a testa enquanto pensava no nome.

— Templeton... Templeton? Não consigo me lembrar. Ela estava na nossa turma?

— Não... ela é alguns anos mais nova que nós.

— Então ela devia ser caloura quando éramos veteranas, certo?

— Certo — concordou Abby. Victoria era cinco anos mais nova que Roger e tinha sua própria carreira. Os dois viviam e trabalhavam em Seattle.

— Foi bom ver você, Patty — disse ela, pronta para sair, de volta ao aconchego e à segurança da pousada.

— Que tal um café? — sugeriu Patty. — Como eu disse, o movimento está meio devagar, e Pete não vai se importar se eu sair um pouco. — Ela olhou para a farmácia nos fundos da loja.

— Ah... — Abby hesitou.

— Por favor, diga que sim. Vai ser tão bom pôr o assunto em dia.

Abby não pôde recusar. Patty passou o braço pelo seu e levou-a até os fundos da farmácia. Ali havia uma pequena mesa redonda de carvalho e duas cadeiras combinando. A cafeteira estava ao lado da pia. Antes que Abby pudesse recusar, Patty encheu duas canecas.

— Está novo — disse ela enquanto punha as canecas na mesa. — Eu mesma fiz... ontem.

Abby estava para dar um gole quando se deteve, a caneca quase encostando nos lábios.

— Estou brincando — disse Patty.

Patty sempre fora uma brincalhona que adorava festas. Abby nunca poderia imaginar que ela se tornaria uma farmacêutica. De repente, Patty lançou os dois braços para cima.

— Tive uma ideia absolutamente fabulosa!

Abby agarrou sua caneca de café com as duas mãos. Estava quase com medo de perguntar que plano flutuava na cabeça de sua antiga colega.

— Nós todas deveríamos almoçar juntas; Marie continua na cidade, assim como algumas de nossas antigas amigas. Você pode, não pode? Você tem que

poder. Vai ser tão divertido...

— Não posso — respondeu Abby de imediato.

— Por que não? — Patty não aceitaria não como resposta, pelo menos não sem lutar.

— Só vou ficar na cidade por dois dias, Patty. Eu gostaria, mas...

— Quando você vai embora? — perguntou a amiga.

— Domingo cedo. — Ela precisava chegar ao aeroporto para o check in duas horas antes do voo, o que significava que tinha de sair da pousada às 5h30 da manhã.

— Isso nos deixa o sábado. — Patty não seria derrotada facilmente. — E...

— Sábado é o dia do casamento — Abby completou por Patty.

— A que horas é o casamento?

— Seis.

— É perfeito. — O sorriso de Patty iluminou a sala.

— Perfeito?

— Vou espalhar a notícia de que você está na cidade. Deixe tudo comigo. Vou arranjar tudo. Você só precisa aparecer para o almoço.

— Paty...

— Não vou aceitar não como resposta.

— Mas o casamento... — insistiu Abby.

— Vai ter muito tempo para se arrumar. Você vai ficar no altar?

— Não.

— Melhor ainda. Vamos todas nos encontrar ao meio-dia no Palácio da Panqueca. Todo mundo adora o Palácio da Panqueca.

— Ah...

— Sua mãe também está na cidade, não é?

— Bem... está.

— Perfeito. Leve-a, também, que eu levo a minha, se ela puder ir. Ela tem trabalhado feito uma louca como voluntária desde que perdemos meu pai. Nossas mães estavam juntas na APM, lembra?

Abby não se lembrava, mas não conseguiu dizer isso porque era difícil interromper Patty.

— Nós adoramos fazer isso, sabe? — continuou Patty, impossível.

— Fazer o quê?

— Encontrar amigas de escola. Nós nos reunimos para almoçar de vez em quando. Tudo de que precisamos é de uma desculpa, e você é a melhor desculpa possível. Oh, Abby, todas vão ficar tão felizes de ver você!

Abby imaginou se isso poderia ser verdade. Angela era amiga das outras, também, e Abby a tirara delas. Ela não podia acreditar que as antigas amigas não guardassem ressentimento ou amargura. A única coisa que confortava Abby era Patty ter incluído sua mãe na reunião. Ninguém faria perguntas constrangedoras a Abby sobre Angela ou o acidente com sua mãe ali para protegê-la. Ela já era um tanto grande para se esconder atrás da mãe, mas esta a tinha protegido valorosamente desde o acidente, e era bom saber que a acompanharia.

— Nós convidamos nossas mães para irem conosco, há seis meses... que, se pensarmos bem, foi a última vez que nos reunimos. Nós todas nos divertimos muito, e nossas mães têm tanto em comum quanto nós.

Abby mordeu o lábio inferior. Sua mãe apreciaria aquela reunião. O acidente sairia caro para ela também. Abby não sabia se seria possível superar aquela tragédia, mas talvez... talvez fosse possível.

Capítulo 10



Araiva que consumia Josh pouco tempo atrás parecia agora sem sentido. Ele estava sentado a uma mesa junto à janela do Pot Belly Deli e observava o fluxo contínuo do tráfego na Rua do Porto. Michelle sentava-se à sua frente; ele estava feliz por ter sua companhia.

— Quer falar mais sobre isso? — perguntou ela.

Ele ergueu os olhos e viu que Michelle esperava sua resposta.

— Não há o que fazer neste momento. As coisas são como são.

Ele iria embora e voltaria depois que Richard morresse para tomar providências quanto à casa.

— Você está bravo e tem todo direito de estar, mas acho que podemos salvar algo aqui.

— Não é questão de vida ou morte, Michelle — disse ele, minimizando sua raiva. — Para mim chega; agora, se você não se importa, prefiro não falar sobre isso.

— Tudo bem — disse ela relutante e lentamente. — Só acho que há uma chance de você e Richard se entenderem. É duro quando alguém morre e não foi possível se despedir e fazer as pazes. Mesmo com alguém com quem se teve uma relação muito difícil.

— Não acho que isso possa acontecer — disse ele, tão alto que várias pessoas se viraram para olhar em sua direção. Imediatamente ele lamentou aquela explosão. Ela tinha razão. Mas Josh não estava pronto para falar de nada que estivesse relacionado ao seu padrasto. Muitas coisas estavam acontecendo, e de forma muito rápida, para que pudesse compreender plenamente seu significado. O melhor para ele, naquele momento, era simplesmente ir embora.

— Você quer que eu perdoe Richard — disse Josh.

— Na hora certa, ou que pelo menos você supere sua raiva e o poder que ele tem sobre você.

Josh não percebeu que falara e não apenas pensara, mas ela tinha respondido. *Perdoar* era uma palavra poderosa. Ele queria pensar que era um homem forte o bastante para superar o que seu padrasto fizera, mas não tinha certeza de ser tão evoluído. Talvez um dia fosse capaz de liberar o ressentimento que acumulara contra Richard, mas não seria naquele dia.

Ela ficou olhando para ele durante um longo tempo, como se quisesse falar mais. Michelle parecia estar ponderando suas opções, considerando se aqueles eram o lugar e o momento certos.

— O que foi? — perguntou Josh.

Ela arqueou as sobrancelhas, em dúvida.

— Você quer me perguntar algo — disse Josh —, mas não consegue decidir se deve fazê-lo. Pergunte, simplesmente.

— Não sei se este é o melhor momento. — Ela colocou o cardápio de lado e se inclinou na direção dele, pressionando o estômago contra a borda da mesa.

— Claro que é.

— Estou preocupada com você — disse Michelle, afinal.

— Mesmo? Por quê? — O comentário dela o divertiu.

Ela hesitou mais uma vez.

— Acredito que sei o que você está pensando. Você quer ir embora de Cedar Cove e voltar depois que Richard morrer.

Era exatamente o que ele estava pensando. Josh acreditava que não lhe faria bem ficar vagando pela cidade. Os dois homens nunca se olhariam olho no olho e, como Michelle testemunhara, eles não se respeitavam. Josh acabara de chefiar a construção de uma galeria e passara por uma complicação após a outra. Estava física e emocionalmente pronto para um intervalo no trabalho, e não queria passar seu tempo livre batendo cabeça com seu padrasto. Richard preferia que o enteado permanecesse fora de sua vida, e Josh estava mais do que disposto a satisfazer o desejo do moribundo.

— Estou certa, não é? — insistiu ela.

Ele respondeu com um acentuado aceno de cabeça.

— Pensei nisso.

— Não faça — aconselhou ela.

— Você pode me dar uma boa razão para eu ficar?

— Posso lhe dar mais do que uma.

Ele riu, irônico, e fingiu ler o cardápio.

— Você conseguiu ver quais são os pratos do dia no quadro, quando nós entramos? — perguntou, mudando bruscamente de assunto.

— Não. Você quer saber o que eu penso ou prefere enterrar a cabeça na areia?

Perdendo o apetite, ele pôs o cardápio de lado.

— Tenho escolha?

— É claro que tem.

Josh preferia parar de pensar no padrasto, mas podia ver que isso era impossível, principalmente porque Michelle estava disposta a esgotar o assunto.

Ele cruzou os braços e se recostou, preparado para ouvir. Ela logo começou.

— Embora nenhum dos dois queira admitir, vocês precisam um do outro — disse ela de saída.

Josh quase riu alto. Ele não precisava de Richard, e este com certeza não precisava dele.

— Você só pode estar brincado.

— Você é tudo que Richard tem no mundo...

— Como se ele se importasse — rebateu Josh. Não importava que Josh fosse o único parente vivo de Richard.

— E Richard também é seu último parente. Queiram vocês admitir isso ou não, os dois estão ligados. Richard está morrendo, e ele está sozinho e com medo. Ele nunca pediria a você para ficar, mas precisa de você. E você também precisa dele, Josh. Richard é a única figura paterna que você teve na vida, e mesmo que seu relacionamento tenha sido terrivelmente decepcionante, vocês precisam de um arremate. Se você partir agora, receio que vá se arrepender para sempre.

Sem saber o que pensar, Josh ponderou as palavras dela.

— A propósito — acrescentou Michelle.

— O que foi? — Ele ergueu os olhos.

— Os pratos do dia são creme de brócolis e camarões — ela leu a lista no alto do balcão e abriu seu sorriso encantador.

Uma repentina lembrança de infância surgiu na mente de Josh. Ele devia ter cerca de dez anos à época; isso acontecera antes de sua mãe conhecer Richard. Eram só ele e a mãe, e esta o levava para o mercado dos agricultores à beira-

mar, em um sábado. Um barco tinha atracado no porto e vendia camarões frescos pescados no Canal Hood.

Sua mãe tinha comprado um quilo do camarão, que eles levaram para casa e cozinham em uma mistura de temperos. Em toda a sua vida Josh nunca provara camarões mais suculentos. Mãe e filho se banquetearam com camarões acompanhados de bolinhos de milho e salada de repolho. Teresa tinha encontrado música Cajun e os dois dançaram como bobos na sala de estar. Essa era uma de suas lembranças mais felizes de infância... uma infância com poucas lembranças felizes.

— Josh?

Ele ergueu os olhos do cardápio e viu Michelle olhando fixamente para ele.

— Desculpe, eu viajei por um instante. — Ele percebeu que tinha o hábito de guardar tudo para si mesmo e descreveu aquela lembrança para ela. Mais uma vez ele foi lembrado de quanto sua mãe amara Richard.

— O que você lembra de seu pai? — perguntou Michelle.

Josh percebeu que ela estava lhe sugerindo que comparasse o pai biológico ao padrasto. Deu de ombros.

— Tenho lembranças vagas dele de quando eu era pequeno. A única coisa de que realmente me lembro é do meu pai jogando algo na minha mãe; depois ela grita, me agarra e corre comigo para o banheiro, onde ficamos trancados.

Michelle simplesmente balançou a cabeça, sem fazer comentários.

— Nunca mais o vi depois disso. Bem, pelo menos não que eu me lembre.

Michelle pôs as mãos sobre a perna.

— Você nunca procurou por ele?

Josh recostou-se na cadeira e cruzou os braços.

— Eu o procurei quando fui dispensado do exército. Parece que ele morreu quando eu tinha dezessete anos. Não foi muito depois que eu perdi minha mãe... seis meses, acho. Ele morava em algum lugar do Texas e tinha se casado de novo.

Teresa nunca dissera nada de negativo sobre o pai de Josh. Nem uma única palavra. O pouco que Josh lembrava do pai dizia tudo.

A garçonete se aproximou da mesa deles. Josh pediu os camarões e Michelle, a sopa.

— Você pediu pouca comida — disse ele depois que a garçonete se afastou.

Michelle hesitou.

— Estou tão preocupada com Richard que poderia devorar meio cardápio de uma vez só. Mas já aprendi que não posso comer para compensar preocupações e aborrecimentos.

Josh admirou a habilidade dela em conseguir diferenciar a fome real da emocional. Percebeu que ela era muito mais autoconsciente do que ele.

— Você disse que Richard ficou muito mal quando Dylan morreu — comentou ele.

Michelle arrumou seu garfo e sua colher um ao lado do outro, em perfeito alinhamento.

— Ele nunca mais foi o mesmo.

Era o que Josh suspeitava.

— Ele se aposentou do estaleiro e hibernou — continuou Michelle. — Ficou sentado em frente à televisão dia após dia. Minha mãe e meu pai tentaram fazer com que ele saísse, mas Richard não mostrou interesse e começou a se ofender com a ajuda deles. Quando parou de cortar a grama do jardim, meu pai percebeu que havia algo de errado.

— O jardim fazia com que ele se lembrasse da minha mãe — sussurrou Josh, sem perceber que falara em voz alta.

— Ele também fazia você trabalhar no jardim, lembra?

— Acho que nunca vou esquecer — riu Josh. — Sabe o que é engraçado? — Michelle provavelmente iria rir, mas ele não se importava. — Eu alugo uma casa em San Diego, e meu jardim é o mais bem cuidado do quarteirão. — Ele não tinha percebido que pegara esse gosto por cuidar de um jardim de seu padrasto e sua mãe. Se Richard descobrisse isso daria uma boa risada, com certeza.

A comida chegou e por alguns momentos desviou sua atenção da conversa.

— A morte da minha mãe foi difícil para ele, mas perder Dylan, bem, isso foi mais do que Richard podia suportar — disse Josh enquanto pegava um camarão frito. Ele o mergulhou no molho antes de levá-lo à boca.

Michelle manteve a colher parada sobre a sopa.

— Dylan não era tão maravilhoso quanto todos pensavam.

— Como? — perguntou Josh, erguendo os olhos. Ele pegou outro camarão e esperou que ela completasse o pensamento.

Porém ela não o fez.

Josh decidiu não forçá-la. Se Michelle tivesse algo para falar, ela o faria quando fosse o momento certo, quando estivesse pronta.

— Você foi bom para mim em uma época em que eu precisava de bondade, e quero que você se lembre de que nunca vou me esquecer do que fez — disse Michelle.

— Você está falando do ônibus, aquela vez.. — O caso da provocação continuava vivo em sua memória.

— Não, o que aconteceu no corredor da escola.

Josh teve um branco. Ele não se lembrava de nada que tivesse acontecido com ela na escola e o envolvesse.

— Não me diga que você esqueceu?

— Por favor, me ajude a lembrar.

Sorrindo, ela se recostou no assento.

— O nome Vance Willey lhe diz alguma coisa?

Dizia. Vance era um *bully*. Um vagabundo que abusava de quem era menor e mais fraco que ele.

— Eu me lembro do Vance — admitiu Josh.

— Ele achava que eu era feia demais para viver e decidiu me humilhar e constranger na frente de metade da escola.

Aquilo realmente parecia algo que Vance faria.

— O que aconteceu?

Ela endireitou os ombros.

— Você o enfrentou e disse-lhe para parar de me atormentar.

— Foi mesmo? — Josh continuava sem nenhuma lembrança do fato.

— Você disse que se havia alguém feio era ele, o que era triste, porque por fora ele era normal, mas a parte feia ficava dentro. Você acabou com ele — disse Michelle, sorrindo com a lembrança. — Você lhe disse que ele só se sentia forte colocando as outras pessoas para baixo.

— Eu disse isso?

— Cada palavra. Dava para ouvir um mosquito voando naquele corredor. E então você disse que sentia pena dele. Todo mundo prendeu a respiração esperando para ver qual seria a reação do Vance.

— Ele simplesmente foi embora, não é? — sussurrou Josh quando uma vaga

memória surgiu no fundo do seu cérebro.

— Isso, e acho que ninguém ficou mais chocado do que o próprio Vance. Eu o vi depois e imagine só?

Josh não se arriscou a adivinhar.

— Vance me pediu desculpas.

Josh achou quase impossível acreditar naquilo.

— Que legal.

— Eu pensei que aquilo que você disse era a coisa mais sábia que eu já tinha ouvido — confessou Michelle. — Você não correu para me defender, você não brigou com ele. Você o acertou com a verdade e ele recuou.

Josh demorou um instante para ligar todos os pontos. Michelle tinha uma razão específica para se lembrar daquela história.

— Você está mais ou menos fazendo a mesma coisa comigo, não é?

Ela colocou a colher de lado.

— Josh, não cometa o erro de abandonar Richard. Se fizer isso, mais tarde vai ter que lidar com questões sem resolução. Richard está sendo cruel porque não quer precisar de você, e admitir que precisa é difícil demais. Observe o comportamento dele abaixo da superfície e tenha o máximo de paciência que puder.

Josh sabia que ela tinha razão, embora estivesse lhe pedindo para ficar quando todos os seus instintos lhe diziam que o melhor era virar as costas para o velho e ir embora.

— Na verdade eu sinto pena dele — admitiu Josh.

— Você vai ficar? — perguntou ela.

Após um momento, ele aquiesceu. Ele não gostava da ideia, mas sabia que ela estava certa.

Michelle estendeu o braço por cima da mesa e pegou a mão de Josh, apertando seus dedos firmemente.

— Obrigada.

Era ela que merecia a gratidão dele.

Após terminarem a refeição, Josh pagou e os dois voltaram juntos para a casa de Richard. Ao entrarem, ele avisou:

— Voltamos.

Sem resposta.

— Richard?

Josh encontrou o padrasto na espreguiçadeira, lutando para respirar.

— Richard? — repetiu ele.

Seu padrasto respirava penosamente; parecia estar sofrendo algum tipo de ataque.

— Ligue para a emergência — gritou Josh.

Logo depois, Michelle lhe informou que uma ambulância estava a caminho e devia chegar em breve.

Josh torceu para que chegassem antes que fosse tarde demais. Ele correu para o banheiro do quarto principal e abriu o armário de remédios. As prateleiras estavam cheias de frascos. Ele demorou um minuto desesperador para encontrar o que procurava.

Aspirina.

Despejou quatro minicomprimidos na palma da mão e correu para a sala íntima, onde os colocou na boca de Richard.

— Mastigue-os, Richard — ordenou. — Mastigue e engula. Ponha-os para dentro o mais rápido possível.

A ambulância chegou e levou Richard para o Hospital de Bremerton. Josh e Michelle a seguiram na caminhonete dele. Depois que Josh preencheu a papelada, Michelle se sentou com ele na espera do pronto-socorro. Ele segurou a mão dela em busca de apoio. Os dois aguardaram quase uma hora até que um médico se aproximou. Seu crachá o identificava como sendo o dr. Abraham Wilhelm. Josh se levantou para encarar o médico.

— Como ele está? — perguntou.

O olhar preocupado do médico disse mais do que qualquer palavra que ele pudesse pronunciar.

— Estável, no momento. Mas o problema é que não vai aguentar muito tempo na condição em que está. Eu gostaria de interná-lo, mas ele se recusa.

— Quando você diz que ele não vai aguentar muito tempo, o que isso quer dizer? — perguntou Michelle.

— Eu gostaria de poder ser mais preciso, mas não dá. O coração dele está em más condições.

— Ele teve um ataque cardíaco?

— Na verdade, teve vários.

— Não é possível operar? — perguntou Josh.

O dr. Wilhelm balançou a cabeça negativamente.

— O coração dele está muito fraco para aguentar uma cirurgia. Ele precisa de cuidados intensivos.

— Intensivos — repetiu Josh. — Richard concordou com isso?

O médico esboçou o que parecia um sorriso, embora Josh não pudesse ter certeza disso.

— Quando falei em cuidados intensivos para o sr. Lambert, ele disse que queria sair do hospital. Suas palavras foram exatamente “me tire daqui. Não me importa o que você vai ter que fazer, mas eu quero ir embora. As pessoas morrem aqui”.

Josh riu.

— Entendo.

— O sr. Lambert prefere morrer em casa e assim lhe peço que o leve para lá. Vou providenciar que um médico o visite assim que possível.

— Obrigado — agradeceu Josh.

O dr. Wilhelm lhe deu um tapinha nas costas.

— Ele tem muita personalidade.

— Ele é teimoso, concordo — disse Josh.

— Você é parente?

— Entendo, mas sou tudo o que ele tem de família.

O dr. Wilhelm aquiesceu.

— Nesse caso, eu diria que ele tem sorte de ter você.

Capítulo 11



Eu tinha acabado de trocar as toalhas no quarto de Abby Kincaid quando a campainha tocou. Corri escada abaixo, pensando que poderia ser alguém à procura de um quarto, o que seria bom.

Quando abri a porta, encontrei um homem magro, bastante alto, do outro lado. Ele usava sobretudo por cima de uma camisa grossa de flanela xadrez laranja e marrom. Tinha cerca de 1,95 metro, o que eram uns bons vinte centímetros a mais do que eu. Seus olhos eram castanho-escuros, e no momento em que me viu ele franziu a testa.

— Pois não? — disse eu, sem querer convidá-lo a entrar na pousada até saber exatamente quem ele era e por que estava na minha porta. Eu me aprumei na minha altura máxima — não que adiantasse muito — e o encarei, sem me intimidar com seu olhar.

— Você me chamou.

Eu relaxei.

— Você é Mark Taylor?

Ele sinalizou que sim com a cabeça e eu lhe dei passagem. Ele entrou no vestíbulo e parou para apreciar o aroma.

— Você assou alguma coisa.

— Biscoitos com lascas de chocolate. Quer?

— Macaco gosta de... — Ele parou de falar abruptamente e me lançou um olhar de desculpas. — Não consigo me lembrar da última vez que comi biscoitos feitos em casa. Você tem café para acompanhar?

— Macaco gosta de... — provoquei. Eu não sabia o que esperar do homem recomendado por Peggy Beldon. Ele parecia ser ranzinza. Ou pelo menos um pouco esquisito. Observando-o, ele parecia, por fora, exatamente o que se espera de um faz-tudo.

Para minha surpresa, gostei dele. Não começamos com o pé direito — nossa

conversa por telefone me deixou um pouco desconcertada. Mas, apesar da minha hesitação, gostei de ter lhe dado uma chance. Seus olhos eram escuros, mas honestos, e embora não fosse exatamente o Mister Simpatia, ele parecia, em uma palavra, interessante.

Seu cabelo era loiro-escuro e um pouco comprido. Dava para ver que aquilo o incomodava, porque a franja lhe caía nos olhos e ele a afastava com impaciência.

— Café preto para você? — perguntei quando chegamos à cozinha.

— Por favor.

Levei duas canecas para a mesa da cozinha e empilhei biscoitos em um prato que coloquei entre as xícaras.

Mark se sentou e pegou um biscoito enquanto fui ao escritório buscar alguns desenhos que imaginei para o letreiro.

Mark se levantou quando voltei. O gesto me surpreendeu. Eu não estava acostumada com esse tipo de comportamento antiquado, mas gentil, nos homens. Quem sabe ele estivesse apenas tentando causar uma boa impressão para conseguir o serviço. O que seria uma contradição com sua aspereza.

Depois que me sentei, ele relaxou na cadeira, apoiando-se no encosto.

— Então, o que você está imaginando?

— Preciso de um novo letreiro para a frente da pousada.

— Sem problema. Eu gosto de carpintaria. Mostre o que você quer.

Eu desenhara algumas ideias. Queria que ele ficasse de pé na frente da entrada de carros, para que os hóspedes a caminho da pousada soubessem que tinham chegado tão logo descessem a rua. Queria, também, a placa pintada de branco com as letras em vermelho, com rosas vermelhas pintadas dos dois lados de POUSADA ROSE HARBOR.

Mark examinou os desenhos e fez algumas perguntas.

— Você quer isso de que altura? Um metro e meio?

— Isso, acho que ficaria perfeito... com letras que possam ser lidas da rua.

Ele concordou.

— Quanto isso me custaria?

Ele deu um número que julguei mais que razoável. O orçamento de Mark era metade do outro que eu fizera antes de tomar posse da pousada.

— Para quando você pode fazer?

Mark terminou seu biscoito, limpou as migalhas das mãos e pegou um caderninho preto no bolso de seu sobretudo. Ele lambeu o dedo antes de virar várias páginas.

Olhei para o outro lado a fim de esconder como aquilo me divertia. Antes dos *smartphones*, os caderninhos pretos eram usados, em sua maioria, por mulheres para marcar telefones, não serviços a serem feitos. Isso sugeria uma pergunta: haveria um interesse romântico na vida de Mark?

— Posso entregar o letreiro para você no fim do mês — disse Mark após folhear várias páginas. Aparentemente, ele já tinha muitos serviços encomendados para as próximas semanas.

— Tudo isso? — Eu odiava a ideia de ter que esperar três semanas para identificar a pousada, embora receasse que o orçamento mais caro pudesse exigir ainda mais tempo.

— Vou ver o que posso fazer para adiantar a execução — disse ele.

— Eu ficaria grata. Uma pergunta: minha idade me coloca mais à frente ou atrás na sua lista? — provoquei.

Ele sorriu.

— Posso fazer o letreiro, então?

— Por favor — disse eu, tomando a decisão. Peggy tinha muita consideração por Mark e seu trabalho. Ele era da região e eu gostava de fazer negócios com os comerciantes e prestadores de serviços vizinhos. Era uma boa prática. Eu queria me estabelecer nessa comunidade, principalmente porque planejava viver ali durante um bom tempo.

Mark pegou um toco de lápis no bolso de sua camisa e listou meu nome no seu caderninho preto.

— Vou fazer um bom trabalho. Dou garantia em todo trabalho que faço.

O novo letreiro da pousada não era o único serviço que eu tinha em mente.

— Você conhece alguém que trabalhe com jardinagem? — perguntei. Ao mesmo tempo em que ele se recostou, eu me inclinei para frente, apoiando os cotovelos na mesa.

— Eu faço.

Mas ele não pareceu gostar muito da ideia.

— Mesmo? — Sua linguagem corporal dizia o contrário.

— Se for algo que prefira não fazer, eu lhe digo, está bem?

— Tudo bem — disse eu. — Talvez você queira recomendar outra pessoa.

— Primeiro me diga o que você quer. — Outro biscoito desapareceu e ele pegou um terceiro.

— Um jardim de roseiras — expliquei. — Quero plantar um grande, lindo e elaborado jardim de roseiras. — Entreguei-lhe o caderno de desenhos que eu tinha usado e o abri na página certa. Não sou artista, mas senti que tinha feito um belo trabalho ilustrando o que eu queria. Minha ideia exigiria que uma grande parte do gramado fosse removido. Eu queria um pórtico curvo como entrada do jardim e um caminho de pedra por entre as roseiras em flor. Além disso, gostaria de pôr bancos ao longo do caminho e, talvez, se não fosse demais, uma pérgola. Não imediatamente, mas quando eu estivesse mais estabelecida. Uma pérgola seria perfeita para ocasiões especiais, como casamentos.

Mark analisou meus desenhos durante bastante tempo.

— Esse é um jardim e tanto.

— Eu sei. É um projeto grande.

Ele concordou com a cabeça.

— Faz sentido você querer um jardim de roseiras, já que mudou o nome da pousada para Rose Harbor.

Concordei, mas não mencionei Paul.

— Você se interessaria em fazer este projeto?

Ele franziu a testa.

— Não entendo tanto assim de rosas.

O fato era que eu também não, mas com certeza pretendia aprender tudo que pudesse.

— Vou comprar e plantar as rosas eu mesma. Quero comprar tantas roseiras antigas quantas for possível.

— Roseiras antigas? Nunca ouvi falar nisso.

— Elas são mais velhas, é óbvio, e datam de antes de os cultivadores começarem a cruzá-las. As flores tendem a ser menores, mas são particularmente cheirosas. Eu também quero plantar algumas roseiras híbridas. Acho que seria um belo toque, depois que o jardim estiver pronto, colocar um buquê de rosas nos quartos dos hóspedes.

— Seria legal; um toque extra; boas-vindas a Cedar Cove e sua pousada.

— Então, o que você acha... do jardim, claro? — Eu queria um orçamento

dele também para o jardim. Esse era um projeto grande, que exigiria muito tempo e seria bem caro.

— Eu diria que sou seu homem.

— Ótimo — relaxei. — Por favor, elabore um orçamento para eu analisar.

— Provavelmente vou arrumar outra pessoa para remover o gramado e preparar o solo. E as despesas vão diminuir, se você mesma plantar as roseiras.

— Eu também gostaria de um arco em treliça como entrada para o jardim — disse eu apontando para o desenho. — Talvez mais do que um, mas vou precisar de um preço, primeiro. — Seria fácil exagerar naquele projeto, mas eu esperava manter os custos sob controle o máximo possível.

— Sem problema; posso fazer quantos você quiser.

— E os bancos? Você pode fazê-los, também, ou seria mais econômico se eu simplesmente os comprasse prontos?

Ele refletiu antes de responder.

— Se você quer economizar dinheiro, compre os bancos prontos. Mas devo lhe dizer que, se decidir que eu os faça, garanto que serão muito sólidos e vão durar mais do que qualquer coisa que puder comprar.

De novo a decisão dependia do preço.

— Ponha no orçamento e eu tomo a decisão depois.

Ele concordou com a cabeça e esticou a mão para pegar outro biscoito, mas o prato estava vazio. Ele engolira seis biscoitos, um após o outro, quase sem intervalo entre eles. E aqueles não eram biscoitos pequenos. Eu não o deixaria acabar com toda uma fornada, então não me ofereci para pegar mais. Ele provavelmente era uma daquelas pessoas sortudas, com metabolismo elevado, que podem comer o que quiserem enquanto permanecem magras como um bambu.

Ele bebeu o café e me analisou enquanto levava a caneca até os lábios.

— Você é mais nova do que eu esperava.

— Engraçado, eu estava pensando a mesma coisa de você.

Ele deu de ombros.

— A maioria das pessoas acha que sou mais velho, aposentado, e que faço uns bicos para engrassar a aposentadoria. A verdade é que estou ocupado o tempo todo. Tenho mais projetos em andamento do que dou conta.

— Onde você trabalhava antes? — Eu imaginava que ele tivesse sido

empregado de alguma dessas grandes lojas de material de construção. Pelo que Peggy Beldon me dissera, Mark conhecia o suficiente de eletricidade, encanamento e carpintaria para construir sua própria casa, o que aparentemente ele fizera.

— Eu não trabalhava.

— Você nunca teve um emprego? — Eu achava aquilo difícil de acreditar.

— Eu era militar.

Aquilo me pegou de surpresa.

— É um emprego.

Sempre tive muito respeito pelos homens e pelas mulheres das nossas forças armadas e pelo serviço que desempenham por nosso país, mesmo antes de conhecer Paul.

— De certo modo, estar nas forças armadas é um emprego, mas também é muito mais que isso. Tive alguns problemas na hora de dar baixa, então preferi ser autônomo.

— Obrigado por servir ao nosso país — disse eu simplesmente. Quaisquer problemas que ele tivera, estava claro que não queria se alongar no assunto. Tudo bem, de minha parte. Todo mundo tem problemas. Eu tinha os meus, e parecia que meus dois hóspedes também os tinham.

Ele olhou para o outro lado, como se minha admiração o constrangesse.

— Qual a sua história? — perguntou ele.

Dei de ombros.

— Nada especial. Ganhei uma herança e decidi mudar de vida. A ideia de abrir uma pousada me pareceu atraente e decidi investir nela.

— Sem nenhuma experiência na área?

— Nenhuma. — Tenho que admitir que minha aventura parecia uma tolice.

— Eu aprendo rápido e já li tudo que caiu em minhas mãos sobre possuir e gerenciar uma pousada.

— Então você conheceu Grace?

— Grace? Não, desculpe, não posso dizer que tenha conhecido. Quem é Grace?

— Grace Harding, a bibliotecária-chefe. Você deveria conhecê-la. Eu fiz alguns trabalhos para ela depois que seu marido desapareceu. Eu faço muita coisa para viúvas e solteiras.

— O marido dela desapareceu?

— Foi há alguns anos. Depois ela casou de novo. Harding é o nome do segundo marido. Boa gente. Você vai gostar de Grace e Cliff.

— Obrigada. — Eu pretendia ir à biblioteca em breve.

— Em algum momento você provavelmente conhecerá a melhor amiga de Grace, que é a Olivia Griffin. O marido dela é o editor do jornal.

Eu duvidava que me lembraria de todos esses nomes.

— Onde a Olivia trabalha?

— No fórum. Ela é juíza na vara de família. Você já comeu no Palácio da Panqueca?

— Não. — Eu estivera cozinhando, experimentando novas receitas que pretendia servir na pousada, de modo que não estivera em nenhum restaurante da cidade.

— Experimente a torta de creme de coco quando for lá.

— Vou experimentar.

— A melhor da cidade.

— É bom saber. — Eu gostava muito de creme de coco. O faz-tudo tomou outro gole de café. — Vou lhe apresentar o orçamento antes do fim de semana.

— Ótimo.

— Se decidir que quer ir em frente com os projetos, vou precisar saber quando você os quer prontos, para listá-los no meu caderno.

O caderninho preto dele. Eu ainda não pesquisara a melhor época para se plantar roseiras, mas a primavera parecia uma boa aposta.

— Março — disse eu. — Talvez abril, depois da última neve.

Mark se levantou, pegou sua caneca e a levou até a pia.

— Vou apresentar esses números para você na primeira chance que tiver.

Eu o acompanhei até o vestibulo.

— Tenho que lhe dizer, já provei muitos biscoitos com lascas de chocolate, e os seus estão entre os melhores.

Corei com o elogio.

— Obrigada.

Ele saiu, seguindo pela calçada. O estacionamento estava vazio, o que

significava que ele viera a pé. Então me lembrei de que Peggy comentara que ele morava a uns poucos quarteirões de distância. Ele era um homem diferente, com certeza. Se fosse para eu adivinhar sua idade, diria quarenta e poucos anos. E eu não conseguia evitar de pensar que ele era muito mais complexo do que aparentava.

O tempo diria.



Abby conferiu o relógio e viu que estava no horário. Seu irmão lhe pedira para se encontrar com ele e a noiva em um café — um lugar que abrira após ela se mudar. Tanta coisa tinha mudado ao longo dos anos. O café ficava em uma galeria onde havia um terreno baldio na última vez em que ela estivera em Cedar Cove.

Abby parou na frente e imediatamente viu o irmão dentro do café. Ele estava com ótima aparência; feliz e um pouco ansioso, andando de um lado para outro enquanto esperava por ela e Victoria.

Quando viu Abby, Roger abriu a porta e escancarou os braços para ela.

— Abby. — Ele a abraçou, apertando-a junto ao peito. — Você está... maravilhosa. Fico tão feliz que tenha vindo!

— Eu também estou. — E ela falava sério. Seu encontro com Patty Morris (ou melhor, Jefferies) tinha transcorrido surpreendentemente bem e a encorajara. Talvez, apenas talvez, ela pudesse esquecer o acidente, pelo menos durante o fim de semana. O casamento deveria ser uma ocasião festiva. Ela não podia permitir, e não deixaria, que seus medos dominassem cada minuto de seu dia. E daí se alguém mencionasse Angela ou o acidente? Lidaria com a situação como uma adulta em vez de fugir ou se esconder debaixo de uma pedra.

— A Victoria logo vai chegar — avisou Roger. — Ela disse que eu devia pedir um café com leite para ela.

— Quero muito conhecer esse modelo de perfeição que conseguiu roubar o coração do meu irmão.

— Ela também está ansiosa para conhecer você. — Os irmãos entraram na loja, saindo do frio. A fila estava comprida. Abby sempre se surpreendia quando lia sobre a popularidade desses lugares na costa noroeste. Ela não conseguia se lembrar de nenhum café na Flórida, a não ser o Starbucks, mas em Cedar Cove havia praticamente um em cada esquina. Ali café era um produto quente.

— Quando você chegou? — perguntou Roger, entrando na fila.

— Faz um tempinho — disse ela sem entrar em detalhes. Roger ficaria mal se soubesse que ela estava na cidade há quase 24 horas sem o procurar.

Seu irmão pegou a carteira quando se aproximou do balcão.

— O que você vai querer? — perguntou ele.

Como raramente tomava outra coisa que não café preto, Abby ficou em dúvida quanto ao que pedir. O cardápio na parede listava diversas bebidas, o que ela achou um tanto confuso.

— Um café com leite, acho. — Acontece que ela já havia tomado três xícaras de café naquela manhã.

— Que tal misturar alguma coisa? — sugeriu ele.

Abby manteve os olhos no cardápio. Havia dezenas de sabores diferentes para se escolher. Dezenas.

— Peça para mim a mesma coisa que vai pedir para Victoria — decidiu ela, com receio de que sua hesitação segurasse muito a fila.

— Boa ideia.

A atendente estava esperando o pedido.

— Três chás com leite e baunilha, com uma dose de expresso e um *twist* de moça com caramelo, sem cobertura de creme.

A mulher pegou três xícaras e rapidamente escreveu o pedido abreviado nelas. Seus dedos voaram pelo teclado do caixa. O valor daria para pagar o almoço para os três.

Roger pagou e então os dois foram para onde as bebidas eram preparadas e entregues. O som de leite borbulhante preenchia o salão compacto. Após pegarem suas xícaras, Roger encontrou uma mesa perto da janela.

Abby provou o chá com baunilha e expresso e teve que admitir que gostou. Aquilo provavelmente tinha tantas calorias quanto um sanduíche completo, o que não era um problema. Afinal, ela não planejava almoçar.

— Então, o que achou? — perguntou Roger ao observar sua expressão.

— Nada mau — admitiu ela.

Seu irmão tinha acabado de sentar quando se levantou novamente.

— A Victoria chegou. — Seus olhos brilharam quando ele focou o olhar no estacionamento.

Abby olhou por sobre o ombro para onde sua futura cunhada saía do carro. Ela estacionara ao lado do veículo de aluguel de Abby. Victoria era tão linda

quanto suas fotos, talvez até mais. O cabelo, escuro como o de Roger, estava na altura dos ombros e preso atrás das orelhas. Ela era pequena e magra, e vestia um suéter rosa e calça branca. Por cima de tudo usava um casaco cinza que deixara desabotoado. Abby tomou outro gole de sua bebida e então se levantou para conhecer a mulher que fisgava seu irmão.

Roger cumprimentou a noiva com um beijo delicado nos lábios e então, com o braço ao redor de sua cintura, conduziu-a até a mesa em que Abby esperava.

— Victoria, esta é minha irmã, Abby. Abby, minha futura esposa, Victoria.
— Os olhos de Roger espelhavam o amor e o orgulho que ele sentia.

— Muito prazer — disse Victoria. — Roger me falou tanto de você.

Abby franziu a testa, instantaneamente com medo de que Roger tivesse lhe falado do acidente. Seria natural que ele falasse. Victoria logo seria sua mulher; ela precisaria saber do caso, se é que já não sabia. Para Abby parecia que toda a sua vida fora dividida em duas naquela noite fatídica.

Antes do acidente.

Depois do acidente.

Aquela divisão guardava uma pilha enorme de “e ses”. Abby abafou os arrependimentos, a culpa e a dor, recusando-se a permitir que os sentimentos aflorassem.

Demorou um minuto constrangedor para que ela percebesse que Roger e Victoria esperavam sua resposta.

— Também estou muito feliz de conhecer você — finalmente ela conseguiu dizer.

Roger puxou uma cadeira para Victoria.

— Você acertou tudo com o bufê?

Victoria soltou um suspiro profundo e sinalizou positivamente com a cabeça enquanto se ajeitava na cadeira e afastava o casaco.

— Ainda bem que minha mãe guardou o recibo.

— O que aconteceu? — perguntou Abby.

— Nada demais, só estamos acertando as coisas para amanhã. — Victoria pegou a mão de Roger. — Minha mãe está trabalhando nesse casamento há semanas...

— Meses — interrompeu Roger.

— Ela é a organizada da família, o que é bom.

— E quanto ao jantar de ensaio desta noite? — perguntou Abby. Com seus pais morando fora do estado, teria sido difícil para sua mãe organizar um jantar desse tamanho. E Abby não se lembrava de a mãe falar no assunto.

— Não se preocupe, eu cuidei disso. — Roger estava absolutamente orgulhoso de si mesmo.

— Você? — perguntou Abby, rindo.

— Ei, foi moleza. Agendei o salão de banquetes do restaurante O Farol e...

— Espere um pouco — disse Abby, levantando a mão para interrompê-lo. — Pensei que a mamãe tinha dito que O Farol pegou fogo e não sobrou nada.

— Pegou fogo, mesmo — Victoria respondeu por Roger. — Mas ele foi reconstruído.

— E está com novos donos, também — acrescentou Roger. — Eles têm um salão de banquetes onde dá para acomodar noivos, pais, padrinhos e um grupo de parentes.

— Eu ajudei a escolher o menu — sussurrou Victoria —, do contrário Roger teria pedido pizza e cerveja.

— A pizza deles é ótima — retrucou o irmão.

— Pizza? Você não faria isso! — provocou Abby. — Vocês não estão falando sério.

— Eu estou — disse Victoria, sorrindo.

Abby apreciou a dinâmica entre Roger e sua noiva. Os dois estavam tão obviamente apaixonados, eram tão obviamente certos um para o outro.

— Você já passou pela Rua do Porto? — perguntou Victoria após provar sua bebida.

— Bem, já... de certo modo, por quê?

— Você viu a Casa de Chá Vitoriana?

— Ah. — Abby não se lembrava. — Não sei. É nova?

— Bem nova. Abriu no ano passado. O casal que era dono do Farol o vendeu e abriu a casa de chá. Ela se tornou um dos lugares mais populares da cidade para café da manhã e almoço. Vale a pena experimentar antes de você ir embora... ou pelo menos dê uma passada para conhecer.

— Eu vou — prometeu Abby.

— Onde você está hospedada? — perguntou Victoria em seguida, com a bebida na mão.

— Pousada Rose Harbor.

— Acho que não conheço. — Victoria franziu a testa.

— Originalmente era a pousada dos Frelinger.

— Sandy e John? Eles venderam? — Victoria parecia surpresa. — Bem, fico feliz por eles. Lembro da minha mãe dizer algo sobre o lugar estar à venda, mas isso foi meses atrás. A casa ainda é bonita como eu me recordo?

— É fantástica, e a nova dona é muito legal. — E atenciosa e cuidadosa, também, mas Abby não queria dar a impressão de estar fazendo propaganda, nem deixá-los saber que estava lá há tempo suficiente para conhecer bem Jo Marie.

— Não consigo expressar o quanto estamos contentes por você estar aqui — disse Victoria, segurando a mão de Roger. — Significa muito para nós.

— Eu não perderia o casamento do meu irmão mais velho. — Abby nunca admitiria como foi difícil tomar aquela decisão. Seus pais de certa forma fizeram-na se sentir culpada para que comparecesse. Culpa era uma emoção que a fazia se mexer, embora fosse triste admitir isso.

— Quando vão chegar a mãe e o pai? — perguntou Abby em seguida. Ela sabia a resposta, mas queria mudar o assunto. Seria constrangedor se Victoria começasse a fazer perguntas que ela não queria responder. Perguntas como por que ela demorara tanto para aceitar servir o bolo de casamento. Perguntas como por que ela demorara tanto para marcar o voo, até quase ficar tarde demais.

Roger olhou para o relógio.

— O avião deles pousou há dez minutos.

— Será que não atrasou? — perguntou Abby.

Seu irmão pegou o celular e digitou algumas palavras. Após alguns minutos, ergueu os olhos e anunciou:

— O avião chegou na hora certa.

— Quando você acha que eles chegam aqui?

— Para pegarem o carro na locadora e se registrarem no hotel vão precisar de umas duas horas. A mamãe disse que ligaria se passasse das cinco horas — explicou Roger.

— A mamãe sugeriu que nos encontrássemos na igreja antes do ensaio — disse Abby.

— Ela me disse isso também.

Victoria suspirou, como se estivesse exausta.

— É melhor eu voltar. Minha mãe está fazendo o possível para ter um infarto. Vou encontrá-la no florista em — ela olhou para o relógio no pulso — dez minutos.

— Eu sei que tudo tem que estar perfeito para o casamento — disse Abby. — Obrigada por reservar um tempo para vir me encontrar.

— Faz semanas que eu esperava por isso. Vai ser tão bom ter outra irmã. — Victoria se levantou e pegou a bebida para levar consigo.

Roger também se levantou, assim como Abby.

As duas mulheres se abraçaram brevemente, e então Roger acompanhou Victoria até o carro. O casal conversou por alguns minutos do lado de fora e ele voltou para o café.

— Ah, Roger, ela é maravilhosa.

— Eu sei. — Ele seguiu Victoria com o olhar enquanto ela tirava o carro do estacionamento e entrava na rua.

Ele relaxou e depois voltou a atenção para Abby.

— Você está bem? — perguntou.

— Claro, por que não estaria? — Ela rezou em silêncio para que ele não mencionasse o acidente. Uma vez, só uma vez ela queria fingir que aquilo não acontecera.

— Faz muitos anos que você não vem.

Abby endireitou-se na cadeira.

— Você nunca vai adivinhar quem eu encontrei por acaso — disse ela, forçando entusiasmo na voz. Ela não deu tempo para Roger adivinhar. — Patty Morris!

— Quem? — Roger franziu a testa e balançou a cabeça.

— Patty Morris. Fomos colegas de escola. Éramos boas amigas.

Ele continuou parado, como se receasse o que a irmã diria em seguida.

— Patty se casou com Pete Jefferies. Acho que você o conhece.

Roger negou com a cabeça.

— Ela e o marido são farmacêuticos. São donos da farmácia na Rua do Porto. Esqueci de trazer pasta de dente, então fui até lá e dei de cara com a Patty. — Ela não mencionou como fora desconcertante ver a antiga amiga, mas Roger pareceu perceber só de olhar para ela.

— Isso foi bom, certo? — A preocupação era típica do seu irmão mais velho. Ele sabia que ela evitara as pessoas durante anos.

— Foi ótimo.

— Que bom.

— Patty e Pete têm gêmeos. Um casal. Eles têm seis anos e estão no primeiro ano.

Roger pareceu distraído, mas aquiesceu.

— Ela me convidou para almoçar amanhã.

Ele voltou sua atenção para ela e franziu a testa de leve.

— Você está tranquila com isso?

— Estou bem — disse ela, fazendo pouco caso. — Parece que muitas das minhas antigas amigas continuam vivendo por aqui. Patty disse que a esfolariam viva se ela não as avisasse que estou na cidade. Vamos nos encontrar no Palácio da Panqueca.

O olhar de Roger continuou sombrio e fixo.

— Você e suas amigas do Ensino Médio?

Abby sinalizou que sim.

— A mamãe também foi convidada.

Roger se remexeu, como se estivesse incomodado.

— Tem certeza de que essa é uma boa ideia? Quero dizer, é ótimo que você encontre suas amigas e tal, mas está muito perto do casamento, não acha?

A preocupação dele, Abby percebeu, era que algo que pudesse acontecer no almoço a deixasse nervosa.

— Vai estar tudo bem. Patty pareceu tão feliz e animada por me ver. Parece que sentiram minha falta nos reencontros... as pessoas perguntaram de mim... — O que, pensando bem, era muito natural, dadas as circunstâncias.

Roger anuiu e bebeu seu chá.

— Fico feliz, Abby, está na hora de deixar o passado no passado.

O passado dela. Isso significava o acidente. A morte de Angela. A culpa que ela carregava.

— Fico feliz que o casamento tenha trazido você de volta a Cedar Cove. Estou pensando que esse almoço com Patty e as outras talvez possa ajudar você a conseguir a paz de espírito de que precisa.

Abby baixou a cabeça e tentou engolir o nó na garganta. Conversas assim com seu irmão eram raras, e o incentivo dele significava muito para ela.

— Obrigada — sussurrou.

— Levar a mamãe com você também é uma boa ideia.

— Eu achei que sim... mas foi ideia da Patty. Para falar a verdade, estou um pouco preocupada.

— Tudo vai dar certo — garantiu-lhe Roger. — Divirta-se com suas amigas. Aproveite, Abby. Você merece. Você tem muitas amigas. Sempre teve.

Lágrimas borraram sua visão quando ela olhou para o irmão e sorriu. Sim, houve um tempo em que ela tinha muitas amigas. Talvez pudesse recuperá-las.



— Deixem-me morrer em paz — insistiu Richard quando Josh e Michelle chegaram à sua casa, vindos do hospital.

Josh ignorou o comentário e deu a volta na caminhonete para ajudar o padraсто a entrar na residência. Michelle pulou do assento de trás e correu para abrir a porta da frente.

Embora detestasse a ideia, Richard foi forçado a se apoiar em Josh para poder andar. Seus pés se arrastavam, e quando chegou ao terceiro degrau da varanda sua respiração estava ofegante. Josh ia ao seu lado, com o braço ao redor da cintura do padraсто. Michelle segurou a porta aberta para que entrassem.

Não é necessário dizer como era difícil, para Richard, aceitar ajuda de Josh. Ele precisava de um andador, mas se recusava a usar um. Qualquer reserva de energia era usada para atacar verbalmente quem estivesse ao alcance de sua voz.

Josh ajudou Richard a se sentar em sua espreguiçadeira favorita. O velho desabou na cadeira e soltou um suspiro tão forte que parecia ter exaurido até a última gota de energia para chegar até ali. Ignorando Josh, automaticamente pegou o controle remoto da TV, ligando-a em um canal de notícias.

— Quer que eu lhe traga alguma coisa? — perguntou Josh enquanto dava um passo para trás.

Richard simplesmente negou com a cabeça.

— Quando Josh chegou à cozinha, Michelle tinha colocado a chaleira no fogão.

— Você ainda duvida que Richard precisa de você? — murmurou ela.

Josh não respondeu o óbvio. Difícilmente Michelle sozinha teria conseguido fazer Richard subir os degraus da varanda. Não que cuidar de seu padraсто fosse responsabilidade dela. Ele queria lembrá-la de que também não era responsabilidade dele — que ele não devia nada a Richard. Seria bem feito para

o velho se lhe desse as costas e fosse embora. A ideia era tentadora, mas não podia fazer isso. Não porque Richard merecesse sua ajuda, pois não a merecia. Josh sabia que sua mãe gostaria que ele ficasse, e foi por ela que disse:

— Não se preocupe, vou ficar em Cedar Cove o máximo que puder.

— Obrigada — sussurrou ela enquanto apertava delicadamente o braço de Josh.

Ele descansou suas mãos no ombro de Michelle, grato por sua sabedoria e seu incentivo.

— Acho que nunca tinha percebido como as coisas devem ter sido ruins para você, aqui — disse ela.

Era verdade; Josh estava plenamente disposto a admitir que os anos que passara com Richard não foram fáceis. A tensão na casa, principalmente depois que sua mãe morrera, às vezes era volátil. Ainda bem que ele tinha Dylan como um para-choque. Do contrário a situação teria sido impossível. Agora tanto sua mãe quanto Dylan tinham morrido, e só havia Michelle para evitar que a coisa pegasse fogo.

Ao mesmo tempo, Josh tinha que admitir que não era completamente inocente com relação ao padrasto. Quando adolescente, adorava provocar Richard. Este deixava muito claro que não gostava do enteado, e o garoto, em vez de procurar construir uma relação positiva com o padrasto, fazia de tudo para irritá-lo.

Quando era dia de tirar o lixo, e era função dele levar a lata até a calçada, Josh a colocava, de propósito, no meio da entrada de carro, para que Richard tivesse que sair de dentro do automóvel e afastá-la para poder sair para o trabalho.

Se a tarefa dele fosse lavar a louça do jantar, era exatamente isso que ele fazia, e nada além. Deixava o leite na mesa e tudo o mais sobre o balcão. Se sobrava comida que Richard pretendia levar para o almoço no dia seguinte, Josh se dava ao trabalho de jogá-la fora. Como Richard deixara claro que não tinha como se acertar com ele, o garoto não via motivo para ser prestativo.

— Eu também errei — sussurrou ele.

A chaleira apitou, e Michelle relutantemente afastou-se de Josh para tirá-la do fogo. Ela já tinha deixado o bule pronto, onde derramou a água fervente. Josh reconheceu a peça como uma das que eram de sua mãe, mas não sabia de onde aquilo viera. Podia ter sido presente de casamento ou herança de família. Josh não perguntaria para Richard, por receio de que o padrasto a destruísse de propósito. Era esse tipo de atitude que ele aprendera a esperar, e isso o

entristecia.

Michelle deixou o chá em infusão e pegou três canecas.

Como um voluntário do hospital viria naquela tarde, Josh voltou para a sala íntima e começou a recolher os jornais que entulhavam o carpete. Afofou as almofadas e as ajeitou nos cantos do sofá.

— O que você está procurando? — quis saber Richard. Ele pegou o controle da TV e baixou o som.

— Não estou procurando nada. Só pensei em arrumar a sala antes que chegue o voluntário do hospital.

— Você quer alguma coisa.

Josh encarou o padrasto.

— Eu estava arrumando a sala. Não tenho nenhum outro motivo.

— Não acredito nisso. Você está querendo me roubar alguma coisa. O mínimo que pode fazer é esperar que eu morra.

Josh apertou os punhos dos lados do corpo enquanto respondia.

— Pense o que quiser, mas não quero nem preciso de nada seu. — A raiva que fervia nele era tanta que ele rilhou os dentes. Segundos atrás, estava disposto a reconhecer seu papel na animosidade que existia entre eles. Ainda assim, um breve comentário de Richard fora suficiente para que sua raiva emergisse tão rapidamente que seu cérebro pareceu congelar. Antes de dizer qualquer coisa de que se arrependesse, Josh saiu da sala.

A personalidade venenosa de Richard fazia com que Josh voltasse a se sentir um adolescente determinado a enfrentar o velho, a encontrar uma forma de se vingar das mágoas que o outro conseguia provocar com tão pouco esforço.

Perdido em seus pensamentos, Josh se surpreendeu ao ver Michelle no vestibulo.

— Você está bem? — perguntou ela, colocando a mão em seu braço.

Em vez de explicar, ele simplesmente balançou a cabeça.

— Estou bem.

Ele olhou por sobre o ombro e viu o padrasto segurando uma xícara de chá, atento à televisão.

— Será que ele precisa comer alguma coisa? — perguntou Michelle.

— Eu ofereci, mas ele disse que não está com fome.

Apesar de tudo, Josh sorriu. Era bem típico de Richard fazer uma greve de

fome só para provocá-lo.

— Você precisa pôr algo no estômago — disse Josh ao voltar para a sala, atrapalhando de propósito o programa de notícias. — Vou esquentar um pouco de sopa para você — disse, testando sua teoria.

— Eu não quero nenhuma sopa. Como eu disse, prefiro morrer em paz, então por que você não faz um favor para nós dois e volta para o lugar de onde veio? — Era um discurso e tanto para um moribundo.

— Eu volto, na hora certa, na hora certa.

Richard o ignorou por completo a partir de então.

Essa era outra arma do arsenal do padrasto, lembrou-se Josh. Quando Richard percebera que nada que dizia ou fazia afetava o enteado mais do que ignorá-lo, aquela se tornou sua forma de tortura favorita. Ele simplesmente fingia que Josh não estava na sala ou na casa. Aquilo deixava o garoto louco. Em menos de uma hora Josh faria o que fosse necessário para conseguir uma reação de seu padrasto, mesmo que isso significasse destruir algo que ele sabia que Richard gostava, como uma revista favorita ou o guia de televisão da semana. Qualquer coisa que o fizesse dar atenção a Josh.

— Isso não vai funcionar comigo agora. Sou adulto — disse ele para Richard. — Você pode me ignorar de hoje até o juízo final. Na verdade, eu lhe agradeço pela consideração.

Richard nem mesmo piscou; sua atenção estava toda dedicada à TV.

Ignorando o velho, Josh encontrou uma lata de sopa no armário e a abriu. Era engraçado como ele se sentia à vontade na cozinha, como se fosse ontem que fora embora.

Vasculhou o armário até encontrar uma panela, que colocou no queimador ainda quente que Michelle usara para esquentar a água do chá. Infelizmente, o armário em que sua mãe guardava os biscoitos estava vazio. Tudo bem. Richard teria que se virar sem eles.

Despejou a sopa na panela e acrescentou uma lata de água quente, depois deixou a mistura esquentar. Ao ver o que ele fazia, Michelle foi para a sala. Josh viu que ela estava ocupada limpando a mesinha que ficava ao lado da espreguiçadeira de Richard.

— O que você está fazendo? — quis saber Richard ao pegar o controle da TV.

— Arrumando espaço para lhe trazer um prato de sopa.

— Eu já lhe disse que não quero comer nada.

— Você precisa comer alguma coisa — insistiu ela.

Richard apertou os olhos.

— Você está ficando do lado dele, não é?

Michelle pegou a mão de Richard, que segurou entre as suas.

— Não é uma questão de escolher lados.

— Ou você é amiga minha, ou dele — disse-lhe o velho. — Não dá para ser amiga dos dois ao mesmo tempo. Sua escolha. — Mesmo de onde estava, Josh podia ver que aquele era um momento emotivo para Richard. Seus olhos pareciam estar cheios de lágrimas. — Eu... eu sei como você se sentia a respeito do Dylan. Ele também gostava de você. Acho que se ele tivesse sobrevivido teria visto como você é linda.

— Sr. Lambert...

— A escolha é sua, compreenda. Tem que ser um ou outro.

Michelle se endireitou.

— Como eu disse... — começou ela.

Josh deu um passo à frente, não querendo deixar que ela sofresse alguma agressão em seu nome. Richard precisava dela, mesmo que não quisesse admiti-lo. Michelle era a única ligação que restara entre ele e Dylan — ela era a única pessoa que ainda se lembrava de Dylan e continuava na vida de Richard. Josh não poderia permitir que ela pusesse isso em risco. Ele ergueu a mão, impedindo-a de fazer sua escolha. Em um ou dois dias Josh sairia da vida dos dois; a preocupação, a perda, não valiam a pena.

Michelle pareceu ler os pensamentos de Josh.

— Deixe-me pensar um pouco nisso, tudo bem? — disse ela para Richard.

O velho fez uma careta, parecendo preocupado. Inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos, para não vê-la.

Quando a sopa esquentou, Josh despejou-a da panela em uma tigela e a levou até a sala. Achou que Richard poderia tirá-la da bandeja e arremessá-la através da sala.

— Preciso fazer algumas coisas fora — anunciou enquanto pegava seu casaco. Sentia uma necessidade urgente de sair daquela casa. A atmosfera era opressora.

Josh dirigia-se para a porta quando Michelle o alcançou, casaco e bolsa nas mãos.

— Eu vou com você — disse ela.

Josh hesitou, inseguro sobre se deviam deixar Richard sozinho.

— Tem certeza de que é uma boa ideia?

— Eu quero ir — insistiu ela, olhando firmemente em seus olhos.

Ele aquiesceu e se dirigiu à porta da frente. Embora o aquecedor da casa estivesse ajustado para uma temperatura mais alta que o normal, Josh sentia frio até nos ossos. Estar perto de Richard era como estar em um depósito de lixo tóxico. Ele não conseguia ficar perto do padraço sem que isso o afetasse negativamente.

— Para onde você vai? — perguntou Michelle, que conseguia acompanhar suas longas passadas. Ele se arrependeu por permitir que ela o acompanhasse. Precisava ficar sozinho. Ela entrou no lado do passageiro, na caminhonete, e fechou a porta, como se dizendo que nada a faria mudar de ideia quanto a acompanhá-lo.

— Richard precisa de um andador. — Era uma desculpa conveniente para sair da casa. Válida, mas também conveniente. Não importava o que acontecesse, Josh teria que ir embora em alguns dias, e, embora ela estivesse sendo maravilhosa para Richard, Michelle não podia cuidar dele todos os dias. Vendo como Richard estava fraco, embora este fizesse o possível para disfarçar, Josh achava melhor comprar um andador para o padraço.

Eles rodaram em silêncio enquanto Josh se dirigia para a farmácia onde esperava conseguir encontrar o que precisava.

— Aquilo que Richard disse sobre mim e Dylan... — Ela hesitou. — Houve um tempo em que ele era tudo para mim; eu fui louca por ele durante todo o Ensino Médio, até o ano da formatura.

— Todas as garotas da escola eram meio apaixonadas por Dylan, com bons motivos. Ele era um atleta de destaque, tinha personalidade e era um cara muito legal.

— Não, não era — Michelle disse suavemente.

Ela falou com voz baixa, mas captou a atenção de Josh com a mesma intensidade que se tivesse gritado. Ele tirou os olhos da rua por tempo suficiente para fitá-la ao seu lado.

— Como é?

— Ele não era isso tudo que você falou.

— Não? — Era assim que Josh se lembrava de Dylan.

— Eu guardei um segredo por mais de dez anos, Josh, mas agora vou contar para você.

Ele parou o carro em um semáforo.

— Contar o quê?

— No nosso último ano, Dylan estava com dificuldades em inglês. Nós tínhamos que escrever um trabalho para nota.

— Eu lembro. Fiz o meu sobre Jim Ryun, o primeiro colegial a correr 1.600 metros em quatro minutos. — Aquele trabalho exigira muita pesquisa. Como era um assunto que interessava a Josh, ele se divertira ao redigi-lo. Sua nota fora alta, mas ele nunca havia contado para o padrasto.

— Se Dylan não tirasse nota acima da média nesse trabalho, não permitiriam que ele jogasse basquete naquela temporada.

Embora Dylan fosse popular por todas as razões que Josh listara antes, seu defeito eram as notas baixas. Dylan odiava estudar. Josh lembrou-se de que o meio-irmão, já no Ensino Médio, ainda não sabia de cor as tabuadas. Ele era péssimo em ortografia e frequentemente ignorava as lições de casa. Ele passava raspando de um ano para outro.

Teresa ficava muitas horas ajudando Dylan nos trabalhos, mas isso pouco ajudara. Depois que ela adoecera, as sessões noturnas de estudo rapidamente foram deixadas de lado.

— Eu escrevi o trabalho para ele — murmurou Michelle.

— É mesmo?

— Nós fizemos um acerto. Eu sabia que nenhum garoto me convidaria para o baile de formatura...

— Michelle, isso não é verdade...

Ela o interrompeu com uma risada irônica.

— Não tente se enganar. Eu era a garota mais gorda da classe...

— Dylan prometeu levar você ao baile?

— Não — disse ela, balançando a cabeça para enfatizar. — Percebi que ninguém acreditaria que Dylan convidaria alguém como eu para o baile de formatura, mas eu queria muito ir. Eu e uma turma de garotas decidimos ir juntas, sem acompanhantes. Tudo que eu queria do Dylan, tudo que pedi em troca de escrever seu trabalho, era que ele me tirasse para dançar. Só uma dança. Ele concordou, e escrevi para ele, cometendo erros de gramática e ortografia suficientes para que a professora Chenard acreditasse que o trabalho era mesmo dele. Dylan entregou o trabalho e depois me ignorou completamente no baile. Sério, teria feito algum mal para ele dançar comigo só uma vez? — perguntou ela.

— Ele se recusou? — Claro que Dylan não era santo, mas Josh achou difícil acreditar que ele não tivesse cumprido sua promessa a Michelle.

— Eu perguntei para ele, depois, e Dylan disse que tinha esquecido.

A desculpa pareceu esfarrapada. Ainda assim, Josh se sentiu obrigado a defender o meio-irmão.

— Deve ter havido alguma confusão.

— Não houve nada disso. Depois ouvi Dylan se gabando para os amigos de como tinha conseguido me manipular para escrever o trabalho de inglês com a promessa de uma única dança. Ele disse para os amigos que não conseguiu fazer o que prometera. Ele falou que achava impossível abraçar a “Dumbo”.

Pela forma como a voz de Michelle tremeu, Josh percebeu que aquela ainda era uma lembrança dolorida para ela. Parecia que seu meio-irmão se divertira ao constrangê-la.

— Sinto muito — sussurrou.

— Você não tem nada do que se desculpar, Josh. Não foi você que fez isso comigo. — Ela soltou o que parecia um sorriso forçado. — Meu único consolo foi que ele tirou B, em vez de A, por causa de todos os erros intencionais.

Josh também sorriu, depois pegou a mão dela e a apertou gentilmente.

— Só estou contando isso para você saber que Dylan não era o santo que você e seu pai pintam. Ele era maravilhoso de muitas formas, mas também podia ser desumano e cruel.

Josh sabia que isso era verdade. Tal pai, tal filho.



Como meus hóspedes passariam a tarde fora, decidi sair para tomar algumas providências. Fui até a padaria do bairro para conferir seus pãezinhos doces. Minha intenção, originalmente, era assar os meus próprios pães, mas me conheço o suficiente para saber que isso nem sempre é possível. Gosto de fazer pães e biscoitos, mas sei que haverá dias em que não vou conseguir.

O chuvisco continuava, mas, tendo morado em Seattle por todos esses anos, aquilo não me deteve. Peguei casaco, cachecol e luvas, tranquei a porta da frente e comecei a descer a rua. O céu estava escurecendo, embora ainda fossem duas da tarde. A neblina era grossa sobre a enseada, tornando completamente invisíveis Bremerton e o estaleiro, que ficavam diretamente em frente à pousada.

A calçada era íngreme, mas imaginei que a caminhada poderia contrabalancear as calorias extras que eu iria consumir ao provar as amostras da padaria. O aviso para ficar de olho no meu peso foi outro conselho de Peggy. Ela havia me dito que, como proprietárias de pousada, é muito fácil adquirirmos o hábito de provar nossa própria comida. Peggy confessou que engordara cinco quilos no primeiro ano dela e Bob como administradores da Bosque dos Mirtilos.

Minha determinação esmoreceu no instante em que abri a porta da padaria. Parecia que eles tinham acabado de tirar pão do forno, pelo aroma que dominava o estabelecimento. Um aroma desses é mais hipnótico que perfume francês. Paul dizia que decidiu se casar comigo na primeira vez em que assei para ele um pão caseiro. Eu não sou boba. Sei como ganhar o coração de um homem, e como Paul já tinha conquistado o meu, usei minhas habilidades de padeira para capturar o dele.

— Pois não? — perguntou uma jovem quando me aproximei do balcão.

Eu mal tivera chance de olhar. O balcão de vidro continha fileira após fileira de delícias encantadoras. Os biscoitos de amêndoas pareciam fantásticos, do tamanho do meu punho e dourados, do jeito que eu gosto. Biscoitos de manteiga de amendoim eram outros dos meus favoritos — e de Paul, também.

— Quero uma dúzia de biscoitos — disse eu antes que mudasse de ideia. —

Sortido, por favor.

— Tudo bem — a garota atrás do balcão ficou animada. — Temos oito variedades, hoje.

— Então pegue duas dúzias, por favor, para dar três de cada — disse eu, ignorando por completo o conselho de Peggy.

Examinei o balcão e olhei para os bolos à mostra. Eram enormes. O bolo de coco parecia ter cinco ou seis camadas, e era da altura de um bolo de casamento. O mesmo se podia dizer do bolo de cenoura, que era decorado com castanhas picadas e cenourinhas cor de laranja feitas de cobertura e dispostas em círculo. O bolo de chocolate estava decorado com um grande laço branco, como se fosse um presente para ser compartilhado e apreciado. Antes que minha boca começasse a se encher d'água, olhei para as tortas.

— Algo mais? — perguntou a garota seguindo meu olhar.

— Ah... — hesitei, e então neguei relutantemente com a cabeça. Eu levaria os biscoitos de volta à pousada, onde arrumaria um prato para meus hóspedes, no caso de eles voltarem no fim da tarde. Sandy Frelinger tinha me recomendado servir um lanche à tarde. Os meus biscoitos pareciam bolas de golfe se comparados àquelas maravilhas do tamanho de bolas de beisebol.

A sineta sobre a porta badalou suavemente quando alguém entrou na padaria.

— Temos uma oferta especial hoje — anunciou a jovem funcionária para mim e a segunda cliente. — Compre um bolo ou torta e leve outro por metade do preço.

— Ah, querida, você está tornando isso difícil. — Então me lembrei do meu objetivo original. — Onde estão os pãezinhos doces? — perguntei.

— Desculpe, vendemos todos antes das dez da manhã. É quase sempre assim. Se você quiser pães para o café da manhã, precisa chegar cedo, ou então encomendar no dia anterior.

— Tudo bem. Então quero encomendar pães doces para amanhã.

— Uma dúzia? — perguntou a funcionária, sorrindo.

— Meia dúzia, por enquanto. Só tenho dois hóspedes no momento. Então seis devem dar. A que horas vocês abrem?

— Sete. Também fazemos um ótimo café.

Eu tinha reparado na máquina de expresso ao entrar.

— Com licença — disse a outra cliente atrás de mim. — Você é Jo Marie Rose?

— Sou. — Fiquei surpresa que alguém na cidade soubesse meu nome.

— Você comprou a pousada dos Frelinger, certo?

Mais uma vez fiquei agradavelmente surpresa.

— Isso mesmo.

Ela me estendeu a mão.

— Sou Corrie McAfee; Peggy Beldon é minha amiga. Ela mencionou que queria conversar com você em breve. Bem-vinda a Cedar Cove.

— Peggy veio me visitar esta manhã. — Fiquei animada pela amizade que todos demonstravam.

— Eu e meu marido viemos de Seattle, há vários anos. Peggy mencionou que você também é de lá.

Sinalizei que sim com a cabeça e gostei de Corrie no mesmo instante.

— Você tem tempo para uma xícara de café?

Consultei o relógio. Não havia por que voltar correndo para casa. Eu sabia que Abby Kincaid tinha que ir ao jantar de ensaio do casamento do irmão, e, embora Josh não tivesse contado seus planos, ele dissera que ficaria fora até o fim da tarde.

— Eu adoraria um café — disse eu. A padaria tinha um local com mesas redondas, onde poderíamos nos sentar.

— Ótimo, estou convidando.

— Os biscoitos de acompanhamento são por minha conta — sugeri.

Corrie concordou, entusiasmada.

— Essa oferta é boa demais para ser recusada.

Depois que terminei minha encomenda dos pãezinhos doces e paguei por tudo, escolhi uma mesa perto da janela. Corrie pegou os cafés e se sentou comigo.

Abri a caixa rosa de biscoitos e a deixei escolher. Como eu, ela optou pelo de amêndoas.

— Tenho um fraco por estes.

— Eu também — confessei.

Demos nossa primeira mordida simultaneamente. O biscoito era tão delicioso quanto prometia. Nós duas tiramos um momento simplesmente para saboreá-lo.

Corrie falou primeiro.

— Roy e eu passamos a considerar Cedar Cove como nosso lar, apesar dos anos que passamos em Seattle. Nosso filho e sua esposa estão aqui, com nossa neta. Nossa filha mora em Dakota do Norte com a família.

Invejei Corrie por seu marido e sua família.

— Sou viúva e, infelizmente, não tenho filhos.

E parecia que, provavelmente, não os teria. Aceitar isso era uma das coisas mais difíceis em perder Paul.

— Quando for possível, vou apresentá-la ao meu marido — disse Corrie, mudando o rumo da conversa. — Roy é policial aposentado, e de vez em quando trabalha como detetive particular.

— Gostaria de conhecê-lo.

— Se algum dia você tiver qualquer problema... bem, duvido que vá ter, mas... não hesite em nos procurar.

— Obrigada — disse eu, novamente espantada pela forma como aquela cidadezinha já tinha me acolhido em seus braços.

Conversamos um pouco mais até terminarmos o café e o biscoito. Comentei com Corrie sobre o conselho de Peggy, para que eu conhecesse logo e bem a cidade. Podia perceber como esse conselho era valioso, e fiz várias perguntas sobre o comércio em toda a cidade.

Nós duas saímos ao mesmo tempo. Minha nova amiga ia para a biblioteca e sugeriu — assim como Mark Taylor — que eu passasse por lá para conhecer Grace Harding. Pensei que devia ir à biblioteca o quanto antes.

Depois bufei colina acima até a Pousada Rose Harbor. Quando cheguei no alto, estava ofegante e minhas panturrilhas doíam. Eu tinha gasto aquele biscoito, sem dúvida. Parei para recuperar o fôlego. Parecia que eu precisava incluir um plano de exercícios na minha rotina diária.

Estava a meio caminho da minha entrada quando reparei que havia um carro estacionado na área reservada para clientes. Como eu não esperava ninguém, tinha ficado mais tempo afastada da pousada do que planejava.

Apertando o passo me aproximei do carro, onde um homem aparentemente aguardava sentado pela minha volta. Bati de leve no vidro, e ele se virou na minha direção, automaticamente abrindo um sorriso enorme.

Ele parecia vagamente conhecido, mas não me lembrava de onde. Ele abriu a porta do carro para sair e eu dei um passo para trás.

— Jo Marie, como é bom ver você.

Minha cabeça trabalhava para tentar lembrar de onde eu conhecia aquele homem. Infelizmente, não me lembrei.

— Espero não ter feito você esperar muito tempo — disse eu. Ele sabia meu nome com tanta certeza que, obviamente, não era um hóspede de cuja reserva eu me esquecera.

— Não, só estou aqui há alguns minutos — garantiu ele. Ele me seguiu até a casa, falando enquanto andávamos. — Gostaria que a chuva parasse. Nada me deprime mais do que um dia de chuva após o outro — comentou calmamente, embora o ritmo alegre da sua voz contradissesse suas palavras.

— Eu estava na padaria — expliquei enquanto entrava na casa. Deixei os biscoitos e parei para pendurar o casaco e o cachecol. Ele também tirou seu casaco e pendurou ao lado do meu.

Minha memória continuava sem ajudar, mas quanto mais ele falava, mais convencida eu ficava de que o conhecia. Então me lembrei. Era Spenser Wood, que servira na mesma unidade de Paul quando estiveram estacionados em Fort Lewis.

— Você voltou — disse eu, sentindo-me muito mais à vontade depois que o reconheci. Se eu me lembrava corretamente, ele estivera no Afeganistão com Paul.

— Voltei. Um amigo da nossa unidade me disse que você tinha se mudado para cá. Eu quis passar para dizer o quanto sinto pelo Paul. Ele era um ótimo homem.

— Obrigada. — Suas palavras me emocionaram, mas ele pareceu não reparar, o que me deixou contente. —Tenho café pronto, se você aceitar uma xícara.

— Por favor, seria ótimo.

Ele me seguiu até a cozinha, segurando os braços às costas enquanto olhava em redor e avaliava o local. — Este lugar é realmente uma coisa.

— Eu me apaixonei no momento em que o vi — confessei.

— Paul também teria adorado isto aqui.

Concordei com um movimento curto de cabeça. Fazia vários dias que eu não falava com alguém que conhecera Paul. Eu achava estranho ver Spenser mencionando o nome dele, embora não tivesse sentido o mesmo quando outras pessoas falavam sobre meu marido.

— Você estava no Afeganistão com ele, certo? — perguntei, conduzindo-o à sala de estar junto à lareira. Esta era a gás, de modo que quando liguei o

interruptor as chamas subiram instantaneamente pelos troncos.

Spenser se sentou no sofá e eu fiquei na cadeira. Ele apoiou a caneca na mesa de madeira antes que eu pudesse lhe pegar um descanso.

— Você sabe como eu e Paul éramos próximos — disse Spenser, seu rosto mostrando a própria tristeza com a perda.

Pelo que me lembrava, eu só encontrara Spenser uma vez. E não me recordo de Paul mencioná-lo em seus e-mails ou em qualquer outro tipo de comunicação. Enquanto estive em serviço, Paul conseguiu falar comigo algumas vezes pelo celular. Busquei na memória, mas não consegui encontrar nenhuma referência a Spenser.

— Sou grata a todos os amigos de Paul — disse eu, evitando responder.

Spenser pegou a caneca de café com as duas mãos.

— Ele era como um irmão para mim... um irmão que eu nunca tive. Nós éramos unidos, principalmente depois que chegamos ao Afeganistão.

Olhei para baixo, evitando fazer contato com os olhos. Por razões que eu não conseguia explicar, aquela conversa estava me deixando constrangida. Eu me senti ficando tensa. Não sabia aonde Spenser queria chegar.

— Ele falava muito de você — disse Spenser. — Era maluco por você.

— Eu amava muito o meu marido.

— E ele amava você mais que qualquer coisa.

Senti um nó na garganta enquanto me remexia com minha xícara de café. Um silêncio constrangedor se seguiu, e olhei para cima. Spenser se colocara na borda do sofá e se inclinou para frente.

— Imagino que você esteja se perguntando por que eu estou aqui... isso é bastante embaraçoso, para ser franco. Infelizmente me meti numa situação financeira muito ruim...

Arregalei os olhos. Será que Spenser aparecera para me pedir dinheiro?

Ele fez um gesto débil com as mãos.

— Sei que, como mulher do Paul, você é a beneficiária do seguro de vida dele. O exército cuida do seu pessoal, e...

— E o que isso tem a ver com você? — perguntei.

— Sabendo como Paul e eu éramos próximos, eu esperava que você pudesse me ajudar.

Eu estava aturdida demais para falar.

— Peço desculpas por pedir isso a você — continuou ele —, mas a verdade é que preciso de uma pequena ajuda financeira. Seria um empréstimo por pouco tempo. Eu nem pensaria em vir até você se Paul e eu não fôssemos como irmãos... família, mesmo.

Atorroadada, procurei pensar em como Paul gostaria que eu lidasse com aquela situação.

Antes que eu pudesse falar, Spenser acrescentou:

— Se Paul estivesse vivo, sei que me emprestaria o dinheiro sem pestanejar. Como eu disse, nós éramos muito unidos.

— Spenser — falei da forma mais gentil que consegui. — Eu não sou um banco.

Ele aquiesceu e pareceu aceitar minha decisão.

— Eu compreendo, mas achei que devia pedir. Paul e eu frequentemente nos ajudávamos em problemas financeiros. Eu emprestei dinheiro para ele mais de uma vez... e ele fez o mesmo por mim. Não quero que você pense que apareci do nada. Eu faria isto por Paul sem pensar... e agora que ele se foi, estaria mais do que disposto a ajudar você, fosse a situação inversa.

Eu não sabia o que dizer. Eu não fazia ideia de que Paul tivesse pego dinheiro emprestado de amigos, e aquilo me surpreendeu. Hesitei, imaginando o que devia fazer.

— Sei como é duro estar em dificuldades financeiras — disse eu, sentindo compaixão por ele.

— Você já esteve na mesma situação?

Balancei a cabeça positivamente, lembrando como foi quando fiquei sozinho pela primeira vez.

— Já passei por isso. — Após conseguir meu primeiro cartão de crédito, e apesar dos avisos da minha família, havia gasto mais do que podia. Quando a conta chegou, fiquei chocada com quanto eu conseguira torrar em um único mês.

E ficou muito pior antes que eu tivesse a lucidez de destruir o cartão. Durante um tempo eu mal conseguia pagar os juros da dívida, muito menos o principal. Então diminuíram minha jornada de trabalho e tudo o que eu ganhava ia para pagar aluguel, supermercado, água e luz. Eu não conseguia dormir. A preocupação me paralisava. Era horrível a sensação de não conseguir pagar aquelas contas. Eu não queria jamais ter que passar por aquilo novamente.

— Obrigado por reconsiderar — disse Spenser. — Se você já esteve na

mesma situação, então compreende como isso é humilhante.

— Eu...

Não consegui concluir meu raciocínio.

De repente a porta da frente foi escancarada e Mark Taylor irrompeu na pousada. Ele parou no vestibulo e olhou para Spenser e para mim. Seus olhos ficaram sombrios enquanto se dirigia diretamente até Spenser. Este se pôs de pé.

Os dois homens se encararam.

— Acredito que precisamos conversar — disse rudemente Mark, que então acrescentou: — Lá fora, agora!

Spenser olhou para mim querendo uma explicação, mas eu não sabia o que dizer.

— Ah... Mark — comecei.

Ele me ignorou.

— Agora — repetiu para Spenser em um tom que não dava espaço para discussão.

Spenser deu de ombros e foi para a porta.

Mark o seguiu, pegando de passagem o casaco de Spenser no cabide.

Eu me levantei e olhei pela janela. Não consegui ver nenhum dos dois homens, mas consegui distinguir vozes alteradas. Por mais que tentasse, não consegui entender o que era dito.

Após uns poucos minutos, ouvi passos, seguidos pelo som do motor de um carro.

Spenser estava indo embora, sem nem se despedir.

A próxima coisa que ouvi foi o som de brita sendo esmagada enquanto o carro seguia do estacionamento para a rua.

Corri para a porta da frente para questionar Mark e saber por que ele irrompera na pousada como uma mãe urso enraivecida que quer proteger o filhote.

Só que ele também se fora, sua figura movendo-se rapidamente.



Abby estivera preocupada quanto a conhecer a noiva de Roger, mas Victoria fora tão acolhedora e simpática, e estava tão apaixonada por Roger que Abby achou impossível não gostar dela. Que felicidade do seu irmão encontrar alguém com quem gostaria de passar o resto da vida!

A tarde avançava depressa e Abby queria mudar de roupa antes do ensaio, já que o jantar estava programado para acontecer imediatamente em seguida. Antes de se despedir do irmão, ela soubera que Lonny, seu primo e um dos padrinhos, havia se hospedado com os pais no mesmo hotel que os pais de Abby. Com cada nova informação ela percebia como tinha se distanciado da família. Pensando bem, não conseguia acreditar como se deixara perder tanto em suas próprias preocupações que nem mesmo perguntara ao irmão quem seriam os padrinhos.

Ao entrar com o carro na Pousada Rose Harbor, Abby ficou novamente impressionada pelo encantamento do lugar. O próprio local era lindo, debruçado sobre a enseada. Contudo, o que a atraía era muito mais que a beleza do cenário. Cada vez que voltava para a pousada, Abby sentia como se estivesse voltando para casa. Só estar lá parecia afetá-la positivamente. Era como se tirasse dos ombros os fardos do passado junto com o casaco de lã quando entrava pela porta.

Quando Abby ingressou no vestibulo, Jo Marie apareceu, vinda da cozinha, para cumprimentá-la.

— Olá, eu imaginava quando você voltaria — disse ela. — Aproveitou a tarde? Quando é o ensaio?

— Aproveitei — era verdade. Abby tinha se divertido. Encontrar Patty fora uma surpresa. A reação inesperada da amiga ajudara muito a aumentar-lhe o ânimo e a autoconfiança. Ela começava a sentir que voltar a Cedar Cove fora a coisa certa a fazer. Embora tivesse receado aquele casamento, agora se via flertando com uma sensação de esperança, uma expectativa de que superar o acidente seria possível.

Quando Abby ergueu o olhar, percebeu que Jo Marie olhava para ela.

— Desculpe, você disse algo? Eu viajei por um instante.

— Ah, não se preocupe. Eu também viajo muito — disse Jo Marie e em seguida sacudiu a cabeça. — Você tem que me perdoar. Acabou de acontecer a coisa mais esquisita. Um... conhecido apareceu e então outra pessoa, que eu mal conheço, surgiu. Os dois foram lá para fora e, sem eu entender por que, foram embora. Pelo que eu saiba os dois nunca se viram antes e... não sei o que pensar.

Abby ficou feliz por não ser mais o assunto da conversa.

— Que coisa estranha, não? — comentou, tentando mostrar simpatia.

— Muito esquisita — disse Jo Marie, sacudindo a cabeça, mostrando perplexidade. Ainda parecendo absorta, voltou para a cozinha.

Feliz por estar livre para se arrumar, Abby subiu a escada. Em um esforço para fortalecer sua autoconfiança, esbanjara em duas roupas novas: uma para o ensaio e jantar, e outra para o casamento. Para o ensaio ela escolhera um terninho rosa e branco, que custara mais dinheiro do que ela se sentia à vontade gastando, mas a vendedora falara tanto que o traje ficava maravilhoso nela que Abby não resistiu.

Se havia um momento em que ela precisava se sentir bem consigo mesma, era aquele, ao encarar família e amigos. A preparação mental era tão importante, se não mais, que a física.

Abby rapidamente trocou de roupa, retocou a maquiagem, escovou o cabelo e então se sentou na beirada da cama, com as mãos na perna, lutando para acalmar seu coração acelerado. Estava para começar. Na próxima hora ela estaria com sua família, parentes que não via há anos.

Após vários minutos, sentiu que não ficaria mais preparada do que estava. Para caprichar, ela borrifou seu perfume favorito e saiu pela porta do quarto, divertindo-se com a ideia de que algumas gotas de um perfume caro lhe daria mais segurança.

— Tenha uma noite maravilhosa! — exclamou Jo Marie enquanto Abby saía da pousada.

— Obrigada — foi a resposta automática de Abby, mas ela refletiu se conseguiria aproveitar a festividade. Seus nervos já estavam em alerta máximo, e ela podia sentir os músculos dos ombros endurecendo com a tensão.

Abby chegou no endereço que Roger lhe dera, ainda que já soubesse onde ficava a igreja católica. Era a mesma igreja que a família frequentava quando vivia na cidade. A casa paroquial, contudo, era nova. Uma grande cruz dominava a frente da edificação, centralizada sobre as amplas portas duplas que davam acesso ao interior.

O estacionamento da igreja estava quase deserto. Abby parou perto da entrada e ouviu risadas e conversa animada vindas da casa paroquial. Reconheceu a voz de Victoria e percebeu que parte das pessoas se reunira em um aposento ao lado da sacristia. Sabia que Victoria tinha escolhido Tamara, sua irmã mais nova, e diversas amigas como madrinhas.

Assim que Abby entrou na sala, Victoria se separou do grupo e foi cumprimentá-la. Com o braço na cintura de Abby, ela a conduziu até o grupo e a apresentou.

— Pessoal, esta é Abby Kincaid, irmã do Roger.

Ela recebeu um coro de boas-vindas e foi submetida, instantaneamente, a várias perguntas.

— Como era o Roger quando criança? — perguntou Tamara. — Quero dizer, eu e Victoria brigávamos muito. Você e Roger se davam bem?

Abby sorriu, lembrando-se de como se sentia agradecida por ter um meio de conhecer garotos, graças ao seu irmão.

— Nós nos dávamos bem, à nossa maneira... ele foi a fonte da maioria dos meus primeiros encontros. — Imediatamente ela se lembrou de Steve, colega de quarto do irmão na faculdade. Da mesma forma que Patty e outras amigas, ele havia feito vários esforços para entrar em contato após a morte de Angela, mas Abby o ignorou, assim como tinha ignorado todo mundo. — Eu e Roger brigamos muito quando éramos crianças, mas a situação melhorou depois que crescemos.

— Só porque ele precisava de você para conhecer garotas — brincou Victoria. — Essa é uma via de mão dupla.

Abby inclinou a cabeça para o lado e sorriu. Sua futura cunhada tinha razão.

— Exatamente — concordou. Depois, ela encontrou uma cadeira no canto e se sentou. Sentia-se mais à vontade sentada e observando do que sendo o centro das atenções. Victoria com as amigas era uma fonte inesgotável de diversão. Ainda que Abby não conhecesse aquelas mulheres, gostava do modo como as outras ficavam ao redor de Victoria, provocando e rindo juntas. Abby também ria, motivada pela alegria das outras.

Seus pais deviam chegar a qualquer minuto. Àquela altura eles já teriam tido tempo de dirigir até o hotel, registrar-se e trocar de roupa.

Abby imaginou se o pai ainda tinha o mesmo jaquetão com seis botões que usara em todas as ocasiões formais de que ela se lembrava. Um terno, ele dizia, era só de que precisava. A mãe de Abby já fizera tempestades tentando convencê-lo a investir em outro, mas Tom Kincaid insistia que não era necessário.

Após alguns minutos, Abby levantou-se, deu uma desculpa e saiu de perto de Victoria e das outras mulheres. Sem pensar muito, caminhou até a igreja, atraída pelo altar.

De pé no meio do corredor central, olhou em volta, reparando nas novidades. Sumira a estátua da Virgem Maria segurando o Menino Jesus com seu olhar gentil de absoluta serenidade. A imagem de Jesus crucificado, com sangue pingando das mãos perfuradas, também não estava à vista, embora um grande crucifixo dominasse a área atrás do altar. As Estações da Paixão também tinham uma aparência mais moderna do que ela se lembrava. Muita coisa mudara nos anos em que estivera longe.

O altar também era completamente diferente. O trabalhado aparador de mármore fora substituído por uma estrutura de madeira.

Abby tentou se lembrar da última vez em que fora à missa, mas não conseguiu. Após o acidente ela se afastara da igreja e de Deus.

Sentou-se em um banco nos fundos e ficou ali, absorvendo aquele silêncio calmante. Fechou os olhos. A exaustão que sentira pela manhã se fora, e em seu lugar veio uma sensação de expectativa.

Expectativa, não temor.

Aquela percepção a fez sentir mais uma vez a possibilidade de esperança, um germe de otimismo, de... cura. A tensão nos ombros aos poucos relaxava.

Ela pensou em rezar as orações que memorizara na infância, mas não teve certeza de que se lembrava de todas as palavras. Rezar, falar com Deus, parecia-lhe estranho, incômodo. Ela não sabia o que dizer nem como dizer. E nem sabia se conseguiria.

Assim que soubera que Angela não sobrevivera ao acidente de carro, Abby amaldiçoara Deus. Se alguém tinha que morrer era ela, que estava ao volante... a responsável. A raiva tomou conta dela intensamente. Uma raiva sagrada. Uma raiva justificada. Deus falhara com ela. E com Angela, também. Não era justo que sua amiga tivesse morrido e que duas famílias se despedissem.

Engraçado como o tempo vai apagando essa agonia, desgastando-a ao longo dos anos, como a água que corre sobre pedras e gradualmente gasta as pontas afiadas e dolorosas. O que dizem sobre o tempo ser o melhor remédio era verdade, percebeu Abby. Ela sabia que ainda tinha um longo caminho a percorrer, mas fizera progressos. Aquele pequeno passo de retornar a Cedar Cove exigira coragem, ainda que ela o tivesse dado forçada pelo casamento. Era como se Deus lhe dissesse que era hora de usar o impulso proporcionado por aquela visita para recolher os pedaços de sua vida.

A porta da sacristia foi aberta e Abby se virou. Viu a mãe espiando pela porta.

— Mãe — sussurrou ela. Quando criança tinham lhe dito para nunca falar alto dentro da igreja.

— Abby. — Sua mãe entrou, indo ao seu encontro de braços abertos.

As duas mulheres se abraçaram tão apertado como se tivessem se perdido e reencontrado.

— Eu não sabia o que pensar quando não vi você — sussurrou a mãe. — Victoria não sabia dizer aonde você tinha ido... a igreja foi o último lugar em que pensei em procurar.

— Estou aqui há poucos minutos — disse Abby, divertindo-se com a reação da mãe. Uma rápida consulta ao relógio mostrou que estivera na igreja por muito mais tempo do que imaginava. Quase meia hora.

— Ah, olhe só você — murmurou Linda Kincaid, afastando-se para observar melhor a filha. — Ah, querida, você está linda.

— Obrigada. — A vendedora tinha razão. O traje rosa e branco complementava seus olhos e cabelos escuros.

— É tão bom ver você — continuou sua mãe, os olhos brilhando com lágrimas não derramadas.

— Não faz tanto tempo.

— Dois anos — a mãe a contradisse. — Dois anos muito longos.

Era isso mesmo? Abby achou inacreditável que os meses tivessem vindo e ido tão rapidamente. Parecia que somente algumas semanas se passaram desde que seus pais voaram até a Flórida para visitá-la.

— Foi no Natal de dois anos atrás.

— Estou aqui agora — disse Abby.

Mais uma vez, a mãe a abraçou.

— É tão importante para o Roger e para mim que você tenha concordado em vir ao casamento. Eu... eu sei como é difícil para você.

— Está melhor agora, mãe, muito melhor — disse ela. — Eu encontrei Patty.

— Patty Morris?

— Ela agora se chama Patty Jefferies e é farmacêutica.

— Ah, que ótimo. Estou surpresa. Eu me lembro de vocês duas estudando Biologia e da Patty afirmar que ela não compreendia a matéria. E agora ela é

farmacêutica?

— Ela e o marido, Pete, são donos da farmácia.

— Que maravilha. — O sorriso da sua mãe era amplo e genuíno. — Quem iria imaginar?

— Ela pareceu feliz de verdade em me ver.

— Claro que sim. Você duas foram boas amigas durante toda a escola.

— Ah, mãe — disse Abby, lutando para esconder sua alegria. Sua mãe sempre fora seu esteio, seu porto seguro. Como fora capaz de mantê-la afastada durante tanto tempo?

— Como está a Patty? — perguntou a mãe.

— Ela está ótima e tem gêmeos — respondeu Abby.

— Gêmeos. Vou lhe dizer uma coisa, Abby, se você ou Roger não me tornarem avó logo, não sei o que vou fazer. Preciso de netos para mimar. — O riso sumiu e ela ficou séria. — Você está namorando alguém? — Linda encarou Abby com seu olhar de raio laser.

— Mãe! Não, não estou namorando, e se estivesse não lhe contaria.

Linda balançou a cabeça, como se estivesse profundamente desapontada.

— Não sei qual o problema com vocês, crianças — lamentou-se ela. — Quando eu e seu pai tínhamos a sua idade já estávamos com dois filhos e pagando o financiamento da casa. Quando é que você vai conhecer um bom rapaz e se ajeitar?

Boa pergunta, e se Abby soubesse a resposta ficaria feliz de compartilhá-la com o resto do mundo.

— Mãe, ouça. Eu falei para você do encontro com a Patty por um motivo.

— Ah, é?

— Patty está organizando um almoço com algumas das minhas antigas amigas que ainda vivem na região e pediu que você fosse.

— Eu?

— Você mesma. Ela espera que a mãe dela também possa se juntar a nós. — Abby relacionou os nomes que Patty tinha mencionado.

— Eu fazia parte do conselho da escola com Kathy Wilson — disse a mãe. — Ela é a mãe de Kelly Wilson.

— Eu conheço Kelly — disse Abby, que se divertia com a situação e lutava para disfarçar.

Mais uma vez a mãe a abraçou.

— Eu sabia que esse casamento iria unir novamente nossa família. Eu sabia. Abby ainda não estava pronta para tanto, mas sentia que já era um começo.



— É muita consideração sua, fazer isso por Richard — disse Michelle enquanto colocavam na parte de trás da caminhonete o andador que Josh comprara na farmácia.

— Sabendo como Richard é teimoso, ele provavelmente vai se recusar a usá-lo. Ainda assim, vale a pena tentar. Não gosto da ideia de ele tentar andar sozinho. Seria muito fácil ele levar um tombo.

— Estou dizendo a mesma coisa há semanas.

Quando voltaram a casa, Josh encontrou Richard dormindo profundamente em sua espreguiçadeira. Não acordou, o que indicava que a ida ao hospital tinha esgotado o velho. Para surpresa de Josh, parecia que Richard tomara um pouco da sopa. Pelo menos o padraço tentara. Aquilo era promissor com relação ao andador. Talvez, apenas talvez, Richard estivesse disposto a aceitar aquele pequeno presente de Josh. A compra não fora feita por amor, mas por respeito a sua mãe.

Josh carregou o andador, ainda na caixa, até a cozinha. Michelle o acompanhou. Seria necessário montá-lo, embora não parecesse muito complicado.

— Vou pegar uma chave de fenda — disse Michelle.

Josh duvidou que fosse precisar de uma, mas não a impediu de ir pegar a ferramenta. Enquanto a moça estava fora, ele abriu a caixa e retirou as peças. Ainda não encontrara tempo para refletir sobre o que ela tinha lhe dito sobre Dylan. Em todos os anos que convivera com o meio-irmão, Josh não se lembrava de Dylan ser intencionalmente cruel. Ele gostava de aplicar trotes, lembrou-se Josh. Humor pastelão era o que mais o divertia, de modo que a coisa toda não lhe parecia impossível.

Josh ficou contrariado ao saber que Dylan ferira o coração sensível de Michelle. Sentia muito que aquilo tivesse acontecido. A mágoa dela ficara evidente quando lhe contara os detalhes do baile. O que o deixara completamente surpreso fora a necessidade de tomá-la nos braços para consolá-la, inclinar-se e

beijá-la, dizendo como se sentia mal por saber que algo assim tinha ocorrido. Se pudesse, Josh teria voltado no tempo para acompanhá-la ele mesmo ao baile.

A saída de Michelle da cozinha por alguns minutos deu-lhe um tempo muito necessário para respirar. A tensão física entre os dois tinha ficado maior depois de ela contar sua história. Tinha certeza de que Michelle também a sentia. Um relacionamento entre os dois seria impossível. Seu trabalho o levava por todo o país. Embora tivesse uma casa em San Diego, ele raramente estava lá. Por outro lado, a vida de Michelle era em Cedar Cove. Quando ele fosse embora dessa vez, seria para sempre. Não tinha intenção de voltar.

O andador estava totalmente montado quando Michelle voltou com a chave de fenda.

— Já consegui?

Josh sorriu.

— Foi fácil.

— Para você — brincou ela.

— Estou vendo que achou a chave de fenda.

— Peguei na garagem do meu pai. — Michelle mostrou a ferramenta para Josh. — Fiquei surpresa pela quantidade de chaves que havia lá. Escolhi esta porque pareceu ser a que meu pai mais usava.

— Então é melhor você pôr no lugar antes que ele perceba que sumiu.

— É, boa ideia. — Ela saiu mais uma vez, para voltar alguns minutos depois.

Josh se levantou, pensando que, com Richard dormindo, seria um bom momento para procurar as outras coisas que queria levar.

— Aonde você vai? — perguntou Michelle.

Josh hesitou, sem saber se devia lhe dizer.

— Ao quarto do Richard.

Ela franziu a testa, como se não aprovasse a ideia.

— Por quê?

— Quero procurar uma coisa...

Ela continuou hesitando.

— Quero ir com você.

— Está com receio de que eu estrague algo precioso para me vingar do que ele fez com as minhas coisas?

— Não acho que você seja capaz disso.

O alto conceito que Michelle tinha dele o envergonhou.

— Não tenha tanta certeza. — Então, sabendo que teria dificuldade em se controlar caso encontrasse mais alguma coisa sua destruída por Richard, ele estendeu a mão, convidando Michelle a acompanhá-lo.

O quarto principal dava para o mesmo corredor da cozinha. A porta estava ligeiramente entreaberta. Ela rangeu quando Josh a empurrou. Ele hesitou e olhou por cima do ombro, temendo que o ruído pudesse ter acordado o padrasto. De onde estava não conseguia ver Richard. Mas, se ele estivesse acordado, iria tentar detê-lo. Como nada aconteceu, Josh entrou.

O quarto estava exatamente do jeito como se lembrava. A cama continuava na mesma posição, mas desfeita. Sua mãe fora muito rigorosa quanto a Dylan e ele fazerem as camas todas as manhãs. Encontrar a que ela usava para dormir naquela bagunça de lençóis e cobertores parecia errado. Era estranho que ele sentisse o impulso de arrumá-la.

Ele andou até o lado de sua mãe na cama e abriu a gaveta do criado-mudo. Estava vazia. A decepção o fez baixar os ombros.

— Encontrou o que você queria? — perguntou Michelle.

— Não está aqui. — Ele balançou a cabeça.

— O que está procurando? — sussurrou ela. — Talvez eu possa ajudar.

— Não precisa sussurrar — assegurou-lhe Josh. — Se Richard pudesse nos ouvir, já teria gritado.

— O que você está procurando? — perguntou Michelle novamente, não querendo deixar que ele evitasse a pergunta.

Ele hesitou, mas então lhe contou.

— A Bíblia da minha mãe. Em seus últimos dias de vida ela a mantinha a seu lado o tempo todo. Eu não tenho nada dela, e gostaria de ter essa Bíblia.

— Uma Bíblia — repetiu ela. Michelle olhou ao redor. — Onde você acha que Richard a guardaria?

Se soubesse onde, Josh já teria procurado.

— Não tenho a mínima ideia.

— Veja na prateleira mais alta do armário — sugeriu Michelle.

Josh deslizou a porta para descobrir que o armário estava cheio de roupas,

cobertores e inúmeras... coisas. Se Richard tivesse enfiado a Bíblia ali, demoraria o dia todo para desenterrá-la.

Sem ânimo, ele balançou a cabeça.

— Você pode tentar perguntar ao Richard — sugeriu Michelle.

Josh virou-se para encará-la. Aparentemente, ela não tinha aprendido nada com a jaqueta e o álbum destruídos.

— Você acha mesmo que ele me diria?

— Por que não? Era a Bíblia da sua mãe. Você tem o direito de ficar com ela.

— Você não percebe? — disse ele, quase perdendo a paciência. — Se Richard soubesse que eu quero essa Bíblia, vai fazer tudo que puder para que eu nunca a tenha. Ele vai destruí-la antes de me entregá-la.

Michelle abriu a boca como se fosse argumentar, mas então a fechou abruptamente, entregando os pontos.

— Você tem razão — sussurrou. Ela se virou para ele e passou os braços por sua cintura, abraçando-o e apoiando o rosto no peito dele. Ergueu a cabeça para olhar para Josh. Seus olhos se encontraram e ficaram assim. Por um longo momento eles simplesmente se entreolharam. Josh não respirou e teve certeza de que Michelle também não. O clima entre eles parecia carregado de carência e consciência. Carência de carinho.

Carência pura e simples.

Depois do que pareceram anos, Josh fechou os olhos e baixou sua boca em direção à dela, sem conseguir resistir mais. O beijo começou suave; aos poucos foi se tornando algo diferente, algo mais intenso. Mais profundo. Josh enfiou os dedos no cabelo de Michelle, trazendo-a mais para perto de si, enquanto colava sua boca na dela, querendo o máximo dela que podia tomar e dar.

Quando interrompeu o beijo, os dois estavam ofegantes, sem fôlego, os ombros arqueando.

Josh queria dizer algo, mas as palavras não se formavam em sua cabeça. O que nublava seus pensamentos era que ele não tinha intenção de que aquilo acontecesse, mas tê-la em seus braços parecia a coisa certa. Os sentimentos contraditórios se cancelavam, deixando-o sem fala e aturdido.

Ela enfiou os dedos nos bolsos de trás do seu jeans.

— Minha nossa — murmurou, afastando-se. Ela demorou um momento, aparentemente para se recompor, e então virou-se para olhar para Josh. — Ainda acho que você devia perguntar da Bíblia para o Richard — disse, continuando a conversa do ponto em que tinham parado, como se não tivesse

havido um interlúdio. Um beijo. Uma urgência entre eles.

— Michelle...

Ela ergueu a mão, interrompendo-o.

— Não vou perguntar diretamente.

Tudo bem. Se ela queria fingir que nada tinha acontecido, estava bem para ele; era mais fácil assim. E se ela tinha um plano para pegar a Bíblia de sua mãe, Josh estava disposto a ouvi-lo.

— Tudo bem, qual é a ideia?

— Vou ser sutil. Vou... vou perguntar para ele se quer pegar uma Bíblia. Ele sabe que está morrendo e talvez queira uma.

— E se ele não quiser?

— Eu... então não sei. Não pensei nessa possibilidade. Um passo de cada vez, Josh. Já lidei com situações assim antes. Vamos conseguir a Bíblia da sua mãe, de um jeito ou de outro.

Ainda que Josh admirasse o esforço dela, não estava disposto a interromper sua busca.

— Talvez ele já tenha sentido necessidade de ler a Bíblia — disse Josh e foi até o outro lado da cama, chegando ao criado-mudo de Richard. Ao abrir a gaveta, encontrou algumas moedas e duas cadernetas.

Nenhuma Bíblia.

Então se dirigiu à cômoda, convencido de que Richard tinha escondido a Bíblia de propósito, para provocá-lo. A gaveta de cima estava cheia do que parecia ser roupa suja. A segunda mostrou-se igualmente infrutífera.

Michelle o deteve colocando a mão em seu ombro.

— Josh, me dê uma chance — sussurrou ela.

Ainda que quisesse acreditar nela, ele tinha dúvidas legítimas. Mais cedo Richard deixara claro que Michelle precisava fazer sua escolha. Ou ela ficava do lado dele contra Josh, ou nunca mais entraria naquela casa.

Ela devia ter percebido a hesitação nele, porque ergueu a mão até seu rosto, tocando o lado de sua face.

— Josh. — O modo como ela disse seu nome, o tom suave de súplica, fez com que ele parasse. Seus olhos procuraram os dela.

Então, como se para provar suas intenções, ela se colocou na ponta dos pés e o beijou novamente. Josh ainda estava se recuperando do primeiro beijo. Ainda

queria pensar no assunto antes que algo mais acontecesse.

Bem, aconteceu. E lá estava ele, pego em uma torrente emocional tão forte que temia ser derrubado. Com cada fibra de determinação que possuía, Josh interrompeu o beijo.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— O quê? — perguntou ela, seus olhos queimando nos dele. — Nós nos beijarmos?

Ele concordou.

— Tudo bem. — Ela começou a se afastar, mas não antes de Josh ver a decepção e a mágoa refletidas em seus olhos.

— Espere... — Ele a pegou pelos ombros e a trouxe de volta para seus braços. Se o primeiro beijo fora quente, o segundo foi forte o suficiente para incendiar seus sentidos. Ele sentiu um surto de desejo e carência tão grande que recebeu esmagar Michelle com seus braços.

Ainda bem que, antes que a situação saísse de controle, a campainha da porta tocou.

Eles se separaram como adolescentes com vergonha de serem pegos se beijando. Josh olhou com raiva para a porta semifechada do quarto.

— Quem pode ser? — perguntou Michelle.

— O voluntário do hospital — sugeriu Josh.

— Certo, o voluntário — repetiu ela. — Esqueci que ele viria.

Josh se recompôs e saiu do quarto. Michelle veio logo atrás.

Quando abriu a porta da casa, uma mulher de aparência profissional sorriu para ele.

— Olá, eu sou Ginger Cochran. Sou do hospital.

Assim que ela entrou Josh fechou a porta, para evitar que o ar frio penetrasse no ambiente. Richard tinha acordado, Josh reparou, e seus olhos vagavam enquanto ele lutava para focar algo.

— Quem é você? — perguntou Richard.

— Meu nome é Ginger. Eu estava dizendo para o seu...

— Entendo — acudiu Josh. Eles ainda não tinham se apresentado. — E esta é Michelle Nelson, vizinha de Richard. Ela e a família têm cuidado dele nos últimos meses.

— Eu sei por que você está aqui, mas vou lhe dizer agora mesmo que fez uma

viagem desnecessária — Richard disse para Ginger, ignorando Josh e Michelle.
— Você pode ir embora.

— Sr. Lambert... — protestou Michelle.

— Eu disse que você pode ir agora — repetiu ele, com força surpreendente.
— Não quero você aqui. — Ele apontou um dedo trêmulo para Josh. — E leve ele com você. Ele quer me roubar... e não está disposto a esperar que eu morra. Ele já começou a mexer nas minhas coisas.

— Sr. Lambert — disse Michelle calmamente —, isso não é verdade.

— Vocês acham que não vi os dois saindo do meu quarto?

Josh riu e lentamente balançou a cabeça.

— Não estou aqui para deixar o senhor nervoso — disse Ginger Cochran enquanto pegava sua bolsa. — Eu vim para deixá-lo o mais confortável possível. Se o senhor quer que eu vá embora, é o que vou fazer.

— Ótimo. Vá.

— Sr. Lambert — Michelle protestou novamente.

— Eu disse antes, quero morrer em paz. Minha casa se tornou uma estação de trem, com pessoas entrando e saindo. Saíam daqui. Todos vocês. Só quero que me deixem sozinho. O que um homem tem que fazer para conseguir morrer em paz?

— Sinto muito — sussurrou Michelle para Ginger quando esta se virou para sair.

Josh ficou, enquanto Michelle acompanhava Ginger até a porta.

Richard apertou os olhos e apontou para o andador.

— De onde veio isso? — quis saber. Josh tinha levado o equipamento até a sala e o deixado ao lado da espreguiçadeira.

— Não faço ideia — disse Josh.

— Não estava aqui quando voltei do hospital.

— Não me lembro se estava ou não. Talvez Papai Noel o tenha trazido... um presente de Natal atrasado. Você sabe como o correio fica nesta época do ano.

Algo que pode ter sido um sorriso passou pelo rosto de Richard, mas desapareceu tão rapidamente que Josh duvidou do que vira. Seu padrasto fechou os olhos novamente, isolando-se deles.

Velho bobo e teimoso, pensou Josh. Os dois eram teimosos demais.



Aquele fora um dos dias mais estranhos da minha vida. Spenser, um homem de quem mal me lembrava, aparecera inesperadamente na minha porta. Nem pensei em lhe perguntar como me encontrara, o que deixava outra pergunta sem resposta.

E isso foi só o começo. Mark, um homem que eu conheci recentemente, irrompeu na minha casa como um touro enfurecido e levou Spenser para fora. E os dois foram embora sem me dizerem nada. Foi tudo tão estranho, tão esquisito. Tão chocante!

Eu estava determinada a descobrir o que acontecera, e a única pessoa a que podia perguntar algo era Mark. Peguei o cartão de visita que ele me entregara e andei até o telefone. Segurei o aparelho durante bastante tempo, até encontrar o que eu queria dizer, e então teclei o número.

Para minha decepção, após chamar quatro vezes a ligação caiu na secretária eletrônica. Escutei a gravação e esperei pelo sinal, o que pareceu demorar uma eternidade.

— Mark, aqui é Jo Marie Rose. Você pode, por favor, ligar para mim? — Hesitei antes de desligar o telefone, esperando que Mark ainda pudesse atender à ligação. Minha curiosidade quanto ao seu comportamento era como a coceira de uma picada de mosquito. Eu simplesmente não conseguia ignorar o que tinha acontecido.

Ainda bem que não tive que esperar muito. Menos de dez minutos depois, o telefone tocou.

— Pousada Rose Harbor — disse eu.

— É o Mark. Desculpe não ter atendido; a serra elétrica estava ligada.

Imediatamente decidi que não queria conversar por telefone. Antes ele deixara claro que odiava falar ao telefone. E eu queria ver o rosto de Mark enquanto conversávamos. Por telefone seria fácil demais ele desconversar, e eu tinha a sensação clara de que ele não queria se explicar. Do contrário não teria

ido embora da forma como foi, sem me dar nenhuma explicação.

— Posso passar aí esta tarde? — perguntei.

— Aqui?

— Isso, na sua oficina.

— Minha oficina é parte da minha casa, e não gosto de companhia — ele parecia hesitante.

— Você prefere vir à pousada... de novo? — Não consegui deixar de acrescentar a última parte.

— Não, estou ocupado.

— Então eu vou até aí.

Mark suspirou alto e, quando falou, havia uma nota de sarcasmo em sua voz.

— Não tenho tempo para café e biscoitos.

— Não vou demorar... só vou tomar alguns minutos do seu tempo.

Ele hesitou e pareceu perceber que eu não desistiria tão facilmente.

— Tudo bem... pode vir.

É claro que já recebi convites mais entusiasmados, mas nesse caso eu aceitaria o que conseguisse. O cartão de visita só trazia o endereço de correspondência, uma caixa postal.

— Preciso do seu endereço.

— Ah, claro — ele falou. — Fica a poucos quarteirões da pousada. Você pode vir de carro, mas não recomendo. Nem sempre tem lugar para estacionar.

— É mesmo? Por quê? — Cedar Cove não era exatamente uma metrópole engarrafada. Eu sabia que era difícil estacionar junto ao litoral, mas não nos bairros, pelo menos pelo que tinha visto até então.

— Eu moro perto do fórum — explicou ele, parecendo impaciente para terminar a ligação.

— Só vou demorar alguns minutos — repeti a promessa.

— Tanto faz.

Fiquei brava, mas segurei a resposta. Era fácil se ofender com os modos rudes dele, mas tentei não mostrar minha irritação.

Desliguei o telefone, peguei casaco, cachecol e luvas, e minutos após nossa conversa eu estava na rua.

Enfie o endereço de Mark no bolso do casaco e me dirigi à colina que subia na direção do fórum. A ladeira era íngreme, e não demorou até que eu ficasse sem fôlego. Mantive a cabeça abaixada e os ombros curvados para frente. Parei para respirar quando um veículo passou zumbindo por mim. Parecia com o carro de Spenser. A velocidade parecia excessiva, como se ele estivesse ansioso para sair da cidade. Seguiu na direção oposta à da Pousada, a caminho da Rua Tremont, que levava à via expressa. Eu não tinha certeza de que era o amigo de Paul, mas intuitivamente achei que podia ser. Aparentemente ele ficara um pouco mais na cidade, mas eu só podia especular sobre seus motivos.

Spenser afirmara que ele e Paul eram como irmãos. Eu não sabia se devia acreditar naquilo, embora, para ser justa, não fosse completamente implausível. Porém me parecia que, se os dois tivessem sido tão próximos como Spenser afirmara, Paul teria falado nele com mais frequência. Meu marido mencionara vários dos homens sob seu comando, mas não Spenser, pelo menos não desde que fora enviado ao Afeganistão.

Eu tinha certeza disso. Eu lera as cartas e e-mails do meu marido com tanta frequência que praticamente memorizara cada palavra. Essas mensagens eram minha conexão com Paul, a única ligação tangível que eu ainda tinha com ele.

Eu suspeitava que Spenser tivesse exagerado sua amizade com Paul como forma de me fazer lhe emprestar dinheiro. Mas, se Spenser pensava que podia usar algum sentimento meu de culpa para me manipular, estava enganado. De qualquer forma, eu usara quase todo o dinheiro que recebera como beneficiária do seguro de Paul na compra da pousada. Ainda bem que eu tinha minhas próprias economias como reserva — fundos que eu separara de cada salário ao longo de anos.

Do lado de fora da residência de Mark, fiquei impressionada pela forma como sua casa e seu jardim eram bem conservados. A casa parecia ter sido construída na década de 1950, com amplos degraus de concreto levando à varanda da frente. As colunas da varanda pareciam ter sido construídas com pedras roladas.

Podia-se ouvir uma serra a distância. Talvez a oficina de Mark ficasse no porão. Subi os degraus até a porta da frente, pensando em esperar uma pausa no ruído da serra para tocar a campainha. Contudo, ao me aproximar da porta da frente vi um pequeno aviso pendurado nela.

SE VOCÊ ESTÁ VENDENDO ALGUMA COISA, NÃO ESTOU EM CASA, ele dizia. Logo abaixo desse aviso havia outro: SE VOCÊ ESTÁ AQUI A NEGÓCIOS, VENHA ATÉ A OFICINA, NOS FUNDOS DO CORREDOR.

Segui as instruções e peguei o caminho de pedra ao lado da casa. Quando

entrei no corredor, vi uma edificação pequena, que parecia ter sido uma garagem, embora não houvesse uma entrada de carro que levasse até ela.

A porta da edificação estava aberta e Mark trabalhava lá dentro, junto a uma serra circular, de costas para mim. Pensando que não seria boa ideia assustá-lo, esperei até ele desligar a máquina. Quando o fez, o silêncio se tornou quase ensurdecedor. Mark parecia saber que eu chegara, porque retirou os óculos de proteção antes mesmo de se virar para me ver.

— Vejo que me encontrou — resmungou ele, franzindo a testa.

— Segui o barulho — disse, sentindo-me completamente fora da minha zona de conforto. — Entendo que esta não é a melhor hora, e peço desculpas, mas não devo demorar.

Ele não concordou nem discordou. Simplesmente pegou o pedaço de compensado que cortara e o levou até sua bancada de trabalho.

Sem desanimar, eu o segui até sua área de trabalho.

— Há quanto tempo você conhece Spenser? — Eu havia apresentado os dois homens, — ou tentara, pelo menos, — antes de Mark me interromper.

— Nunca o tinha visto antes — murmurou ele, pegando uma plaina. Passou-a pela madeira algumas vezes e então colocou-a de lado.

Foi difícil não demonstrar surpresa. Aquilo não fazia nenhum sentido. Tudo bem, eu tentaria uma abordagem diferente.

— Por que você passou na pousada? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Isso não é resposta. Você devia ter um motivo. — Considerando como ele parecia ocupado naquele momento, o que quer que o tivesse levado à minha casa devia ser importante.

— Nenhum motivo.

— Nenhum motivo — repeti, ainda mais perplexa.

— Tudo bem, já que você quer saber. Eu tinha começado a trabalhar quando me veio uma sensação ruim que não queria ir embora.

— Sobre mim?

— É. E não fiquei muito feliz com isso.

Não precisava me dizer.

— Que tipo de sensação?

Ele parou e se virou para me encarar. Seu rosto todo estava franzido.

— Se eu pudesse explicar, explicaria. Mas não posso. Foi uma sensação... que me fez achar que você precisava de ajuda.

Fiquei tão perplexa quanto Mark parecia estar.

— Que eu precisava de você? Mas você mal me conhece.

— Esse é o problema, não acha? — disparou ele, que pareceu se arrepender do rompante. — Eu estava trabalhando e, de repente, você surgiu na minha cabeça. Isso aconteceu pouco tempo depois que aceitei o trabalho. Uma ideia me aparece e eu paro o que estou fazendo para anotá-la.

— Uma ideia sobre mim?

— Sobre o trabalho. Você queria que eu fizesse um novo letreiro para a pousada, não queria?

— Quería, e estou ansiosa para recebê-lo. Mas essa sensação que você teve não estava relacionada ao letreiro, não é? — Dava para dizer, por seu olhar e sua linguagem corporal, que ele não queria responder àquela pergunta.

— Não... eu fiquei pensando que você estava com algum tipo de problema.

— Problema?

— Ouça, eu não sou um cavaleiro querendo salvar uma donzela em perigo. Tentei ignorar essa sensação, mas quanto mais tentava, mais forte ela ficava, até que minhas opções eram ir até a pousada ou bater a cabeça na parede.

— Eu não estava em perigo — insisti.

— Talvez não, mas aquele homem, quem quer que fosse, tinha intenções pouco honestas com você.

— Como você pode dizer isso? — Embora Mark pudesse pensar que eu estava defendendo Spenser, não estava. Mark não ouvira nossa conversa, nem podia saber das intenções de Spenser que o levaram até a pousada. Ele não podia saber que o amigo de Paul me procurara para pedir dinheiro.

— Eu apenas sei. Acho que você veio até aqui esperando que eu me desculpe.

Eu ia corrigi-lo; tinha ido até ele em busca de informações, nada mais. Porém ele continuou sem me dar oportunidade de falar.

— Tudo bem. Eu lhe devo desculpas — admitiu ele de má vontade. — Foi ríspido e impaciente, mas acontece que eu estava bravo.

— Bravo com o quê?

Ele jogou as mãos para cima, como se trabalhasse numa pizzaria.

— É só isso, eu não sei. Dei uma olhada no seu amigo e tive que me segurar

para não enfiar a mão na cara dele. Eu não me sentia assim há muito tempo. Não sou de começar brigas, mas também não fujo delas.

A resposta dele me deixou ainda mais confusa.

— Tem certeza de que vocês dois nunca se encontraram?

— Certeza absoluta.

Dei a volta em dois cavaletes que ele tinha no meio da área de trabalho.

— O que você disse para ele?

Mark não respondeu de imediato, e, quando o fez, um vinco marcou sua testa.

— Ele me perguntou qual era minha relação com você.

Fiquei rígida. Spenser não tinha direito de fazer uma pergunta dessas.

— E você disse...?

— Eu lhe disse que não era da conta dele.

— Muito bem.

— Então ele disse que vocês dois estavam tendo uma conversa em particular, e que ele gostaria que eu fosse embora. — Mark pegou a plaina novamente. — Agora, se não se importa...

— Só mais algumas perguntas.

Ele olhou para mim e bufou.

— Vá em frente.

— O que convenceu Spenser a ir embora?

— Eu. Eu lhe disse para deixar você em paz e o aconselhei a não voltar mais... nunca. — Mark suspirou. — Eu provavelmente exagerei. Se você quer um pedido de desculpas, tudo bem, já consegui. Mas, se ele era um bom amigo, eu diria que você precisa de amigos melhores.

— Ele não é meu amigo. — E, francamente, tive ainda mais certeza de que ele também não fora amigo de Paul, apesar do que afirmara.

— Então, não houve problema. — Mark empunhou a plaina, aparentemente me dispensando.

— Não houve problema, mas...

— O que foi agora? — disse Mark, recolocando a plaina na bancada. Obviamente minhas perguntas o estavam perturbando, mas eu não me importava. Não ia deixar o assunto assim, pelo menos não totalmente.

— Eu vi Spenser há alguns minutos.

Mark se endireitou, parecendo ficar totalmente alerta. Estreitou os olhos e começou a andar na direção da porta.

— Ele estava de carro. Não estou cem por cento certa de que era ele, mas era o mesmo carro; mesmo modelo, mesma cor...

— Era ele.

Não perguntei como podia ter tanta certeza.

Mark deixou a plaina de lado e me encarou, seu rosto ficando ainda mais sombrio.

— Você sabe aonde ele foi depois de sair da pousada?

Eu balancei a cabeça. Francamente, não tinha ideia, e também não gostei do olhar acusador que Mark me lançou.

— Em que direção ele ia? — quis saber Mark.

— Ele estava na... — Eu não me lembrava do nome da rua. — “Tre” alguma coisa. Subindo a colina.

Mark relaxou.

— Indo na direção da via expressa?

Aquiesci.

— *Correndo* na direção da via expressa seria uma descrição mais exata.

— Tomara que seja multado — Mark riu, e pela primeira vez, desde que cheguei, senti um sorriso em sua voz.

Minha curiosidade não fora satisfeita. Na verdade, as respostas de Mark pareceram suscitar ainda mais questões. Mas eu já tinha abusado de sua hospitalidade.

— Eu disse que não iria me demorar e falei sério. Obrigada.

Ele deu de ombros e voltou para sua bancada. Pegou outra chapa de compensado, que carregou até a serra.

Eu o observei por alguns instantes, e quando Mark ligou a serra, levantando uma nuvem de serragem, virei para ir embora. Eu estava a poucos passos da porta quando a serra silenciou.

— Jo Marie — chamou Mark.

— Sim? — Virei-me para olhar para ele.

Ele estava de cara amarrada e coçava o lado da cabeça.

— Posso lhe perguntar uma coisa?

Após tê-lo interrogado com tantas perguntas, não me pareceu justo negar-lhe.

— Claro. Pode perguntar.

— Você pode me dizer quem é Paul?

Capítulo 18



— Precisamos nos reunir aos outros para que o ensaio possa começar — disse a mãe de Abby passando o braço pela cintura da filha. — Estou tão feliz! — Ela riu e a alegria pareceu borbulhar dentro dela como bolhas de champanhe. — Você não imagina como eu e seu pai esperamos por este dia.

— Eu acabei de conhecer a Victoria e já a adoro.

— Eu e seu pai também sentimos isso. Ela é perfeita para o Roger, simplesmente perfeita.

Elas saíram do presbitério e Abby imediatamente viu o pai. Ele também a viu e correu na direção dela, os braços esticados, o rosto brilhando de felicidade.

— Abby, querida.

Sua mãe a soltou e segundos depois Abby estava envolvida por um imenso abraço de urso.

— Estou tão feliz que você esteja aqui! — murmurou o pai contra seu cabelo.

— Não me lembro da última vez que a família toda esteve reunida, assim — disse a mãe.

— Só sei dizer que faz tempo demais — concordou o pai.

Abby sabia que a culpa era dela. Por anos ela evitara a família, inventando desculpas para não encontrar os pais. Mesmo assim, quando os via se sentia envolvida pelo amor deles. Protegida. Nenhum deles tocava no doloroso assunto da morte de Angela, mas Abby tinha a forte sensação de que, se alguém o fizesse, seus pais interviriam. Essa simples sensação fazia Abby sentir que um fardo enorme fora tirado de seus ombros.

Padre Murphy, o sacerdote mais idoso, que celebraria a cerimônia de casamento, entrou no vestibulo. Roger, Lonny e três padrinhos o acompanharam. Abby olhou despreocupadamente para os padrinhos. Provavelmente os conhecera em alguma ocasião. No fundo, esperava que Steve fosse ao casamento. Ela devia desculpas ao antigo colega do irmão pela forma como o tratara depois do acidente. Aparentemente, contudo, Roger e Steve não eram

mais tão próximos, porque Steve não estava ali. Depois, pensou Abby, ela perguntaria ao irmão sobre ele. Sem dúvida Steve estaria casado àquela altura...

Victoria e o restante do grupo do altar se juntaram aos outros. Houve mais provocações bem-humoradas entre as moças e Abby se viu sorrindo novamente. Ela permaneceu bem perto da mãe, mas logo percebeu que todas as atenções estavam em Roger e Victoria, como deveria mesmo ser.

Aos poucos Abby se sentiu envolvida pela alegria do acontecimento. Era muito bom fazer parte daquilo. Seu temor de voltar a Cedar Cove tinha sido uma tolice e um engano.

Como não tinha uma função na cerimônia, foi sentar-se em um banco e esperou enquanto o padre Murphy dava orientações às pessoas que ficariam no altar.

Enquanto o sacerdote falava com Roger e Victoria, a mãe de Abby sentou-se ao lado da filha.

— Você não vai acreditar no que seu pai fez — ela se inclinou e sussurrou na orelha de Abby.

Linda Kincaid parecia uma adolescente contando fofocas na escola.

— O que o papai fez? — perguntou Abby.

— Ele comprou um terno novo para o casamento.

— O papai?

Sua mãe cobriu a boca com a mão.

— Eu disse para ele que era melhor experimentar o terno velho e, bem, você conhece seu pai. Ele insistiu que o terno estava perfeito, e que não ia gastar dinheiro sem necessidade.

— Esse é meu pai.

— Bem, ele vestiu o terno só para provar que estava certo, mas o paletó ficou justo nos ombros.

— Papai engordou? — Aquilo era uma surpresa; seu pai não parecia ter ganhado nem um quilo. Ele era uma daquelas pessoas sortudas cujo peso nunca variava. Infelizmente, ela não herdara o metabolismo dele.

— Os ombros dele estão maiores — admitiu a mãe. — Ele tem jogado muito golfe, e acho que seus músculos cresceram de tanto dar tacadas.

— Achei mesmo que os ombros dele pareciam mais largos.

Linda riu de novo.

— Então fale isso para seu pai. Ele vai ao campo de golfe de duas a três vezes por semana.

— O papai? — admirou-se Abby.

— Pois é, e ele adora. Ele jura que está na melhor forma física de toda a vida.

— E está bronzeado, também.

A mãe passou o braço pelo de Abby.

— Estamos adorando a aposentadoria.

— Parece que estão, mesmo.

— Eu bem que gostaria que você viesse nos ver mais vezes — disse a mãe, suspirando.

Aquele era um pedido constante.

— Vocês não se arrependem de ter saído de Washington? — perguntou Abby, tentando mudar o foco da conversa.

— Se nos arrependemos de nos aposentar cedo? — repetiu Linda, como se a pergunta fosse maluca. — Querida, foi uma das decisões mais inteligentes que tomamos.

— Mas todos os seus amigos estão aqui.

— Nós fizemos outros. Meu Deus, seu pai e eu temos tantos amigos que mal conseguimos ficar uma noite em casa. Seu pai está pensando em ficar sócio do clube de campo.

— Papai? — Abby achou difícil de acreditar. Seu pai fora um trabalhador de chão de fábrica no estaleiro. Golfe, roupas novas, clube de campo... aquele não era o comportamento de que Abby se lembrava.

— E sabe do que mais?

— Tem mais ainda? — espantou-se Abby.

Linda sinalizou que sim com a cabeça.

— Seu pai quer que eu também jogue golfe.

— E você vai jogar?

— Ah, eu não sei... não sou muito boa nessas coisas.

— Você deveria tentar, mãe — Abby sabia que a mãe gostava de bordar e de participar de um clube do livro. Ela também era excelente cozinheira. Mas não era uma esportista, com uma exceção; quando viviam em Cedar Cove Linda

participara de um grupo de *Jazznástica*.

— Você acha, sinceramente, que eu posso aprender a jogar golfe? — perguntou a mãe.

— Você não vai saber até tentar.

A mãe pensou no conselho de Abby e então balançou a cabeça lentamente.

— Tem razão. Eu deveria fazer umas aulas. Seu pai até se ofereceu para me comprar um conjunto de tacos.

Abby sorriu para a mãe. Seus pais pareciam felizes de verdade. Mesmo que tivessem se mudado de Cedar Cove para fugir das fofocas e críticas, a mudança fora obviamente positiva.

— Ah... Ah, meu Deus, fiquei tão perdida falando do seu pai jogado golfe que me esqueci da melhor parte.

— Fale logo — pediu Abby.

— Fui com seu pai escolher o terno novo e... — Ela fez uma pausa e olhou em volta, para ver se Tom não estava perto o bastante para ouvir a conversa. Quando continuou a falar, ela baixou a voz. — Ele comprou *dois* ternos novos.

— Dois? — Em toda a sua vida Abby nunca vira seu pai entrar em uma loja de departamentos.

Sua mãe cobriu a boca de novo, como se tentasse abafar risadas.

— E uma jaqueta esportiva também.

— Ah, mãe, isso é demais. — Abby também sentiu vontade de rir.

— Opa, está na minha vez. — Sua mãe se levantou do banco e se aproximou do Padre Murphy. — Sou eu. Eu sou a mãe do noivo — Abby viu a mãe anunciar.

Enquanto sua mãe e seu pai estavam ocupados com o ensaio, Abby assistiu aos trabalhos. Roger esperava no altar à medida que Victoria desfilava pelo corredor central de braço dado com o pai. Pai e filha riam e brincavam entre si ao longo do corredor.

Alguns anos depois do acidente, quando suas amigas de Ensino Médio começaram a se casar, Abby fora convidada a ser madrinha em dois casamentos. Nas duas vezes ela recusara, porque aquilo significava ter que voltar a Cedar Cove. Como morava na Flórida, era fácil arrumar uma desculpa. Enviara generosos presentes e a coisa tinha ficado por isso mesmo. Cartões de natal e comunicados de nascimento se seguiram. Abby também os ignorara, optando por esquecer sua vida antiga e se concentrar na nova, uma vida em que

ninguém sabia de Angela e do acidente. Uma vida livre de culpa, especulação e pena.

Ela foi ficando à vontade na Flórida. Sua vida não era complicada pelo peso do passado. Sumira a jovem despreocupada que havia tirado uma noite para se divertir com a melhor amiga durante a semana do Natal. Num instante sua vida mudara para sempre em um trecho de estrada congelada. A jovem se transformara abruptamente na mulher reservada que guardava seus segredos para si mesma.

Abby ficou encantada com o ensaio, e se pegou sorrindo sozinha diversas vezes. Felicidade irrestrita era algo estranho para ela. Alegria tornara-se um bem raro para alguém que não merecia contentamento. Como ela poderia ser feliz? Como ela poderia rir com a melhor amiga enterrada? Principalmente porque fora Abby quem a colocara sob a terra.

— Posso me sentar com você?

Abby estremeceu, abandonando seus pensamentos, e voltou a atenção para o homem que se sentou ao seu lado.

— Ah... claro.

— Meu nome é Scott — disse ele, estendendo a mão.

— Abby Kincaid.

Ele pareceu surpreso, por algum motivo que ela não sabia.

— Você é a irmã do Roger, certo?

— Certo.

— A que vive na Flórida?

Ela sorriu e relaxou.

— Ele só tem uma irmã.

— Entendi.

— Você é parente da Victoria? — perguntou Abby.

— Na verdade, não. Sou um dos padrinhos. Conheci seu irmão em Seattle, depois da faculdade. Nós jogamos basquete juntos.

Abby desviou o olhar de Scott para o altar.

— Você não deveria estar lá, com o restante do povo do altar?

— Provavelmente. Mas já estive em tantos casamentos que sei o que fazer. Você pareceu tão sozinha aqui que pensei em lhe fazer companhia. — Ele relaxou no assento e estendeu o braço pelo encosto do banco.

— Scott — disse Abby lentamente, esticando o nome dele. — Você está me paquerando?

Ele sorriu e seus olhos brilharam, divertidos.

— Eu diria que sim.

— Estou envaidecida, mas...

O ensaio foi interrompido e Roger reparou, pela primeira vez, que estava faltando um dos padrinhos. Balançando a cabeça, caminhou até Abby e Scott.

— O Scott está incomodando você, irmãzinha?

— Eu? — Scott colocou a mão sobre o peito e fez um olhar de pura inocência para Roger. — Ela estava piscando para mim.

— É óbvio que eu não fiz isso. — E então ela soltou uma gargalhada. — Piscando?

— Estava, sim — insistiu Scott. — Eu olhei para cá e vi você, tão sozinha, que pensei “Scott, a mulher mais bonita do lugar precisa de você”.

— Minha irmã é realmente linda, mas a mulher mais bonita de qualquer casamento é sempre a noiva — pregou Roger —, principalmente neste caso.

— Certo — concordou Scott —, mas Victoria obviamente não está interessada em mim.

— Espero que não — concordou Roger, rindo.

— Então — explicou Scott, com lógica perfeita — isso me deixa sua irmã, e eu resolvi marcar o território antes que algum desses palhaços tomasse a iniciativa.

Roger balançou a cabeça.

— Acho que Abby não está interessada, Scott. Na verdade, acredito que outra pessoa tem preferência.

— Outra pessoa? — perguntou Abby.

Roger tocou sua mão.

— Espere um pouco, mana. Tenho uma surpresinha para você.

— O que me deixa no vácuo — disse Scott, pesaroso.

— Sinto muito, Scott — disse Roger, sem o menor remorso.

— Frustrado novamente.

Abby e Roger riram.

Scott era, evidentemente, um paquerador, e ela estava certa de que Roger dissera que outra pessoa tinha preferência para impedir que o amigo desse em cima dela.

Seus pais se aproximaram e Abby se levantou.

— Você precisa de uma carona para o restaurante, querida? — perguntou o pai.

Antes que ela pudesse dizer que tinha alugado um carro, Scott se adiantou.

— Ela pode ir comigo.

O pai de Abby arqueou as sobrancelhas.

— Na verdade, estou de carro, mas agradeço aos dois — disse ela.

Seus pais dirigiram-se para a saída da igreja enquanto Abby abaixava-se para pegar a bolsa.

Scott, obstinado, permaneceu perto de Abby.

— Você podia ir comigo, e depois eu trago você para pegar seu carro após o jantar — sugeriu ele enquanto caminhavam para fora da igreja.

— Isso me parece um esforço desnecessário.

— Talvez, mas os poucos minutos a sós com você fariam esse esforço valer a pena.

Abby balançou a cabeça, divertida e lisonjeada.

— Você é bom de bico, sabia?

— Assim você me mata — disse ele, colocando as mãos sobre o coração. — Então não vai comigo?

— Obrigada pela oferta, mas acho que vou sair mais cedo do jantar.

— Comigo? — Os olhos dele se acenderam.

— Não. O dia foi longo e estou exausta.

Scott soltou um suspiro exagerado.

— Já que é assim...

— É assim — insistiu ela.

Os dois caminharam lado a lado até o estacionamento. Mas Abby não se deixou enganar. Scott era um paquerador casual demais para que ela o levasse a sério. Apesar disso, não conseguia se lembrar de uma noite mais divertida... e as festividades estavam apenas começando.



Michelle colocou na lavadora a louça que sujaram durante o simples jantar enquanto Josh limpava as bancadas da cozinha. Richard conseguira engolir algumas colheres de sopa enquanto Michelle e Josh estavam com ele.

A companhia de Michelle lembrou a Josh como era estar com a mãe na cozinha, quando ele era novo. Ela tornava divertidas até as tarefas mais comuns. Eles costumavam cantar músicas bobas enquanto lavavam a louça do jantar. Ela nunca havia tido uma lavadora até se casar com Richard. Em vez disso, Josh lavava os pratos, e ele gostava tanto das músicas e de simplesmente estar com a mãe que não se importava em esfregar tigelas e panelas.

O tempo que passava na cozinha com a mãe era especial. Ela o deixava misturar ingredientes e mexer as panelas. Em algumas ocasiões, os dois fizeram biscoitos juntos. Aqueles bons momentos com a mãe foram memórias às quais ele se apegara ao longo dos anos. Lembrava-se de como a mãe falava com ele enquanto trabalhavam juntos; como o elogiava e encorajava. De acordo com a mãe, Josh possuía uma inteligência brilhante, e seria capaz de realizar aquilo que quisesse em sua vida. Mas ela nunca deixara de acrescentar que ele tinha que criar suas próprias oportunidades.

Aqueles anos com ela foram os mais felizes de sua vida.

À noite eles se sentavam juntos à mesa enquanto Josh fazia a lição de casa. Ela supervisionava seus estudos e, como o fazia acreditar que era inteligente, ele sempre ia bem na escola. No seu ponto de vista, a vida dos dois era idílica até a mãe conhecer Richard.

Não tinha sido tão ruim quando a mãe e Richard começaram a namorar. Josh e Dylan se deram bem e Josh achou que seria muito bom ter um irmão. Quando Richard propôs casamento, sua mãe discutiu a decisão com Josh. Ele pensou que tudo continuaria como antes e que eles formariam uma família.

— Você parece pensativo — comentou Michelle ao fechar a lavadora e apertar o botão para começar o ciclo de lavagem.

— Estava pensando na minha mãe. — Ele ainda sentia falta dela e sabia que

Richard também. Apesar de todas as suas falhas e deficiências, Josh não podia negar uma coisa: Richard amara sua mãe.

— Eu me lembro de Teresa. — Michelle puxou uma cadeira e se sentou, como se sentisse o peso da tristeza de Josh pela morte da mãe. — Ela sempre foi uma pessoa alegre, satisfeita. Mesmo depois que foi diagnosticada com câncer, nunca deixou de ser animada e positiva.

— Ela era uma eterna otimista — lembrou Josh com carinho. O céu estava sempre azul e o sol quente e brilhante aos olhos da mãe. A vida era um presente para ser celebrado; cada dia uma nova aventura.

Josh e a mãe tinham problemas financeiros antes de ela se casar com Richard, mas Josh nunca se achou pobre. Ele não ganhava todos os brinquedos que queria, mas um ou dois presentes sob a árvore de Natal eram mais que suficientes.

— Vou ver como está o Richard — disse Michelle.

— Pode deixar comigo — ofereceu Josh. — Eu estou de pé.

Antes que ele fosse, Michelle o interrompeu com uma pergunta.

— Alguma vez você contou para sua mãe como Richard o tratava?

Josh balançou a cabeça. Na verdade, sempre achara que não devia. Pela primeira vez na vida, a mãe estava feliz. Ela amava Richard e trabalhava duro para tornar o lar acolhedor para o marido e seu filho. Ela se orgulhava de manter a casa arrumada e preparar refeições saudáveis e apetitosas.

— Não, nunca.

Michele franziu a testa.

— Por que não?

Fora grande a tentação de correr para a mãe, principalmente nos primeiros anos de seu segundo casamento. O problema é que era difícil isolar as agressões verbais, principalmente porque o comportamento de Richard era passivo-agressivo. Josh temia parecer um bebê chorão se reclamasse para a mãe que Richard pegara Dylan na escola, mas o deixara para trás, fazendo-o andar sozinho até a casa. Se ele reclamasse, Richard diria simplesmente que não vira Josh, ou inventaria outra desculpa esfarrapada.

— Josh — suspirou Michelle. — Não entendo você.

— O que há para entender? — perguntou ele.

Depois de um tempo, as mudanças na mãe ficaram mais evidentes para Josh. Ela estava genuinamente feliz. Ela amava Richard e Dylan e, o mais importante,

eles a amavam. Certo, aquilo significava compartilhar a mãe com outras duas pessoas. Ainda que isso pudesse ser motivo de preocupação, Josh não se importava, porque ela merecia ser feliz.

Ela cantarolava ao preparar sobremesas complicadas, plantava flores e voltara a bordar, coisas que tinha parado de fazer por causa do dinheiro curto. Richard e Dylan tinham vivido sem a influência de uma mulher durante anos, e os pequenos toques femininos que Teresa introduziu na vida deles também fizeram diferença. Josh reconhecia isso, de modo que preferira não dizer nada.

— Minha mãe estava feliz — disse ele após uma longa pausa. — Richard a fazia feliz.

Michelle pareceu enxergá-lo com outros olhos.

— Você era mais sábio e maduro do que era de se supor, pela idade.

Se aquilo fosse verdade, Josh tinha que agradecer à mãe. Fora ela que o criara e instilara nele a noção de honra.

Josh andou pelo corredor até o quarto do padraсто. Esforçou-se para andar fazendo o mínimo de barulho possível ao se aproximar. Após o jantar tinham lhe dado o remédio prescrito para dor e Richard fora direto para a cama. Em poucos minutos estava dormindo.

A porta do quarto rangeu quando Josh a abriu. Ele hesitou, com receio de acordar o padraсто.

— Não morri ainda, se é por isso que veio.

Josh entrou no quarto e acendeu a luz. Richard estava com a cabeça erguida por dois travesseiros.

— Acho que você vai viver mais dez anos só para me provocar — disse Josh.

— Bem que eu devia.

— Não deixe que eu o impeça. Você precisa de algo?

Richard se sentou e encarou Josh.

— Nada que você possa me dar. O que está fazendo aqui?

— Vim ver se você está bem.

Richard bufou e balançou a cabeça.

— Você queria me roubar, não é? Foi o que fez no passado, então por que devo confiar em você agora?

Por um instante os antigos ressentimentos se acenderam e ele respondeu bruscamente.

— Você sabe tão bem quanto eu que eu não roubei aquele dinheiro.

— Você mentiu para mim há doze anos, do mesmo jeito que está mentindo agora — disparou Richard.

Josh percebeu que a discussão cansara rapidamente o velho. Um travesseiro caiu da cama no carpete. Josh entrou no quarto e o pegou do chão.

— Você quer o travesseiro nas costas? — perguntou.

Richard hesitou e então aquiesceu.

Josh posicionou o travesseiro e enquanto estava lá endireitou os cobertores e alisou a colcha tricotada pela mãe no pé da cama.

— Obrigado.

Primeiro Josh teve certeza de que tinha entendido mal. Richard tinha mesmo lhe agradecido?

— Não tem de quê — respondeu.

Richard soltou o ar lentamente, como se tivesse dificuldade para respirar.

Josh começou a sair e estava para perguntar se Richard queria a luz acesa ou apagada. Mas, antes disso, parou junto ao pé da cama.

— Eu estava conversando com a Michelle agora mesmo e, bem, não importa o que nos levou a esta situação, mas eu quero lhe dizer uma coisa.

— Eu não quero ouvir — disparou Richard. — Estou cansado, me deixe em paz. Agora saia daqui antes que eu...

Josh ignorou o ataque e falou por cima do padrasto:

— Eu quero lhe agradecer por ter feito minha mãe feliz.

— Ah, eu... — Richard parou de falar repentinamente. — O que você disse?

Josh tinha certeza de que o padrasto o ouvira.

— Minha mãe estava feliz casada com você... talvez pela primeira vez desde que eu nasci. Você a fazia feliz.

Richard olhou como se não quisesse acreditar no que acabara de ouvir.

Josh continuou.

— Eu queria lhe agradecer por ter lhe dado essa alegria. Deus sabe que ela merecia.

— Sua mãe era uma boa mulher.

— Você foi bom para ela — admitiu Josh — principalmente no fim da vida

dela. — Richard cuidara bem de Teresa, e por isso Josh sempre lhe seria grato. Seu padrasto dera ânimo e apoio a sua mãe, e, nos últimos dias de sua vida, ele simplesmente ficava sentado ao lado da cama, segurando a mão da esposa. Josh também estava lá — do outro lado da cama. Ele queria ficar perto dela o máximo de tempo possível, e temia o que aconteceria com ele depois que ela se fosse.

Para seu espanto, os olhos de Richard se encheram de lágrimas.

— Eu amava Teresa.

— Eu sei.

— Ela foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida e na de Dylan.

— E na minha, também — acrescentou Josh.

Lágrimas corriam pelo rosto do velho.

— Você... você era muito parecido com sua mãe — sussurrou Richard. — Eu não conseguia olhar para você sem me lembrar de tudo que eu tinha perdido.

Josh nunca pensara nisso; que, para o padrasto, vê-lo era uma lembrança constante de tudo que ele perdera.

— Quando ela morreu... — Richard não conseguiu continuar. — Eu pensei... e então perdi Dylan também.

— Eu sei — murmurou Josh.

— Não, você não sabe — retrucou bruscamente Richard. — Não tem como você saber o que esse tipo de tristeza faz com um homem.

Provavelmente ele tinha razão. Josh não tinha ideia do que era perder um filho. Ele achava que Deus não podia pedir mais a um pai do que a vida de seus filhos. Richard perdera duas esposas e seu único filho; ele era revoltado e amargo, mas tinha direito a essas emoções.

— Eu não quero mais viver — murmurou o padrasto.

Josh lutou para encontrar palavras.

— Não tenho mais nada pelo que viver — disse Richard.

— Sinto muito — respondeu Josh.

— Não, você não sente. A situação não poderia ser melhor para você. Bem, eu tenho uma novidade para lhe contar. Você não vai ganhar nada de mim. Nem um centavo. Você roubou aquele dinheiro, e naquele dia excluí você do meu testamento. Eu me recuso a deixar qualquer coisa para um enteado ladrão.

— Para mim está ótimo — garantiu-lhe Josh, saindo do quarto e deixando a

porta entreaberta.

— Volte aqui. Ainda não terminei de falar o que eu queria — gritou Richard, sua voz penosamente fraca.

Josh fingiu não ouvir. Ele andava na direção da cozinha quando Michelle o deteve.

— Você está bem?

Ele assentiu.

— Ele não está falando sério — disse Michelle.

— Eu sei — e Josh sabia, mesmo. — Richard perdeu tudo que sempre lhe importou.

— E deu as costas ao que restou, porque tem medo de perder isso também.

Josh queria acreditar que Richard realmente se importava com ele, mas o passado provava o contrário.

Michelle colocou uma mão reconfortante em seu braço e Josh a puxou para si. Ela era calorosa e aconchegante, e, após enfrentar a amargura e a tristeza de seu padrasto, Josh precisava da bondade e da beleza dela para apagar o ódio do velho.

Ela ergueu os lábios para ele que, incapaz de resistir, beijou-a repetidas vezes, aceitando a doçura e o conforto que Michelle lhe oferecia.



Eu comecei a tricotar após saber o que acontecera com Paul. Uma amiga, Judith Knight, tinha me dito que isso ajudaria no processo de luto. Na época eu estava tão desesperada que me dispus a tentar qualquer coisa que pudesse diminuir aquela dor horrenda. Se aprender a tricotar ajudasse, eu ficaria de cabeça para baixo no meio da rua para aprender. Voltando para casa do trabalho, num fim de tarde, parei em uma loja no centro de Seattle e me inscrevi em um curso para iniciantes.

Sofrendo como eu estava, meu nível de frustração era cerca de dez vezes maior que o normal. Eu quis desistir, jogar a toalha — se me perdoar o clichê —, inúmeras vezes, mas com o incentivo de Judith e da minha professora, continuei. E fico feliz por ter continuado. Embora eu faça tricô há menos de um ano, sou destemida para estabelecer meus projetos, e estou disposta a tentar qualquer padrão. Já bordei meias, um chapéu, fiz aulas avançadas e recentemente comprei lã para fazer um xale de renda.

O surpreendente é que o tricô realmente me ajudou. Mas estive tão ocupada com a mudança, com minha transição de Seattle para Cedar Cove, que não pegava minhas agulhas há semanas. Aquilo não era do meu feitio; eu me tornara viciada em tricô. Viciada no pequeno consolo que sentia quando eu me concentrava em criar algo lindo.

A ação repetitiva de passar a lã ao redor da agulha, um ponto de cada vez, trazia-me conforto de uma forma que é difícil de explicar. Descobri que, quando me sentava para tricotar, conseguia desviar meus pensamentos do vazio que sentia após perder Paul. Ainda assim... ainda assim em muitas noites as lágrimas me borravam a visão e tudo em que eu conseguia pensar era Paul. Apesar de tudo, descobri que o consolo vinha com cada ponto.

Minha cabeça estava pesada com os acontecimentos daquela tarde e sexta-feira. Percebi que o tricô me ajudaria a entender o que acontecera e me daria uma chance de recuperar o fôlego. Eu estivera ocupada desde o momento em que pus os pés no chão naquela manhã.

Eu me sentia grata por ter conhecido Peggy Beldo e Corrie McAfee. Embora ainda não conhecesse bem nenhuma das duas, tinha a sensação de que, com o tempo, as duas se tornariam amigas.

Sentada à frente da lareira, peguei meu projeto de tricô do momento. Eu quase sempre desenvolvo três ao mesmo tempo. Meias eram projetos fáceis para mim, o que é bom, pois descobri que fico inquieta se minhas mãos ficam ociosas por muito tempo.

Eu praticamente não tenho paciência. Não costumava ser assim, mas desde que perdi Paul não consigo ficar sentada quieta por longos períodos. É a espera que me perturba; não aguento a imobilidade, o silêncio da inatividade. Tricotar me ajuda a lidar com esse aspecto completamente despropositado da minha personalidade. Se o dentista está atrasado e sou obrigada a aguardar sentada por vários minutos, ter um pequeno projeto de tricô me ajuda muito.

O xale com delicado padrão de renda exigia concentração absoluta. Eu tinha escolhido uma bela alpaca azul. Às vezes parecia que eu tricotava com uma teia de aranha. O trabalho estava ficando lindo. Naquela noite eu iria trabalhar na colcha.

Eu estava tricotando uma em tons de marrom, laranja e amarelo para ficar na cama de um dos quartos. Esse era um projeto muito maior e mais complicado. Como já tinha memorizado o padrão repetido de dez fileiras, podia pegar a colcha a qualquer momento para trabalhar. Dez fileiras demoravam cerca de uma hora, o que era perfeito. Eu sabia que, quando me sentava, precisaria de pelo menos sessenta minutos.

Depois que comecei a tricotar, minha cabeça se voltou para os eventos daquela tarde. Mark Taylor era um enigma. Embora já o tivesse visto três vezes, eu ainda não sabia bem o que achava dele. Ele era impertinente, irreverente e irritadiço. Não soubera explicar por que aparecera daquela forma, naquele momento e por que sentira uma aversão instantânea e profunda por Spenser.

Meus dedos puxavam a lã, soltando-a do novelo enquanto continuava meu tricô, as ideias fluindo tão rapidamente quanto minhas agulhas.

Os dois hóspedes estavam fora naquela noite e tinham me dito que não os esperasse para jantar. Não ter que trabalhar na cozinha me dava tempo livre. Para o meu jantar fora suficiente um sanduíche de queijo quente. Depois de tudo que fiz e do tanto que andei naquela tarde, eu deveria ter mais apetite, mas não tinha.

Quanto aos meus hóspedes, estava surpresa por vê-los tão pouco. Com Josh era até compreensível; ele mencionara brevemente que viera para Cedar Cove porque seu padrasto estava muito doente. Eu esperava que tudo estivesse o

melhor possível com ele.

Já Abby me dissera que estava na cidade para o casamento do irmão, mas casamentos são ocasiões felizes, o que não explicava por que ela chorava na tarde em que chegara.

Os dois tinham voltado com fardos nas costas a Cedar Cove, seu antigo lar. Mas eu mesma carregava vários. Percebi que cada um de nós leva sua carga, alguns mais que outros. Algumas pessoas ficam tão acostumadas ao peso extra que parecem não ter mais consciência dessa bagagem. Senti um impulso de ajudar meus hóspedes, mas não tinha certeza se e como poderia ajudá-los — ou mesmo se deveria tentar. Talvez eles tivessem vindo à Pousada Rose Harbor para poderem me ajudar.

A colcha estava pela metade, e seu peso sobre minhas pernas me aquecia. O quarto também era aquecido pela lareira, e eu me sentia tão confortável e sonolenta que algumas vezes tive que espantar o sono. Seria ridículo ir para a cama tão cedo. O relógio antigo no vestibulo dizia que ainda nem eram sete e meia. Céus. Para eu estar sonolenta assim tão cedo, o dia devia ter sido mais cansativo do que eu pensava.

Terminei a fileira e deixei as mãos descansarem sobre as pernas, decidida a fechar um pouco os olhos e descansar... só alguns minutos... uns minutinhos apenas. Quase imediatamente pude me sentir entrando num estado de semissono.

Então aconteceu, pela segunda vez desde que me mudara para a pousada.

Senti a presença de Paul e fui envolvida pelas lembranças da primeira vez que nos encontramos. Tinha sido em um jogo de futebol do Seattle Seahawk Paul estava no assento ao meu lado, e a primeira coisa que reparei nele foi seu sorriso, que não vinha tanto de sua boca como de seus olhos, que eram de um atraente tom de azul. Grandes olhos azuis. Grande sorriso.

— Você vem a todos os jogos? — perguntou ele quando lhe passei a cerveja que o vendedor me entregara.

— Bem que eu gostaria — respondi —, mas não, infelizmente. Eu assisto na TV.

— Eu também.

De imediato o futebol nos uniu. Durante o jogo todo nós conversamos, torcemos e resmungamos. Eu tinha ido com um casal, os Anderson. Sem Paul eu teria sobrado.

Os Seahawks ganharam o jogo. Quando nos levantamos para sair da arquibancada, os Anderson me agradeciam efusivamente por tê-los levado ao jogo. Aquiesci e estava para sair quando Paul me deteve com uma mão no meu

ombro.

— Quer tomar uma cerveja comigo? — sugeriu ele.

Fiquei tentada, muito tentada, mas por uma fração de segundo hesitei. Após uma série de decepções, eu praticamente desistira de relacionamentos. Para ser sincera, achava que não tinha mais energia para aquilo. Já descobrira que Paul era militar e que ficaria naquela região por pouco tempo. Eu não queria me envolver em algo que estava destinado a acabar rapidamente.

Refletindo agora, e mesmo sabendo que eu o perderia junto com meu coração, fico feliz por ter lhe dito sim naquela tarde.

Nós conversamos por três horas naquela primeira noite. Três horas inteiras. Nossa ligação foi forte desde o começo. Tínhamos quase a mesma idade, nenhum dos dois fora casado, cada um por seus motivos. Paul estava casado, basicamente, com o Exército.

Meus motivos eram completamente diferentes. Eu tinha namorado bastante, mas nunca havia me apaixonado perdidamente, e não queria me acomodar em uma relação morna.

Meus pais diziam que eu era exigente, e talvez fosse mesmo. No meu segundo encontro com Paul percebi o que me impedira de ir adiante nos outros relacionamentos.

Eu estava esperando por Paul.

No fundo eu sabia que, quando fosse o momento certo, conheceria o homem que estava destinada a amar pelo resto de minha vida. No entanto eu quase desistira.

Meio dormindo, lembrei-me da pergunta de Mark, mais cedo naquele dia, quando ele quis saber quem era Paul. Essa pergunta me abalara. Não me lembrava do que e se respondera. E agora Paul estava comigo.

Eu envie Mark, ele parecia dizer.

Spenser não é amigo. Ele teve uma baixa desonrosa antes de embarcarmos para o Afeganistão. Eu devia ter lhe contado, mas pensei que nenhum de nós jamais o veria novamente.

Spenser não fora ao Afeganistão. Ele mentira para tentar me enganar.

Então Paul enviara Mark para me proteger? Ele tinha dito que havia sentido um impulso para correr até a pousada, sem conseguir entender por quê. O próprio Mark tinha admitido que tentara ignorar aquela sensação, mas não conseguira. Ele não estava muito feliz de ir até a pousada... o que ficou bem claro.

Quis perguntar a Paul por que, dentre todas as pessoas, ele enviara Mark. Muitas outras poderiam ter feito o mesmo. Corrie McAfee, por exemplo. Casada com um investigador particular, ela poderia ter dado uma corrida no Spenser.

Assim como senti a presença de Paul, senti sua partida. Ele esteve comigo por uns poucos segundos. Eu quis chorar e implorar-lhe que voltasse, mas intuitivamente percebi que era inútil. Tê-lo comigo, ainda que brevemente, era o bastante.

Tricotei por mais uma hora, contente com a visita de Paul. Enquanto meus dedos trabalhavam no padrão de dez fileiras, imaginei o motivo da visita de meu marido. Por que ele não aparecera quando a dor era pior? Por que ele esperara até eu estar em Cedar Cove?

Quem sabe ele havia me visitado em outras ocasiões, mas eu ainda estava muito triste e sofrendo demais para sentir sua presença. Pensando bem, talvez fosse a pousada, esse lugar especial, o porto que eu encontrara, que ligava todos os pontos e permitia que nós nos encontrássemos.

Ainda era relativamente cedo quando pus o tricô de lado. Enchi a banheira de água quente e entrei, desfrutando do banho de espuma com aroma de alfazema e do meu sabonete especial. Quando entrei na cama, os lençóis estavam frios em contato com a minha pele.

Peguei o livro que estava lendo, afofei os travesseiros e li até depois das dez. Aparentemente, meus hóspedes ficariam fora até tarde.

Depois que recebi a notícia da morte de Paul, não consegui mais dormir. Eu adormecia facilmente, para acordar agitada, dormindo com sobressaltos pelo resto da noite. Após um mês assim eu estava perto de um colapso mental e emocional. Todas as manhãs eu levantava com os olhos ardendo e sentindo o estômago embrulhado pela falta de sono. Embora odiasse a ideia, comecei a tomar remédios para dormir.

Naquela noite, após meu sonho com Paul, não tomei remédio. Finalmente senti que poderia me livrar do remédio. E dormi melhor do que em qualquer outra noite desde que perdera meu marido.

Acordei na manhã seguinte me sentindo renovada e ansiosa para enfrentar o dia. Ainda fiquei na cama por vários minutos, agradavelmente surpresa por quão bem eu dormira. Agradei por Paul ter me visitado, ainda que brevemente.

Como ainda era cedo, coloquei uma roupa quente e caminhei até a padaria para pegar meu pedido de pãezinhos doces. O aroma era divino, e ainda estavam quentes. Eu daria um jeito de servi-los quentes.

Quando voltei à pousada, Abby estava de pé e vestida.

Ela me lançou um olhar culpado quando passei pela porta.

— Bom dia — cumprimentei-a alegremente.

— Espero que não se importe; eu me servi de uma xícara de café.

— Fique à vontade. É para isso que o café está aí. — Depois que depusitei o pacote no balcão da cozinha, tirei o casaco, que pendurei no gancho do vestíbulo, e me juntei a Abby na cozinha.

— Desculpe eu não estar acordada quando você voltou, noite passada. Como foram as coisas? — Eu esperava não estar fazendo perguntas inoportunas. Não era da minha conta, mas não consegui controlar a curiosidade.

— Foi tudo ótimo — disse Abby. — Muito melhor do que eu ousava esperar.

— Encontrou todo mundo na festa de casamento?

— Encontrei. Meus pais chegaram sem enfrentar nenhum problema. E muitos dos meus tios e tias também estão na cidade. É a maior reunião familiar que fazemos em anos, pelo que me lembro. Roger está tão feliz, e Victoria é a companheira perfeita para ele.

— Que ótimo!

Abby continuou na cozinha, com o ombro encostado no batente da porta e tornozelos cruzados, aparentemente sem pressa de voltar para o quarto.

Abri a geladeira e tirei a rabanada que tinha preparado na noite anterior e planejava assar naquela manhã. Salpiquei frutas congeladas por cima e coloquei-as sobre o fogão enquanto esperava o forno aquecer. Eu também planejava fazer ovos mexidos.

Quando abri a porta do forno, reparei que Abby continuava na cozinha. Ela olhava para o nada, aparentemente perdida em seus pensamentos. Quando o alarme me avisou de que o forno estava no ponto, coloquei a assadeira lá dentro e fechei a porta.

Fiquei em dúvida se deveria fazer perguntas muito específicas para Abby.

— Está tudo bem? — perguntei, mantendo a voz baixa e suave.

Imediatamente Abby abriu um sorriso.

— Está tudo bem, sim... melhor do que eu esperava. — Mas ela não explicou o que estava melhor.

— Nós fugimos de cada bobagem, não é? — A pergunta escapou antes que eu pudesse censurá-la. Não conseguia imaginar o que me fizera dizer algo assim.

Porém Abby levou a pergunta a sério e balançou a cabeça.

— Fugimos; realmente fugimos. — O olhar pensativo voltara. — Meus pais estão felizes. Eu não esperava por isso. Eu pensei... — Ela parou e sorriu. — Eles estão felizes, e isso também me deixa feliz.

Não entendi por que a felicidade dos pais deveria ser um choque. Mas considerando como minha boca gostava de se adiantar ao cérebro, decidi que seria melhor não perguntar.

— É bom ver que as pessoas com quem nos preocupamos estão bem, não acha? — perguntei.

Pela expressão de Abby percebi que ela não processara minha pergunta, o que não era um problema. Eu não precisava de uma resposta.

— Eu teria dado qualquer coisa para evitar este casamento — soltou ela, como se não tivesse percebido que falara em voz alta.

— Você não queria vir ao casamento do seu irmão?

— Ah, não. Eu queria muito. O que eu não queria era voltar a Cedar Cove.

Esperei pela explicação dela.

— Eu tinha tanta certeza de que seria um desastre... talvez ainda possa ser, mas duvido. Minha família vai me apoiar.

— Ótimo.

— Minha família — ela prosseguiu, e mais uma vez achei que ela não percebeu ter falado em voz alta. Saindo de seu transe, ela olhou para mim e sorriu. — Eu estava com tanto medo, e não tinha motivo para isso. Se tivesse enfrentado meus demônios antes, teria me poupado de muita dor.

— Então você acha que voltar para Cedar Cove, para o casamento, foi o melhor a fazer? — fiz a pergunta mesmo já sabendo a resposta.

— Foi — confirmou Abby. — Realmente, foi.



O aroma de canela subiu pela escada e acordou Josh. Ele só voltara para a pousada depois das três da madrugada. Apesar de seu estado de espírito, enfiara-se na cama e adormecera instantaneamente.

Ele podia ouvir os sons no térreo e reconheceu as vozes de Jo Marie e da outra hóspede. Annie? Não, não era isso. “A” alguma coisa. Abby. O nome da outra hóspede era Abby.

As duas mulheres estavam de pé e em movimento. Rolando de lado, Josh consultou o relógio no criado-mudo e ficou espantado ao constatar que já passava de oito horas. Ele precisava voltar à casa de Richard. Estava preocupado com o padrasto.

Antes de Michelle sair da casa de Richard, este caíra em um sono agitado. Sua respiração ficara superficial. Mais de uma vez, Josh teve a certeza de que seria necessário ligar para a emergência. Ele o teria feito, mas sabia que isso deixaria Richard mais agitado. O velho estava determinado a morrer em sua própria casa e sob seus próprios termos. Sozinho no mundo, era assim que ele queria ir embora.

Josh não sabia quando começara a se preocupar tanto com os desejos do padrasto. Devia odiar o velho, e ainda que fosse estranho, não o odiava. Quando muito tinha pena dele.

Com um pouco de dificuldade, convencera Michelle a ir para casa dormir. Eles fizeram planos de se encontrar novamente pela manhã, às nove.

Ele, contudo, tinha decidido passar a noite na casa. Se Richard soubesse, teria odiado a ideia. Parte de Josh queria que Richard o odiasse; ele se acostumara à intensa repulsa do padrasto. Na verdade, sentia-se à vontade com aquilo e, conquanto doloroso e desmoralizante fosse admiti-lo, tirava certa satisfação de ver Richard fraco e quase incapaz.

Ele pretendia passar a noite lá em parte para ajudar Richard e em parte para irritá-lo.

Josh pensou em dormir no sofá. Só que ficara preocupado e acabara pondo uma cadeira no quarto do padrasto para ficar ao lado dele. Ele queria estar por perto caso Richard precisasse dele, ainda que soubesse que o velho preferiria morrer a aceitar a ajuda de Josh. Os dois sabiam disso.

Funcionou bem ficar no quarto. Josh podia ouvir a respiração do velho, que às vezes era firme e estável, e às vezes, superficial e fraca, como se seu coração decidisse descansar por uma ou duas batidas.

Josh pegou no sono sentado na cadeira.

O padrasto acordou-o algum tempo depois, resmungando, intratável.

— O que você está fazendo aqui? — quis saber, os olhos chispando.

— Só estou vendo como você está — garantiu-lhe Josh.

— Caia fora. Não quero você aqui.

— Sei disso.

— Estou falado sério.

— Não se preocupe. Já estou indo. Não precisa ficar nervoso. Você quer que eu vá embora, já fui.

— Onde está Michelle?

Josh reparou que Richard não se ergueu sobre um cotovelo, como fizera antes. Mas não soube dizer se era porque estava muito fraco ou muito cansado.

— Faz tempo que Michelle foi para casa.

Richard franziu ainda mais a testa.

— Por que você não foi embora junto com ela?

Josh sorriu, sabendo que sua resposta desagradaria.

— Achei que você quisesse companhia.

— Achou errado. Agora, cai fora.

Josh se levantou e arrastou a cadeira para a sala. Deixou a porta aberta, pensando que assim talvez conseguisse ouvir Richard da sala de estar.

Após alguns minutos, tinha se ajeitado no sofá e estava quase dormindo quando ouviu seu padrasto murmurar fracamente seu nome. Num instante Josh se pôs de pé. Correu tão rápido que quase tropeçou em sua ânsia de chegar ao quarto de Richard.

Richard estava sentado e, pela expressão em seu rosto, não estava feliz.

— Você está bem? — perguntou Josh.

— Claro que estou.

O coração de Josh batia duas vezes mais rápido.

— Eu falei para você sair — disse-lhe Richard.

— Eu saí.

— Sai da casa, entendeu? Não quero você aqui.

— Tudo bem. Tanto faz. Vou embora.

— E não volte.

Aquele era um pedido que Josh não podia atender.

— Desculpe desapontá-lo, mas vou voltar pela manhã.

— Volte que eu mesmo vou chutá-lo para fora — ameaçou Richard.

Josh resistiu à vontade de rir. Talvez seu padrasto pudesse usar de força física quando ele estava no Ensino Médio. Àquela altura, contudo, Richard não tinha a menor condição para isso. Nem mesmo metade da condição.

— Você me ouviu.

— Você pode tentar — disse-lhe Josh.

— Cai fora.

Josh pegou seu casaco e enfiou os braços nas mangas.

— Agora volte a dormir; estou indo.

— Ótimo.

Josh reparou que o copo de água sobre o criado-mudo estava vazio. Ele andou até lá para pegá-lo, porém recuou quando o padrasto se encolheu instintivamente.

— Richard — sussurrou ele, chocado com a reação do outro. — Você achou que eu fosse bater em você?

O padrasto não respondeu. Apenas virou a cabeça para o lado e fechou os olhos.

Josh pegou o copo vazio e o levou para a cozinha, onde o encheu, acrescentou gelo e depois o devolveu ao quarto. Ele se demorou mais um instante e então obedeceu ao desejo de Richard, voltando para a Pousada Rose Harbor.

Mas já era de manhã.

Pondo as cobertas de lado, Josh saiu da cama e foi para o banheiro tomar um banho rápido. Enquanto a água molhava seu corpo, ele refletiu sobre os acontecimentos do dia anterior, especificamente sua mudança de sentimentos

em relação a Michelle.

Ele não tivera intenção de beijá-la. Um pouco mais de 24 horas atrás não a considerava nada além da garota que morava ao lado. Ah, ele sabia que ela tinha uma queda por Dylan, mas, como Richard alegremente observara, todas as garotas eram malucas por Dylan.

Beijar Michelle, querê-la perto, encontrar consolo nela, tudo isso fora um choque para ele. Ainda assim, a sensação era boa. De que estava fazendo a coisa certa. Ela se encaixava perfeitamente em seus braços, e ele não pensava apenas na questão física de abraçá-la.

Josh saiu do chuveiro e se vestiu rapidamente. Após pentear o cabelo, encaminhou-se para a escada, ainda matutando sobre Michelle e aonde esses sentimentos poderiam levá-los. A lugar nenhum, ele decidiu. Viajando tanto quanto ele viajava, de um trabalho para outro, não havia espaço para relacionamentos. Seus pensamentos estavam tão pesados quanto seus passos conforme descia a escada e desejava que as coisas pudessem ser diferentes, sabendo que nunca seriam.

Abby estava sentada à mesa de jantar e ergueu o olhar quando ele entrou na sala.

— Bom dia — cumprimentou ela.

Aparentemente ela estava muito mais bem-humorada que na manhã anterior... — por falar nisso, ele também.

— Bom dia — respondeu Josh, devolvendo o sorriso.

— Café? — perguntou Jo Marie entrando na sala, com um bule de café em uma das mãos e uma jarra de suco de laranja na outra.

— Aceito as duas coisas.

Ela habilmente encheu a caneca dele com café e o copo com suco.

— Esta manhã temos rabanada e ovos mexidos — disse-lhe Jo Marie.

— E pães doces fresquinhos da padaria — acrescentou Abby. — Eu banqueei a esfomeada e provei um pouco de tudo.

— Só café e suco por enquanto. — No fundo da mente, Josh lembrou da mãe insistindo que ele comesse algo antes de sair para a escola. Ela sempre insistia muito nisso. — E acho que os ovos, também — acabou decidindo, surpreendendo a si mesmo. Sua mãe ficaria orgulhosa. Ainda que na maioria das manhãs Josh escapasse para o ponto de ônibus com pouco mais que uma fatia de torrada ou um pedaço de fruta, ela tentava fazê-lo comer proteína sempre que podia.

Dentro de poucos minutos, Jo Marie voltou com um prato de ovos mexidos.

Josh pretendia comer algumas garfadas e se desculpar, mas surpreendeu-se ao comer tudo. Devia ser algo no ar.

— Vou sair — disse ele, levantando-se. Estava levando o prato para a cozinha, outra coisa que sua mãe lhe ensinara, mas Jo Marie o deteve.

— Pode deixar que eu cuido disso.

Ele deixou o prato na mesa e estava saindo da sala de jantar quando se deu conta de que deveria desejar um bom-dia às mulheres.

— Não sei a que horas vou voltar esta noite.

— Então não devo contar com você para o jantar? — perguntou Jo Marie.

— Não. — Se ele terminasse antes, comeria em outro lugar. — Tenham um bom dia, vocês.

— Vou ter — respondeu Abby, com uma determinação que fez Josh se virar para ela.

— Ótimo. — Ele enfiou os braços no casaco, pegou seu cachecol e saiu da casa, descendo os degraus da varanda. Quem o visse, Josh se deu conta, pensaria que ele estava ansioso para chegar aonde estava indo. Contudo era quase o contrário disso.

Ele estava ansioso, mas não para ver Richard. A pessoa que não saía de sua cabeça era Michelle. Novamente, a lembrança de seus beijos voltou para atormentá-lo.

Eles não tinham conversado sobre o que acontecera. Mas o que havia para conversar? Com tudo que vinha acontecendo com Richard, Josh estava tendo que lidar com um grande número de emoções. Não via nenhuma razão para complicar o que já era uma situação bastante complexa.

No caminho até a casa de Richard, ele tomou a decisão de não dizer nada para Michelle a respeito dos beijos. Com sorte, ela deixaria o assunto de lado, como parte da loucura daquele dia, e isso encerraria o caso.

Porém ignorar a crescente atração entre eles era o que ele queria? Não conseguia responder àquilo. Ela o atraía, com seu bom senso em relação a Richard, sua inteligência emocional, sua delicadeza.

Ele estacionou a caminhonete em frente à casa e viu que Michelle chegara. Josh caminhou até a varanda, bateu levemente na porta e então entrou.

Michelle saiu da cozinha para cumprimentá-lo. Ela respondeu sua pergunta antes que tivesse chance de fazê-la.

— Richard ainda está dormindo.

— Tem certeza de que está dormindo? — Seu medo era que Richard tivesse a audácia de morrer durante a noite, colocando uma pilha de culpa sobre os ombros de Josh por este ter perdido a paciência e ido embora.

— Eu tinha entendido que você estaria aqui pela manhã — disse ela.

— Richard acordou durante a noite e me expulsou.

— Eu temia que isso pudesse acontecer — disse ela, balançando a cabeça como se estivesse descontente consigo mesma. — Eu devia ter ficado com você.

— Richard também não teria gostado disso. Ele me disse para não voltar.

Um sorriso contido iluminou os olhos dela.

— Vejo que você não aceita ordens.

— Dele, não — concordou Josh. — Eu ainda não desisti de encontrar a Bíblia e o camafeu da minha mãe, além de algumas coisas que eram dela antes de se casar com Richard; fotografias e outras lembranças.

— Onde você pretende procurar? — perguntou ela.

Infelizmente, o único lugar em que Josh conseguia pensar era o quarto principal.

— Ainda acho que deve estar tudo lá. — Ele indicou o quarto com a cabeça.

Michelle gemeu.

— Richard vai surtar.

— Nem me diga. — Josh não queria outro confronto com o padrasto.

— Vou perguntar da Bíblia da sua mãe esta manhã — prometeu Michelle.

— Obrigado. — Ele queria muito que Richard não tivesse destruído propositalmente as fotos e outras lembranças de sua infância. Imaginava que muitas das coisas que queria deviam ter sido guardadas após a morte da mãe. Josh estava convencido de que Richard mantivera essas coisas em algum lugar próximo, e o mais lógico seria o quarto principal.

Richard não teria destruído coisas que pertenciam à esposa porque seriam itens preciosos para ele. Valeria a pena até preservar aquilo que também tinha valor para o enteado. De qualquer modo, essa era a esperança de Josh.

O problema era convencer Richard a lhe contar onde estavam essas coisas. Josh estava ficando sem tempo para procurar. Ele recebera uma mensagem de texto, naquela manhã, informando que seu novo trabalho estava para começar e perguntando quando ele estaria disponível.

— Em que você está pensando? — perguntou Michelle.

Ele acordou de seus pensamentos.

— Desculpe, estava tentando imaginar a melhor forma de resolver isso. Não posso ficar muito tempo.

— Como assim?

— Meu novo trabalho vai começar. Vou precisar partir dentro de dois dias, no máximo.

— Rápido assim?

Josh anuiu.

— Onde é?

— Montana. — Ele explicou que o projeto envolvia a construção de uma galeria de compras em Billings.

Josh percebeu a decepção nos olhos dela.

— Eu nunca conseguiria viver aqui novamente — disse ele calmamente, esperando que ela compreendesse.

— Eu nunca lhe pediria isso — respondeu Michelle.

— Estou fazendo o que posso por Richard, mas também tenho que cuidar da minha vida.

— Eu compreendo, Josh, realmente compreendo. Mas odeio a ideia de me despedir.

Ele esperou um instante, pensando que ela talvez dissesse algo mais.

Contudo, Michelle continuou em silêncio, e, após um momento, ele percebeu que também odiava a ideia de deixá-la. A necessidade exigia que o fizesse, porém aquilo seria muito mais difícil do que pensara.

Michelle era linda, mas ele conhecera outras mulheres igualmente atraentes. Por outro lado, ela era diferente. Estar com ela deixava seu coração mais leve. Ele gostava simplesmente de estar com ela, o que em si dizia muito, dadas as circunstâncias das ocasiões em que ficavam juntos. Outra coisa que o atraía nela era que Michelle não sentia necessidade de preencher os silêncios entre eles. Da mesma forma, Josh gostava do fato de que ela não tinha medo de dar sua opinião. Mas não queria brincar com o coração dela, porque devido a seu trabalho, uma relação satisfatória, duradoura, era logisticamente inviável.



Abby sentou-se em seu carro, as mãos firmemente apertadas sobre as pernas. Ainda nem saíra do estacionamento da Pousada Rose Harbor e suas mãos já estavam suando. Tinha prometido a si mesma que faria isso; prometera que se e quando voltasse a Cedar Cove visitaria o túmulo de Angela. Entretanto, desde que sua amiga mais querida morrera, Abby não tivera coragem de ir ao cemitério nem uma única vez.

Estava na hora. Passara da hora.

Isso completaria ou acabaria com a viagem de Abby. Ela forçou suas mãos a segurarem o volante e inspirou profundamente. Era naquele momento ou nunca.

O que tornava tudo ainda mais difícil era o casamento de Roger, que deveria ser um acontecimento feliz para sua família. Ainda naquela manhã, Abby dissera a Jo Marie que fizera de tudo para não voltar a Cedar Cove, o que era verdade.

Era esse o motivo. Anos atrás ela prometera a si mesma que nunca voltaria. Porque, quando voltasse, teria que ir ver Angela. Então o bom e velho Roger tinha escolhido se casar em sua antiga cidade. A sensação era de que Deus a estava forçando a enfrentar seu passado.

Em um piscar de olhos Abby se viu de novo com dezoito anos. Era feriado de Natal e ela queria muito ver sua melhor amiga. Foi uma tortura não contar a Angela sobre ter se encontrado com Steve. Abby era maluca por ele. Ela ficou constrangida ao se lembrar da forma horrível como o tratara após o acidente.

Abby se lembrou, então, que não fazia uma hora que chegara a sua casa quando Angela telefonou. Faltavam três dias para o Natal e Angela ainda não fizera suas compras. Abby concordou em levá-la de carro ao shopping. Seu pai lhe disse que podia usar o carro, que estava com o tanque cheio. E a avisou, quando se encaminhava para a porta, que tomasse cuidado com gelo sobre o asfalto.

Elas se divertiram muito naquela noite; fizeram compras, riram até cair,

provaram roupas. Abby e Angela eram irmãs de coração, nascidas com apenas algumas semanas de diferença. Elas faziam tudo juntas desde o Ensino Fundamental; não era raro que ficassem o fim de semana inteiro juntas, quase sem dormir, passando as noites em claro.

Após fazerem compras, naquela noite, elas comeram hambúrguer com fritas na Red Robin, sua lanchonete favorita. Enquanto estavam no restaurante começou a nevar. Grandes flocos brancos caíam do céu criando a cena mais linda e pitoresca que se pode imaginar. Aquele era o Natal como deveria ser. Um perfeito Natal do noroeste.

Abby ligou para casa antes de as duas saírem de Silverdale.

— Dirija com cuidado — alertou-a o pai uma segunda vez.

Abby foi cuidadosa. Muito cuidadosa. Ou, pelo menos, pensou que foi. Mas em vez de chegar a sua casa com presentes para a família, em vez de decorar os biscoitos com a mãe e o irmão, em vez de aproveitar as festas, Angela morreu naquela noite em uma estrada perto de Cedar Cove.

Abby nunca entendeu muito bem como aquilo aconteceu. Lembrava-se de que as duas cantavam músicas de Natal acompanhando o rádio e faziam planos para tudo que queriam fazer durante o feriado. Angela a provocava com relação a Steve e insistia que queria ser madrinha no casamento dos dois. Como se Abby fosse convidar outra pessoa! Elas fizeram planos de esquiar entre o Natal e o Ano-Novo, e Abby prometera que convidaria Steve para ir com elas, assim Angela poderia conhecê-lo. E, é claro, elas fariam uma reunião com as outras amigas, compras em Seattle e iriam ver um filme. Talvez dois. Cada uma queria muito ver um filme diferente.

E enquanto as duas tagarelavam como passarinhos em um fio telefônico, rindo e cantando, Abby pegou um trecho de gelo.

O carro rodou, fora de controle, várias vezes. Angela gritou... ou talvez tenha sido ela mesma, Abby não conseguiu se lembrar. O que não saía de sua cabeça era o medo terrível que sentira quando o carro começou a capotar.

Quando Abby acordou, estava no hospital com a mãe a seu lado, olhos vermelhos e inchados de chorar. O pai e o irmão também estavam lá, aparentando muita... tristeza.

— Você vai ficar bem — sussurrou-lhe a mãe, segurando sua mão entre as dela.

Abby sentiu a boca seca e uma dor quase incapacitante.

— Angela? — ela conseguiu sussurrar o nome da amiga. Aquele acidente idiota iria estragar o feriado e todos os planos que as duas tinham feito.

Foi então que sua mãe começou a chorar de verdade, soltando soluços que cortaram o coração de Abby. Angela estava muito mal? Por que ninguém dizia nada? Em vez de responder suas perguntas, a mãe de Abby cobriu o rosto com as duas mãos e deu-lhe as costas.

Abby virou o rosto e olhou para o pai. Carinhosamente, ele segurou o braço da filha. Ele também, Abby se lembrava com clareza, tinha lágrimas nos olhos. Abby não se lembrava de ver o pai chorando em toda a sua vida. Mas ele chorou naquela noite.

— Eu sinto tanto, querida — ele conseguiu dizer, num sussurro entrecortado —, mas Angela foi declarada morta no local do acidente.

Angela morta?

Não.

Isso não podia ser verdade.

Como Angela podia estar morta, se apenas uma ou duas horas antes elas cantavam músicas de Natal e faziam planos para o feriado? Não fazia sentido. Abby não conseguia imaginar um mundo sem Angela. Sua mente se recusava a aceitar o que o pai lhe contara.

Angela foi enterrada em 27 de dezembro. Aquele dia horrível ficaria para sempre na memória de Abby. Ela tinha quebrado as duas pernas e três costelas, mas insistira em ir ao funeral. Respeitando seu desejo, o pai conseguira permissão do médico e arrumara uma cadeira de rodas. Aquela seria a primeira vez que Abby veria os pais de Angela após o acidente. Ela estava com muito medo de encará-los, mas sabia que, de algum modo, tinha que lhes dizer que sentia muito, e que faria qualquer coisa para poder voltar o tempo.

Mas a mãe de Angela enlouquecera. Assim que Abby entrou na igreja, a mulher se levantou, com os olhos tão inchados e vermelhos que a faziam parecer uma louca, e a chamou de assassina. Ela gritava, mandando Abby ir embora. Ninguém conseguia acalmar Charlene White; nem seu marido, nem o diretor da funerária, nem o padre que ia rezar a missa. Abby foi forçada a sair — não havia outra opção.

Ela perdeu um semestre inteiro do seu primeiro ano na faculdade enquanto se recuperava lentamente dos ferimentos. Abby precisou de alguns meses para se curar fisicamente, mas emocionalmente... emocionalmente ela nunca mais foi a mesma. Ela interiorizou o ódio que viu nos olhos da mãe de Angela. Abby sentia-se uma pessoa vergonhosa, marcada, que cometera o pecado definitivo, que nunca poderia ser expiado.

Abby tentou conversar com os pais de Angela duas outras vezes. A segunda

vez foi no verão seguinte ao acidente. O pai de Angela atendeu-a na porta e disse que seria melhor se Abby não aparecesse mais. Aquela rejeição magoou-a profundamente; o sr. e a sra. White tinham sido como segundos pais para Abby. Ela não apenas perdera a melhor amiga, mas fora alvo integral da raiva dos White.

Todos os dias, quando dirigia pela cidade, ela passava pelo local em que ocorrera o acidente. Alguém colocara uma pequena cruz ao lado da estrada. Flores eram depositadas ali rotineiramente. Um lembrete constante do acidente para Abby. O dedo na ferida.

Era difícil ver o memorial ao lado da estrada, mas o pior eram as fofocas. A própria mãe de Abby lhe perguntara se era verdade que as duas tinham bebido naquela noite. Claro, elas beberam chocolate quente no shopping, mas nada alcoólico. Falava-se também que o carro vinha em alta velocidade. Abby, na verdade, estava abaixo do limite. Ela era uma motorista cuidadosa. A culpa era da neve e do gelo, não de drogas, álcool ou direção negligente. A polícia a isentara de qualquer responsabilidade, mas isso parecia não ter importância.

Supostas amigas apareciam para lhe fazer perguntas sobre o que tinha acontecido, ávidas para conseguir alguma informação que pudessem espalhar. Não demorou para que Abby se recusasse a receber qualquer um, porque ela não sabia em quem podia confiar. Até mesmo Steve. Ela preferia ficar em seu quarto lendo ou estudando.

No verão entre o segundo e o terceiro ano da faculdade, Abby entrou em um programa de estudo e trabalho na Austrália em vez de voltar para casa. Era doloroso demais ficar em Cedar Cove sabendo que as pessoas ficavam olhando para ela enquanto passava. Será que elas achavam mesmo que Abby não conseguia ouvir o que falavam? A culpa tinha que ser dela, afinal Abby era a motorista e Angela estava morta.

Cinco anos após a formatura foi a primeira reunião da sua turma de Ensino Médio. Dinheiro fora arrecadado para a construção de um pequeno monumento em memória de Angela no parque da cidade.

As lembranças pareciam envolver Abby como um laço, apertando-a até ela ter dificuldade para respirar.

Distraída por essas lembranças, Abby tinha apenas começado a sair com o carro do estacionamento da pousada quando seu celular tocou. O toque reverberou dentro do veículo até Abby sentir que estava parada junto ao sino de uma igreja. Ela pegou o telefone e viu quem estava ligando.

Sua mãe.

Abby hesitou e então decidiu deixar a chamada cair na caixa postal.

Desmoronaria se falasse com a mãe naquele momento. Ou pior, ela podia confessar que estava a caminho do cemitério e a mãe certamente tentaria persuadi-la a não ir. Era o dia do casamento de seu irmão. Abby não devia fazer aquilo.

E sua mãe estaria com a razão.

Ela já estava na cidade há dois dias inteiros. Já adiarda demais aquilo. Devia ter ido ao cemitério na sexta-feira, ou mesmo na quinta... mas ela não fora capaz de se obrigar a ir.

O celular tocou de novo, indicando que a mãe lhe deixara uma mensagem. Abby a ouviria depois.

Ela consultou o relógio. Eram nove e meia.

Ela tinha tempo de sobra.

Ela não tinha tempo.

Um bolo começava a se formar em sua garganta. Ela não sabia o que esperar, o que ganharia com aquilo. Absolvição? Perdão? Uma benção? Mesmo naquele momento, anos depois, ainda não compreendera por que Deus fizera com que ela sobrevivesse e Angela morresse.

Considerando o peso esmagador da culpa que carregava desde o acidente, daria na mesma se fosse ela dormindo sob sete palmos de terra úmida. Estava tão cansada de se sentir mal pelo que acontecera...

Abby escolheu o caminho mais longo e passou pela escola. Engoliu em seco ao ver, pela janela do carro, onde estudara em seu último ano. Elas eram tão bobas e imaturas; ansiosas por deixar sua marca no mundo. Como veteranas, as duas se consideravam descoladas. Super “maneiras”. Top. Bobas, sim, mas também inocentes. Abby não podia imaginar a caída na real que a aguardava poucos meses depois da formatura.

Quando Abby chegou ao cemitério, viu duas tendas em locais diferentes, o que indicava enterros recentes. Só depois de sair do carro se deu conta de que não tinha ideia de onde Angela fora enterrada. Precisou de quase quarenta minutos para encontrar a lápide. A essa altura seu rosto estava quase dormente com o frio.

Uma sensação de formigamento subiu por seus braços quando ela viu o nome completo de sua melhor amiga, ANGELA MARIE WHITE, esculpido no granito. Mesmo então, depois de todos aqueles anos, aquilo parecia um pesadelo. Abaixo das datas de nascimento e morte estavam as palavras *Amada Filha*. Se ao menos ela pudesse acrescentar *Melhor Amiga*.

Sem saber o que fazer a seguir, Abby continuou olhando para a lápide. Uma lágrima escorregou pela ponta de seu nariz e se esparramou sobre a laje de granito. Um vaso fora colocado ao lado da lápide, cheio de flores de plástico. Margaridas amarelas.

Margaridas amarelas eram as favoritas de Angela. Embora não soubesse com quem se casaria, Angela sempre dizia que carregaria um buquê de margaridas pela igreja no dia de seu casamento. E ela desenhara seu vestido de casamento, bem como os vestidos das madrinhas.

Naturalmente, as duas tinham certeza de que Abby seria madrinha de Angela e vice-versa. Abby ajudara a amiga a desenhar seu próprio vestido de madrinha, rindo por sobre o caderno de desenhos de Angela. As duas combinaram que nunca deixariam nada se colocar entre elas. Nem garotos, nem outras amigas, nem mesmo seus pais. Eram verdadeiras “melhores amigas para sempre”.

Sentindo-se insuportavelmente constrangida, ela fungou uma vez.

— Oi — sussurrou ela.

Você demorou bastante para aparecer.

Abby olhou em volta — ela não tinha reparado em ninguém por perto.

Não havia ninguém nos arredores.

Franzindo as sobrancelhas, Abby voltou a olhar fixamente a lápide.

Sim, sou eu. Você acreditou que o túmulo iria me manter quieta? Ah, Abby, você me conhece o suficiente.

— Angela — Abby suspirou.

Não se preocupe, ninguém mais pode me ouvir. Minha voz está somente na sua cabeça.

Aquilo já era demais. A pressão chegou ao limite. Abby estava ouvindo coisas. A voz era simplesmente sua imaginação. Tinha de ser. Conversar com Angela era... impossível. Ao menos foi isso que Abby dissera a si mesma, caso contrário ela precisaria considerar a possibilidade de procurar um profissional de saúde mental.

— Emergência, o que está acontecendo? — A voz clara de um profissional diria a ela.

— Estou ouvindo coisas — Abby responderia.

— Que tipo de coisas?

— A voz de pessoas mortas.

— Fique na linha. Estamos enviando ajuda neste exato momento.

Toda a cena estava na mente de Abby. Ela podia imaginar a ambulância, o ruído da sirene, irrompendo pelo cemitério e levando-a para o manicômio. Ela não estava apenas ouvindo vozes, estava respondendo a elas.

Ah, não fique tão agitada. Não é tão ruim assim.

— Angela, por favor, pare, você está me assustando.

Eu não assustaria se você não tivesse demorado tanto tempo para vir me ver.

Era óbvio que Abby estava simplesmente consigo mesma. Sua imaginação hiperativa simulou essa resposta emocional. Entretanto, independentemente de ser real ou imaginária, Abby não podia deixar escapar a chance de conversar com sua amiga.— Tentei ver seus pais depois do funeral, mas...

Eu sei, eu sei, foi minha mãe.

— Ela não consegue me perdoar. — Aquela cena horrível se repetia sem parar na cabeça de Abby. Ela entendia a reação de Charlene White.

Mas, meu doce de coco, nem você mesma consegue se perdoar. Não ponha a culpa na minha mãe.

— Eu vi Patty Morris, ela...

Eu sei, minha mãe me contou. Não mude de assunto. Não viaje, tudo bem?

Abby ignorou o comentário.

— Então você provavelmente sabe mais do que eu.

Muito mais. Minha mãe ainda vem ao cemitério praticamente toda semana.

— Meu Deus.

Ah, ela está muito melhor, na verdade. Ela costumava vir todos os dias. Você não vai acreditar como ela agia, se jogando no chão, soluçando. Era a coisa mais triste de se ver.

Abby cobriu a boca e engoliu um soluço. Preferia não saber nada disso.

— Você está realmente falando comigo? Porque se não é você, prefiro parar, tudo bem?

Se eu sou real? Eu sou real?, — repetiu Angela, mais alto na segunda vez. — *Hum... acho que você mesma vai ter que resolver isso.*

— Não consigo. Eu quero acreditar que nós podemos nos comunicar, mas sei que isso é impossível.

Não se preocupe com isso. Não importa. Estou feliz que você conseguiu

encontrar coragem para vir. Finalmente. Estou esperando há um tempão.

— Não consegui vir antes... — sussurrou Abby.

Por que não?

Abby inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu ameaçadoramente cinzento.

— Meu irmão vai se casar esta noite.

Lá vem você de novo! Pare de mudar de assunto! Eu quero saber por que você achava que não podia vir me ver.

— Ah... — Abby teve que parar de falar e fez muita força para engolir o nó enorme que se formara em sua garganta, tão enorme que ela não conseguia respirar. — Eu... eu sinto muito, Angela. Sinto tanto.

Eu sei, eu sei — murmurou Angela. — *Mas está na hora de você superar isso.*

— Superar? Você está louca? — Abby quase gritou. — Eu matei minha melhor amiga. Ninguém que tenha uma consciência... um coração, consegue superar isso.

Mas você tem que conseguir, — insistiu Angela.

Abby não sabia como responder.

Se você se sente tão culpada, por que não me trouxe flores? Margaridas amarelas seriam perfeitas.

— Ah, meu Deus, eu devia ter trazido. Sinto muito.

Ei, se você quer se sentir culpada, fique à vontade. Você me deixa esperando anos, e quando finalmente aparece nem me traz flores.

— Eu já pedi desculpas.

Deixe para lá. Quando as pessoas trazem flores estas quase sempre estão sem água. Você não vai acreditar no que as pessoas colocam nesse vaso horrível que minha mãe insistiu em pôr aí. Já colocaram café, refrigerante, ponche. Diga qualquer coisa líquida e já puseram aí.

— Ah.

Tudo bem, você está aqui e estou feliz de verdade por ver você.

— Também estou feliz de estar aqui.

Não parece. Seu rimel está borrado e seu nariz está todo vermelho. É melhor você se arrumar antes do casamento do seu irmão ou os convidados vão querer saber quem morreu. — Ela imediatamente começou a rir. — *Ops, escolhi mal as*

palavras.

Abby olhou para o outro lado.

Ria, Abby, pode rir. Eu preciso que você curta sua vida. Preciso saber que você é capaz de deixar esse acidente para trás e curtir a vida por nós duas.

— Como eu posso fazer isso?

Sabendo que eu lhe pedi. Não quero você para sempre presa a essa culpa.

Abby também queria se libertar.

— *Você sabe qual é o seu problema, não sabe?*

Abby se remexeu, incomodada.

— Ora, claro. Eu sou a responsável pela sua morte.

Não, não é nada disso. Você não é a responsável e, de qualquer modo, nada pode mudar o que aconteceu. Seu problema é que você ficou tão acostumada a se sentir culpada que tem medo do que acontecerá se não se sentir mais assim. A perspectiva de ser feliz afugenta a vida de você. Ops, lá vou eu de novo. Escute, todo mundo morre, então você tem que superar isso.

— Eu queria que eu tivesse morrido, não você.

Mas não foi assim. Você está viva, então aproveite a vida. Por que não se casou? A esta altura você devia ter um marido, dois ou três filhos e estar correndo feito louca atrás das crianças.

— Devia?

Não foi essa a vida que planejamos?

Abby soluçou.

— Nada saiu do jeito que planejamos.

Isso raramente acontece, pelo que me contam. Ainda assim, não há motivo para se afundar na culpa. Agora diga para mim que você está pronta para seguir com sua vida. Eu quero que você tenha uma vida plena.

— Bem que eu queria poder fazer isso.

Abby!

— Tudo bem, tudo bem! — exclamou ela, quase gritando as palavras. Ainda bem que não havia ninguém por perto.

Ótimo, então. Porém primeiro você precisa fazer algo.

— O quê?

Você não vai gostar.

Abby deixou os ombros caírem.

— Tem a ver com seus pais, não é?

É, você tem quer ir vê-los.

Abby balançou a cabeça, instantaneamente recusando a ideia.

— Não posso, Angela, não posso. Eles me culpam... sua mãe nem consegue olhar para mim.

Ela precisa ver você; falar com você. Faça isso por mim, é tudo o que eu lhe peço.

— Não consigo.

Você tem que tentar de novo, Abby.

— Da próxima vez.

Não. Hoje. Agora.

Abby balançou a cabeça.

— Eu tenho que encontrar Patty e uma amigas no almoço... minha mãe vai comigo. Eu não tenho tempo.

Vá depois do almoço.

— Posso levar minha mãe comigo?

Não. Vá sozinha. Não vai ser fácil. Não posso garantir que minha mãe não vai dizer ou fazer algo desagradável. Mas isso não é por ela, você sabe. É por você. Nada vai mudar se você não for.

— Angela, eu não consigo. Sinto muito, mas não consigo.

Então me prometa que você vai pensar nisso. É tudo o que eu peço, tudo bem?

— Tudo bem, vou pensar nisso. — Ela pegou um lenço no bolso e assoou o nariz.

Chega de lágrimas, você está começando a parecer minha mãe.

Abby sorriu.

Assim é melhor. Agora vá embora e tenha um dia maravilhoso. Dê meus parabéns ao Roger. Sempre achei que ele era uma gracinha.

— Vou dar.

Abby se afastou do túmulo. Aquilo tinha realmente acontecido? Ela estivera mesmo conversando com sua amiga morta? De qualquer modo, sentia como se

um peso enorme tivesse sido removido de seus ombros. Ainda aturdida, caminhava lentamente até o carro quando seu celular tocou novamente. Dessa vez ela atendeu.

— Oi, mãe.

— Desculpe incomodar, querida, mas eu preciso saber a que horas você vem me buscar para o almoço.

Abby consultou o relógio.

— Que tal onze e meia? Patty marcou ao meio-dia. Assim nós teremos bastante tempo para nos arrumarmos.

— Perfeito. — Sua mãe hesitou. — Você está bem, querida?

— Estou bem, mãe. Mais do que bem.

— Fico feliz... eu estava preocupada. Seu pai também. Até logo.

— Ah, mãe...

— Sim? — disse rapidamente a mãe, como se estivesse para desligar o celular. — O que foi?

Abby estava a ponto de lhe contar que, aparentemente, tivera uma longa conversa com Angela, contudo rapidamente mudou de ideia.

— Nada de importante. Nós vamos ter tempo para pôr a conversa em dia antes do casamento.

— Tudo bem. Eu lhe disse que decidi usar o terninho rosa em vez do verde pastel?

— Você fica ótima de rosa.

— Acha mesmo? Foi o que seu pai disse. Eu acho que parece tanto roupa de mãe do noivo, mas, como seu pai me lembrou, eu *sou* a mãe do noivo.

Abby sorriu.

— Você vai ficar ótima.

— Nós duas estaremos ótimas — assegurou-lhe a mãe.



Esperei até a casa ficar vazia e então peguei casaco e bolsa. Eu tinha algumas coisas para fazer na rua, mas nada era realmente importante. Minha missão era conhecer melhor a cidade e encontrar outros empresários.

Peggy Beldon me recomendara algumas lavanderias e eu queria levar algumas capas de almofadas para lavar. Elas ficariam muito bonitas no sofá. Eu também planejava ir à biblioteca. Duas pessoas já tinham mencionado Grace Harding, e eu esperava ter a oportunidade de me apresentar para ela.

Coloquei as capas em uma sacola e pendurei a bolsa no ombro. De novo preferi andar em vez de dirigir. Uma das vantagens da Pousada Rose Harbor era que eu podia ir a pé a praticamente qualquer lugar na área central. Mas, em vez de descer a colina, como eu planejara, me vi subindo na direção da casa de Mark Taylor.

Havia me lembrado de que não respondera à sua pergunta a respeito de Paul, no dia anterior. Assim que ele perguntara, eu tinha inventado uma desculpa e ido embora. Mark não tentara me deter, pelo que lhe sou grata. Pensando bem, contudo, eu sentia que lhe devia uma explicação. Além disso, eu ainda não me satisfizera com sua resposta sobre o porquê de ele ter aparecido na pousada quando Spenser estava lá.

Como no dia anterior, encontrei Mark em sua oficina, onde ele lixava um berço lindo. Era um trabalho de arte, com entalhes elaborados nas duas extremidades. Ele ergueu os olhos quando apareci à porta, a surpresa estampada em seus olhos escuros. Usava um guarda-pó por cima de uma grossa jaqueta xadrez. Uma olhada rápida me lembrou de que ele não era homem de dar muita atenção às aparências. Seu cabelo loiro-escuro precisava de um corte, e parecia que ele não tinha se barbeado naquela manhã.

— Você de novo — disse ele, parecendo não estar nem um pouco satisfeito com minha visita inesperada.

— É, eu de novo. Você tem alguns minutos?

— Na verdade, não.

Eu ignorei a resposta e andei até o local onde havia um bule de café, que servi para mim e para ele.

— Sente-se um pouco — sugeri.

Mark me olhou zangado.

— O que você quer agora? Você fica me interrompendo e assim aquele letreiro nunca vai ficar pronto.

— Não me parece que você está trabalhando nele.

Ele franziu ainda mais a testa, mas ignorou o comentário.

— Alguém lhe encomendou um berço? — perguntei.

Relutante, ele negou com a cabeça.

— Então, por que você o está fazendo?

— Você é sempre assim curiosa? — rosou ele.

— Às vezes — admiti. Fingindo não notar a completa falta de hospitalidade, puxei um banco, me sentei, cruzei as pernas e segurei a xícara com as duas mãos, para que o café quente me esquentasse a palma das mãos.

Mark pareceu também fazer sua parcela de fingimento e agiu como se eu não estivesse lá. Eu deixei. Minha atenção foi automaticamente para o berço. Eu não conseguia tirar os olhos dos elaborados caracóis entalhados nas extremidades.

— O berço é lindo — disse eu, admirando seu trabalho. Mark era um artesão talentoso.

Ele recuou um passo e observou seu projeto com o que pareceu ser um novo olhar.

— Obrigado.

— Alguém que você conhece está grávida? — perguntei.

— Não. — Ele voltou ao trabalho e acrescentou, de má vontade: — A ideia me veio uma noite.

— E você decidiu fazer.

Ele deixou a mão cair e me encarou.

— Você tem algum problema com isso?

— Não. — Fiquei intimidada com o olhar dele, mas não estava disposta a deixá-lo perceber isso.

Ele esboçou um meio-sorriso, mas sua voz estava cheia de sarcasmo, quando falou:

— Fico feliz de saber. — Encostou o cinzel na madeira e bateu cuidadosamente no entalhe complexo.

— O que você pretende fazer com ele? — perguntei. Pelo que eu sabia ele não tinha uma loja.

Ele deu de ombros.

— Não sei ainda. Provavelmente vou dar para alguém. — Ele pareceu menos irritado.

— Dar para alguém? — repeti. Aquele berço podia ser vendido por uma fortuna. Maravilhosamente entalhado à mão, peça única? Nada em Mark era minimamente comum; eu nunca sabia o que esperar dele.

Soprei meu café e encostei o líquido nos lábios, temendo que pudesse me queimar.

— Você veio por algum motivo? — ele quis saber. Mark se afastou e pegou sua xícara de café.

— Sim.

— Então você não acha que deve ir direto ao assunto? Como deve estar vendo, estou ocupado.

Apesar de sua atitude, eu sorri, sem conseguir disfarçar que estava me divertindo.

— Você está vendo algo engraçado? — perguntou Mark

— Você — respondi.

Ele coçou a lateral da cabeça.

— Já fui chamado de muitas coisas ao longo dos anos, mas tenho que admitir que “engraçado” não foi uma delas.

— Eu senti que lhe devia uma explicação a respeito de Paul...

Ele ergueu a mão para me deter.

— Não é da minha conta. Seja quem ele for, não significa nada para mim, compreendido?

Eu o ignorei.

— Paul era meu marido. Ele foi morto no Afeganistão há cerca de nove meses.

Mark endireitou os ombros e deu um passo atrás.

— Isso explica — disse ele.

— Explica o quê?

Ele balançou a cabeça, aparentemente sem vontade de responder. Depois de um instante ele disse:

— Sinto muito por sua perda.

— É, eu também sinto. Paul Rose era um bom homem. O mundo é um lugar melhor por causa dele. — Mordi meu lábio inferior, esperando afastar a tristeza de minha voz. Não sei se consegui.

— Você batizou a pousada com o nome dele e quer plantar um roseiral — disse ele, parecendo pensar em voz alta. Era como se, de repente, tudo fizesse sentido para Mark Taylor.

— O helicóptero dele caiu nas montanhas. O local da queda não é acessível, de modo que o corpo nunca foi recuperado.

— Que dureza! — disse Mark, seu olhar sustentando o meu.

— Durante muito tempo eu quis acreditar que ele pudesse estar vivo.

— É possível?

Balancei a cabeça.

— Ainda que eu queira acreditar nisso, não parece possível. As fotografias aéreas do local da queda mostram que teria sido impossível a sobrevivência de alguém.

Mark olhou para o outro lado e descansou a xícara. Sem dizer mais nada, voltou a trabalhar no berço.

— Peço desculpas se estou sendo difícil de aguentar — disse eu, colocando minha xícara de lado.

— Não está — disse ele enquanto continuava seu trabalho.

— Obrigada pelo café — falei dirigindo-me à saída da oficina.

— Não por isso — resmungou Mark.

Eu saí e comecei a descer a colina em direção à cidade. Era boa a sensação do ar frio em meu rosto. Senti-me grata por meu casaco de lã e o calor que ele me proporcionava. O vento soprava e o cheiro de maresia vinha com ele. Fiquei tentada a caminhar até a marina para admirar a enseada. Resisti quando meu estômago me lembrou de que estava na hora do almoço.

Embora tivesse preparado um café da manhã reforçado para meus dois hóspedes, eu mesma não comera muito. Já ouvira falar bastante do Pot Belly Deli e resolvi entrar para experimentar uma tigela de sopa.

O lugar estava lotado e tive que esperar dez minutos por uma mesa. Por fim, me colocaram em uma mesinha redonda, junto à janela com vista para a Rua do Porto.

Dois mulheres estavam sentadas à mesa ao lado. Ela eram obviamente boas amigas, conversando animadamente, inclinando-se uma na direção da outra e rindo de vez em quando.

Quando a garçonete veio com um copo de água e o cardápio, pedi a sopa do dia, que, ela me informou, era de carne com vegetais. Pedi uma dessa e uma xícara de chá. Depois que a garçonete saiu com meu pedido, reparei que uma das mulheres na mesa ao lado tinha um crachá com nome. Grace Harding. Era ela mesma que eu pretendia conhecer mais tarde.

Ela devia ter me pego olhando em sua direção, porque parou no meio da conversa e olhou para mim.

— Desculpe, eu não queria encarar — disse eu, confusa e um pouco sem graça.

— Não tem problema. Você é a jovem que comprou há pouco a pousada dos Frelinger?

— Eu mesma; Jo Marie Rose.

— Grace Harding, e esta é Olivia Griffin.

— Juíza Olivia Griffin? — perguntei.

— Sim. — A juíza era uma mulher elegante, com cabelo curto e escuro, bem cortado, e olhos castanhos.

— É um prazer conhecer vocês duas — disse eu.

— Bem-vinda a Cedar Cove.

Eu me sentia tão bem recebida naquela cidade.

— Praticamente todo mundo que conheci me disse para me apresentar a vocês — disse eu para as duas.

A garçonete chegou com minha sopa, um pãozinho quente e uma porção de manteiga. O pão cheirava como se tivesse acabado de sair do forno e senti meu estômago se abrindo. Quando ergui os olhos, percebi que a juíza Griffin estava me olhando.

— Você teve um visitante inesperado ontem? — perguntou ela.

Abri a boca para dizer não quando me lembrei de Spenser. Eu não sabia como responder. Abri a boca e então a fechei. Não conseguia imaginar como ela sabia disso. Não acreditei que Mark pudesse ter dito algo, mas na verdade eu não

o conhecia. Quanto mais nos víamos, menos eu o entendia.

Olivia pareceu ligeiramente constrangida.

— O motivo pelo qual pergunto — disse ela —, é que eu e minha filha Justine estávamos na cidade quando um homem parou o carro e nos perguntou como chegar à Pousada Rose Harbor. Respondi que achava que não havia uma pousada com esse nome na cidade.

— É, eu decidi mudar o nome.

— Infelizmente nós não sabíamos disso, e ele ficou bravo — disse Olivia.

— Com vocês?

— Com o mundo em geral. — Olivia franziu a testa. — Eu encontrei o xerife Davis, mais tarde, e mencionei o incidente. Esse homem conseguiu encontrar você?

Aquiesci.

— Infelizmente.

— Está tudo bem?

— Ah, sim. — Senti vontade de mencionar a visita inesperada de Mark Taylor, mas me contive.

Olivia se levantou, pegando sua comanda.

— Sinto muito se era um amigo seu.

— Não era... não é. Duvido que ele volte.

— Ótimo. — Grace franziu a testa e também pareceu preocupada. — Eu e Olivia somos mulheres solteiras, sozinhas, e sabemos como é. Não hesite em pedir ajuda.

— As mulheres precisam se ajudar — acrescentou Olivia.

Eu concordava totalmente.

As duas saíram, e provei minha sopa. Não era nada exótica ou elaborada, só uma boa sopa caseira. O pãozinho continuava quente e, quando o abri, saiu vapor de dentro. A manteiga derreteu e escorreu para o prato. Estava tão gostoso quanto o aspecto e o aroma prometiam.

Quando terminei meu almoço, o restaurante tinha esvaziado bastante. Paguei no caixa e saí para a lavanderia, que era a dois quarteirões dali.

Enquanto eu caminhava pela rua, reparei vários olhares curiosos na minha direção. As pessoas sorriam e me cumprimentavam com a cabeça.

Encontrei a lavanderia e deixei lá as capas de almofadas. Dali fui diretamente para a biblioteca, onde pretendia fazer meu cadastro para obter meu cartão de usuário.



Josh observou Michelle sair em silêncio do quarto de Richard. Ela teve o cuidado de fechar a porta fazendo o mínimo possível de ruído. Depois olhou para ele e suspirou.

— Ele está muito pior do que ontem.

— Foi o que achei.

Ela baixou a cabeça e ficou quieta por um instante, como se lutasse para dizer as palavras.

— Apesar do que Richard diz ser sua vontade, acho que precisamos falar com o hospital. Ele está sentindo dor, e o atendimento domiciliar pode nos ajudar a tornar seus últimos dias mais confortáveis.

Josh concordou com ela. Ele também sabia o que Richard achava dessa ideia.

— Richard não vai gostar disso.

Michelle concordou.

— Ele não tem condições de contestar. Está com o sono agitado e, francamente, acho que não tem muito tempo. Porém um médico vai poder dizer com mais certeza. Só precisamos garantir que ele não seja levado de volta ao hospital. — As palavras dela tremiam de emoção.

Josh foi até a sala de estar e olhou pela grande janela. Ele testemunhara um rápido declínio na saúde do padraсто em apenas dois dias. Era como se Richard tivesse esperado sua chegada para entregar os pontos.

Quando entrara na casa pela primeira vez, Richard tinha energia e determinação para gritar com ele, e agora seu padraсто mal tinha força para respirar.

— Vou preparar nosso almoço — disse Michelle atrás dele.

Já estava na hora. Josh não estava interessado em comer.

— Não faça nada para mim; não estou com fome.

Michelle agiu como se não o tivesse ouvido. Ela entrou na cozinha e, poucos minutos depois, Josh ouviu a chaleira assobiar. Ela voltou momentos depois com duas canecas.

— Liguei para o hospital — disse ela.

Josh pegou a caneca com ela e os dois se sentaram de frente um para o outro. A espreguiçadeira onde Richard passava a maior parte do tempo continuava vazia, embora ele fosse presença constante nos pensamentos dos dois.

— O que eles falaram? — perguntou Josh.

Michelle apoiou o chá em um descanso e se recostou na cadeira.

— A mulher disse que o hospital enviaria alguém à tarde para ver as condições dele.

Richard não iria gostar, mas, como Michelle dissera antes, o velho não estava em condições de protestar. Ele pedira para morrer sozinho, e por um momento Josh se perguntou se não deviam obedecer ao seu desejo. Mas ele suspeitava que Michelle se recusaria a abandonar o vizinho.

Para dizer a verdade, Josh gostaria de subir na sua caminhonete e dirigir para o mais longe que um tanque de gasolina pudesse levá-lo. No fundo de sua cabeça, ele tinha a esperança de passar pelo menos uma parte de seu período entre trabalhos perto do mar.

Uma das memórias mais felizes de sua infância era de uma viagem curta com a mãe até a praia. Josh devia ter cerca de dez anos de idade. Depois que seu pai foi embora, nunca sobrou dinheiro para luxos como férias. Ele e a mãe estavam sempre em dificuldades financeiras. Ainda assim, de algum modo sua mãe conseguira guardar uns trocados para a gasolina. Eles colocaram comida e bebida em uma geladeira de isopor, encheram o carro com travesseiros, cobertores, toalhas, baldes e pás de plástico e foram até o litoral. Como não podiam pagar por um quarto de hotel, estacionaram em um trecho afastado da praia.

Josh brincou a valer na areia, correndo na direção das ondas com alegria infantil. Eles compraram uma pipa barata e Josh adorou ver como o vento a carregava para o alto, até se tornar pouco mais que uma mancha no horizonte. Ele riu até quase ficar doente de alegria.

Juntos, Josh e sua mãe construíram um enorme castelo de areia e então, naquela noite, fizeram uma fogueira pequena com madeira encontrada na praia, onde assaram salsichas. Mesmo hoje, tantos anos depois, Josh achava que nunca fizera refeição melhor. Naquela noite eles dormiram sob as estrelas com o som do mar ao fundo.

— Você ficou quieto — disse Michelle.

Josh olhou para ela. Perdido em lembranças, teve dificuldade em voltar para o presente. — Eu estava pensando em uma viagem que fiz quando garoto com minha mãe.

— Antes de ela conhecer o Richard?

Ele anuiu.

— Eu tinha dez anos e fomos para a praia. Eu achava que já teria resolvido o assunto com o Richard a esta altura e esperava poder dar uma chegada no mar. Sei que a cidade cresceu muito desde que estive lá, mas nunca vou me esquecer daqueles momentos.

— Você nunca voltou lá?

— Uma vez, com Dylan e Richard.

Michelle pareceu ler sua mente.

— Não foi a mesma coisa, foi?

Josh tinha quinze anos e uma permissão de dirigir que lhe possibilitou alugar uma lambreta. Richard alugou outra e deixou Dylan andar com ela na praia. No começo foi muita diversão. Josh amou a liberdade que a lambreta parecia conceder, correndo na areia com seu meio-irmão ao lado, o vento no rosto. Então Josh se acidentou e a motoca foi danificada.

Richard reagiu com tanta fúria que, pela primeira vez, sua mãe interveio, lembrando o marido de que fora um acidente. Ainda assim, Richard insistiu que Josh pagasse pelo estrago e que eles fossem embora para casa imediatamente, o que arruinou a diversão de todos.

A viagem de volta foi insuportável, com a tensão entre sua mãe e Richard. Dylan também ficou bravo com Josh, e este se sentia mal sabendo que era o responsável por tudo aquilo.

Refletindo sobre a situação, ele não compreendia totalmente a raiva de Richard. Aquele fora obviamente um acidente. Ele pagou pelo estrago na lambreta com o dinheiro que ganhava entregando jornal e assumira a responsabilidade por seus atos. Ninguém pareceu se importar que ele tivera sorte de escapar do acidente sem se machucar. Ele quase desejou ter se machucado. Talvez assim tivesse conseguido um pouco de solidariedade, em vez de tanta fúria.

— Você se perdeu nos pensamentos de novo — disse Michelle.

— Desculpe.

— Tudo bem.

Ele não tomara nem um gole do chá. Antes de bater a lambreta, Josh vira sua mãe caminhando pela praia com Richard. Aquela pode ter sido a distração que o fizera se acidentar, mas não tinha certeza.

Teresa estava de braço dado com Richard. Ela usava um vestido de verão sem mangas e o vento esvoaçava seu cabelo. A saia colara em suas pernas. Richard estava tranquilo de um modo que Josh nunca tinha visto. O padraсто enrolara as pernas da calça até os joelhos e os dois estavam descalços. O som da risada de sua mãe ecoava pela praia, misturando-se aos gritos das gaivotas que circulavam acima. O que o marcou naquele momento foi o fato de Teresa estar tão genuinamente feliz e despreocupada.

Josh se lembrava de que, com frequência, sua mãe ficava sentada à mesa da cozinha com uma montanha de contas à sua frente. Ela as organizava em pilhas, como se estudasse quais teria que saldar primeiro. Mais vezes do que gostaria de se lembrar, Josh a viu esconder o rosto nas mãos e chorar. Só pensar nisso fez seu estômago se contrair e ficar pesado.

No dia anterior, Josh se dispusera a aceitar que sua mãe amava Richard. E não pudera evitar de se sentir grato a Richard, apesar de todos os seus defeitos, por devolver a alegria à vida da mãe.

A campanha tocou e Michelle se levantou para atender. Era a mesma mulher do atendimento domiciliar que tinha vindo no dia anterior.

— Eu estava em uma casa aqui perto — explicou Ginger ao entrar pela porta.

Michelle pegou o casaco e a bolsa da atendente e os pendurou no mancebo ao lado da porta.

— Estávamos tomando chá, você quer uma xícara?

— Obrigada, mas não tenho muito tempo. Vou ver como Richard está e depois tenho que sair.

— Compreendo.

— Vou com você — disse Josh, esperando que, se Richard ficasse contrariado, ele seria o alvo da raiva do velho, e não a mulher que generosamente doava seu tempo.

Michelle lançou-lhe um olhar que dizia que era ela que deveria acompanhar Ginger até o quarto de Richard. Ele cedeu.

A temperatura entre os dois tinha esfriado bastante desde que Josh dissera para Michelle que partiria em breve. Ele sentia muito por isso, mas não queria passar uma ideia errada para ela. O momento era errado. Eles passavam por

dias intensamente emotivos, Josh estava confuso e não sabia se podia confiar em seus sentimentos. Richard se aproximava da morte, e Josh teria a oportunidade de ir embora de vez daquela cidade e das lembranças dolorosas que ela lhe trazia.

Após mais alguns minutos de perguntas e respostas, as duas mulheres entraram silenciosamente no quarto de Richard.

Josh não ouviu o padraсто reclamar, então pensou que o velho continuasse dormindo. Ou que talvez tivesse morrido.

Richard morto.

A inesperada onda de pesar que o atingiu fez Josh se afundar em uma cadeira. Ele ficaria satisfeito que tudo aquilo acabasse, se fosse realmente o caso.

Pensando no passado, Josh tentou se lembrar de como tinha sido quando sua mãe morreria. Eles sabiam, claro, que o fim estava próximo. Richard e Josh estavam com ela, cada um de um lado de sua cama no hospital. A cena representava bem a situação, considerando como os dois eram distantes em todos os aspectos, a não ser em seu amor pela mulher doente.

Sua mãe estava dormindo, e sua respiração se tornara superficial e ruidosa. Então, após expirar uma última vez, ela se apagou.

Richard olhou para Josh, lágrimas correndo pela face, os olhos plenos de tristeza, e sussurrou:

— Ela morreu. — Então, ele se inclinara para frente, o cotovelo apoiado na cama, e chorara ruidosamente.

Josh percebeu agora que devia estar em um tipo de estado de choque emocional, porque não sentira nada. Nem tristeza, nem dor... ele não sentira nada. Não derramara nem uma lágrima, pelo menos não que se lembrasse.

Os lamentos de Richard trouxeram uma enfermeira até o quarto. O capelão também fora chamado. A essa altura, Richard conseguira se controlar o suficiente para agir normalmente. Josh não lembrava se um dos dois dissera algo a caminho de casa. Depois, Richard o deixara em casa e fora para a funerária.

Era engraçado como de repente todas aquelas lembranças estavam vindo à tona. O que ele achou mais esquisito foi que se sentia em uma bolha emocional quando sua mãe morreu, e sentia o oposto no momento em que era a hora de Richard partir. Ele estava sufocado pela tristeza e o velho ainda estava vivo. Josh não conseguia encontrar uma explicação.

Michelle e Ginger saíram do quarto de Richard.

— Ele está acordado — disse Michelle. — Seus olhos se remexeram quando entramos no quarto.

— O que você acha? — perguntou Josh para a voluntária do hospital.

Ela não hesitou.

— Menos de quarenta e oito horas seria meu palpite, com base no que observei.

— Rápido assim? — Josh queria acreditar que Richard era ruim demais para morrer. Ele gostaria de desafiar as probabilidades, provar que era mais poderoso até que a morte. — Você falou isso para ele? — perguntou.

A mulher do hospital balançou a cabeça negativamente.

— Ele ficou bravo que a chamamos novamente? — perguntou Josh olhando para Michelle.

— Ficou, mas ele já não tem força para gritar.

— Ele queria que vocês o deixassem em paz, certo?

Ela sorriu e aquiesceu.

— Ah, ele também falou outras coisinhas que não vale a pena repetir — disse Michelle.

— É melhor assim.

— Podem me chamar se alguma coisa mudar — disse a moça do hospital. — O remédio vai cuidar da dor. Não vejo nenhum motivo para levá-lo para o hospital.

Josh acompanhou-a até a porta da frente. Assim que abotoou o casaco, ela parou.

— Ele pode falecer em breve, talvez durante a noite ou amanhã cedo.

— Tudo bem. Obrigado por vir; significa muito para nós.

— Sem problema. Por sorte eu estava por perto e pude vir logo.

— Que bom.

A casa pareceu estranhamente silenciosa depois que ela saiu.

Josh hesitou e então entrou no quarto de Richard. A porta rangeu quando ele a abriu.

Richard abriu os olhos assim que Josh entrou no quarto e parou ao pé da cama.

— Pensei ter lhe dito para ir embora — murmurou Richard.

Josh se aproximou para conseguir ouvi-lo.

— Irei embora na hora certa, não se preocupe. Vou cair fora antes que você perceba.

— Vá agora.

— Tudo bem, se é o que você quer.

Richard fechou os olhos e inspirou debilmente.

— Eu me lembrei de quando mamãe morreu — disse Josh.

Quase instantaneamente, os olhos de Richard se encheram de lágrimas. Ele passou a mão pelo rosto e Josh reparou que o padrasto estava envergonhado.

— Ainda sinto falta dela — conseguiu sussurrar o velho. — Não passa um dia em que eu não pense em Teresa.

— Quero agradecer a você pela alegria que trouxe para a vida dela — disse Josh. — Espero que você saiba que ela o amava profundamente e que casar com você a tornou muito feliz. Sempre vou me sentir grato pela forma como cuidou dela, principalmente no fim da vida.

As lágrimas de Richard fluíram abundantemente, então, rolando por sua face pálida e produzindo rastros brilhantes ao continuarem até o queixo, de onde caíam no travesseiro.

— Conhecer Teresa foi a melhor coisa que aconteceu comigo... e com o Dylan também.

Ele ficou em silêncio após dizer isso, como se perdido em lembranças. Então, quando Josh estava para sair do quarto, Richard falou de novo:

— Acho que a vi...

— Quando? — perguntou Josh calmamente.

— Noite passada. Ela estava ao pé da cama, fantasmagórica. Eu conseguia enxergar a parede através dela.

— Ela disse alguma coisa? — Sem dúvida eram os remédios. A dose de analgésicos devia estar fazendo efeito, e eles eram fortes.

— Ela não falou em voz alta, mas... parecia que eu conseguia ouvi-la. Teresa me disse que ela e Dylan estavam me esperando.

Josh anuiu.

— Não tenho medo da morte. — O olhar desafiador de Richard enfatizou suas palavras. — Estou pronto para ir. A qualquer momento.

— Isso é bom.

— Isso é bom — repetiu Richard antes de fechar os olhos.

Por um instante Josh pensou que o padrasto tinha realmente morrido, mas então lhe viu o peito se mexer enquanto expirava, e depois ele continuou respirando.

Como Josh imaginara. Richard Lambert era teimoso demais para morrer.



Abby bateu na porta do quarto de seus pais no hotel e aguardou. Ninguém respondeu e ela bateu de novo, com mais força. Ainda assim, ninguém respondeu. Receando ter errado de quarto, ela se dirigiu à recepção. Ao se aproximar do balcão, reparou que a sala do café da manhã ficava ao lado e estava cheia de gente sentada às mesas e conversando. Mas não era hora do café.

— Abby. — A mãe veio pela porta dupla com os braços estendidos. — Estamos aqui.

— Mãe...

— Abby! — exclamou sua tia Eileen, juntando-se a sua mãe. — Ah, querida, é tão bom ver você! — Ela envolveu a sobrinha, dando-lhe um abraço tão forte que Abby temeu que a tia lhe quebrasse as costelas. — Faz tempo demais — disse Eileen.

Seu tio Jake se juntou à mulher. Ele passou um braço pela cintura de Eileen e outro pela de Abby.

— Venha ver seus primos.

Da última vez que vira Sondra e Randall, Abby ainda era uma adolescente e os dois eram crianças. O jovem desengonçado que se aproximou dela tinha um pomo de Adão saliente e pelo menos um metro e noventa de altura, parecendo pairar acima dela.

— Randy? — Abby não conseguia acreditar que aquele era seu priminho.

— Agora me chamam de Rand.

— Rand? — Ela arregalou os olhos. — O que aconteceu com você?

Ele sorriu, envergonhado.

— Eu cresci.

Uma linda mulher loira se aproximou.

— Não se lembra de mim? — perguntou ela.

— Sondra?

Ela sorriu, revelando dentes brancos e perfeitos.

— Sou eu.

— Não consigo acreditar — riu Abby. — Minha nossa, eu trocava as fraldas do Rand.

— Ah... será que você...? — pediu o jovem, evidentemente constrangido.

— Eu me lembro de que chamávamos você de Super Pum.

O rosto juvenil de Rand ficou vermelho-vivo e o grupo todo riu.

— Não se preocupe — prometeu Abby —, não vou mais falar nisso.

— Obrigado — disse Rand, sorrindo para ela.

— Lembra da sua tia Betty Ann? — disse sua mãe enquanto conduzia Abby para o outro lado da sala.

— Onde está o tio Leon? — Abby lembrou que o irmão de seu pai estava sempre com uma câmera na mão.

Nem bem ela tinha feito a pergunta e uma câmera disparou o flash.

— Tio Leon — disse ela, rindo. O tio e a tia a abraçaram.

— Faz tempo demais — reclamou Betty Ann.

— Vocês são bem-vindos para me visitar a qualquer momento — Abby surpreendeu-se quando se viu dizendo isso. — Lembrem-se; eu moro na Flórida, onde os invernos são muito gostosos.

— Nós moramos no Arizona — disse Betty Ann. — Nossos invernos também são ótimos.

— Eles não moram muito longe de nós — acrescentou sua mãe.

— Ah, querida, você não sabe como é bom ver você.

Seu tio Leon apontou a câmera em sua direção.

— Você sempre foi bonita como uma foto. — O flash disparou três vezes em rápida sequência.

— Onde estão Doug, Craig e Joy? — perguntou Abby, referindo-se aos primos mais novos.

— Estão aqui. Joy nos tornou avós há dois anos.

— Você é uma avó, tia Betty Ann? — Sua mãe provavelmente mencionara o

fato, mas ela se esquecera.

A mãe de Abby cruzou os braços, assumindo uma postura competitiva.

— Nem comece, Betty Ann. — Ela olhou para a filha e depois sorriu, fazendo-a saber que estava brincando. — Agora que Roger está se casando há uma possibilidade de Tom e eu ganharmos netos. A menos, é claro... — Ela fez uma pausa e olhou na direção de Abby. — A menos que Abby encontre um jovem, case-se rapidamente e tenha um ou dois filhos.

— Mãe! — protestou Abby, mas sem muita convicção.

Durante os quinze minutos seguintes ela foi levada de mesa em mesa para se familiarizar novamente com os parentes dos lados do pai e da mãe.

Viu Joy e conheceu seu marido e filhinho. Eles moravam no Alasca e voaram até Seattle para o casamento e também para visitar outros membros da família. Doug e Craig também tinham se casado e Abby conheceu suas esposas. A mulher de Doug estava grávida e sua tia Betty Ann não conseguia conter o entusiasmo porque a nora esperava uma garotinha, sua primeira neta.

O que espantava Abby era como todos mudaram tanto desde a última vez em que ela estivera em uma reunião da família, o que fazia mais tempo do que conseguia se lembrar.

Houve um período em que Abby fora mais próxima de seus primos, apesar da diferença de idade. Mesmo três ou quatro anos faziam muita diferença na época. Sondra e Rand eram os mais novos, enquanto Doug, Craig e Joy tinham poucos anos a menos do que Abby.

Quando Abby foi até o quarto de hotel com sua mãe para esta se arrumar para o almoço com as amigas, sua cabeça rodava com tantos nomes e rostos.

— Quando foi que todo mundo cresceu? — perguntou ela, estupefata e balançando a cabeça.

— Bem, querida, se você saísse da sua toca de vez em quando não estaria tão espantada.

— Eu sei — concordou Abby, e pela primeira vez sentiu que cometera um grande erro ao se isolar.

A mãe enfiou o cartão magnético na fechadura e abriu a porta. A arrumadeira já tinha passado e o quarto estava limpo.

— Tenho que trocar de sapato — disse Linda enquanto se abaixava para pegar um par no armário.

Abby reparou, então, que a mãe usava sapatilhas.

— Estou poupando os pés para dançar na festa. Eu lhe disse que convenci seu pai a fazer aulas de dança de salão, não disse?

— O papai? — Seu pai era a última pessoa que Abby esperava que concordasse em fazer aulas de dança.

— Nunca pensei que isso fosse possível, mas ficamos viciados naquele programa de televisão em que torcíamos por nosso casal favorito todas as semanas.

A própria Abby assistia ao programa, mas era difícil aceitar a ideia de que isso influenciaria seus pais a ter aulas de dança de salão.

— Seu pai não faz feio na pista de dança. Ele adora.

Nossa, como as coisas mudam.

Sua mãe endireitou e depois arqueou as costas.

— Não somos tão velhos assim, sabia?

— Falando em ser velho, parei o carro no lado mais distante do estacionamento — lembrou-se Abby. — Vou pegá-lo e espero você na entrada.

— Tem certeza, querida? Não me importo de andar até lá.

— Não tem problema, mãe.

Abby estava saindo quando a mãe a deteve.

— Querida, espero não tê-la constrangido quando falei de netos. Seu pai disse que preciso ter mais sensibilidade.

Abby sorriu para tranquilizar a mãe.

— Você não me constrangeu, mãe.

— Ah, que bom. Eu não quero que nada estrague este dia. Seu pai e eu estamos tão felizes por Roger... Esperamos muito tempo para ver nossos filhos casando.

Abby abraçou a mãe e saiu do quarto. Ela revirava o interior de sua bolsa, à procura da chave do carro, quando trombou em um homem que passava apressado pelo corredor. Ele bateu em seu ombro. Abby quase perdeu o equilíbrio, mas ele a segurou pelos braços.

— Puxa, me desculpe! — Ele parou e a olhou de frente. — Abby?

— Sou eu — ela quase não conseguiu falar. Abby o reconheceu instantaneamente.

— Sou eu, Steve. Steve Hooks.

— Eu... sei. — Sua boca ficou seca como um deserto. Ela ia perguntar sobre Steve ao irmão, mas não o tinha feito, com medo de ouvir que ele estava casado, feliz e que a esquecera completamente. Ela lhe dera motivos.

— Você se lembra de mim?

Ah, sim, ela se lembrava dele.

— É... legal ver você de novo — conseguiu dizer, afinal, embora as palavras parecessem sair em câmera lenta de sua boca.

Ele soltou as mãos de seus braços, embora parecesse relutar ao fazê-lo.

— Você está ótima.

— Você veio para o casamento? — Aquela foi, provavelmente, a pergunta mais idiota que ela poderia ter feito.

— Vim, o Roger me pediu para ser um dos recepcionistas.

— Você não estava no ensaio, na noite passada — Abby deixou escapar, antes de perceber que aquilo deixava óbvio que ela o procurara.

— Não, meu voo atrasou e só consegui chegar depois do jantar.

— Fico feliz que tenha conseguido vir. — Abby queria conversar mais, porém sua mãe a esperava e ela achou que não podia demorar. Esperava poder colocar o assunto em dia com Steve mais tarde.

Ele deu um passo para trás, hesitando tanto quanto ela para encerrar a conversa.

— Vejo você mais tarde, então.

— No casamento — disse Abby desnecessariamente. Seu rosto ficou vermelho. Na noite em que ela e Angela foram às compras, sua amiga lhe contara como estava animada para conhecer Steve. E Abby ficara falando sem parar sobre como ele era maravilhoso.

Roger tinha convidado Steve para passar o feriado de Ação de Graças com a família porque os pais do amigo moravam na Costa Leste e ele não tinha dinheiro para comprar outra passagem de avião a poucas semanas do Natal. Abby e Steve ficaram trocando e-mails sem parar desde que se conheceram. Angela passara o feriado com seus pais em Spokane.

Abby tinha se apaixonado por Steve. Depois do acidente, ele lhe enviara flores, mensagens e cartas, mas ela não lhe respondera porque parecia errado ter um cara tão genial em sua vida quando a amiga estava morta. Essa sensação surgira quando um jovem com quem Angela estava namorando aparecera no hospital. Abby ainda estava sob sedação e sentia muita dor. Ele se sentara ao lado

de sua cama, apoiara a cabeça na grade e chorara. Não havia gritado do jeito que tinha feito a mãe de Angela, mas a tristeza do rapaz machucou Abby mais do que conseguiriam palavras raivosas. Ele logo foi embora e Abby nunca mais o viu.

Perdida em pensamentos, ela quase bateu de frente na porta de vidro que dava para o estacionamento.

— Acorde — murmurou Abby para si mesma enquanto caminhava até o local onde estacionara seu carro. Depois de sua alta no hospital e um período de recuperação, precisara de muita coragem para se sentar novamente ao volante de um carro. Na verdade, isso demorara quase um ano.

Depois de destravar a porta, ela deslizou no banco do motorista e pôs as mãos no volante. Então, Angela queria que ela visitasse seus pais enquanto estivesse na cidade.

Aquele era um pedido impossível. Ela não conseguiria enfrentá-los. Bem que tentara, mas eles estavam muito afundados em sua dor para conseguirem encontrar o perdão no coração. De acordo com Angela, o tempo pouco tinha feito para mudar a atitude deles.

Abby se sacudiu mentalmente.

— Como você pode saber disso? — falou em voz alta. Que mulher em seu juízo perfeito ouvia vozes do além-túmulo? Chega dessa bobagem.

Chega.

Toda a cena no cemitério fora produto da imaginação. Ela esperara demais para visitar o túmulo da amiga e, como resultado, sua mente tinha transformado o acontecimento em um evento especial. E o resultado foi que ela delirou.

E sua própria mãe não tinha acabado de dizer que não queria que nada estragasse aquele dia perfeito? Seu irmão estava para se casar com a mulher que amava. Aquele não era o momento nem o lugar para Abby voltar no tempo numa tentativa de corrigir erros do passado. A melhor forma de lidar com aquela situação era ir ao casamento do irmão e desfrutar da ocasião especial com a família. E então ela poderia ir embora de Cedar Cove; fazer as malas e simplesmente deixar para trás toda aquela angústia e tristeza.

Esperou, aguardando que Angela desse sua opinião sobre o assunto. Devia estar parecendo uma boba, sentada ao volante do carro, esperando que alguém morto e enterrado argumentasse com seu monólogo interior.

Finalmente, Abby deu a partida e dirigiu até a entrada do hotel. Sua mãe apareceu assim que ela parou. O rosto de Linda se iluminou com um sorriso amplo logo que ela abriu a porta do passageiro e entrou.

— Você não vai adivinhar quem eu acabei de ver!

— Aposto que eu consigo — disse Abby.

— Steve Hooks! — A mãe deu um olhar significativo para Abby.

— Eu também o vi. Nós quase demos uma trombada no corredor do seu quarto. Bem, na verdade nós demos uma trombada.

— O avião dele atrasou — sua mãe explicou.

— Eu... eu estou contente que ele tenha conseguido chegar — disse Abby.

— Eu também. Sabe, o Roger mencionou que Steve não se casou. — Mais uma vez a mãe de Abby lhe lançou um olhar cheio de significado.

— É? — Seu coração começou instantaneamente a bater apressado, embora fosse ridículo pensar que eles poderiam continuar seu relacionamento do ponto em que pararam, tantos anos depois.

— Roger disse que Steve também perguntou de você.

Abby decidiu ignorar aquele comentário.

— Mãe, você precisa colocar seu cinto de segurança.

— Ah, claro. — Ela pegou a fivela e a levou até o encaixe, passando o cinto pela frente do corpo.

Como Abby queria ter insistido com Angela para que a amiga tivesse colocado o cinto. Mesmo naquele momento, tantos anos depois, sua cabeça martelava o aviso.

Depois de afivelar o cinto, Linda voltou a olhar para Abby.

— Bem, querida, o que Steve tinha para dizer?

— Infelizmente não tivemos muito tempo para conversar.

— Mas vocês vão conversar mais tarde, certo?

— Vamos... imagino que sim.

Sua mãe não disse nada durante um momento longo. Então, com um suspiro suave, ela acrescentou.

— É um começo.

Um começo. Era mesmo.



Enquanto Michelle foi ver como Richard estava, Josh enxaguou e colocou na lavadora as duas canecas que eles usaram para tomar chá.

A porta do quarto de Richard foi aberta e fechada e Michelle se aproximou dele. Josh ergueu os olhos, na expectativa. Não sabia bem o que esperava dela, mas a moça sustentou seu olhar e sentou-se em silêncio na sala de estar.

— Como ele está? — perguntou Josh, enfiando as pontas dos dedos nos bolsos do jeans.

— Do mesmo jeito; às vezes um pouco melhor, às vezes um pouco pior. A esta altura é difícil dizer.

Josh aquiesceu, sem saber o que comentar. A tensão entre Michelle e ele chegara ao ponto máximo. Embora estivesse relutante quanto a entrar no atoleiro emocional que envolvia os beijos dos dois, o assunto parecia inevitável.

— Talvez nós devêssemos conversar sobre... o que aconteceu — sugeriu ele.

Michelle lançou-lhe um olhar zombeteiro.

— Sabe — insistiu ele, desejando ter mais experiência nesse tipo de conversa. — Eu quero ter certeza de que você não está enxergando demais no que aconteceu... entre nós.

— Eu não devo? — perguntou ela.

— Não — respondeu ele depressa, pensando que provavelmente estava cometendo um grande erro.

— Você sempre evita qualquer envolvimento emocional, Josh?

Ele piscou, completamente arrependido por ter falado.

— Não é o que está acontecendo agora.

Ela respondeu com um sorriso desafiador, mas ele não queria nenhum tipo de discussão.

— Faça de conta que não falei nada. Sinto muito ter tocado no assunto.

— Se é isso que você quer, Josh, tudo bem para mim, mas um dia você vai ter que enfrentar essa questão.

Ela provavelmente tinha razão, porém aquele não era o momento.

— Podemos mudar de assunto?

— Por mim, tudo bem. Não fui eu quem começou.

— Ótimo. — Josh sentiu alívio imediato. Logo ele estaria longe e planejava nunca mais voltar. Ainda assim, quando olhava para Michelle, tudo que queria fazer era abraçá-la. Aquilo era loucura. Num minuto tudo o que conseguia pensar era em ir embora, e no outro se sentia dominado pela necessidade de envolver aquela mulher linda com seus braços, como se sua vida dependesse disso.

Michelle voltou para a cozinha.

Sem pensar direito, Josh a seguiu.

Ela pegou uma xícara de café limpa e, quando se virou, Josh estava bem a sua frente. Por um instante constrangedor, tudo que os dois fizeram foi olhar um para o outro. Josh não sabia o que dizer. Ele sabia que ela tinha razão. Ele evitava envolvimento emocional sem saber por quê. Seu trabalho sempre fora uma desculpa conveniente.

Sem dizer uma palavra, Michelle pegou seu casaco e se dirigiu à porta da frente.

Josh queria detê-la, mas sempre que abria a boca sentia que ia dizer algo estúpido. Provavelmente, o melhor a fazer era deixá-la ir.

A porta produziu um estalido fraco ao ser fechada. Então, ele estava a sós com Richard. A consciência disso o irritou. Quando Richard morresse, Josh estaria verdadeiramente sozinho.

Deprimido, ele se afundou em uma cadeira e cerrou os olhos. Inclinando-se para frente, apoiou os cotovelos nos joelhos. Ele não era bom nesse negócio de relacionamento. Nunca tinha sido. Michelle acertara o alvo. Tinha medo de compromisso, medo do que o futuro poderia lhe reservar. Sentia que perdera todo mundo que amara, e não sabia se deveria arriscar seu coração novamente. Seu pai abandonara sua mãe e ele. Esse foi o primeiro golpe. O segundo foi a morte da mãe, seguida pela de Dylan. Não gostava de pensar na morte do meio-irmão, que o atingira em cheio. Nunca tivera tempo para lidar com essa perda.

Talvez fosse medo do desconhecido, medo de mais perdas que o mantinha aprisionado nessa terra de ninguém. Sempre pensara que um dia se casaria, mas começava a perceber que um dia significava nunca. Era muito fácil deixar tudo

para o futuro.

Inesperadamente, a porta da frente se abriu de novo e Michelle voltou para dentro de casa. Josh se pôs de pé num pulo, o coração imediatamente feliz por vê-la. Ela saíra sem dizer nada, e ele deduzira que não voltaria. Tinha desejado segui-la, falar com ela, mas ficara preocupado em só tornar a situação pior.

— Você voltou — disse ele; um comentário que, na verdade, era bem óbvio.

Ainda bem que ela não disse isso.

Michelle trazia uma caixa nas mãos. Depositou-a sobre o balcão da cozinha e então tirou o casaco.

— O que é isso? — perguntou Josh.

— A Bíblia da sua mãe.

— Você achou a Bíblia da minha mãe? — Josh não conseguia acreditar. — Como a encontrou?

— Richard me disse onde estava.

— Ele disse? Você quer dizer agora? Hoje?

— Foi há alguns minutos, na verdade. Ele disse que estava na garagem e me descreveu o local exato.

Então Josh acreditou ter entendido.

— Ele disse que queria dar a Bíblia para você, não é? — Richard tentaria, naturalmente, impossibilitar que Josh conseguisse o que queria.

— Para mim? — repetiu ela.

Josh aquiesceu.

— Não — corrigiu ela —, ele quer que você fique com ela.

Josh levantou a cabeça.

— Ele disse isso?

— Disse, não fique tão chocada.

Por um momento maluco, Josh sentiu que suas pernas iriam derrubá-lo. Voltou a se afundar na cadeira.

— O que aconteceu?

— Você quer saber o que fez Richard mudar de ideia?

— Isso... ontem mesmo ele parecia determinado a não me deixar ficar com essa Bíblia, simplesmente porque sabia que eu a queria.

— Você vai ter que perguntar para ele. Mais tarde, porque agora ele está dormindo.

Josh pegou a Bíblia e a abriu. Sua mãe escrevera o nome na primeira página com caneta-tinteiro. Pelo que se lembrava, ela sempre usara caneta-tinteiro. Dizia que era mais distinto. Ela com certeza tinha uma bela caligrafia, que se prestava a isso. Suas letras eram ornadas com voltas e floreios delicados. Era como se ela tivesse estudado caligrafia com os homens que assinaram a Constituição.

Olhando para o nome da mãe, Josh sentiu a tristeza pousando sobre ele. Sentia a mesma falta da mãe de quando ela morrera. Ergueu a mão e passou o dedo por cima do nome dela.

Virando a página, viu que a mãe listara as datas de seus dois casamentos e do nascimento dele, Josh. Richard — só podia ter sido ele — colocara as datas de nascimento e morte de Teresa. A letra angulosa e abrupta contrastava com a de sua mãe.

Virando as páginas do Antigo Testamento, ele viu que muitos versículos estavam sublinhados, com observações escritas nas margens.

— Quería tê-la conhecido melhor — sussurrou Michelle.

Josh quase se esquecera de que Michelle estava presente. Ele também queria ter conhecido melhor a mãe. Mas quando ela morrera, era o adolescente típico, absorto e egoísta. Ele não compreendera, na época, o que significava perder a mãe. Compreendia agora, e a perda era tremenda.

Ele imaginou se em algum momento do futuro sentiria o mesmo a respeito de Richard, mas duvidou. Com todo o desentendimento entre eles, seria necessário mais que a devolução da Bíblia de sua mãe para que superasse o passado.

Michelle se sentou a sua frente e Josh lhe ofereceu um sorriso sem graça. Folheou a Bíblia por mais alguns minutos e então decidiu ir ver como Richard estava.

A porta do quarto rangeu suavemente quando ele a abriu. Os olhos de Richard se abriram e, quando viu Josh, ele virou a cabeça de lado, como se para evitar contato visual.

Josh entrou no quarto e se colocou ao pé da cama.

— Acho que devo lhe agradecer.

— Sua mãe iria querer que você ficasse com ela.

Josh mordeu a língua para não dizer que o padrasto poderia ter lhe entregado a Bíblia há muito tempo.

— Por que resolveu me dar a Bíblia agora?

Richard olhou para ele.

— Eu a amava. Você pode me odiar o quanto quiser; e eu sei que odeia. Acho que lhe dei muita razão para isso.

— Deu mesmo — disse Josh. Há muito eles tinham ultrapassado o ponto de dourar a pilula. — Eu precisava de um pai e você foi frio, insensível comigo; foi pior do que não ter ninguém.

— Meu primeiro casamento foi muito ruim. A mãe de Dylan... — O restante foi inaudível, como se ele não tivesse mais forças para falar. — Teresa... foi minha alma gêmea.

Josh queria perguntar ao velho por que o odiava tanto, mas já sabia a resposta. Pensando bem, era perfeitamente claro e compreensível. Josh era seu concorrente pela atenção de Teresa. Ela amava os dois e cada um queria e precisava ser amado mais e em primeiro lugar. Sua mãe vivera uma situação impossível, amando filho e marido e tendo que lidar com essa batalha entre os dois.

— Obrigado pela Bíblia — sussurrou Josh.

— Eu fiquei com ela porque queria guardar uma parte de Teresa.

Josh conseguia entender isso.

— Deixei instruções para que ela fosse colocada no caixão comigo... mas acabei de ditar uma observação para mudar isso. Você pode ficar com ela.

Josh planejava fazer exatamente isso, com ou sem instruções. O lugar daquela Bíblia era com ele, não no solo frio com Richard.

Seu padrasto fechou os olhos novamente. Fosse porque a conversa o deixara exausto ou porque pegara no sono, Josh não sabia dizer. Ele tinha conseguido o que queria, ou pelo menos parte do que esperava conseguir, e por enquanto era o suficiente. Virando-se, saiu do quarto e fechou a porta atrás de si.

Michelle ergueu o olhar quando Josh surgiu, vindo do quarto de Richard.

— Originalmente ele não planejava me dar a Bíblia — Josh contou para Michelle. — Ele disse que queria ser enterrado com ela.

— Eu sei — disse ela. — Ele me fez escrever uma declaração, que ele assinou, dizendo que mudara de ideia e que você devia ficar com a Bíblia.

— É muita bondade dele — murmurou Josh.

— É sim — disparou ela acaloradamente. — Qual o seu problema? Você não sabe admirar nada?

— Aparentemente, o fato de que por justiça a Bíblia deveria mesmo ficar comigo não importa — retrucou ele.

Eles se encararam por vários instantes.

— Preciso tomar ar — anunciou ela, que pegou o casaco a caminho da porta.

Josh pensou em detê-la. Ela já estava saindo quando ele ergueu a mão, mas não soube o que dizer. Talvez assim fosse melhor.

Deixou os ombros caírem quando a porta foi fechada. Muitas portas se fecharam para ele após a morte da mãe. Só não entendia por que aquela porta se fechando o perturbava tanto.



Eu estava ansiosa para ir à biblioteca. Sempre fui uma grande leitora, e pensei que poderia até me oferecer como voluntária no programa Amigos da Biblioteca.

Ter encontrado Grace e a juíza Olivia durante o almoço fora uma grata surpresa. Eu não pensava que conseguiria fazer contatos tão rapidamente no meu novo lar. Estava preocupada que pudesse ficar um pouco isolada naquela cidade em que não conhecia ninguém. Eu reconheci, imediatamente, que aquelas duas mulheres de sucesso seriam excelentes modelos para mim. Eu poderia aprender bastante sobre vida e desenvolvimento profissional com elas, e torci para cultivar sua amizade.

A caminhada até a biblioteca demorou apenas alguns minutos. O edifício era feito de blocos de cimento e tinha um grande mural na face que dava para a marina. O vento soprava do mar e os barcos balançavam suavemente sobre as ondas.

O mural da biblioteca mostrava uma mulher do século 19 segurando um lampião e olhando para o mar, supostamente esperando pelo retorno do marido, um pescador ou marinheiro. Duas crianças estavam ao seu lado. A pintura parecia recente.

A porta dupla de vidro se abriu automaticamente quando me aproximei. Uma vez lá dentro senti uma bem-vinda lufada de ar quente. Reparei que de um lado havia um balcão comprido para retirada de livros. No centro ficava um quiosque de informações. Os dois locais tinham funcionários.

— Jo Marie.

Ouvi meu nome e me virei para ver Grace caminhando na minha direção.

— Ah, olá! Eu vim para fazer meu cartão de biblioteca — disse-lhe.

— Ótimo — disse Grace, iluminando-se. — Se vier comigo eu lhe mostro onde pode preencher o formulário.

Ela me levou até um computador, no qual carregou a página de inscrição.

Tinha acabado de me explicar o que eu precisava fazer quando um funcionário se aproximou com uma dúvida.

— Você pode me dar licença um instante? — pediu Grace.

— Claro. — Eu não esperava que ela deixasse tudo de lado para me atender. Só precisei de alguns minutos para preencher o formulário e enviar a informação. Fui informada de que meu nome entraria no sistema e que o cartão seria emitido dentro de cinco a sete dias úteis.

Grace voltou.

— Você gostaria de conhecer a biblioteca?

— Seria ótimo, se você tiver tempo.

Começamos por uma grande área aberta que era, obviamente, para crianças.

— Nós começamos recentemente com o programa “Lendo com Rover”, para crianças com dificuldades de leitura — explicou ela. — Beth Morehouse traz cachorros para as crianças.

— Cachorros? — perguntei.

— Isso, as crianças leem para eles. Isso as deixa à vontade e ajuda a relaxar. Os cachorros não as criticam se elas pronunciam incorretamente uma palavra, e há voluntários para ajudar. Sei que pode parecer esquisito, mas você ficaria surpresa como esse programa tem ajudado os leitores mais lentos.

— Você precisa de mais voluntários? — perguntei.

— É muita gentileza sua se oferecer, mas já temos voluntários o suficiente. Mas nunca se sabe quando isso pode mudar. Vou anotar seu nome para o futuro. Contudo, se você está querendo... — Ela fez uma pausa e me analisou. — Como você é com animais?

Eu não sabia muito bem como responder.

— Boa, eu acho.

— Você gosta de cachorros?

— Amo. Mas enquanto trabalhava em tempo integral não me parecia justo ter um para deixá-lo sozinho em casa o dia todo.

Grace abriu um grande sorriso.

— O que você acha de adotar um cachorro?

— Adotar um cachorro?

— Eu sou voluntária em um abrigo de animais — explicou ela —, e atualmente estamos com uma grande população de cães. Pensei que você talvez

quisesse adotar um.

Instantaneamente, uma longa lista de razões para rejeitar a ideia me veio à cabeça. Primeiro, ter um cachorro afastaria clientes em potencial — qualquer pessoa alérgica ou que simplesmente não gostasse de animais iria me deixar de lado. Gosto de cachorros, mas desde a infância não tenho um. Será que eu teria tempo de cuidar de um bicho? Animais de estimação podem exigir muito tempo do dono. Eu tinha feito grandes mudanças na minha vida e não estava certa de que deveria chegar a esse ponto.

Grace deve ter percebido minha expressão relutante, porque acrescentou:

— Um cachorro, principalmente um grande, vai lhe dar proteção, além de ser ótima companhia. — Ela sorriu. — Anos atrás, quando era solteira, peguei um golden retriever fantástico que chamei de Amorosa. Ela era minha companhia constante. Foi a primeira vez na minha vida que morei sozinha, e não consigo dizer como a Amorosa fazia bem para mim.

Eu morei sozinha quase minha vida adulta inteira, então era diferente para mim. Ainda assim, Grace apresentou um bom argumento. Um cachorro, principalmente de grande porte, poderia me oferecer um pouco de segurança. O mundo está cheio de homens como Spenser, ansiosos para tirar vantagem de mim. E quando se trata de receber hóspedes, bem, não se pode ter certeza do tipo de gente que aparece. Ter um cachorro grande ao meu lado começou a não parecer mais uma má ideia.

— Acho que adotar um cachorro é uma ótima sugestão — disse eu, refletindo. Estava tentada a aceitar a sugestão, mas também fiquei preocupada. — Meu único medo é que isso pode ser um problema para meus hóspedes.

— Pense a respeito — disse Grace. — Aposto que é algo em que você pode dar um jeito. Para quem gosta de cachorros, esse pode ser um diferencial da sua pousada.

— Eu gosto da ideia...

Grace pareceu encantada por meu interesse.

— Agora é uma época muito boa. Como eu disse, o abrigo está com uma variedade grande de raças disponíveis para adoção. — Ela me levou até o balcão e anotou o endereço numa folha de papel, que depois arrancou do bloco.

Um cachorro. Bem, isso seria interessante. Talvez mais tarde eu desse um pulo no abrigo para ver que animais estavam disponíveis.

Com meus afazeres terminados, caminhei de volta à pousada, refletindo muito sobre a adoção de um cachorro. Sempre ouvi que pastores-alemães eram cães excelentes. Não faria mal dar uma olhada no abrigo e pegar as informações

necessárias antes de tomar a decisão final. Eu também precisaria de um treinador e me informar sobre aulas de obediência.

Determinada, entrei no carro e coloquei o endereço do abrigo no meu GPS. O local ficava a apenas dez minutos e, enquanto dirigia, eu podia quase sentir a aprovação de Paul. Ele gostaria de ter um cachorro. Eu me lembro de ouvi-lo falar do cachorro de sua infância, um husky do Alasca chamado Rover.

Assim que entrei, pude ouvir os cães latindo ao fundo. Aproximei-me do balcão e fui cumprimentada por um voluntário.

— Olá — disse eu. — Vim ver os animais... estou pensando em adotar um cachorro; de preferência de uma raça grande.

— Temos vários. Você primeiro precisa preencher a papelada. Depois que for aprovada vai poder fazer sua escolha.

Aprovada? Tudo que eu queria era dar uma olhada, mas talvez fizesse sentido tirar a papelada do caminho para o caso de eu achar um cachorro que me interessasse. Ter um animal de estimação é uma grande responsabilidade, então dava para entender por que o abrigo queria garantir que seus animais fossem para ambientes saudáveis.

Eu recebi uma prancheta com o formulário. Encontrei um canto sossegado onde poderia me sentar e preenchê-lo. Terminei depois de alguns minutos e tive que esperar para devolver a prancheta para o voluntário.

— Obrigado, um membro da equipe vai avaliar sua ficha e você saberá a resposta em poucos minutos. Pode esperar aqui, se quiser.

— Ah, tudo bem. — Eu me perguntei se as coisas não estavam indo mais depressa do que eu queria. Afinal, eu só viera para dar uma olhada. Ainda não tinha tomado uma decisão, porém ainda assim me sentia propensa a aceitar aquela ideia. Não era uma pessoa de natureza impulsiva, mas tomei várias decisões nos últimos meses baseadas na emoção. Eu não era assim. Suponho que essa mudança no meu comportamento usual pudesse ser parte do processo de luto, mas não dava para ter certeza. Eu me remexi, sentindo-me repentinamente desconfortável, e olhei para a porta, imaginando se alguém repararia se eu simplesmente fosse embora. Meu coração começou a martelar e pareceu que meus joelhos iriam se dobrar. O que eu sabia de cachorros? Muito pouco. Eu já tivera muitas mudanças na vida e com certeza não precisava de mais uma.

Sentindo um calor inusitado, desabotoei o casaco. Continuei a fraquejar, mas, quando estava para sair, um voluntário se aproximou de mim. Ele sorriu e disse:

— Por aqui.

— Eu... eu mudei de ideia — disse eu, tropeçando nas palavras. — Quero

dizer, eu gosto de animais, mas...

— Hum... entendo, mas por que você não dá uma olhada nos cachorros disponíveis para adoção antes de tomar uma decisão?

— Ah... — Eu continuava hesitante.

Pelo jeito aquele jovem não iria aceitar não como resposta.

— Por aqui — disse ele, levando-me até os fundos do abrigo. Ele manteve a porta aberta para mim e reparei que a prancheta com meu cadastro estava em sua mão. — A propósito, meu nome é Neal.

— Oi, Neal... o meu é Jo Marie. Você conhece Grace Harding? — perguntei, para disfarçar meu nervosismo. — Foi ela que me recomendou adotar um animal de estimação.

Neal abriu um grande sorriso.

— Grace e eu geralmente somos voluntários aos sábados. Infelizmente, hoje ela foi chamada no trabalho. Mas vejo que ainda assim, quando não está aqui, Grace faz o seu melhor para encontrar bons lares para nossos animais.

Ele me levou por um longo corredor com gaiolas dos dois lados. Os cães dentro delas ficavam deitados, a maioria dormindo. Tigelas de água e comida estavam dispostas de um lado da gaiola.

— É como se estivessem na prisão — comentei, simpatizando instantaneamente com os caninos.

— Eles só ficam nas gaiolas parte do dia — garantiu Neal. — Voluntários passeiam com eles regularmente, além de verificarem se os animais têm água e comida. Não precisa se preocupar; cada cão neste abrigo é amado e cuidado até que lhe encontremos um lar permanente. Infelizmente, estamos com animais em excesso. Com o momento econômico difícil que vivemos, algumas famílias não conseguem manter seus amigos.

— Como eu disse, não tenho certeza de que devo fazer isto.

— Por favor, ainda não tome uma decisão, está certo?

— Certo — murmurei.

Caminhamos lentamente pelo amplo corredor.

— Vocês têm algum pastor-alemão?

— Temos dois.

— Posso vê-los? — perguntei, pensando que estava desperdiçando o tempo dele e o meu.

— Claro. Shep e Tinny estão à esquerda, mais adiante. — Ele acelerou o passo.

Aparentemente, os cães estavam acostumados a pessoas passando, porque apenas uns poucos deles pareceram reparar em mim. Dois levantaram a cabeça, mas logo apoiaram o queixo em suas patas e fecharam os olhos.

Com uma exceção.

Assim que me viu, um cãozinho vira-lata levantou-se com um pulo e correu para a frente da gaiola.

— Ora, oi para você também — disse eu, agachando para ver melhor aquele cachorro branco e preto. — Quem é você? — Ele era muito fofo, mas também muito menor do que o cachorro que eu imaginava adotar. *Se eu adotasse.*

— Minha nossa! — disse Neal.

Espantada com a reação do voluntário, olhei para ele.

— Algo errado?

— Esse é o Rover.

— Rover? — Esse também era o nome do husky de Paul.

— Não é muito original, certo? Nós pensamos em diversos nomes, e, como parecia que ele andou muito antes de chegar até nós, ficamos com Rover.

— Ah. — Meu olhar voltou ao cãozinho desganhado, que me encarou com seus olhos castanhos. Seu olhar era determinado, como se ele quisesse algo de mim. Mas eu não tinha nada para lhe dar.

— Rover foi abandonado e estava quase morto de fome quando o encontramos. Esta é a primeira vez que o vejo reagir a alguém. Acho que ele gostou de você.

— Bem, Rover, sinto muito, mas preciso de um cachorro muito maior. — Levantei-me lentamente. Eu comecei a me afastar quando Rover soltou um uivo estridente, que assustou a Neal e a mim.

— Ele está bem? — perguntei me virando.

— Não sei — admitiu Neal. — Nunca o vi fazendo nada assim antes. Na verdade, nunca vi Rover mostrar interesse em ninguém nesse tempo todo em que ele está aqui.

— Faz tanto tempo assim? — Do jeito que era fofo, meio desalinhado, eu tinha que pensar que deveria haver algo errado com Rover para ele ainda não ter sido adotado.

— Mais tempo do que outros cachorros do mesmo tamanho. Como ele estava em más condições ao ser encontrado, precisamos de várias semanas para deixá-lo bem de saúde e... — Neal hesitou.

— E? — disse eu, querendo que ele concluísse a frase.

— Ele parece um pouco exigente.

— Como assim?

Neal deu de ombros.

— Ele parece gostar de algumas pessoas e não gostar de outras, mas você é a primeira a quem ele reagiu assim.

Achei que deveria me sentir lisonjeada.

— Na verdade, toda vez que alguém mostrava interesse, Rover fazia algo que levava a pessoa a escolher outro cachorro — explicou Neal. — Quer dizer, isso até ele ver você.

Dei de ombros.

— Ele provavelmente sentiu o cheiro do meu almoço, ou algo assim.

Neal aparentou não concordar comigo, mas pareceu disposto a aceitar minha explicação. Continuamos a andar pelo corredor e, quanto mais nos afastávamos de Rover, mais alto ele uivava.

Eu o ignorei até chegarmos ao cercado com o primeiro dos pastores-alemães.

— Qual o nome deste? — perguntei.

— Este é o Shep.

— Olá, Shep — disse eu, agachando.

Shep ergueu a cabeça e me deu um olhar desinteressado. Então voltou a descansar o queixo na pata.

Enquanto isso, Rover se pôs de pé sobre as patas traseiras, apoiando as dianteiras na grade, enquanto uivava e fazia uma bagunça geral.

Neal cruzou os braços, apoiando a prancheta no peito.

— Nunca vi Rover se comportar assim.

— Eu não quero um cachorro pequeno — enfatizei. Eu queria adotar um cão de guarda, que fizesse tipos como o Spenser pararem para pensar. Um vira-lata de cinco quilos não iria assustar ninguém além do carteiro.

— Esta é a Tinny — disse Neal, aproximando-se de outro cercado. — De Rin Tin Tin.

— Tinny — repeti. Ela também estava deitada, e não se importou que a visitante tinha chegado para inspecioná-la com vistas a uma possível adoção.

Rover continuava uivando.

— Talvez você devesse levar Rover para passear — sugeriu Neal.

— Eu não quero o Rover — insisti.

Neal sorriu e balançou a cabeça.

— Parece que o Rover quer você.

— Ah, pelo amor de Deus, tudo bem, eu levo Rover para passear. — Achei que toda essa confusão era porque Rover, apesar de abandonado, sabia se comunicar quando queria sair para passear.

Neal pegou uma guia e abriu a porta da gaiola. Eu pensei que Rover fosse sair correndo para exercitar sua liberdade. Mas não. Ele saiu com a dignidade de um rei visitando seus súditos e parou diante de mim. Sentou e olhou para cima.

— Está certo, está certo — disse eu. Em seguida, peguei a guia das mãos de Neal e a prendi na coleira de Rover. Neal nos acompanhou até a porta e foi assim que começamos. Eu me senti um pouco ridícula andando com aquele cachorro esfarrapado pelo gramado em volta do abrigo.

Nós tínhamos acabado de sair pela porta quando Rover virou a cabeça e olhou para mim. Nossos olhos se encontraram e eu senti como se tivesse levado um choque. Neal brincara sobre Rover ter me escolhido, mas vi que não era exagero. Aquele cachorro já tinha decidido que eu seria sua dona. Ele estava determinado a voltar para casa comigo.

Eu desviei o olhar e voltei para o abrigo, onde Neal nos aguardava.

— Que rápido — comentou ele.

— Por favor, conte mais do Rover — pedi eu.

— Bem, como eu disse, ele estava faminto e em más condições físicas quando foi encontrado. — Ele virou as páginas de um relatório e franziu a testa. — Nós acreditamos que ele sofreu muito.

— Sofreu como?

— É difícil dizer, mas as anotações aqui sugerem que ele foi torturado física e psicologicamente.

— Isso explica as reações dele com outros donos em potencial — murmurei suavemente, pensando em voz alta.

Um cachorro que precisava se recuperar. Imaginei se seria possível que

Rover tivesse reconhecido a dor que eu trazia no coração. Rover continuou firme, sustentando meu olhar. Eu sabia que deveria refletir mais sobre aquela decisão, pesar os problemas que ela poderia representar para a pousada, principalmente se Rover revelasse ter uma personalidade difícil. Mas, ainda assim, algo dentro de mim disse que tudo estava bem... mais do que bem. O lugar de Rover era comigo, na Pousada Rose Harbor.

Eu apertei os olhos e pisquei para segurar as lágrimas.

— Foi o Paul que mandou você? — sussurrei para o cachorro.

O olhar de Rover continuou firme. Era por causa de Paul que eu estava morando em Cedar Cove. Ele enviara duas almas feridas para serem meus primeiros hóspedes na pousada e agora colocara aquele cãozinho no meu caminho. No entanto, Rover não era um cachorro qualquer. Ele tinha feridas no espírito e no coração. A decisão estava tomada. Rover ia para casa comigo.



Abby e a mãe pararam no estacionamento do Palácio da Panqueca, onde Patty sugerira que elas se encontrassem para almoçar. O coração de Abby palpitava enquanto ela se preparava mentalmente para ver algumas de suas antigas colegas de escola. Amigas que ela considerava como irmãs, mas que tinha ignorado solenemente desde o funeral de Angela. Abby se perguntou se elas seriam tão receptivas como Patty, ou se alguma teria coragem de falar do acidente. Será que as pessoas ainda pensavam que ela dirigira bêbada ou irresponsavelmente naquela noite?

Sua mãe também parecia estranhamente quieta. Ela parecia sentir as dúvidas e hesitação de Abby. Linda Kincaid colocou sua mão sobre a de Abby.

— Você está pronta? — perguntou delicadamente.

Abby aquiesceu, embora o pavor se acumulasse como bile no fundo de sua garganta. Aquilo não precisava ser tão difícil, e não seria se ela não tivesse se isolado de todos. Apesar das tentativas de Linda para reconfortá-la, seus temores estavam descontrolados. O que diria se alguém falasse em Angela ou no acidente? Decidiu ser honesta e dizer para as amigas que o acidente mudara o curso de sua vida. Talvez precisasse se defender de acusações; se isso acontecesse, não sabia como reagiria.

— Vai ser bom ver suas amigas — disse a mãe, a voz anormalmente aguda, como se tentasse reconfortar a si mesma além de Abby. — Você tinha tantas boas amigas na escola.

— Tinha mesmo — concordou Abby, forçando-se a sorrir. — Tudo foi muito bem, ontem, quando encontrei Patty na farmácia. E tudo vai correr bem agora, também — desejou.

Abby abriu a porta do carro e saiu. O impacto de umidade e frio foi instantâneo.

Sua mãe juntou-se a ela, passando o braço pelo seu. Juntas as duas entraram no Palácio da Panqueca. Imediatamente passou por elas a antiga garçoneira

rabugenta de quem Abby se lembrava da adolescência. Ela vestia seu uniforme rosa com avental branco e ia de mesa em mesa com uma jarra de café.

— Essa é a Goldie? — perguntou a mãe. — Meu Deus, achei que ela já estaria aposentada.

Aparentemente, a audição de Goldie continuava boa, porque ela se virou para olhar na direção delas. Goldie apertou os olhos, como se não reconhecesse imediatamente Abby ou Linda. A garçonete se remexeu e colocou a mão na cintura antes de andar na direção delas.

— Eu me lembro de você... não me diga seu nome — instruiu ela apontando o dedo indicador para Abby.

Como seu retrato e a foto da cena do acidente apareceram no jornal local por semanas, Abby não tinha dúvida de que Goldie se lembraria dela, apesar dos anos.

— Kincaid, certo?

— Certo — disse Abby, sorrindo apesar do nervosismo.

— Você está no grupo da Patty? — Ela não lhe deu tempo para responder. — Ela reservou o salão nos fundos. Há toda uma turma de garotas lá, e elas estão fazendo mais barulho do que quando eram adolescentes. — Ela piscou para Abby. — É bom ver você de novo, Lindinha.

— Lindinha? — repetiu Abby enquanto uma sensação gostosa tomava conta dela. Ela levou a mãe até os fundos do restaurante, onde ficava o salão reservado. Lindinha era como Goldie a chamava na adolescência. A garçonete se lembrara.

O salão ficava atrás de duas portas de vidro. Era relativamente pequeno, com espaço suficiente para uma mesa comprida que acomodava de doze a quinze pessoas. Abby conseguiu ouvir a conversa animada antes mesmo de chegar lá.

A conversa morreu no instante em que Abby e sua mãe entraram na sala. Por um momento, Abby teve certeza de que viveria seu pior pesadelo. Mas o silêncio não durou mais que alguns instantes, e logo ela foi rodeada por amigas que conhecera por praticamente toda a infância. Com o canto do olho Abby viu a mãe de Patty abraçando calorosamente a sua.

— Abby, Abby. — Marie, uma de suas amigas de infância mais próximas, rapidamente a abraçou. — Senti tanta falta de você.

— Você está maravilhosa.

— Não mudou nada desde a formatura.

— Quanto tempo você vai ficar na cidade?

— Sentimos sua falta nos encontros.

— Ah, é tão bom ver você!

As amigas rodearam Abby, disparando perguntas e comentários de todas as direções. Abby tentava responder, mas, antes que ela conseguisse falar, chegava outra pergunta.

— Meninas, meninas. — Patty interrompeu a bagunça, levantando as mãos para conseguir a atenção de todas. — Pelo amor de Deus, deixem a Abby respirar.

As amigas começaram a se espalhar, dando a Abby e sua mãe a oportunidade de procurarem um lugar para se sentar.

— Vamos todas nos sentar — orientou Patty a seguir.

— Patty sempre foi uma pessoa organizadora — Suzie disse para Abby enquanto lhe dava um abraço apertado.

— Mandona, você quer dizer — acrescentou Marie, rindo. — Mas é assim que gostamos dela.

— Nós a amamos por ser assim — acrescentou Amy. — Se não fosse pela Patty, não saberíamos que Abby está na cidade. Lembra quando você, Patty, e eu entramos no vestiário dos meninos, no fundamental?

Abby nunca iria se esquecer de como ficara envergonhada quando o assistente do treinador saiu do chuveiro e entrou no vestiário. As garotas achavam que não tinha ninguém lá. Elas gritaram e saíram correndo. A lembrança imediatamente produziu risos em todas.

Abby foi levada a uma cadeira no meio da mesa, e sua mãe se sentou entre ela e a mãe de Patty.

— O que trouxe você à cidade? — perguntou Laurie.

— Eu vim para o casamento do meu irmão — respondeu Abby.

— Roger vai se casar? — disse Allison, colocando a mão sobre o coração. — Eu era tão a fim dele durante o Ensino Médio!

Abby sorriu. Todas as suas amigas achavam Roger um gato — ela se perguntou se as garotas atuais ainda usavam o mesmo termo.

— Ele continua bonito como era na adolescência? — perguntou Suzie apoiando o queixo nas mãos e soltando um lento suspiro de adoração.

— Está mais — disse a mãe de Abby. — Ele vai se casar com Victoria Templeton.

— Conheço a família dela — disse Amy. — Gente boa.

— Victoria sortuda — murmurou Marie.

— Vamos parar de falar do Roger? Nós todas estamos casadas e logo Roger também vai estar. Então, é caso perdido. Quero saber da Abby. — Esse comentário veio de Allison, que estava sentada de frente para Abby.

Marie apoiou os cotovelos na mesa.

— Que coisa, Abby. Você não veio a nenhum encontro — acusou ela. — Tenho que lhe lembrar, Abby Kincaid, que você foi a presidente da classe no ano da formatura.

— Bem, é verdade... — Abby começou a falar, mas foi interrompida.

— Conte-nos de você — disse Suzie, inclinando-se para frente. — Conte-nos o que aconteceu na sua vida nos últimos anos. Casou? Filhos? Eu tenho gêmeos idênticos, você acredita? E acabei de descobrir que estou grávida de novo.

Ao anúncio de sua gravidez seguiu-se uma rodada de felicitações.

— Chega de você, Suzie — disse Patty. — Queremos saber de Abby.

Mais uma vez as perguntas vieram de todos os lados, mas por sorte Patty interveio novamente.

— Uma de cada vez, tudo bem? Marie, você está mais perto de Abby, então pode começar.

Durante uma hora inteira elas nem olharam para o cardápio. Goldie, por sua conta, trouxe-lhes batatas fritas com refrigerantes gelados, o que era apreciado por Abby e Angela, mas também por praticamente todo mundo.

— Comecei uma dieta! — exclamou Suzie. — É minha terceira esta semana.

— Recomece amanhã — insistiu Marie ao esticar o braço até o meio da mesa para pegar uma batata. — Além disso, o refrigerante é diet, certo Goldie?

— Eu não serviria outra coisa para vocês, meninas — a garçonete respondeu enquanto andava ao redor da mesa enchendo seus copos.

— Tudo bem, tudo bem, vou comer uma batata — concordou Suzie —, mas só uma.

Abby riu. Suzie estava de dieta desde que a conhecera. Elas costumavam correr juntas e chegaram até a entrar no time de corrida da escola no segundo ano, no entanto a iniciativa durou só alguns meses.

— Iogurte de novo? — provocou Abby, lembrando da dieta que Suzie tinha feito antes da formatura. Ela tomara iogurte três vezes por dia durante uma

semana e ganhara meio quilo.

— Sabe, eu entrei nos Vigilantes do Peso tantas vezes que da última vez usei um pseudônimo.

Todas riram.

Suzie pegou uma batata e a enfiou na boca.

— Vou comer uma salada de almoço.

— Lembre-se de que você está comendo por dois ou três — provocou Abby e, novamente, todas riram.

— Salada do Chef com molho à parte — disse Goldie balançando a cabeça como se estivesse se divertindo.

A conversa continuou por todo o almoço. Abby tinha pedido uma salada igual à de Suzie, mas mal tivera chance de comer. Estava sendo tão incrivelmente gostoso aquele almoço com as antigas amigas! Elas brincaram, riram, lembraram e falaram das novidades em suas vidas desde a formatura no Ensino Médio e na faculdade. Abby era a única solteira e sem filhos.

Sentada com as amigas, ela percebeu que todas tinham seguido com suas vidas. Ela era a única presa ao passado, temente ao futuro, em um padrão de espera, aguardando... o quê, ela não sabia. O interminável antes e depois da morte de Angela. Com essa consciência veio outra. O bate-papo continuava e ela percebeu que suas amigas estavam genuinamente felizes por vê-la. Abby compreendeu que estava esperando que alguém a punisse. Era isso que ela aguardava; por isso prendia a respiração, tensa. Só que nada disso acontecera. Ela passara os últimos quinze anos se punindo.

— Eu gostaria de pedir desculpas a todas vocês — disse ela, fazendo uma pausa para limpar a garganta.

O salão ficou chocantemente silencioso no momento em que todas as suas amigas do Ensino Médio voltaram a atenção para ela.

— Eu percebo que fui indelicada e pouco amiga na sequência do... acidente — continuou Abby. — Cada uma de vocês tentou entrar em contato e eu... eu me sentia tão infeliz e culpada que não fui capaz de lidar com nada além da minha própria tristeza. Não consigo dizer o quanto é bom, para mim, ver vocês todas aqui. — Lágrimas inundaram seus olhos e ela rapidamente as enxugou. — Obrigada por serem minhas amigas mesmo quando eu mesma não era.

— Ah, Abby...

— Nós amamos você — disse Patty estendendo a mão para segurar

suavemente a de Abby. — Todas nós sabíamos que você estava passando por uma situação terrivelmente difícil depois do acidente. O coração se cura em um ritmo todo particular. Nós estamos simplesmente felizes de ter você novamente.

— Eu desculpo você — acrescentou Marie —, mas só se prometer comparecer ao próximo encontro da turma.

— Prometo — respondeu Abby.

— E se nunca mais falar na dieta do iogurte — acrescentou Suzie.

Todas elas riram e o riso foi um bálsamo. Todas falaram ao mesmo tempo, oferecendo perdão e compreensão, ansiosas por retomar a amizade com Abby.

Linda Kincaid pegou a mão da filha, entrelaçando seus dedos ao lhe oferecer seu apoio silencioso.

Abby olhou para as amigas.

— Eu estava apavorada de voltar a Cedar Cove para o casamento, mas estou feliz por ter vindo. Foi maravilhoso rever vocês.

— Vamos fazer um chá de bebê para Suzie — sugeriu Allison. — Você sempre planejou as melhores festas. Você voltaria a Cedar Cove para isso, não voltaria?

Abby riu.

— Seria mais fácil se todas vocês viessem até mim — brincou ela.

— Muito engraçada — Suzie riu e, ficando séria, acrescentou: — Alguém está interessada no resto das batatas fritas?

Mais uma vez, todas riram.

Laurie, a mais quieta da turma, pegou a bolsa para pagar sua parte da conta.

— Escutem — disse Abby, reunindo coragem. — Antes que todas comecem a ir embora, quero fazer uma pergunta.

— Claro — mais uma vez, Patty respondeu pelo grupo. — Manda ver.

— Alguma de vocês... ainda vê a família da Angela?

Sua pergunta produziu uma pausa pesada.

— Os pais dela ainda moram na cidade — disse Laurie.

— O irmão está na região de Spokane, acho — acrescentou Amy.

— Como estão os pais de Angela? — Abby perguntou em seguida. Eles estavam tão amargurados e bravos da última vez que Abby tentara falar com eles... principalmente a mãe.

— Bem, eu acho — disse Patty e olhou para as amigas ao redor da mesa, para ver se alguém acrescentava algum detalhe. — Charlene passa na farmácia de vez em quando, mas não temos muito que conversar.

— Os White ficam na deles, atualmente.

— Mike White gostava de jogar golfe — lembrou a mãe de Patty.

— É verdade — disse a mãe de Abby. — Mike e Tom estavam sempre juntos no campo de golfe. Infelizmente, as coisas mudaram depois... — ela não precisou terminar a frase para Abby entender o que ela pretendia dizer. Depois do acidente... a relação entre os dois se deteriorara até acabar e eles nunca mais se falaram.

— Você fala com eles? — Amy perguntou para Abby.

Esta balançou a cabeça.

— Eu tentei várias vezes no ano após o acidente, mas eles não queriam saber de mim.

— Talvez você se sinta melhor se fizer mais uma tentativa — disse Linda. — E, na verdade, é só o que você pode fazer. Pelo menos você terá a satisfação de saber que tentou se comunicar com eles.

— Use seu próprio bom senso — disse Amy, com a mesma bondade de espírito que costumava mostrar durante o Ensino Médio.

Após pagarem a conta, as amigas se levantaram para sair. Abby abraçou cada uma delas, que foram saindo do salão até que permaneceram apenas Abby, Patty e as duas mães.

Patty e Abby se abraçaram.

— Obrigada — sussurrou Abby, dando um abraço mais demorado na amiga. — Nem consigo dizer como isto foi importante para mim. — O encontro a ajudara a redescobrir tudo que já houvera de bom em sua vida, e também lhe dera a esperança no futuro.

— Eu é que agradeço. — Lentamente elas se separaram.

Linda também abraçou Patty.

— Sinto que tão poucas de nossas mães pudessem vir. Este é um fim de semana agitado, e eu realmente não tive muito tempo para planejar — explicou-se Patty.

— Foi tudo maravilhoso — tranquilizou-a a mãe de Abby.

As quatro mulheres saíram juntas do Palácio da Panqueca. Abby estava muito animada. Sua recepção em Cedar Cove fora muito melhor do que ela

esperava ou mesmo sonhava.

O carro de Patty encontrava-se parado do outro lado do prédio, de modo que elas se separaram. Abby entrou em seu carro alugado e imediatamente deu partida e ligou o aquecedor. Logo veio o sopro de ar quente.

Sua mãe se sentou no lado do passageiro e colocou o cinto de segurança. Esfregando a palma das mãos para gerar calor, Linda Kincaid voltou-se para olhar Abby.

— Você vai? — perguntou.

Sua mãe não precisava dizer a frase completa para que Abby entendesse a pergunta. Ela queria saber se Abby iria visitar os pais de Angela.

Abby hesitou.

— Eu não disse onde estive antes. Fui ao cemitério visitar o túmulo de Angela.

— Ah, querida, deve ter sido tão difícil!

— Eu esperava que seria duro, mas não foi tão difícil quanto imaginava.

— E sobre os pais dela...? — Linda deixou o resto da pergunta em suspenso.

— Eu sei que parece impossível, mas, enquanto estava no cemitério, senti como se Angela estivesse me pedindo para falar com seus pais.

— Ah, Abby.

— Esse tem sido um peso na minha consciência. Antes eu achava que não conseguiria.

— E agora?

— O encontro com minhas amigas me convenceu de que devo tentar. Se os White não quiserem me ver, tudo bem, mas acho que Angela gostaria que eu ao menos tentasse. — Se a mãe achou estranho que Abby tivesse conversado com a amiga morta há quinze anos, não comentou.

— Vocês duas eram tão próximas — murmurou ela. — Tenho certeza de que ela iria querer que você visitasse os pais dela.

— Você acha que eu devo? — perguntou Abby, esperando aprovação.

A mãe hesitou e depois aquiesceu.

— Então eu vou.

Quando Abby olhou para a mãe, viu lágrimas nos olhos de Linda.

— Sinto muito orgulho de você, Abby.

— Ah, mãe.

— Estou falando sério. Você carregou um fardo pesado... um que nunca deveria ter tido que carregar.

— Está na hora — disse Abby e, pela primeira vez desde a morte de Angela, ela estava pronta para deixar de lado o manto de culpa que vestia.

— Você quer que eu vá com você? — perguntou sua mãe.

Era uma oferta generosa. Ainda assim, Abby negou com a cabeça.

— Obrigada, mas isso é algo que preciso fazer sozinha.

Abby sustentou o olhar da mãe por um longo tempo, até que conseguiu lhe dar um sorriso reconfortante.



Josh estava sentado com a Bíblia da mãe apoiada sobre suas pernas. Respeitosamente, ele virava as páginas para ler as observações que Teresa escrevera nas margens, e assim se reconfortava ao perceber que ela estava em paz com Deus e parecia não temer a morte.

Após passar anos odiando Richard, Josh se sentiu aturdido ao aceitar que seu padrasto era capaz de algum ato de benevolência.

Um ruído abafado veio de trás da porta do quarto.

— Richard acordou — disse Michelle e foi pelo corredor até o quarto principal.

Josh a seguiu.

Quando ela abriu a porta, Josh viu que Richard se apoiava no cotovelo direito, lutando para se sentar. Michelle e Josh correram até ele.

— O que você está fazendo? — falou Michelle.

— Pensei que você tinha ido embora — murmurou Richard, dirigindo-se a Josh. Sua voz era praticamente um chiado em meio a sua luta para respirar. Aparentemente, a tentativa de sentar tinha lhe roubado toda a sua energia.

— Tudo a seu tempo — disse Josh com a voz baixa, esforçando-se para encontrar as palavras certas para agradecer ao padrasto. — Estive lendo a Bíblia da minha mãe. Estou grato por tê-la. Obrigada.

Josh ajudou o padrasto a se recostar no travesseiro e depois se sentou na beirada do colchão, puxando as cobertas até o queixo de Richard. Este olhou para Josh.

— Teresa lia essa Bíblia todos os dias. Ela me fazia um homem melhor... sem ela... eu falhei com você e falhei com Dylan. — Lágrimas rolaram por sua face. — Eu a amava... nada parecia fazer sentido depois que ela morreu. — Os olhos de Richard estavam remelosos e úmidos, e ele parecia ter dificuldade para mantê-los abertos.

— Tem... mais. — Ele engasgou com as palavras, como se falar fosse doloroso e lhe tirasse o pouco de força que possuía. Ele tirou um braço de sob as cobertas e segurou o antebraço de Josh; Richard estava tão fraco que o enteado mal sentiu seu toque.

— Mais? — perguntou Josh.

— Garagem.

— Termine de falar mais tarde — sugeriu Josh, vendo como o padraсто tinha dificuldade. — Depois que você descansar.

— Não dá tempo.

— Tudo bem — disse Josh, aproximando sua orelha do rosto de Richard.

— Garagem.

— Está na garagem? — perguntou Josh.

Richard sinalizou afirmativamente com a cabeça.

— Caixas.

— Em caixas — esclareceu Josh.

Novamente, o velho respondeu com um movimento fraco de cabeça e apontou o dedo para o teto.

— Ele quer que você lhe dê um momento para descansar — disse Michelle. — Ele mal pode falar.

O olhar de Richard buscou o de Josh e ele negou com a cabeça. De novo ele ergueu o dedo.

Josh olhou para Michelle, sentada do outro lado da cama. Ela segurava a mão de Richard, que acariciava delicadamente com a sua, como se tentando lhe dar coragem.

— Atrás... bem atrás.

— Tudo bem — disse Josh.

— O nome da Teresa.

— Está nas caixas? — perguntou Josh.

Richard fechou os olhos, completamente esgotado, e se afundou no travesseiro.

— Vamos deixar que ele descanse, agora — sussurrou Michelle.

Josh concordou. Lentamente, ele se levantou e se afastou da cama.

Michelle olhou para ele.

— Você quer ver do que se trata? — perguntou ela.

Ele anuiu, mas continuou olhando para Richard. O velho parecia tranquilo, descansando. Após um instante, Josh se virou e seguiu Michelle para fora do quarto, fechando a porta atrás de si. Sua mão continuava na maçaneta quando ele falou.

— Obrigado por tudo — disse. Ele não teria aguentado nem um dia se não fosse por Michelle, e era importante que ela entendesse o quanto tinha ajudado. Aquilo o fazia se sentir muito pior por ter lhe dado falsas ideias românticas.

Ela deu de ombros.

Michelle era a responsável por ele ter conseguido a Bíblia de sua mãe. E não precisava dizer que Richard não teria mencionado as caixas se não fosse pela influência e presença pacificadora de Michelle.

Michelle já estava saindo pela porta da frente quando Josh a seguiu. Andando com cuidado pelo passeio congelado, ela o conduziu até a porta lateral da garagem e acendeu a luz.

O carro estacionado lá dentro era o mesmo que Richard possuía quando Josh ingressara no exército, tantos anos antes. As únicas ferramentas na espessa bancada de madeira eram uma chave de fenda e um martelo.

Quando garotos, Josh e Dylan frequentemente usavam a garagem como área de encontro, onde podiam conversar sem medo de que seus pais os escutassem. Eles faziam planos e compartilhavam seus segredos naquele local. A cesta de basquete continuava presa à frente da garagem, mas a rede fora há muito removida. Ou talvez tivesse apodrecido, Josh não tinha certeza.

— Aqui — disse Michelle. Ela correu para os fundos e então voltou-se abruptamente para Josh. — Não tem nenhuma caixa aqui. — A garagem estava vazia, ao contrário do que Josh se lembrava. Richard devia ter se livrado de tudo que não fosse necessário. Um ancinho e uma pá estavam pendurados ao lado de uma escada na parede.

Josh olhou em volta e viu que Michelle tinha razão. A garagem estava praticamente sem nada.

— Em cima — disse ele. — Tem um depósito em cima. — Inclinou a cabeça para trás para olhar. — Foi o que ele quis dizer quando levantou o dedo. Richard estava nos mandando olhar para cima. — Josh pegou a escada e a armou embaixo da abertura.

Michelle segurou as duas pernas de trás da escada enquanto Josh subia.

— Tenha cuidado — pediu ela.

Ele ficou olhando para cima até chegar ao último degrau da escada. Ergueu o alçapão que dava acesso ao depósito e o colocou de lado.

— Josh — chamou ela.

Quando olhou para baixo ele viu que Michelle encontrara uma lanterna, que passou para ele. Josh a acendeu e, de pé no último degrau, conseguiu inspecionar o depósito. Encontrou uma série de caixas entulhadas naquele espaço apertado. Pegando uma delas, viu que em cima estava escrito “Enfeites de Natal” em letras grandes com uma caneta marcadora preta. Colocando-a de lado, pegou outra. Também estava relacionada ao Natal. Na verdade, parecia que todas as caixas tinham a ver com o Natal.

— Encontrou alguma coisa? — perguntou Michelle.

— Ainda não. Só umas caixas de Natal. — Ele teria que ir mais adiante para investigar melhor.

— Olhe dentro de uma delas — sugeriu Michelle.

— Tudo bem. — Ele abriu a que estava mais próxima e, claro, encontrou enfeites de árvore. — Não é isso — avisou, sabendo que Michelle estava curiosa.

— Tente outra.

Josh abriu outra e acertou. Dentro da caixa havia outra menor, onde estava escrito, pela mesma mão que rotulara a caixa maior, o nome de sua mãe. Agora animado, Josh passou a caixa pela abertura.

— Aqui, pode me dar — disse Michelle erguendo as mãos para receber a caixa.

Josh cuidadosamente a desceu até Michelle.

— Peguei — avisou ela.

Josh continuou sua busca até encontrar mais duas caixas, cada uma encontrada dentro de outra caixa de Natal, com o nome da mãe escrito na parte de cima. Se não tivesse olhado dentro das maiores, como Michelle sugerira, ele não as teria encontrado.

— Vamos voltar para dentro da casa — sugeriu Michelle.

Com frio, Josh gostou da sugestão. Ele desceu, fechou o depósito e então dobrou a escada, colocando-a onde a encontrara. Então pegou duas das caixas, empilhando uma sobre a outra. Michelle ficou com a terceira. Dentro de casa, Josh as colocou sobre a mesa da cozinha.

A primeira continha itens dos quais ele mal se lembrava e que não esperava

mais rever. A primeira coisa que tirou de dentro foi seu álbum azul estofado de bebê, que sua mãe iniciara quando ele havia nascido. Reverente, ele o abriu e viu um recorte de jornal anunciando seu nascimento, bem como uma cópia da carta que comunicava sua chegada e que seus pais enviaram para familiares e parentes. As letras delicadas e elegantes da caligrafia de sua mãe mais uma vez o surpreenderam e emocionaram.

Virando a página Josh encontrou um retrato seu ainda recém-nascido, com o rosto vermelho amarrotado e um lacinho azul no cabelo. Ele certamente não ganhara nenhum concurso de beleza infantil.

— Você já era bonitão com essa idade — provocou Michelle.

— É, acredito.

Ele fechou o álbum. Mais tarde o veria com calma. Em seguida, pegou uma caixinha que guardava uma roupinha azul de bebê.

— Aposto que essa é a roupa com a qual sua mãe levou você do hospital para casa — disse Michelle. — Mamãe também guardou a minha.

Indo mais fundo na caixa, Josh encontrou um diário com a cor favorita de sua mãe, verde-limão.

— O que é isso? — perguntou Michelle.

— O diário da minha mãe. Ela sempre teve um, pelo que me lembro.

A segunda caixa também continha um tesouro. Ele descobriu um livro de receitas que pertencera à mãe de seu pai e uma série de cartas que seus pais trocaram durante o namoro.

— Ah, Josh, isso é fantástico — disse Michelle.

Era realmente fantástico. Josh ainda estava para entender o significado pleno daquilo. Percebeu que aquelas três caixas continham as partes que faltavam do seu passado, que ele não esperava mais encontrar.

Antes, estivera preocupado com sua jaqueta esportiva da escola, principalmente porque ele mesmo pagara por ela, o que lhe fazia parecer que fora conquistada a duras penas. Mas nunca tinha sido um grande esportista — o fato de Richard tê-la destruído o magoara, mas a verdade é que Josh não dava muita importância à jaqueta. Não tanto quanto àquilo que estava descobrindo.

O conteúdo das três caixas era diretamente relacionado a ele... à sua história. Tesouros do seu passado. Não precisava dizer que Richard os escondera de propósito. Após a morte de seu padrasto a casa teria sido vendida e as coisas dentro dela doadas para alguma instituição de caridade. Ninguém teria dado atenção a caixas rotuladas com “Natal”. Era improvável que alguém pensasse

em olhar dentro delas antes de doá-las.

A única pessoa que daria valor àquelas coisas seria Josh. Qualquer outra provavelmente as jogaria na lata de lixo, mas para ele aquilo era tudo.

— Richard disfarçou as caixas para que você não as encontrasse — disse Michelle, parecendo triste com a ideia. Lentamente, ela começava a compreender a dimensão da maldade de Richard para com Josh.

Josh não se preocupou em comentar.

Michelle colocou a mão no braço de Josh.

— Você me agradeceu antes, mas sou eu quem deve lhe agradecer.

— Não consigo imaginar por quê — disse ele, colocando o diário da mãe de volta na caixa. Josh sentia como se estivesse em uma montanha-russa emocional; com Richard e com Michelle também. Durante anos ele ignorara as próprias emoções, sufocando-as em vez de enfrentá-las. Agora elas pareciam estar olhando de frente para ele. Mas assim mesmo fez o que lhe era mais conveniente. Fingiu não sentir nada.



Neal, o voluntário do Abrigo de Animais de Cedar Cove, preencheu a papelada necessária, que me entregou em seguida. Eu lhe dei meu cartão de débito e, depois de assinar no lugar adequado, estava na hora de levar Rover para casa. Enquanto eu examinava os documentos de adoção do abrigo, me ocorreu que eu não tinha nada para cachorro em casa. Nem uma guia, nem ração, nem uma cesta, nada. Para ser bem honesta, eu nem mesmo sabia do que ia precisar. Mas tinha certeza de que alguma pet shop ficaria mais que feliz de preencher minhas lacunas.

— Posso deixar o Rover aqui por uma hora ou duas? — perguntei enquanto consultava o relógio. Calculei que tinha tempo de sobra para ir às compras e voltar.

Neal arregalou os olhos por um instante, surpreso.

— Pensei que você estivesse ansiosa para levar Rover com você.

— Estou, mas preciso ir até a pet shop. Não tenho guia nem nada.

— Está bem. Vou recolocá-lo no cercado até você voltar, mas lembre-se de que aos sábados fechamos às quatro.

— Ah, vou voltar muito antes disso — prometi. Eu pretendia ir à pet shop, comprar tudo de que precisava, e voltar em seguida para buscar o Rover.

Assim que me virei para sair, Rover, que estava dentro de uma caixa de transporte, soltou um uivo longo e baixo que me sobressaltou.

— Está tudo bem, amigo; eu volto logo — disse eu tentando passar o máximo de segurança com a voz.

— Nunca o ouvi fazer esse som — disse Neal, parecendo surpreso.

Comecei a sair de novo e outra vez Rover uivou como se estivesse sofrendo com uma dor terrível. Ele não soltou apenas um uivo baixo dessa vez, mas continuou com um lamento penoso, fúnebre, que soava como se ele estivesse

dilacerado de dor e pesar.

Várias pessoas que estavam sentadas na sala de espera olharam. A gerente, que atendia outro casal, virou-se para Neal.

— O que está acontecendo? — perguntou ela, visivelmente preocupada.

Ned tentou explicar da melhor maneira possível:

— O cachorro não quer que ela vá embora sem ele.

— Rover foi adotado? — Ela pareceu surpresa, mas satisfeita.

— Sim...

— Então ela tem que levá-lo.

— Isso — concordou Neal.

Eu não sabia o que fazer.

— Rover não compreende que você vai voltar — explicou Neal, tentando se fazer ouvir acima dos gemidos do cãozinho.

— Céus.

— Vamos fazer o seguinte — disse Neal, baixando sua voz. — Eu lhe empresto a caixa de transporte e você me promete devolvê-la esta tarde. Assim pode levar Rover agora.

— Claro, sem problema. — Pelo menos eu esperava que não fosse um problema. Minha única preocupação era deixá-lo no carro enquanto fazia as compras, mas duvidava que a pet shop se incomodaria se eu entrasse com um cachorro, principalmente se ele estivesse em uma caixa de transporte.

Eu me abaixei para que Rover pudesse me ver. Ele apoiou uma pata na grade e latiu uma vez para chamar minha atenção. Lentamente, baixou a pata e me olhou com seus olhos profundos, escuros e cheios de sentimento, que pareciam pedir que eu não o deixasse para trás.

— Não se preocupe — sussurrei e me achei ridícula por acreditar que um cachorro pudesse entender.

— Eu acompanho você — disse Neal pegando a caixa.

Eu me ergui, passei a alça da bolsa pelo ombro, peguei as chaves do carro e conduzi Neal até o estacionamento.

— Esse comportamento é comum? — perguntei a Neal. Como voluntário ele devia ter visto centenas de cães serem adotados.

— Não — ele respondeu rapidamente. — Nunca vi nada assim. Marnie, a gerente, e eu tínhamos receio de que não conseguiríamos achar um lar para

Rover. Até você chegar, o comportamento dele impossibilitava a adoção. Não sei como explicar. É claro que isso não é possível, mas era como se ele estivesse esperando por você e rejeitasse qualquer outra pessoa até que você entrasse pela porta.

Que estranho. Eu esperava que Rover perdesse o mau humor agora que tinha encontrado um lar. Caso contrário seria um problema sério para os hóspedes da pousada. Mesmo pensando nisso, nem pensei em voltar atrás.

— Posso passar na pousada em cerca de uma semana para ver como Rover está se adaptando? — perguntou Neal enquanto colocava a caixa no banco traseiro do meu carro.

— Claro.

— Estou muito curioso para ver como ele vai ficar.

Na verdade, eu queria ver como Rover e eu nos adaptariamos. Lembro-me de como Paul amava cães. Quando ele se alistara, tinha esperança de ficar na unidade canina. Mas, depois do treinamento básico, tinha entrado no programa de treinamento Ranger.

Assim que percebeu que não estava sendo deixado para trás, Rover se deitou na caixinha, com a cabeça para a frente, e fechou os olhos. Após Neal se despedir e eu lhe agradecer, o voluntário voltou para o abrigo e eu dei partida no carro. Antes de sair do estacionamento, eu me virei para encarar Rover.

— Foi o Paul que enviou você? — perguntei novamente com um sussurro.

Rover levantou a cabeça e a inclinou, curioso.

— Deixe para lá; tenho uma forte sensação de que foi ele. — Enquanto me afastava do abrigo tive a certeza de que Paul intervieria novamente na minha vida, dessa vez trazendo-me aquele amiguinho. Acredite que ajudaríamos um a outro.

A parada na pet shop demorou mais do que eu pensava. Uma hora se passou até eu reunir toda a parafernália necessária a um cachorro. Eu não pretendia passar tanto tempo longe da pousada, então corri de volta ao abrigo para devolver a caixa. Rover passou para a nova que eu tinha comprado sem reclamar, como se soubesse exatamente o que devia fazer.

Neal não estava por perto quando devolvi a caixa. Não me demorei mais do que o necessário e corri de volta para o carro. Quando abri a porta do motorista, Rover ergueu a cabeça, viu que era eu e imediatamente voltou a descansar a mandíbula sobre as patas da frente.

Voltei diretamente para a pousada. Durante o café da manhã, meus dois

hóspedes tinham dito que não os esperasse para o lanche da tarde. Mas, se a vida me ensinou algo, é que os planos mudam, e eu queria estar preparada se eles, por qualquer motivo, tivessem de voltar à pousada.

Após estacionar o carro fiquei aliviada de ver que os veículos dos hóspedes não estavam à vista. Tirei Rover do carro, abri a caixa, prendi a guia na coleira e tirei-o do carro.

— Acho que é bom você gostar da grama — disse-lhe. A mulher que me atendeu na pet shop disse que Rover iria querer marcar seu território.

Ele tremeu de frio e olhou para mim, em dúvida.

— Faça suas coisas — disse eu, acenando para ele, ansiosa por entrar na casa onde estava quente.

Ele olhou em redor e depois me fitou com a mesma expressão de dúvida.

— Você sabe... pode se aliviar — expliquei, gesticulando de novo.

Depois de um instante ele pareceu entender, pois ergueu a pata traseira junto a um arbusto. Então, como se soubesse exatamente aonde ir, trotou na direção da pousada, puxando-me pelos degraus da varanda.

Eu soltei a guia, imaginando que Rover fosse explorar a casa. Para minha surpresa, ele se sentou e me analisou.

— O que foi? — perguntei. Aquele cachorro era muito estranho.

Rover continuou a me encarar como se estivesse esperando — o quê, eu não sabia dizer.

— Tudo bem — murmurei. — Você pode ficar aqui, se quiser, eu tenho o que fazer. — Voltei para o carro e peguei as duas pesadas sacolas de suprimentos que comprara na pet shop. Em primeiro lugar, arrumei espaço na despensa para o saco de ração e as latas.

Ainda estava arrumando a despensa quando fui interrompida pela campainha da porta. Imediatamente, Rover começou a latir ferozmente e correu para a entrada, quase derrapando com as patas de trás no chão encerado.

Inspirei fundo, esperando que ele não fosse agressivo ou ciumento com os visitantes. Quando abri a porta me surpreendi ao encontrar Grace Harding, da biblioteca, do lado de fora.

— Grace — disse eu, recepcionando-a. — Que surpresa. Entre, por favor. — Abri mais a porta e percebi que Rover estava no caminho, rosnando baixo para ela. — Rover — disse eu, repreendendo-o —, ela é amiga! — Para meu alívio, ele imediatamente recuou e se sentou.

— Perdão por eu aparecer assim, sem avisar — disse Grace. — Neal me telefonou dizendo que você tinha adotado Rover e eu fiquei preocupada.

— Preocupada? — Eu me endireitei e a conduzi até a cozinha. Sem perguntar, coloquei uma chaleira no fogo. Tive esperança de que Grace tivesse tempo para tomar chá comigo.

Rover encontrou o tapete trançado na frente da geladeira, enrolou-se ali e me observou enquanto eu andava pela cozinha.

— Rover é... um cachorro problemático.

— Mesmo? — Escondi um sorriso. O que Grace e Neal não sabiam era que eu e o cachorro já tínhamos nos entendido. Eu estava certa de que ele me compreendia.

— Bem, ele com certeza parece contente agora — acrescentou ela, parecendo surpresa. — Neal disse que Rover reagiu a você da forma mais estranha... — Fez uma pausa, como se esperasse que eu lhe desse mais informações; só que eu não sabia o que lhe dizer. Nós mal nos conhecíamos e eu não me sentia à vontade para explicar que acabara de sofrer uma grande perda, e que por isso meu coração estava aberto para receber aquele cãozinho. Era impossível saber o que acontecera na curta vida de Rover, mas aparentemente ele também sofrera um bocado.

Anos antes eu tinha lido a história de um trabalhador que perdera o movimento de um braço em um acidente de trabalho. Um amigo lhe sugeriu que adotasse um cachorro. Assim, ele foi ao abrigo de animais. O cachorro o escolheu. Eu sabia, sem dúvida, que Rover me escolhera.

— Parece que vocês estão se adaptando muito bem.

— Estamos, sim — garanti.

Grace continuou de cenho franzido.

— Ele ainda não... bem, você está com ele há pouco tempo.

— Ele não o quê? — perguntei.

— Deixe para lá.

— Não, por favor, me diga — pedi. A chaleira no fogão começou a apitar. Eu a peguei, despejei a água quente no bule e automaticamente tirei duas xícaras do armário.

— Talvez outra hora. Não posso ficar muito tempo. Cliff está me esperando e eu lhe disse que só demoraria alguns minutos.

— Você não tem tempo para um chá? — perguntei.

Ela hesitou.

— Parece convidativo.

— Você tem tempo — disse eu. Eu tinha certeza de que o marido não lhe negaria uma xícara de chá.

Grace desabotoou o casaco e o pendurou nas costas de uma cadeira, sentando-se em seguida em um dos bancos junto ao balcão da cozinha.

Eu servi o chá e coloquei açúcar e leite no centro do balcão. Então pus um banco do outro lado, para que pudéssemos sentar de frente.

— Algumas semanas atrás uma dupla de homens entrou no abrigo — disse Grace. — Eles pediram para ver os cães disponíveis para adoção. Eu suspeitei de imediato; havia algo de errado naqueles dois. Eles ficaram um pouco e andaram até onde passeamos com os cães. Outro voluntário trazia Rover pela guia e o cachorro ficou maluco quando viu os dois, latindo como louco e puxando a guia.

— Será que Rover os conhecia?

Grace pegou a xícara, que segurou com as duas mãos.

— Talvez — respondeu. — Nunca vamos ter certeza. Uma coisa é certa; ele teve a mesma sensação que eu.

— Você soube algo a respeito deles, desde então?

Grace negou com a cabeça.

— Foi só uma sensação. Se eles tivessem se candidatado a adotar um dos animais, eu encontraria uma desculpa para recusar. Eles me davam arrepios.

Provei o chá, imaginando o que Rover podia ter sentido. E Grace também. Talvez aqueles homens tivessem uma fábrica de carne de cachorro. Bem, não adiantava especular. Eles não ficaram com nenhum animal.

— Senti que, se Rover tivesse chance, teria arrancado com gosto um pedaço da perna deles.

— Em outras palavras, você teme que Rover possa atacar alguém?

Grace olhou para baixo e aquiesceu.

— Fique de olho nele, tudo bem?

— Vou ficar.

— Conte para mim se tiver problemas, certo?

— Eu conto — prometi, mas em meu coração, ainda que destroçado, eu sabia que não seria o caso. Afinal, não é todo dia que alguém é adotado por um

cachorro.



Pouca coisa tinha mudado na casa da família de Angela, reparou Abby enquanto parava o carro diante da residência dos White. As janelas com venezianas e a garagem para três carros eram tão familiares a ela quanto seu próprio lar.

Houve época em que Abby passava tanto tempo na casa de Angela quanto na sua. Abby ficara mais noites de sexta-feira com sua amiga do que conseguia se lembrar. Frequentemente, elas permaneciam acordadas até o sol nascer, conversando e rindo, jovens e bobas. A decisão mais difícil foi escolher de qual garoto aceitar o convite para o baile de formatura. Agora, aqueles dias pareciam ter ocorrido em outra vida.

Os White nunca mais foram os mesmos após enterrar a filha, era o que Abby ouvira repetidas vezes. Será que algum pai ou mãe se recupera da morte de um filho? Ela rezava pedindo que nunca tivesse que responder àquela pergunta.

Com as mãos agarradas ao volante, ela inspirou profundamente e então, relutante, desligou o motor do carro. Sua determinação fraquejou ao se aproximar da casa, as mãos crispadas na bolsa. A cerca viva ao longo da calçada tinha sumido, reparou ela. Engraçado como aquele detalhe chamara sua atenção. No lugar da cerca, Charlene White plantara dois canteiros de flores.

Uma lembrança piscou em sua memória e Abby sorriu. Aconteceu pouco depois que Angela começou a usar o anel de formatura de Brandon Edmond. Ela escondeu o braço nas costas para surpreender Abby. Queria trazer o braço para frente repentinamente para mostrar o anel à amiga.

Contudo, quem se surpreendeu foi Angela. Com o movimento, o anel voou do seu dedo, pousando dentro da cerca viva. As duas passaram horas agachadas à procura do anel de Brandon. Ainda bem que acabaram achando-o, mas não sem antes sofrerem com muita angústia.

Parando a meio caminho da entrada, Abby sentiu-se afundando nas lembranças da amiga. Depois de todos aqueles anos, ainda sentia falta do riso fácil de Angela, seu humor agudo e seu gosto pela vida.

— Não tenho certeza de que essa é uma boa ideia — murmurou, como se Angela estivesse parada do seu lado.

Faça o que você tem que fazer — Angela pareceu lhe dizer.

Ah, que ótimo, pensou Abby consigo mesma. Não só estou ouvindo vozes, como estas falam clichês. Isso é ridículo.

De qualquer modo, ela não conseguiu se virar e ir embora. Era aquele momento ou nunca mais. O casamento do irmão começaria em três horas, e o restante do dia seria consumido pela cerimônia e festa. Então, ela partiria para a Flórida ao nascer do dia. Festejar até altas horas, acordar cedo e voar para casa — se ela tinha que encontrar os pais de Angela, o momento era aquele.

Com determinação renovada, Abby se aproximou da porta da frente. Sua única esperança era que a família de Angela não estivesse em casa. Então ela sentiria que cumprira seu dever e poderia ir embora com a consciência tranquila.

Angela não poderia culpá-la se esse fosse o caso. Sua estadia na cidade era tão curta que Abby só tinha essa oportunidade.

Prendendo a respiração, tocou a campainha. Seu dedo pressionou o botão branco e redondo com um toque leve e hesitante.

Quase imediatamente a esperança de Abby evaporou, quando ela ouviu movimento do outro lado da porta.

— Estou indo — avisou Michael White, o pai de Angela.

Abby continuou sem respirar enquanto a porta era destrancada e aberta. O sr. White se endireitou e olhou para ela. Abby viu o sangue sumir do rosto dele.

— Olá, sr. White.

Ele pareceu entrar em choque e não registrar a presença dela.

— Quem é? — perguntou, da cozinha, a mãe de Angela, que logo se juntou ao marido.

Charlene White parou ao lado de Mike e encarou Abby com olhos arregalados.

— Você tem muita coragem — sussurrou ela, como se as palavras fossem arrancadas de sua garganta.

— Eu vim para o casamento do meu irmão — soltou Abby, dizendo a primeira coisa que lhe veio à cabeça, como se precisasse de uma desculpa, uma explicação.

— Ah, sim, seus pais devem estar felizes por poderem assistir ao casamento de um filho. Infelizmente, Mike e eu...

— Charlene — disse o sr. White, cortando-a. Ele deu um passo à frente e abriu a porta de tela. — Entre, Abby — convidou.

— Mike, não...

Sem saber o que fazer, Abby hesitou.

O sr. White se virou para a esposa.

— Já é tempo, Charlene. Angela iria querer que recebêssemos sua amiga.

— Como você pode afirmar isso? — disse a sra. White, que depois se virou e saiu da sala.

Aturdida, Abby continuou imobilizada, do lado de fora, enquanto o vento frio soprava ao seu redor. Seu cabelo esvoaçava, batendo-lhe na face, como se para puni-la pela ousadia.

Calmamente, ignorando o rompante da esposa, o sr. White manteve a porta de tela aberta.

— Entre, Abby. Está muito frio aí fora.

Com os pés pesados pela relutância, Abby entrou na casa.

— Obrigada — murmurou ela, ao sentir o calor da residência. A primeira coisa que ela reparou foi que eles tinham mudado a sala de estar, comprando novas poltronas e um sofá. Fotografias de crianças que deviam ser os netos dos White estavam perfiladas nas prateleiras dos dois lados da lareira.

— Vamos sentar, por favor — convidou o sr. White indicando o sofá. — Está na hora de conversarmos... já passou da hora, na verdade.

— É mesmo — concordou Abby, embora as palavras quase tivessem grudado em sua garganta. Ela ficou com o casaco e se sentou na borda do sofá.

— Você tem que perdoar Charlene; perder Angela continua difícil para ela. Muito difícil.

Abby entrelaçou os dedos, e apoiou as mãos sobre os joelhos.

— Eu visitei o túmulo de Angela pela primeira vez. Sei que parece inacreditável, mas foi como se eu pudesse ouvi-la falando comigo. Ela me pediu para falar com o senhor e sua esposa.

Ele sorriu brevemente.

— Na verdade, eu mesmo tive algumas conversas com minha filha. Infelizmente, elas foram unilaterais e só eu falei.

Abby não explicou sua experiência. Teve receio de que, se o fizesse, os White pudessem pensar que enlouquecera.

— Fale de você — pediu o pai de Angela, puxando conversa. — Casou? Tem filhos?

— Eu não me casei...

— Ainda — ele terminou a frase por ela. — Você é bonita demais para permanecer solteira por mais tempo.

Constrangida, Abby olhou para as próprias mãos crispadas.

— Greg se casou. Ele tem dois filhos e mora perto de Spokane.

O irmão de Angela era dois anos mais velho e morava no campus de Pullman quando as garotas estavam nos últimos anos do Ensino Médio.

— Sarah tem nove anos e Andy, sete — acrescentou ele.

Abby olhou mais uma vez para a fotografia emoldurada das duas crianças na prateleira ao lado da lareira. Seus rostos reluzentes sorriam para a câmera, encantadores e inocentes. Angela teria sido uma tia maravilhosa para aquelas duas crianças preciosas.

Até então Abby evitara olhar para a foto de formatura de Angela, em lugar de destaque na parede sobre a lareira. Ela quase ocupava todo o espaço. Angela não gostara daquela pose e provavelmente estava indignada por a mãe escolher exibir justo aquele retrato. Na verdade, Abby concordava com a sra. White. Angela estava... perfeita. Uma dúzia ou mais de velas, de vários tamanhos, cobriam a cornija, como se fosse um santuário a sua memória.

A sra. White voltou à sala de estar, os punhos cerrados ao lado do corpo.

— Você tem muita coragem de aparecer aqui assim, do nada.

— Charlene, por favor — pediu o sr. White. — Você sabe como isto é difícil para Abby.

— E tem que ser mesmo. — A mulher fuzilou Abby com os olhos cheios de acusação.

— Sente-se, querida — disse o sr. White, como se suplicasse à esposa.

A sra. White parecia querer desafiar o marido, mas deve ter visto algo caloroso e encorajador em seus olhos, porque se sentou na poltrona ao lado dele.

— Você tem algo a dizer? — perguntou Charlene.

— Tenho, claro. — O bolo na garganta de Abby parecia do tamanho de uma melancia. — Em primeiro lugar, queria dizer para vocês o quanto eu sinto...

— Você sente? Veio para dizer que sente muito? É tarde demais para isso.

— Charlene — disse gentilmente o sr. White —, deixe-a terminar.

— Se Angela estivesse dirigindo naquela noite, você teria morrido — disse a sra. White, ignorando o marido.

— Bem que eu gostaria que Angela estivesse dirigindo. Preferia ter sido eu a morrer. — Aquela não era uma ideia nova. Abby passar por todos os “e se” milhares de vezes.

E se elas tivessem ficado mais tempo no shopping.

E se elas não tivessem parado para jantar depois de fazer compras; e se não tivessem demorado para comer, Angela poderia estar viva hoje.

E se ela tivesse prestado mais atenção na estrada, em vez de cantar músicas de Natal.

Aqueles “e se” assombraram Abby por anos, e não pareciam resolver nada com o passar do tempo.

Charlene ficou sentada com o corpo rígido, evitando olhar para Abby, como se a mera visão dela viva e bem fosse um lembrete doloroso de que sua própria filha estava enterrada em um cemitério a poucos minutos dali.

— Aquela noite acabou com a vida de Angela e mudou a minha para sempre. — A voz de Abby vacilou e ela engoliu em seco para segurar a emoção ameaçadora. — Eu dirigia o carro que matou minha melhor amiga. Isso não é algo que alguém consiga esquecer...

— Ou perdoar — acrescentou a sra. White.

— Imagino que não — sussurrou Abby. Suas mãos estavam tão apertadas que seus dedos ficaram brancos. — Eu sei disso porque nunca consegui me perdoar.

Sua declaração foi recebida com silêncio. A sra. White olhou para o teto e pareceu lutar contra as lágrimas.

— Eu choro por Angela todos os dias — murmurou a mulher. — Não passa uma noite em que eu não sinta saudades da minha filha.

— Eu também sinto falta dela — respondeu Abby.

— Todos os dias? — desafiou a sra. White.

— Na maioria dos dias... ao longo dos anos a dor ficou mais leve, mas isso não quer dizer que eu não pense muito nela...

Mais uma vez, a mãe de Angela a interrompeu.

— Isso não muda o fato de que você está viva e ela não. Você pode se casar e dar netos aos seus pais.

— Eu não me casei — disse Abby, cortando-a e estendendo as mãos na

direção dos White, como se lhes suplicasse. — Na verdade, foi como se alguém tivesse apertado o botão de “pausa” na minha vida desde a noite do acidente. Eu não namoro; eu evito relacionamentos. Eu moro em uma cidade em que não tenho parentes. Eu só trabalho e cuido da vida. Tenho carregado esse fardo de culpa e luto, e ele ficou muito pesado e eu não consigo mais continuar com isso.

Os dois pais de Angela olharam fixo para ela.

— Eu supunha que todo mundo também me culpasse pelo acidente, mas não é verdade. Encontrei Patty Morris na farmácia do centro e pensei que ela fosse me rejeitar, mas não. Ela ficou feliz de me ver. Tão feliz que convidou várias das minhas melhores amigas para almoçarem comigo esta tarde. E embora ninguém mencionasse Angela abertamente, ela estava lá; Angela estava conosco. Eu quase consegui ouvi-la rindo. Eu pude sentir seu sorriso. E como ela sorriu, eu consegui sorrir.

Lágrimas escorriam pelas faces do sr. e da sra. White. Ele pegou um lenço no bolso de trás e enxugou os olhos. Depois assou o nariz ruidosamente.

— Angela se foi e eu gostaria muito de trazê-la de volta, mas não posso. Sinto muito não poder fazer isso. Esta viagem de volta me mostrou algo que ignorei por todos esses anos. — Abby fungou e procurou um lenço de papel na bolsa.

Antes que encontrasse, a sra. White lhe estendeu a caixa de lenços que ficava na mesinha ao lado dela.

— Obrigada — murmurou Abby.

— Você estava para dizer algo — disse o sr. White, gesticulando para que ela continuasse. — Algo importante.

Após assoar o nariz, Abby amassou o papel em sua mão.

— O que eu não percebi, nesses anos todos, é que essa culpa, esse luto, não é o que a Angela desejaria para nós. Ela foi a pessoa mais generosa e feliz que eu conheci. Eu não conseguia ficar perto dela sem ter vontade de rir. No instante em que ela entrava em um ambiente, a luz ficava mais brilhante. Ela ficaria chocada com o que aconteceu comigo.

— E comigo — acrescentou a sra. White. — Eu me tornei uma velha.

— Uma velha rabugenta — acrescentou o sr. White, pegando a mão da esposa para demonstrar seu afeto, apesar do comentário.

— Michael James White, peça desculpas por dizer isso — insistiu Charlene.

— Bem, é verdade, e o mesmo aconteceu comigo. Nós deixamos nossa amargura quase nos destruir... e acabar com nosso casamento. Abby tem razão; Angela era uma pessoa feliz e gostaria que fôssemos felizes. Ela odiaria ver o

que fizemos com nós mesmos.

— De que forma eu devo viver sem minha filha? — falou Charlene, as lágrimas rolando pela face. — Como posso me esquecer que ela morreu e que a perdi para sempre?

— Nós não queremos nos esquecer de Angela — respondeu o sr. White. — Nós a tivemos por dezenove anos maravilhosos. Ela foi nosso tesouro, nossa alegria. Temos nossas lembranças e até a encontrarmos de novo vamos nos apoiar nessas memórias. Você acha mesmo que Angela iria querer que destruíssemos nossa vida porque ela morreu?

— Não, ela nunca iria querer isso — respondeu Abby. — Ela seria a primeira a me dizer para viver e aproveitar a vida. Ela seria a primeira pessoa a me confortar, dizendo que, embora trágico, foi um acidente. Ela seria a primeira a me dizer que eu não posso aceitar a culpa por um maldito acidente. Eu deslizei no gelo da estrada. Além do gelo, só dá para culpar Deus e, francamente, não quero tirar satisfações com o Homem.

O sr. White se levantou e andou até onde Abby estava. Ela se levantou automaticamente e ele pegou suas mãos entre as dele.

— Se você veio até nós, hoje, em busca de absolvição, Abby, eu a dou para você. Você já se puniu bastante. Seja feliz, garota. Dê netos aos seus pais e talvez... talvez possa compartilhá-los conosco. Acho que Angela gostaria que você o fizesse.

— Também acho — concordou Abby.

— Você mencionou, antes, que Angela queria que você nos procurasse — ele continuou.

Abby aquiesceu.

— Ela queria que nós lhe déssemos o que você precisa.

Abby piscou, tentando conter as lágrimas. O sr. White soltou suas mãos e a puxou para um abraço.

Abby começou a soluçar, e ele também.

— Deus chamou nossa filha para ele. Não foi culpa sua, mas, se você sente que precisa de perdão, está perdoada.

— Obrigada — murmurou Abby, enrolando as palavras, como se fosse impossível falar claramente.

Quando o sr. White a soltou, a mãe de Angela envolveu Abby com os braços e enterrou a cabeça em seu ombro enquanto as duas choravam juntas.

Quando saiu da casa dos White, Abby tinha recebido dos pais de Angela muito mais do que ousara imaginar possível. Eles tinham lhe dado permissão para aproveitar a vida outra vez.



Sentado na sala de estar com Michelle enquanto Richard dormia tranquilamente, Josh relaxou o corpo na poltrona. Ele terminara de conferir o conteúdo das caixas com os pertences que sua mãe tinha antes de se casar com Richard. Havia encontrado um baú de tesouros com lembranças de sua primeira infância.

Nem precisava dizer que raiva e teimosia quase lhe custaram tudo isso. Michelle o ajudara a olhar para além de suas mágoas mesquinhas com o padrasto, e ele suspeitava que, se não tivesse agradecido a Richard por lhe dar a Bíblia da mãe, talvez nunca tivesse encontrado as caixas ocultas.

Erguendo os olhos, Josh viu Michelle no divã folheando seu álbum de bebê. Um sorriso iluminava seus olhos conforme ela virava as páginas, examinando cada fotografia.

— Eu era lindo, não era? — provocou ele. A mãe tirara inúmeras fotos de Josh. Aquilo o deixava envergonhado quando ele era pequeno.

— Você era o menino mais lindo do universo — confirmou ela. — Uma vez escrevi isso no meu fichário da escola.

Josh achou que ela estava exagerando.

Michelle também ergueu os olhos e pareceu ver a dúvida na expressão dele.

— Você não acredita em mim, não é?

— Você amava o Dylan.

— Durante um tempo, amei — concordou ela. — Então percebi quem *realmente* era um grande cara.

Ele riu.

— Você sempre soube como me agradar.

— Não que isso tenha já me valido grande coisa — murmurou ela, e então, como se de repente se lembrasse de algo, olhou no relógio. — Está na hora do remédio de Richard.

— Eu dou para ele — ofereceu-se Josh, mas Michelle já tinha se posto de pé.

— Deixe comigo. Você pode conversar com ele depois que os analgésicos fizerem efeito. Ele fica mal-humorado quando está com dor.

— Não ficamos todos nós? — Josh estava disposto a ser generoso com o velho. O sentimento geralmente não durava muito. O normal era que Richard logo recomeçasse a atacá-lo e toda a boa vontade escorreria pelo ralo.

Michelle foi pelo corredor até o banheiro onde eram guardados os remédios de Richard. Ele estava tomando alguns analgésicos bem fortes, e, embora as altas doses preocupassem Josh, ele compreendia que a prioridade do médico era manter Richard confortável e o máximo possível sem dor durante o tempo que lhe restava. Sabendo bem como o velho podia ser teimoso, Josh imaginou que ele ainda aguentaria bastante. E pela primeira vez, desde que chegou, ficou feliz com a ideia. Ele se viu cultivando a esperança de poder conversar mais sobre sua mãe e, se possível, Dylan.

Michelle entrou e saiu do quarto tão rapidamente que Josh se levantou de um pulo, certo de que algo acontecera. Seus olhos rapidamente se encontraram e ela inspirou profundamente.

— O que houve? — perguntou ele.

— Richard não está reagindo e sua respiração está intermitente. — Lágrimas transbordaram de seus olhos e correram por seu rosto. — Está na hora, Josh, ele está morrendo — disse Michelle.

As palavras o atingiram como um porrete numa noite escura.

— Agora? — perguntou ele, paralisado com o choque.

Michelle aquiesceu.

— Eu tenho o número do atendimento médico domiciliar. Eles sabem o que fazer nesta situação... acho que devemos chamá-los. — Ela correu para a cozinha e pegou o bloco de notas no balcão. — Você pode fazer a ligação... por favor. — Falar no telefone estava além da capacidade dela, naquele momento.

Josh pegou o número que a funcionária do hospital deixara e ergueu o telefone. Para seu espanto, sua mão tremia enquanto ele apertava os números e esperava por três dolorosamente longos toques até o hospital atender. Após passar as informações necessárias, Josh voltou para o quarto.

Ainda que não fosse exatamente o melhor enteado do mundo, ele não iria deixar Richard morrer sozinho. Ele estava com a mãe quando esta dera seu último suspiro, e, embora não fosse uma experiência que quisesse repetir, Josh precisava agradecer a Richard. Ele precisava fazer o padrasto saber que

admirava seu gesto de lhe entregar os pertences da mãe.

Quando Josh abriu a porta do quarto, os olhos de Richard continuaram fechados. Por um segundo desesperador, Josh temeu que fosse tarde demais e que Richard tivesse morrido. Ele se sentou na beirada do colchão e colocou dois dedos no pescoço do padrasto. Sentiu um pulso, mas era fraco e intermitente. Michelle não exagerara a situação. Richard estava à morte.

Céus, o velho pretendia frustrar seus planos outra vez. Bem, ainda que aquelas pudessem ser as últimas palavras que Richard ouviria, Josh iria dizê-las.

— Encontrei as caixas — disse ele. Falou bem alto, de modo que até Michelle, na sala de estar, conseguiria ouvi-lo. Ele não sabia como estava a audição de Richard àquela altura, e quis garantir que o outro o entendesse.

Mas não obteve resposta.

— Obrigado — disse ele, mais alto dessa vez.

Michelle apareceu na porta.

— Josh — sussurrou ela —, o que você está fazendo?

— Acordando os mortos — disse ele.

— Ele provavelmente pode escutar você. Eu li que a audição é uma das últimas funções a deixar o corpo.

— Encontrei as caixas na garagem — repetiu Josh. — Você não era obrigado a me contar onde elas estavam — acrescentou, querendo que Richard entendesse que ele sabia que o padrasto pretendia esconder as caixas —, mas vou ser eternamente grato a você por ter me contado.

— Poder reencontrar os pertences da mãe significa muito para Josh — acrescentou Michelle, sentando-se do outro lado da cama. Ela pegou a mão de Richard e a segurou entre as suas.

Richard abriu os olhos e olhou para cima, como se estivesse encarando o teto. Contudo, não parecia capaz de falar.

— Obrigado — sussurrou Josh.

Os olhos de Richard se moveram e se concentraram em Josh. Para sua surpresa, ele sentiu ternura crescendo dentro de si, um sentimento de perda iminente. Parte dele queria pular da cama e exigir que Richard não morresse, para que eles pudessem ter um relacionamento. Um que não fosse baseado em ciúme ou superioridade.

Mas era tarde demais.

Josh sentiu vontade de chorar. Pressionou a testa contra a mão de Richard

enquanto lutava contra o arrependimento.

— Josh. — A voz de Michelle o fez erguer os olhos. — Olhe para o Richard.

Josh olhou para o rosto do padrasto e ficou espantado ao ver que uma lágrima solitária rolava pela face enrugada do homem. Era como se ele estivesse dizendo a Josh que também tinha seus arrependimentos e que também sentia muito.

Michelle verificou o pulso de Richard e depois mordeu o lábio inferior antes de sussurrar:

— Ele morreu.

— Não — Josh recusava-se a acreditar nisso. — Não, não pode ser. — Dois dias antes Richard tivera força suficiente para exigir que Josh fosse embora de sua casa. Ele quase gritara, revoltado, e agora... tinha morrido.

Morto.

A partida devia ter sido imediata para o velho. Em um minuto ele estava sofrendo e lutando com a dor, e no minuto seguinte ultrapassara o vão entre este mundo e o próximo. Do outro lado, a mãe de Josh e Dylan o esperavam com braços estendidos, ansiosos e felizes por Richard ficar com eles, recepcionando-o à vida após a vida.

Debruçando-se sobre o corpo de Richard, Michelle tocou suavemente o ombro de Josh.

— Sinto muito — disse ela.

— Não. — De novo Josh sacudi a cabeça, recusando-se a aceitar a morte do padrasto. Para sua surpresa, lágrimas afogavam seus olhos. Abruptamente, ele se virou, para que Michelle não o visse.

Durante anos não houvera nenhum carinho entre ele e Richard. O velho fora um verdadeiro sacana. Ainda assim, ele era a única ligação que restava entre Josh e sua mãe. Richard era o homem que recolocara felicidade na vida de Teresa, e agora tinha morrido.

Morto.

Um soluço se manifestou em seu peito, mas Josh conseguiu sufocá-lo.

Ele sentiu o colchão se mexer quando Michelle se levantou. Ela deu a volta no pé da cama e parou diante dele. Abaixando-se, passou os braços ao redor de seus ombros. Josh não esperava consolo. Ele nunca podia imaginar que precisaria disso.

Ele cingiu a cintura de Michelle com os braços, escondeu o rosto em seu abdome e chorou em silêncio. Seus ombros tremeram e, depois de alguns

momentos, Josh deixou os braços caírem.

Ficou constrangido por Michelle ter testemunhado seu colapso. Ele queria dar alguma desculpa, mas não encontrou nenhuma. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, a campainha da porta tocou.

Michelle saiu do quarto para atender.

Josh gostou de ela ter saído. Precisava de alguns minutos para se recompor antes que fosse obrigado a lidar com as questões práticas.

— Aconteceu há alguns minutos — dizia Michelle enquanto conduzia a funcionária do hospital até o quarto.

Josh se levantou. Ele ainda não conhecia aquela funcionária.

— Josh Weaver — ele se apresentou e estendeu a mão para a mulher de meia-idade, vestida em um casaco preto longo. — Sou filho de Richard — parou e imediatamente se corrigiu. — Enteadado.

Michelle se colocou ao lado dele.

— Eu sou amiga da família. Estávamos com Richard quando ele morreu.

— Lois Freeland — disse a mulher. — Sinto muito por sua perda. Estou aqui para ajudar no que precisarem.

— Obrigado — disse Josh.

Lois fez várias perguntas, todas além da capacidade de concentração de Josh. Ainda bem que Michelle estava com a cabeça no lugar e conseguiu responder por ele. Sentia-se emocionalmente incapaz de lidar com outra coisa que não a dor opressora em seu peito.

Depois de alguns minutos, ele se desculpou e voltou para a sala de estar, onde se sentou na espreguiçadeira que pertencera a Richard. Sentiu-se mais perto de seu padrasto ali, pois sabia quantas horas por dia Richard passava naquela poltrona. Inclinou-se para a frente enquanto tentava compreender as emoções conflitantes que pareciam atacá-lo de todas as direções.

Ver alguém morrer não era uma experiência nova para ele, e tanto a morte de sua mãe quanto a de Richard tinham sido tranquilas e aguardadas. Dessa vez, entretanto, experimentara uma sensação tremenda de perda, de ser enganado, roubado. Engoliu sua raiva como um pedaço de carne dura, que lutou para fazer descer pela garganta.

Michelle e Lois se aproximaram dele. Elas pareciam conversar, mas nada do que diziam fazia sentido. Ignorá-las era fácil, com as memórias revirando em sua cabeça.

Josh se lembrou da primeira vez que encontrou Richard e Dylan. Sua mãe estava muito feliz por lhe apresentar seu “amigo”. Teresa tinha namorado antes, mas nenhum dos relacionamentos durara mais que algumas semanas. Josh sentiu que Richard era diferente desde o primeiro momento. Sempre que via Richard, sua mãe parecia tonta de felicidade.

Alguns dos homens com quem ela se encontrava a deixavam tão brava que, quando voltava para casa, ela começava a fazer faxina, para dar vazão a seu desgosto. Ele sorriu com a lembrança da mãe ajoelhada enquanto limpava o fundo do forno, furiosa com algum sujeito por motivos que não discutia com o filho.

Após seus encontros com Richard, contudo, ela voltava para casa, punha alguma música e dançava sozinha, rodopiando pela sala como se estivesse em uma pista de dança imaginária.

Ainda assim eles namoraram por vários meses antes que ela se sentisse pronta para apresentá-lo a Josh. Este e Dylan se entenderam imediatamente, e os dois garotos compararam suas observações. Josh soube que Richard também voltava de seus encontros com Teresa com o mesmo bom humor. Os dois garotos imaginavam aonde eles teriam ido ou o que fizeram para ficarem tão alegres.

Alguns anos depois, Josh compreendeu — pelo menos teoricamente — que aquele comportamento surgia quando as pessoas se apaixonavam.

Teresa e Richard estavam destinados a ficar juntos e agora compartilhariam a eternidade.

— Josh.

Acordando de seus pensamentos, ele ergueu o olhar e descobriu que Michelle estava sozinha. Aparentemente, a mulher do hospital tinha saído ou ido embora.

— Lois chamou o legista — disse Michelle. — Ele vai chegar em alguns minutos, e depois que o corpo for liberado vai vir a funerária.

— Que funerária você chamou?

— Richard já tinha tomado providências. Ele deixou tudo pronto quando soube que estava morrendo, e entregou para a minha família a papelada necessária para garantir que seus desejos fossem realizados.

— Tudo bem. — Àquela altura Josh se sentia grato por não ter que tomar decisões.

— Ele pediu para ser enterrado ao lado da sua mãe.

Josh aquiesceu. Era assim que deveria ser.

— Ele a amava muito — comentou ele.

— E, a sua própria maneira, ele amava você. Acho que ele só percebeu isso no fim.

— É engraçado — sussurrou Josh, engolindo em seco.

— Como assim?

O olhar de Josh encontrou o dela, e ele sentiu a umidade aflorando em seus olhos.

— Eu estava pensando a mesma coisa. Eu o odiei por tanto tempo... mas não tinha percebido como amor e ódio podem estar próximos. Imagino que ele também não.



Depois que a tranquilizei com relação a Rover, Grace foi embora, parecendo aliviada ao perceber que meu protetor adotado tinha se ajustado bem no novo ambiente. Ansiosa por retomar meu papel de dona de pousada, montei um prato de queijo e bolachas para o caso de meus dois hóspedes decidirem voltar. Se nenhum deles aparecesse, eu jantaria queijo e bolachas com uma taça de vinho — de preferência um Merlot ou, talvez, um Malbec.

Rover terminara de explorar o térreo e, já sentindo-se proprietário do lugar, enrolou-se novamente sobre o tapete trançado na frente da lareira e rapidamente pegou no sono.

— Você parece bem à vontade — murmurei para Rover enquanto carregava o prato de queijo para a sala de jantar.

Rover ergueu a cabeça e olhou para mim por um instante antes de voltar, tranqüilo, para seu cochilo. Tirei do armário uma garrafa de vinho tinto e taças, além da chaleira. Eu colocaria água depois, se alguém quisesse chá.

A distância, ouvi uma porta de carro se fechando. Rover também ouviu e se pôs de pé imediatamente. Observei-o com atenção. Para continuar comigo, ele teria que se acostumar a uma série de estranhos que se hospedariam na pousada por curtos períodos.

Latindo, ele foi para a porta da frente e esperou.

Menos de um minuto depois a porta foi aberta e Abby Kincaid entrou, escapando do frio.

No momento em que a viu, Rover parou de latir e começou a abanar a cauda alegremente, dando-lhe as boas vindas.

— Quem é este aqui? — perguntou Abby, abaixando-se para fazer carinho no meu guardião recém-adotado.

Soltei um suspiro de alívio por Rover, aparentemente, reconhecer que Abby era amiga.

— Este é o Rover — respondi. — Eu o peguei no abrigo de animais esta tarde.

— Mesmo? Bem, ele é bastante amistoso.

Eu sorri, aliviada e tranquila ao mesmo tempo.

— Acabei de servir um lanche — disse eu. — Por favor, fique à vontade.

Abby consultou o relógio.

— Primeiro preciso me trocar para o casamento, mas devo ter uns minutos de folga antes de ir para a igreja.

Voltei à cozinha e pus água para esquentar, assim ela teria o chá como opção. Coloquei alguns biscoitos em um segundo prato na mesa, ao lado do prato de queijo e bolachas. Eu já tinha disposto pratinhos e guardanapos. A mesa parecia atraente, modestia à parte.

Rover voltou ao seu lugar diante da lareira e tornou a dormir. Ele parecia absolutamente satisfeito em sua vida nova. E, embora persistisse a profunda dor decorrente da saudade de Paul, eu também me sentia contente.

Eu acabava de dar os toques finais à mesa quando Abby reapareceu. Ela colocara um lindo vestido de cor pastel com mangas de aba, e trazia um belo xale de tricô pendurado no braço.

— Minha nossa — disse eu ao vê-la. — Você está fantástica!

— Estou?

Não era exagero. Abby era uma moça bonita, mas algo mudara naqueles dois dias. Quando ela chegara à pousada parecia carregar o peso do mundo sobre os ombros.

— Chá? — perguntei, quando ficou óbvio que eu a estava analisando. — Ou vinho?

— Chá, por favor. — Ela pegou um pratinho, onde colocou pedaços de queijo e algumas bolachas.

— Foi bom o almoço com suas amigas? — perguntei.

Ela sorriu e seus olhos se iluminaram de alegria.

— Foi ótimo. Eu conheço a maioria delas desde criança. Nós não tínhamos contato desde a formatura do Ensino Médio e, bem, na verdade isso foi por culpa minha. Eu achava que ninguém queria saber de mim.

— Ah, Abby, com certeza queriam saber, sim.

— Bem, você está certa. — Ela puxou uma cadeira e se sentou ao meu lado.

— O encontro foi ótimo. Minha mãe também foi, e ela se divertiu quase tanto

quanto eu revendo minhas amigas.

— Que bom.

Abby comeu queijo e bolachas e bebericou seu chá.

— O almoço foi demorado, não é? — mencionei despreocupadamente. Abby estivera fora por várias horas. Imaginei que ela passara o restante da tarde conversando sobre os anos de escola com suas colegas.

— Ficamos juntas apenas cerca de duas horas. Depois do almoço fui visitar os pais de uma amiga — explicou ela.

Percebi que meu comentário podia ter soado como intromissão, mas não era o que eu queria. Sua mão tremeu de leve e ela recolocou a xícara no pires, repousando as mãos sobre as pernas.

Após uma breve pausa, ela continuou:

— Fico muito feliz de ter ido até lá. Eu fui... à casa dos pais de Angela.

Eu não sabia quem era Angela, mas não quis interrompê-la.

— Angela era minha melhor amiga. Ela morreu em um acidente de carro e isso devastou seus pais... e como eu estava dirigindo, eles me culparam.

— Ah, querida... — Eu não sabia o que dizer. Enquanto procurava pelas palavras para consolá-la, Abby voltou a falar.

— Foi a primeira vez que conseguimos conversar em paz desde o acidente, quinze anos atrás — explicou ela.

— Paz — repeti suavemente. Desviei o olhar e fechei os olhos por um momento, saboreando a palavra e tudo que ela significava na minha vida.

— Você está bem? — perguntou Abby, os olhos arregalados de preocupação.

— Claro, por que pergunta?

Ela piscou e franziu a testa de leve.

— Quando eu falei você levou a mão ao coração, como se sentisse dor ou algo assim.

— Não, não, eu estou bem.

— Imagino que esteja — concordou ela —, porque, assim que sua mão chegou ao coração, seu rosto mostrou uma expressão de serenidade.

— Eu também estou me curando — sussurrei.

— Você?

— Perdi alguém que amava muito.

Abby piscou e esticou o braço para pegar sua xícara de chá.

— Sinto muito, de verdade — disse ela. — Conheço a dor que a perda traz.

Ficamos em silêncio por alguns minutos e então ela consultou o relógio. Parecendo surpresa com a hora, levantou rapidamente e pegou o xale.

— Vou para o casamento.

Eu também me levantei.

— Vou deixar a luz acesa para você — disse, e a acompanhei até a porta enquanto ela pegava casaco e bolsa. Acenei para Abby antes de ela entrar no carro.

Assim que ela saiu do estacionamento, um veículo escuro entrou.

Josh estava de volta. Mas, pela forma como saiu de sua caminhonete, parecia que seu estado de espírito estava em condição inversa ao de Abby.

Novamente, Rover se levantou assim que ouviu a porta do carro de Josh ser fechada. Meu guardião esperou ao meu lado enquanto eu mantinha a porta aberta para Josh.

Rover latiu furiosamente diversas vezes até eu me abaixar e pôr a mão em sua cabeça.

— Josh é amigo — tranquilizei-o. Surpreendentemente, Rover pareceu compreender e voltou a seu posto diante da lareira antes mesmo que Josh entrasse.

— Você chegou na hora do lanche da tarde — anunciei assim que meu hóspede entrou na pousada.

Ele parou assim que entrou, como se tivesse ouvido meu convite, mas não o assimilara.

— Servi um prato de queijo com bolachas, se estiver interessado. Temos vinho, também — disse eu.

Ele tirou casaco e boné, e passou os dedos pelo cabelo desgrenhado.

— Aceito o vinho.

Sinalizei na direção da sala de jantar.

— Tenho os tintos Merlot e Malbec, e...

— Merlot.

Enquanto servia o vinho em uma taça de pé, perguntei:

— Então, como foi sua tarde?

Ele hesitou antes de falar.

— Meu padrasto morreu há pouco.

A força de sua declaração me fez repousar a garrafa de vinho sobre a mesa.

— Ah, Josh, eu sinto muito.

Ele anuiu com a cabeça, aceitando meus sentimentos.

— Esta manhã eu teria lhe dito que não sentiria nada quando o velho morresse. No meu modo de pensar, ele finalmente iria receber o que merecia com a morte. Eu não tinha nada de bom para falar dele.

Fiz o meu melhor para disfarçar minha surpresa.

— E agora? — perguntei.

— E agora... eu queria que ele vivesse mais. Após todos esses anos de desavenças, nós dois finalmente encontramos algo em comum.

— Então vocês fizeram as pazes?

Josh pegou sua taça, sentou-se e afastou o cabelo da testa.

— É, acho que você pode dizer que fizemos as pazes. Paz... — repetiu ele, como se estivesse ouvindo a palavra pela primeira vez. — Durante a maior parte da minha vida adulta eu o odiei. Mas ele fez por merecer. Ele me expulsou de casa depois que minha mãe morreu.

— Quantos anos você tinha? — perguntei, já pegando antipatia por aquele homem sem coração.

— Eu era um adolescente; faltavam poucas semanas para a formatura no Ensino Médio.

— Mas você conseguiu se formar, certo?

— Consegui, com a ajuda de alguns amigos que me deixaram morar com eles.

Eu não entendia como alguém podia fazer isso com um garoto que acabara de perder a mãe, porém eu só conhecia um lado da história.

— De certo modo, Richard me transformou no homem que eu sou. Tornei-me resistente porque eu tinha que resistir. Entrar para o Exército foi a melhor coisa que podia acontecer comigo na época. Fui forçado a me tornar homem e aceitar a responsabilidade pela minha vida, em vez de depender dos outros.

— Você teve algum contato com seu padrasto depois que saiu do Exército?

Ele desviou o olhar e deu de ombros.

— O mínimo possível.

Bebi meu chá. Aquela conversa era difícil, muito diferente da que eu tivera com Abby.

— Voltei a Cedar Cove para o funeral de Dylan — disse ele —, mas isso foi há muitos anos. — Então ele pareceu se lembrar de que eu não fazia ideia de quem era Dylan e explicou: — Dylan era meu meio-irmão. Nós nos dávamos bem. Desde o início eu aceitei que Dylan seria o filho favorito.

— O que aconteceu com seu padrasto depois que ele perdeu Dylan?

Josh meneou a cabeça.

— Francamente, eu não sei. Não fiquei muito tempo em Cedar Cove depois do enterro. Eu não tive notícias de Richard por muitos anos, e provavelmente não teria, se uma de suas vizinhas, uma velha amiga, não tivesse me procurado.

Então esse era o motivo de sua volta.

— Eu vim, mas não por qualquer preocupação com Richard. Eu queria recuperar algumas coisas da minha mãe. O momento no meu trabalho permitia e essa amiga parecia acreditar que era importante que eu viesse. Pessoalmente, eu achava uma perda de tempo, mas concordei em vir.

— E agora?

— Agora posso dizer honestamente que estou feliz por ter vindo. Richard me deu algumas das coisas que minha mãe tinha antes de se casar... e mais.

A expressão de Josh se suavizou, mas não tive certeza se foi por causa do vinho ou dos eventos daquela tarde.

— Richard amou minha mãe de verdade.

— Assim como você. — Instintivamente eu reconheci que a ligação entre os dois homens era a mãe de Josh. O amor por ela foi o que finalmente fez os dois se entenderem. Aquela ideia era reconfortante. O amor viera do além-túmulo para tocar Josh e seu padrasto. O amor de Paul por mim fizera o mesmo.

— Eu amava muito a minha mãe — murmurou Josh. — Agora eu sinto que deveria ter tentado mais com Richard. — Suas palavras reverberavam arrependimento.

— Mas você fez as pazes com ele?

Josh aquiesceu, e pareceu se perder nos pensamentos.

— O que foi? — perguntei.

— Depois que o legista liberar o corpo vou tomar providências para o enterro

— respondeu ele.

— Então você vai ficar para o funeral? — A reserva dele era para três noites, mas seria fácil prolongar sua permanência, já que eu não tinha ninguém agendado até o próximo fim de semana.

— Não, vou embora conforme programado.

Meu rosto deve ter mostrado minha surpresa, porque ele continuou:

— Richard pediu que não houvesse velório. Não tem mais nada para mim aqui. Nunca teve, mas, pelo menos, recuperei as coisas que pertenciam a minha mãe.

— Fico feliz por você, Josh.

— Também estou feliz — Ele tomou mais um gole de vinho e deixou o copo sobre a mesa. — É melhor eu ir até a funerária antes que feche. Não acredito que eu precise fazer muita coisa, mas é melhor conferir. — Ele se levantou e hesitou, como se tivesse pensado em algo.

Antes que eu pudesse perguntar se podia ajudá-lo, ele se virou e subiu para o quarto, correndo pela escada como se tivesse pressa.



A cerimônia de casamento foi linda. Abby ficou com seus parentes e viu quando seu pai pegou a mão de sua mãe. Enquanto Roger e Victoria faziam seus votos, Abby viu a mãe enxugar os olhos, o lenço apertado na mão.

Abby sentiu lágrimas borrando sua visão algumas vezes, mas eram lágrimas de alegria, de felicidade pelo irmão.

O vestido que as madrinhas e damas de honra vestiam eram de vários tons de lavanda, cada um desenhado de modo a favorecer a mulher que o envergava. Enquanto observava o estilo dos vestidos, Abby se lembrou de Angela e de como a amiga fazia planos e desenhos para seu casamento. A igreja estava decorada com laços cor de lavanda, e o altar rodeado por copos-de-leite brancos. As cores, a música, os dizeres... tudo estava tão lindo, tão perfeito.

A certa altura, durante a missa, Steve Hooks, antigo companheiro de quarto de Roger, virou-se e seu olhar se encontrou com o de Abby. Então, do nada, ele piscou para ela. Por mais tolice que fosse, Abby sentiu que corava descontroladamente. Ela tinha mais de trinta anos, *bem mais*, era uma mulher madura. Madura demais para deixar a piscada de um homem atraente abalá-la daquela forma. Apesar de tudo, sentiu-se lisonjeada e animada.

A festa do casamento foi realizada no clube de campo, e Abby foi dirigindo sozinha, para que pudesse sair mais cedo no caso de seus pais quererem ficar até tarde.

Assim que os convidados chegaram ao clube, receberam suas indicações de mesa. Para surpresa de Abby, ela não foi colocada com seus pais ou suas primas.

— Você não está na nossa mesa? — reclamou sua mãe, e parecia prestes a chamar o maître quando Steve Hooks se aproximou.

— Sra. Kincaid, espero que não se importe, mas eu pedi para a Abby ficar na minha mesa.

Ela abriu a boca para protestar, mas a fechou rapidamente.

— Isto é — continuou Steve, olhando para Abby —, se Abby não se importar.

— Ela não se importa — respondeu Linda Kincaid depressa demais.

— Mãe, eu posso responder por mim mesma.

— Você se importa? — perguntou Steve, os olhos fixos nos dela.

Abby queria conhecer a mulher que conseguiria rejeitá-lo. Ela quase se derreteu diante dele.

— Ah, sem problema. Não me importo. — Sua língua parecia estar cheia de nós sempre que ela tentava falar com ele. Ah, como queria ter dito algo espirituoso e inteligente...

— Eu sei que provavelmente baguncei toda a organização das mesas, mas achei que essa poderia ser a única chance que Abby e eu tínhamos para conversar. Eu me recuso a ser ignorado.

Dessa vez Abby não se preocupou em responder — ela simplesmente anuiu. Cavalheirescamente, ele puxou a cadeira para ela e então se sentou ao lado.

— Foi um casamento lindo, você não achou? — disse ela, pegando o guardanapo de linho cor de lavanda e desdobrando-o sobre as pernas. Se pudesse manter as mãos ocupadas talvez houvesse uma chance de conseguir passar o jantar sem agir como uma adolescente em seu primeiro encontro... embora fosse exatamente assim que ela se sentisse.

— O casamento — repetiu Steve. — Sim, muito bonito.

Os três outros casais designados para sua mesa se juntaram a eles. Steve fez as apresentações e Abby percebeu que ele arrumou os lugares de modo que se sentassem com amigos e parentes de Victoria, o que estava bom para ela. Imaginou quantos cartões ele tinha trocado de lugar para conseguir que os dois ficassem juntos. Todo esse esforço dele era muito lisonjeiro.

Logo os outros casais estavam absorvidos em suas próprias conversas, dando aos dois um pouco de privacidade para colocar o assunto em dia.

— Eu entendi bem — começou ele. — Você mora na Flórida?

Abby anuiu.

— Port St. Lucie. E você?

— Vero Beach.

— Meu Deus, nós somos praticamente vizinhos.

— Se eu soubesse disso antes — murmurou ele entre os dentes.

— O que tem?

— Eu teria ligado para você; podíamos ter ficado juntos. Eu imaginava que você já estaria casada, a esta altura. Nós estávamos começando a nos conhecer quando você teve aquele acidente de carro, e depois disso você se fechou. Roger disse que você precisava de tempo. Da última vez que nos vimos eu disse para você me ligar se quisesse companhia.

Abby nunca o procurara, e, embora não se lembrasse daquela conversa, não estava pronta na época. O que ela lembrava era o número de vezes que ele tentara entrar em contato. Ela ignorou todas as tentativas. Abby tinha que reconhecer, contudo: ele não desistira facilmente.

— Não entendo por que você nunca se casou — disse ele.

— Como você sabe disso? — perguntou ela, provocando-o. Ela se sentia de volta à escola, flertando dessa forma com ele.

— Quer dizer que você se casou? Está divorciada? — Ele franziu a testa, claramente confuso.

— Primeiro responda à minha pergunta — exigiu ela.

— Como eu sei? — repetiu ele, e então respondeu de um só fôlego. — Eu perguntei. Existe outro jeito?

— Então você me investigou?

— Eu dei uma prensa no Roger e fiz com que ele me contasse.

Abby riu, adorando o modo como ele não se preocupava em disfarçar a atração que sentia por ela. Verdade seja dita, ela sentia o mesmo. Era como se todos aqueles anos tivessem evaporado e os dois estivessem novamente na faculdade.

— Como é que você nunca se casou? — quis saber ela, devolvendo a pergunta para ele.

— Como você sabe disso? — perguntou ele, fazendo o mesmo jogo que ela. — Você perguntou?

Abby hesitou, mas só um pouco.

— Não perguntei — disse, afinal.

Ele pareceu decepcionado, com seu lábio inferior levemente projetado, num bico bastante atraente.

— Roger forneceu a informação antes que eu tivesse chance de perguntar.

— Em outras palavras, você teria perguntado, caso seu irmão não tivesse sido tão rápido para lhe dizer.

— Exatamente.

Eles sorriram um para o outro e continuaram o bate-papo por todo o jantar. Quando começou a dança, Roger levou a noiva para a pista e rodopiou com ela pelo salão.

— Roger fez aulas de dança? — perguntou Steve. Ele estava atrás de Abby, à beira da pista de dança, com as mãos sobre os ombros dela.

— Minha boca é um túmulo — brincou Abby.

— Só pode ter feito — insistiu Steve. — Com certeza ele não tinha essa agilidade toda com os pés.

— Então você já dançou com meu irmão? — provocou Abby.

Steve soltou uma gargalhada.

— Não recentemente, mas sei que gostaria de dançar com a irmã dele.

Abby ficou tensa.

— Ah, Steve, não sei se encaro essa; faz muito tempo desde a última vez que eu dancei. — Ela não sabia calcular quanto tempo. Pelo que se lembrava, tinha sido no primeiro ano de faculdade.

— Você devia estar mais preocupada comigo pisando nos seus pés — brincou ele.

Então, sem perguntar, assim que a pista de dança foi aberta, Steve puxou-a para dentro. Abby pensou em reclamar, mas aquele estava sendo um momento tão mágico que não quis fazer ou dizer algo que estourasse sua bolha de felicidade. A culpa, o peso e a vergonha foram retirados de seus ombros e ela finalmente se sentia livre.

Com os braços de Steve a sua volta, ela fechou os olhos e deixou seu corpo acompanhar naturalmente a batida da música, instintivamente seguindo-o, os dois com seus braços firmes ao redor um do outro.

— Você é boa nisso — sussurrou ele junto à sua orelha.

— Obrigada.

— Abby, Abby.

Ela abriu os olhos e viu seus pai e mãe perto.

— Vocês dois ficam muito bem juntos — trinou a mãe.

— Obrigada, mãe — disse Abby sorrindo para os pais.

Assim que estavam fora de alcance, Abby olhou para Steve.

— Por favor, perdoe a minha mãe. Não tem como ela ser mais óbvia.

— Óbvia?

— Ah, Steve, só falta ela dizer em voz alta. Ela quer me arrumar um par, e quanto antes, melhor.

— É? Parece que ela andou falando com a minha mãe.

— Ela veio?

— Não, ainda bem. A última coisa de que precisamos é que as duas se unam para fazer planos. — Ele sorriu para ela e acrescentou: — Eu não preciso de ajuda, e você?

— Também não, obrigada.

— Ótimo.

Eles continuaram dançando até serem interrompidos pelos noivos, Roger e Victoria.

— E aí, irmão, podemos trocar de parceiras por alguns minutos? — perguntou Roger.

— Não faz duas horas que casamos e ele já está me passando para outro cara — brincou Victoria. Ela beijou Roger na face, passou rapidamente para os braços de Steve e continuou acompanhando a música.

Roger segurou Abby e ela lhe disse o que sentia.

— Ah, Roger, o casamento foi simplesmente perfeito.

— Agradeça à Victoria e à mãe dela. Faz meses que elas estão cuidando de todos os detalhes. Eu só dizia sim. Dei liberdade total para as duas e elas cuidaram de tudo que precisava ser feito.

— Bem, elas fizeram um trabalho incrível.

— Eu me casei com uma mulher incrível.

— Foi mesmo — concordou Abby.

— Como estão as coisas entre você e Steve? — perguntou o irmão, sem se preocupar em esconder o interesse.

— Muito bem.

— Você sabe que partiu o coração dele — disse Roger.

— Ah, pare com isso.

— Steve está completamente apaixonado.

Foi gostoso ouvir aquilo.

— Por que ele não se casou? — perguntou ela, com a curiosidade a dominando. Eles só tinham alguns minutos e ela pretendia extrair o máximo naquele tempo.

— Bem que ele gostaria de ter se casado. Primeiro ele se envolveu em um grande contrato de informática com o Exército que o enviou para o Afeganistão, e depois ele trabalhou muito quando voltou para casa. Se quer saber minha opinião, ele está procurando uma esposa, mas é exigente.

— Exigente? — Aquilo não parecia muito bom.

— Ele não está disposto a aceitar a segunda melhor, e essa é a razão pela qual resolveu esperar. É algo que nós dois temos em comum; nosso padrão de exigência é elevado.

Abby seguiu o olhar do irmão quando este procurou a esposa na pista. Os olhos dele se aqueceram com amor quando viram Victoria, e naquele momento Abby entendeu o que ele queria dizer. Seu irmão estivera disposto a esperar, mas, quando conheceu Victoria, não hesitou.

— Seja feliz, Roger — sussurrou ela.

— Eu tenho toda a intenção de ser.

— E ande logo para dar netos aos nossos pais, está bem?

— Vou fazer o meu melhor — brincou ele.

Eles destroçaram de parceiros minutos depois.

Steve permaneceu ao lado de Abby pelo restante da noite, dançando e ajudando a servir o bolo. Ainda que a intenção dela fosse sair cedo, não deu certo. Passava das onze da noite quando ela decidiu que era melhor começar a se despedir. Àquela altura, Roger e Victoria tinham saído, e o número de casais na pista de dança tinha minguado. Os pais de Abby estavam entre os últimos convidados.

Abby abraçou a mãe e o pai.

— Não vou mais ver vocês nesta viagem — disse ela.

— Tem certeza de que está bem para dirigir? — preocupou-se a mãe.

— Estou ótima, mãe — garantiu-lhe Abby. Aquela era uma pergunta normal, mas que, até recentemente, teria lhe trazido lembranças doloridas. Sua mãe, contudo, não pensou no subtexto possível, que significaria que ela conseguira deixar o passado para trás.

— Eu vou atrás dela — ofereceu Steve —, só para garantir.

— Ah, obrigada, Steve; sempre um cavalheiro. — A mãe de Abby se inclinou e o beijou no rosto.

A princípio, Abby quis rejeitar a oferta, pois não precisava de escolta até a pousada, mas rapidamente percebeu que isso daria a ela e Steve a oportunidade de ficarem a sós antes que se separassem.

Como combinado, Steve a seguiu até a Pousada Rose Harbor. Ela estacionou, desligou o motor e saiu do carro. Steve fez o mesmo, e ele a acompanhou até a varanda.

— É melhor nos despedirmos — disse ele.

— Obrigada pela noite maravilhosa — disse Abby, de coração. Ela não queria ser impetuosa, mas era assim que se sentia por dentro. — Eu devia ter saído horas atrás... meu voo é bem cedo.

Steve deu um passo para trás.

— O meu também. Será possível que estamos no mesmo voo?

— O meu é para West Palm Beach — disse Abby.

— O meu também. — Os olhos dele se acenderam.

— O meu sai de Seattle às oito e meia da manhã.

— O meu também — confirmou ele.

— Estamos no mesmo voo!

O sorriso dele ficou maior.

— Parece que sim.

— Destino — disse ela.

Steve balançou a cabeça.

— Prefiro pensar que é uma intervenção divina. — Em seguida, ele levou a boca até a de Abby.

Abby passou os braços pelo pescoço de Steve e se abriu para o beijo. Talvez fosse efeito do casamento de Roger. Ou talvez da própria noite — fria, clara, estrelada. O que quer que fosse, Abby sentia como se o mundo todo se abrisse para ela com uma riqueza de emoções e alegrias.

Quando se separaram, o olhar de Steve manteve o dela por um momento infinito.

— Então vejo você amanhã?

— Amanhã — ecoou ela.

Steve consultou o relógio.

— Em sete horas. Espero você no portão de embarque.

— Vou estar lá — prometeu ela. Sete horas para vê-lo novamente, pensou Abby. Quanto antes, melhor.



Josh estava esperando por Michelle na funerária. Sentado em uma cadeira na recepção, ele fazia o possível para pensar no futuro e não em seu padrasto. Sentia-se bem por ter se entendido com Richard, o que era muito mais do que esperava como resultado daquela viagem.

Queria encontrar um modo de agradecer a Michelle. Ela fora uma dádiva e ele estava grato. Pretendia convidá-la para jantar, embora não sentisse disposição para comer e suspeitasse que ela também não. Um jantar pareceria uma comemoração.

A porta se abriu e Michelle apareceu. Ela parou junto ao batente antes de vê-lo.

— Obrigado por vir — disse Josh se levantando.

— Não por isso. Você já falou com o diretor da funerária?

— Ainda não. Estava esperando você.

Ela lhe deu um meio-sorriso pela consideração.

— Telefonei para os meus pais contando da morte do Richard. Eles me pediram para lhe transmitir seus sentimentos.

Josh aquiesceu.

George Thompson, o diretor da funerária, aproximou-se deles e, após lhes dar os pêsames, conduziu-os a seu escritório.

Michelle e Josh o seguiram pelo corredor até uma sala.

O sr. Thompson indicou duas cadeiras de frente para uma escrivaninha de mogno e então se sentou do outro lado. Manteve uma expressão circunspecta enquanto pegava e abria uma pasta.

— Como vocês sabem — disse ele, erguendo os olhos —, o sr. Lambert já tomara providências relativas ao próprio funeral.

Josh anuiu.

— Ele pediu para ser enterrado ao lado da esposa, Teresa. Ele comprou o túmulo adjacente na ocasião em que ela morreu.

Josh não sabia disso. Quando sua mãe falecera, ele estava muito centrado em sua perda para prestar atenção em outras coisas.

Michelle e o sr. Thompson ficaram olhando para ele como se esperassem sua resposta.

— Tudo bem — disse Josh, sem saber direito o que esperavam dele.

— Ele estava plenamente decidido de que não deveria haver velório.

— Foi o que ele disse — respondeu Josh. Richard estava sempre “plenamente decidido” em quase tudo.

— O senhor gostaria de assistir ao enterro? — perguntou em seguida o sr. Thompson. — Vai ser bem simples, sem uma cerimônia formal.

— Não — respondeu Josh.

— Eu gostaria — respondeu Michelle.

— Muito bem. Vou avisá-la do horário. — Ele fez uma anotação na ficha. Endireitando-se, recostou-se na cadeira. — Alguns detalhes menores. Primeiro, vamos precisar das roupas com as quais vocês querem que o sr. Lambert seja enterrado.

Josh olhou para Michelle pedindo ajuda.

— Eu posso pegar para você — prontificou-se ela.

— É melhor se a senhora as trazer amanhã — disse o sr. Thompson. — O escritório já vai fechar.

— Tudo bem — concordou Michelle.

— Algo mais? — perguntou Josh, ansioso por ir embora.

— Sim. — O sr. Thompson folheou a ficha e entregou a Josh um envelope lacrado. — O sr. Lambert me pediu que lhe entregasse isto quando de seu enterro, se o senhor estivesse presente.

A surpresa deve ter ficado evidente no rosto de Josh, porque o diretor da funerária continuou:

— Eu expliquei para ele que, se este fosse algum documento legal, seria melhor que um advogado o entregasse.

Josh pegou o envelope e imediatamente reconheceu a caligrafia do padraço no seu nome.

O sr. Thompson fez o melhor que pôde para esconder um sorriso, no que não

teve pleno sucesso.

— Se me lembro bem, quando sugeri um advogado, o sr. Lambert me fez saber sua opinião a respeito de advogados e disse que não pagaria um apenas para entregar um pedaço de papel.

— Parece bem coisa do Richard — disse Josh, ele mesmo sorrindo.

— Então, acredito que isso é tudo — disse George Thompson, fechando a pasta com a ficha de Richard.

— Vou trazer a roupa para o enterro de Richard amanhã na primeira hora — disse Michelle, enquanto ela e Josh se levantavam ao mesmo tempo.

O sr. Thompson os acompanhou até a recepção.

— Vejo a senhora amanhã, então — disse ele ao se despedir de Michelle.

Quando estavam fora da casa funerária, ela se voltou para Josh.

— Você vai estar aqui na segunda-feira? — Ela fez a pergunta soar quase como uma acusação, como se fosse obrigação legal ele ficar na cidade para o enterro.

— Vou estar longe — disse ele. — Eu voltei porque me pareceu a coisa certa a fazer, mas não existe motivo para continuar aqui por mais tempo. — Richard não quis cerimônia, e não significaria nada para ele se eu ficasse para o enterro.

— Talvez não para ele, mas... — ela deixou o resto da frase em suspenso.

— Mas o quê?

— Para onde você vai?

Josh ainda não tinha pensado nisso. O novo trabalho começaria em breve. Ele teria no máximo um dia ou dois antes de ter que se apresentar.

— Não faz muito sentido eu dirigir até a Califórnia para depois ir até Montana. Pensei em tirar dois dias para uma viagem até o mar.

A resposta dela foi um meio-sorriso.

— Você gostaria que eu a ajudasse a escolher as roupas? — perguntou Josh.

Ela negou com a cabeça.

— Não, obrigada. Richard tinha um suéter de que gostava muito e usava sempre. Acho que sua mãe o tricou para ele. Está bem usado, mas parece adequado, não acha?

— Claro, o que você achar que é o certo.

Ela baixou os olhos para o envelope na mão dele.

— Quando você vai ler isso?

Ele deu de ombros; não estava com vontade de abri-lo.

— Não sei. Em breve, acho. Você quer ler?

— Deus, não. — Ela se afastou, dando um passo para trás. — A carta é para você, não para mim. Não está nem um pouco curioso?

Ele não estava e sabia por quê.

— Eu já sei o que ela diz.

— Você sabe?

— Richard deixou claro logo que eu cheguei. Não vou herdar nada, o que não me surpreende. O fato é que não dou a mínima para a casa e nunca quis nada de Richard.

— Você é filho dele — disse Michelle.

— Entendo — corrigiu Josh. Embora os dois homens tivessem feito as pazes no final, Josh nunca fora um filho para Richard nem este fora um pai para ele. Josh não estava disposto a transformar Richard, depois da morte, em algo que não era.

Michelle franziu a testa.

— Quando você vai embora? — perguntou.

— Amanhã, provavelmente cedo.

— Já? — Ela se recusava a olhar Josh nos olhos.

— Isso deixa você decepcionada? — perguntou ele, percebendo a insatisfação dela.

— Deixa... não, não sei o que pensar.

Michelle parecia tão desorientada quanto ele. Nada parecia real, e ainda assim a realidade estava batendo de frente com ele. Os dois estavam diante da casa funerária. Nada podia ser mais real que aquilo.

— Tudo está tão confuso — murmurou ele.

Michelle enfiou a mão na bolsa para pegar a chave do carro.

— Precisamos de uma bebida — anunciou Josh. — De preferência algo forte.

— Que tal o Pink Poodle? — sugeriu Michelle.

— Tudo bem. — Mas Josh achava que eles não serviam nada além de cerveja. Logo iriam descobrir.

Ele saiu da funerária e encontrou Michelle no estacionamento do Pink Poodle. Várias letras do néon estavam apagadas, de modo que o letreiro dizia INK P O LE, o que podia sugerir tanto um bar quanto um estúdio de tatuagem. As coisas não tinham mudado tanto na cidade desde que ele saíra, refletiu Josh.

Dois homens sentados ao balcão ergueram os olhos quando Michelle e Josh entraram na taverna. Serragem cobria o chão. Ele a conduziu a uma mesa vazia, onde se sentaram frente a frente.

A garçonete se aproximou e Josh pediu uma cerveja. Ficou surpreso quando Michelle pediu um refrigerante diet, mas não disse nada.

— Você está bem? — perguntou ele após alguns minutos.

Recusando-se a olhar para ele, Michelle deu de ombros.

— Eu sei que você e Richard eram próximos...

— Não tão próximos assim. — Ela ergueu o queixo, mas continuou evitando contato visual.

Josh continuou a observá-la, e logo percebeu que o lábio inferior de Michelle tremia ligeiramente.

— Isso é difícil — disse ele, estendendo o braço por sobre a mesa para pegar a mão dela.

Michelle retirou sua mão e a descansou na perna.

Surpreso, Josh se recostou no duro encosto de madeira. Os dois tinham sofrido um choque. Embora soubessem que a morte de Richard era iminente, o acontecimento os perturbava. Lidar com a morte não é fácil, não importa de quem seja.

— Eu sei que você dava muita atenção ao Richard — disse ele em um tom de voz que, esperava, fosse reconfortante. — Sou grato a você e sua família por cuidarem dele. Depois que minha mãe e Dylan morreram, vocês foram, provavelmente, as únicas pessoas do mundo que deram atenção a ele. — Consumido pela tristeza, Richard se esforçara para afastar família e amigos. Ele se isolara. Seu mundo caiu no dia em que enterrou o filho. Houve um tempo em que Richard era diferente. Josh se lembrava do som da risada do padrasto quando Teresa estava viva e do orgulho que brilhava em seus olhos quando Dylan jogava futebol. Houve um tempo em que ele tinha tudo.

A garçonete serviu as bebidas e Josh lhe pagou, incluindo uma gorjeta generosa. Depois tomou um gole da cerveja, mas Michelle não fez nada além de segurar seu copo com as duas mãos enquanto olhava para o infinito.

Como ela parecera tão curiosa a respeito da carta, Josh a pegou no bolso do

casaco, leu seu conteúdo à procura de alguma surpresa, mas não encontrou nenhuma. Quando terminou, entregou a folha datilografada para Michelle, que pareceu surpresa ao pegar a carta. Ela também leu rapidamente as poucas linhas e em seguida deitou o papel sobre a mesa.

— Ele pediu que você cuide dos túmulos de Teresa e Dylan, mas não do dele.

Josh riu.

— Ele devia imaginar que eu plantaria ervas daninhas sobre seu túmulo, e francamente a ideia é tentadora.

— Josh.

— Ervas bonitas — ele esclareceu, na tentativa de fazê-la sorrir.

— Você não se incomoda que o dinheiro da venda da casa vá para caridade?

— Nem um pouco. — Na verdade, ele gostava que seu padrasto tivesse escolhido instituições específicas. Pesquisa de câncer em homenagem a Teresa e pesquisa em trauma cerebral em homenagem a Dylan.

Mais uma vez, ela desviou o olhar.

— Você está bem? — Ele se sentiu obrigado a perguntar.

— Estou ótima. — Ela tomou um pequeno gole de seu refrigerante e afastou o copo. — Então é isso?

— Como assim?

— Você disse que vai embora amanhã pela manhã.

— Isso.

— Eu disse que já escolhi as roupas para o enterro do Richard, então não há necessidade de você passar na casa de novo, certo?

— Certo. — Ele não tinha pensado nos detalhes. — Eu passo para me despedir, pela manhã.

— Fácil assim — murmurou ela, a tristeza espelhada nos olhos. — Você pretende simplesmente ir embora com sua caminhonete e não olhar para trás?

A pergunta ficou suspensa entre eles.

Do ponto de vista de Josh, a resposta era óbvia.

— Existe algum motivo para eu ficar? — perguntou ele, verdadeiramente curioso para saber a resposta dela.

— Eu acho que existe — afirmou ela.

— Qual é?

— Nós, Josh. Eu sei que essa conversa provavelmente deixa você terrivelmente constrangido, mas não vou me desculpar por isso.

Ela tinha razão, mas ele não iria admiti-lo.

— Antes de você dizer qualquer coisa, deixe-me fazer uma observação simples. Quando você saiu de Cedar Cove...

— Você quer dizer depois que Richard me expulsou de casa?

Ela ignorou o tom sarcástico.

— Você partiu e ficou vagando desde então; primeiro no Exército e agora com seu trabalho.

— Não preciso de raízes — insistiu ele. — Não tenho nenhuma desde os dezessete anos.

— Todo mundo precisa de alguém, Josh. — A voz dela era suave, gentil, esclarecida. — Quem é essa pessoa na sua vida?

Ele balançou a cabeça, indicando que não tinha resposta.

— Você tem uma chance agora — continuou ela no mesmo tom. — Pode continuar vagando pelo deserto, pronto para brigar...

— Ou? — perguntou ele, interrompendo-a. Ele não tinha certeza do que ela iria dizer, mas sabia que não iria gostar.

— Você pode...

— Ficar em Cedar Cove — concluiu ele, interrompendo-a pela segunda vez.

— Não — retorquiu ela rapidamente. — Não é isso que eu ia dizer. — Ela sustentou o olhar dele por um longo tempo e então deu de ombros e se levantou. — Na verdade, esqueça que eu disse algo. Você já tomou sua decisão. Desejo que seja feliz, Josh, com sinceridade. Admiro você por ter vindo. Embora ele nunca fosse admitir, tenho certeza de que Richard também admirou sua atitude. Fique bem.

Sem olhar para trás, ela saiu do Pink Poodle.

Aturdido, Josh continuou sentado por vários segundos enquanto tentava assimilar o que tinha acabado de acontecer. Os dois tinham aguentado muito estresse nos últimos dias, e ele não deixaria a conversa acabar assim.

Ele a encontrou parada junto ao carro, uma mão no capô e outra sobre os olhos.

Quando o ouviu, ela rapidamente pegou a chave do carro dentro da bolsa.

— Michelle — chamou ele, correndo para o estacionamento. — Espere, por

favor...

Ela se endireitou e virou para encará-lo, os olhos bem abertos. Josh não sabia o que dizer para ela. Nem tinha certeza do que ela queria dele. Só sabia que não podia deixá-la ir embora. Não daquele jeito. Talvez nunca mais a visse, e aquele pensamento o entristeceu. A sensação era parecida com a que experimentara quando percebeu que Richard estava perto da morte. Emoções desconhecidas mexiam com ele.

— Você tem algo para dizer? — quis saber Michelle.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça.

— Não quero que nossa despedida seja assim.

Mais uma vez, ela pareceu esperar que ele dissesse algo mais.

— Eu quero que você saiba o quanto sou grato por sua ajuda — continuou ele, tropeçando nas palavras.

Michelle podia até querer que Josh ficasse em Cedar Cove, mas sabia que isso era impossível.

— Não por isso — sussurrou ela. — Boa viagem até o litoral e seu novo trabalho.

— Obrigado — disse ele, que continuou achando difícil ir embora. Ele retrocedeu alguns passos. Na verdade, não havia razão para ficar. Destrancou a caminhonete, mas esperou, pensando que ela pudesse dizer algo para impedi-lo.

Mas ela não disse.

Josh tentou pensar em uma desculpa para não partir, mas não lhe ocorreu nenhuma naquele instante. Então deslizou para trás do volante, deu partida no motor — o tempo todo sentindo uma necessidade incrível de parar tudo, envolvê-la e segurá-la contra o corpo. A atração era magnética e forte, puxando-o, mas ele resistia.

Michelle permaneceu impassível. Sem dizer mais nada, ela entrou em seu carro e foi embora.

Com o coração pesado, Josh a observou partir.

Vagando no deserto? Como ele podia saber o que ela queria dizer com aquilo? Mas ele sabia. De certo modo, Josh compreendera aquelas palavras no instante em que saíram de sua boca. Ele estivera correndo por quase toda a sua vida adulta, recusando-se a se envolver com qualquer coisa além de seu trabalho. Era bom no que fazia simplesmente porque o trabalho dominava sua vida, sem deixar espaço para mais nada. Nem uma mulher. Nem um lar de verdade. Nem uma família.

Sem ter mais o que fazer, Josh também colocou o carro em movimento. Quanto mais perto chegava da Pousada Rose Harbor, mais pesado ficava seu coração. Quando finalmente percebeu o que queria, do que precisava, Josh estava a pouco mais de um quilômetro da pousada.

Subitamente, sem o menor sinal, ele fez um retorno brusco e parou no meio da rua. De repente, percebera que não queria aquilo... não queria partir... não queria continuar naquela trilha — uma trilha que o deixaria sozinho e amargo, igualzinho a Richard. Ele queria Michelle, amá-la e fazer parte da vida dela.

Não parou para contar quantas infrações de trânsito estava cometendo ao voltar para a casa de Richard, na esperança de que ela tivesse voltado à casa para pegar a roupa do enterro. Seu coração falseou quando viu que o carro dela não estava na casa de Richard nem na dos pais.

Josh se lembrou que Michelle lhe contara que tinha um apartamento em Manchester, a leste de Cedar Cove. Ele não sabia onde era, mas iria encontrar. Não demorou muito para vasculhar a área. Logo avistou um prédio de três andares, de frente para a enseada, com um restaurante e um mercadinho no térreo.

Ele estacionou, ocupando duas vagas, e entrou no mercado.

— É no 212 — disse o homem atrás do balcão quando Josh lhe perguntou sobre Michelle. — Ela esteve sumida por uns dias, mas acho que a vi estacionando há alguns minutos.

Com o coração disparado, Josh correu para a escada, que subiu de dois em dois degraus de cada vez. Tocou a campainha, mas não teve resposta. Bater com força também não adiantou. Se ela não estava dentro, onde estaria? Foi então que ele reparou nos jornais empilhados diante da porta. Aparentemente o homem do mercado tinha se enganado. Michelle não voltara.

A única coisa que Josh podia fazer era voltar para a caminhonete e esperar. Mas estava muito agitado para esperar sentado. Ele queria falar com ela. Era isso que ele tinha conseguido sendo tão desligado, tão obstinado. Tudo que ela dissera sobre ele era verdade, só que fora muito cabeça-dura para enxergar.

O vento trazia a maresia do oceano. Josh caminhou até o píer, com a intenção de gastar um pouco da energia que o deixava ansioso. Tinha dado poucos passos quando a viu.

Michelle estava de costas para ele e olhava para a água. Josh parou quando um surto de felicidade tomou conta dele.

— Michelle — a brisa carregou sua voz, e ela se virou, constatando que era ele. Ele começou a ir na direção dela, meio andando, meio correndo.

Josh não sabia bem o que esperar. Em sua cabeça, imaginara que ela viria correndo em sua direção e os dois se encontrariam no meio do caminho.

Mas ela não correu.

Ao contrário, Michelle permaneceu imóvel, as mãos enterradas nos bolsos do casaco, as costas eretas e a atitude altiva.

Ele diminuiu o ritmo ao alcançá-la.

— Que bom que achei você.

Ela não respondeu.

— Escute — disse ele —, não sei o que aconteceu entre nós nos últimos dois dias, mas acho que pode ser importante.

Ainda sem resposta.

— Haja o que houver entre nós, é importante e eu não quero perder isso — insistiu ele.

— É você que quer ir embora correndo. Estou até surpresa que ainda esteja aqui.

Ele ignorou o comentário e percebeu que ela não iria facilitar as coisas para ele. Não a culpou por isso.

— Podemos ir conversar em algum lugar? — perguntou ele.

— Eu já disse o que queria.

— Disse, e estou grato porque isso me fez pensar. Eu não quero mais vagar pelo deserto. Eu quero criar raízes. Você disse que todo mundo precisa de alguém e me perguntou quem é essa pessoa na minha vida. Eu não tinha uma resposta, mas agora eu tenho. Quero que essa pessoa seja você, Michelle. Você... — Ele falava rapidamente, mas parecia que ainda assim não expulsava as palavras rápido o bastante.

Ela piscou algumas vezes, como se não tivesse certeza de que escutara bem. Então, com um sorriso triste, ela balançou a cabeça.

— Sinto muito, Josh. Não sou mais aquela adolescente gorda que foi humilhada no baile. Vai ser necessário mais do que algumas palavras bonitas para me convencer de que você está falando sério.

— Estou falando sério. Me dê uma chance para eu provar.

— Uma chance? — Um sorriso brincou nos lábios dela.

— É tudo que eu peço. Vou cortejar você como nunca foi cortejada na vida.

Ela começou a caminhar de volta para o prédio. Josh acompanhou-a.

— Eu quero mais do que flores e conversa mole, Josh.

— Serve o meu coração?

Ela sorriu para ele, os olhos brilhantes.

— Para começar.

Josh pegou-lhe a mão e levou-a até os lábios.

— Eu passei tanto tempo sozinho que tenho dificuldade para admitir que preciso de alguém. Mas quando você partiu, percebi que precisava de *você*.

— Demorou, hein? Você é um bobo, um bobo muito querido, mas ainda um bobo.

Ele sorriu e a beijou na cabeça.

— Não sou mais, Michelle, não sou mais.

Ele fechou os olhos e sapecou beijos em seu rosto, até que ela se virou e suas bocas se encontraram.

Josh percebeu que tinha encontrado seu lar. Seu lar estava nos braços de Michelle.



Rover passou bem a noite, dormindo no tapete ao lado da minha cama. Eu não sabia direito o que esperar, sendo esta sua primeira noite em um novo ambiente. Surpreendentemente, ele se adaptou sem qualquer problema. Apesar do pouco tempo que estava comigo, eu sentia que aquele cachorro especial se tornaria parte importante da minha vida. Parecia que ele sempre estivera comigo.

Ouvi Abby voltar à pousada perto de meia-noite. Josh voltara mais cedo. Não conversei com nenhum dos dois por muito tempo. Ouvi Josh assobiar, o que foi uma surpresa, e então ele me perguntou se poderia ficar mais alguns dias. Eu lhe garanti que não haveria problema.

Abby parecia estar com a cabeça nas nuvens quando contou como o casamento do irmão havia sido maravilhoso. Como o voo dela era cedo, eu não sabia se a veria pela manhã.

O contraste entre a forma como os dois chegaram e aquela noite era incrível, para dizer o mínimo. A mudança no estado de espírito deles também me deixou assobiando e cantarolando. A transformação foi espantosa.

Minha suíte era grande o bastante para me permitir ter um sofá pequeno e uma televisão. Assim, minha tendência era relaxar lá em vez de nas áreas comuns da pousada. Eu precisava de um espaço só meu e tinha decidido que seria aquele aposento.

A lareira estava acesa e eu li por vários minutos com Rover aos meus pés. Depois de um tempo, pus o livro de lado e, enquanto desfrutava do calor do fogo, fechei os olhos por alguns instantes, satisfeita e em paz. Não sei bem quanto tempo fiquei assim. Talvez vinte minutos, talvez mais. O que me surpreendeu durante esse tempo foi que não senti aquela solidão absurda que me envolvia desde que eu soubera da morte de Paul.

Sim, eu tinha Rover, mas aquele sentimento, aquela sensação, era mais do que a companhia do cachorro aos meus pés.

Eu senti a presença de Paul. E dessa vez não estava dormindo. Embora eu

soubesse que isso era impossível, meu marido morto preenchia o quarto. Não quis abrir os olhos por temer que isso pudesse desfazer o momento, e queria aproveitá-lo pelo tempo que fosse humanamente possível. Eu sabia que não era real. Não podia ser. Paul morrerá, mas ainda assim a sensação era profundamente autêntica.

Fazia meses que havia um grande vazio na minha vida. E meu marido estava de volta. Embora eu não pudesse estender a mão e tocá-lo, abraçá-lo, seu espírito estava comigo. Nada me convenceria do contrário. Fechei os olhos bem apertados e segurei a respiração, desejando ter os braços do meu marido ao meu redor mais uma vez, ansiosa pelo conforto de seu abraço.

Não foram palavras audíveis, mas ele falou comigo, e disse que sempre ficaria comigo.

Aquela casa, aquela pousada, seria um lugar de cura. Não apenas para quem viesse se hospedar, mas também para mim.

Após um instante meu pulso voltou ao normal e eu sussurrei:

— Obrigada.

Levantei cedo, como de costume, e já estava na cozinha, passando o café, quando ouvi Abby descendo com sua mala, dando seu melhor para fazer o mínimo possível de barulho.

— Bom dia — disse eu da cozinha. — Você quer uma xícara de café antes de sair?

Ela pareceu surpresa por me encontrar de pé e na ativa.

— Seria ótimo, obrigada.

Servi uma xícara de café fresco e levei até ela.

— Espero que você tenha tido uma boa estadia.

— Foi ótima — disse ela, aceitando de bom grado o café, cuja xícara segurou com as duas mãos. Ela me seguiu até a cozinha, onde se encostou no balcão.

— Fico feliz que tenha dado tudo certo no casamento do seu irmão.

Ela sorriu e anuiu.

— Foi mágico. Acho que nunca fui a um casamento mais bonito.

Paul me dissera que a pousada seria um lugar especial, mas à luz do dia parecia que a presença que senti na noite anterior tinha sido um sonho. Ainda que eu quisesse acreditar que fora real, sou realista demais para apostar em algo que pode muito bem ter sido produto da minha imaginação. Talvez eu tenha criado toda essa fantasia porque eu mesma precisava muito de conforto.

Mas havia provas em contrário. Eu não podia negar a transformação pela qual Abby passara desde que havia chegado.

— Posso fazer um lanche para você? — perguntei. Eu estava preparada para cozinhar o que ela quisesse, embora ainda fosse cedo.

— Não, obrigada — disse ela, rapidamente recusando minha oferta. — Vou comer algo no aeroporto. — Abby corou, como se estivesse envergonhada ou, talvez, agitada. — Eu... encontrei um velho amigo no casamento — acrescentou, baixando o olhar como se para esconder sua reação de mim.

— Que bom! — Pelo modo como Abby agia percebi que se tratava de mais que um velho amigo.

— Steve foi colega de quarto do meu irmão na faculdade. Ele era um dos recepcionistas do casamento.

Mexi meu café e sorri. Então *havia* um homem nessa história. Não admirava que Abby lutasse para abafar seu entusiasmo. Ela não falara muito, mas tive a impressão de que o peso que ela carregava ao chegar também tinha sido aliviado.

— Steve e eu namoramos um tempo atrás.

— Então vocês tiveram a oportunidade de se reencontrar — concluí.

— Tivemos e... é espantoso... ele continua solteiro e trabalha e mora na Flórida.

Meus braços ficaram arrepiados. Aquilo era mais que espantoso e parecia mais que uma coincidência.

— Na verdade, é fácil ir de carro de onde eu moro até a casa dele. Vou encontrar com ele no aeroporto daqui a pouco.

— Vocês estão no mesmo voo?

Ela anuiu, bebeu o café e então colocou a xícara sobre o balcão.

— Steve me enviou uma mensagem de texto agora há pouco. Ele vai chegar cedo lá para tentar mudar o assento; quer se sentar ao meu lado durante o voo.

Percebi que o romance já estava em andamento. O jeito que seus olhos brilhavam me lembrava de quando conheci Paul. Bem quando eu mais ou menos desistira de encontrar o Sr. Perfeito. Eu tinha beijado tantos sapos que estava correndo risco de pegar verrugas.

Então conheci Paul, que virou meu mundo do avesso. Mesmo se eu soubesse, desde o primeiro dia, que ficaríamos juntos por pouco tempo, não mudaria nada. Nadinha. Eu aprendi o que é amar por completo. Ainda que perdê-lo tenha sido a

experiência mais dolorosa de minha vida, eu não trocaria por nada o que tivemos.

— Obrigada pelo fim de semana incrível — disse Abby enquanto pegava sua bolsa.

— Fico feliz que você tenha gostado da sua estadia. — Acompanhei-a até o saguão, onde ela deixara a mala ao pé da escada.

— Ah, gostei sim. Muito. — Impulsivamente, pareceu-me, ela me abraçou e em seguida saiu.

De pé junto ao batente, com Rover ao meu lado e uma xícara de café quente na mão, observei-a tirar o carro do estacionamento. Senti uma onda de afeto por aquela jovem que eu mal conhecera. O primeiro dos meus hóspedes tinha ido embora. Eu não esperava ver Abby novamente, mas tive a satisfação de saber que ela partira mais feliz do que chegara.

Por outro lado, Josh não desceu até quase nove horas daquela manhã. Eu preparara bacon e estava pronta para fazer ovos do jeito que ele preferisse. O suco de laranja estava sobre a mesa.

— Bom dia — cumprimentei quando ele apareceu.

Josh sorriu e se serviu de café.

— Não acredito que dormi até esta hora.

— Aparentemente você precisava — disse eu. — Como quer os ovos?

Ele bebeu o café e hesitou, como se a pergunta fosse muito importante.

— Estrelados. Não, mexidos.

— Muito bem. — Voltei para a cozinha e fiquei surpresa quando vi que Josh me seguira. Rover voltara para o tapete na frente da lareira para outra soneca, de modo que ficamos só Josh e eu na cozinha.

Ele se encostou no batente e cruzou os tornozelos.

— Espero que não seja um problema eu ficar mais alguns dias.

— De modo algum. — Peguei os ovos, quebrei dois em uma tigela e alcancei um garfo.

— Consegui tomar providências para o enterro do meu padrasto.

Fiz uma pausa ao despejar os ovos sobre a manteiga derretida na frigideira sobre o fogão.

— Sinto muito por sua perda — disse eu.

— Obrigado. Realmente a sensação é de perda. Fico contente que tenhamos

conseguido nos entender antes de ele morrer. Esclarecer as coisas ajudou muito.

— Fico feliz.

— Eu também — disse ele, e em seguida foi para a sala de jantar esperar por seu café da manhã.

Depois de comer, Josh saiu.

Rover me acompanhou até o quarto de Abby, onde tirei os lençóis da cama, e depois me seguiu até a lavanderia. Ele rapidamente se transformava na minha sombra. Eu quase tropecei nele enquanto colocava os lençóis na máquina.

Quando voltei para a parte social da casa, reparei que um homem usando casaco escuro circulava no jardim carregando uma pá.

Parecia ser Mark. Peguei meu casaco, enfiando rapidamente os braços nas mangas, e fui até a varanda. Rover me seguiu e ficou do meu lado no primeiro degrau. Surpreendentemente, ele não latiu para o estranho no meu jardim.

— Mark? — chamei.

Ele se virou e olhou para mim.

— Bom dia — disse. Seu olhar foi de mim para Rover. — Não sabia que você tinha um cachorro.

— Eu o peguei ontem. O abrigo o batizou de Rover, mas estou pensando em mudar o nome depois que nos conhecermos melhor. — Senti um calafrio e me abracei.

— Rover é um bom nome — disse ele apoiando-se na pá. — Não vejo por que mudar, mas, também, você não pediu minha opinião.

Aquilo nunca pareceu incomodá-lo, pensei.

— O que você veio fazer? — perguntei, mais curiosa do que qualquer outra coisa. Nosso último encontro fora um tanto tenso. Eu não sabia o que pensar daquele faz-tudo. Ainda assim, apesar de nosso início estranho, eu gostava dele.

Mark apoiou-se na pá.

— Você queria um orçamento para fazer um jardim, não queria?

— Bem, queria, mas... — Ele tinha me feito acreditar que demoraria antes de poder começar um projeto dessa magnitude. Eu não o esperava tão cedo.

— Mas o quê?

— Nada; só que eu não esperava vê-lo tão cedo.

— Você prefere que eu volte depois?

Ele sorriu enquanto falava, pois sabia que eu não preferiria isso.

— Claro que não. — Hesitei e então decidi continuar: — Posso perguntar uma coisa?

— Nada a deteve antes. — Ele gesticulou com a mão como se me concedesse permissão.

— Por que você precisa de uma pá? — Para fazer um orçamento, pelo que eu entendia, ele precisava de uma trena, não de uma pá.

Ele riu, e o som de sua risada fazia sua respiração sair em nuvens de vapor.

— Não vou enterrar nenhum corpo, se é isso que a preocupa.

— Nem tinha pensado nisso — sorri.

Ele também sorriu, e me surpreendeu como seus olhos ficavam calorosos quando ele o fazia.

— Eu precisava ver a profundidade de algumas raízes, só isso — disse ele.

Estava ficando cada vez mais frio e reparei que Rover voltara para dentro de casa.

— Se quiser, entre para tomar um café quando tiver terminado.

Ele hesitou, como se tentado a aceitar.

— Hoje não posso, mas obrigado pela oferta.

— Não pode ou não quer? — perguntei.

Ele deu de ombros, como se a pergunta o tivesse pegado desprevenido.

— Talvez um pouco das duas coisas.

Ouvi o telefone tocar, e o som que vinha do meu escritório me pareceu excessivamente alto.

— É melhor você atender — sugeriu Mark

Eu anuí, me virei e corri para a casa.

— Pousada Rose Harbor — atendi, um pouco sem fôlego quando peguei o fone.

— Oi — respondeu uma voz feminina, quase como se tivesse discado o número errado.

— Posso ajudá-la? — perguntei.

De novo ela hesitou.

— Pode, eu queria saber se você tem vaga em maio, na época da formatura

do Ensino Médio.

Consultei o livro de reservas.

— Tenho. — Na verdade, não tinha nenhuma reserva com tanta antecedência.

— Ótimo. — Ela parecia surpresa e decepcionada ao mesmo tempo.

— Você gostaria de fazer uma reserva?

Ela hesitou e falou com certa relutância.

— É, talvez seja melhor. — Ela não parecia nem um pouco convencida de que era isso mesmo que desejava.

— Nome?

De novo, a hesitação. Depois, ela disparou as palavras.

— Smith. Mary Smith.

— Tudo bem, Mary, está anotado. Você gostaria de garantir a data com um cartão de crédito?

— Não... posso fazer um depósito para você?

— Sem problema. — Depósito? Interessante. Imaginei se era porque ela não queria usar seu nome verdadeiro.

Assim que desliguei o telefone, recebi outra chamada relativa ao mesmo fim de semana. Dessa vez era um homem.

— Gostaria de fazer uma reserva para mim e minha mulher, para nosso aniversário de casamento. É em maio — disse ele, parecendo bem decidido. — Se possível.

— É possível, sim. Nome? — perguntei.

— Kent e Julie Shivers — respondeu ele.

— Muito bem, Kent, está marcado. Vejo você em maio. — Que estranho eu receber duas reservas diferentes, para o mesmo fim de semana, com quatro meses de antecedência.

Desliguei novamente e logo fiquei pensando na misteriosa Mary Smith. Seria mesmo esse o nome dela? Eu não teria pensado no assunto se ela mesma não parecesse tão insegura.

E Kent Shivers. Ele parecia estranhamente frio e desanimado quando fez a reserva.

Voltei à lavanderia e coloquei sabão na máquina. Ao fechar a tampa, hesitei.

— Você estava certo, Paul — sussurrei, imóvel em frente à lavadora. Meu humor melhorou instantaneamente. A Pousada Rose Harbor receberia seus hóspedes de braços abertos. Eu não estava só. Tinha Paul ao meu lado. E Rover também.

Quanto a Mary Smith, Kent Shivers e sua esposa, eu não conseguia evitar de pensar no que eles precisavam curar em sua vida.

Logo eu iria descobrir.

Agradecimentos



Faz tempo que acredito que as únicas pessoas que se dão ao trabalho de ler os agradecimentos são aquelas que esperam ver seu nome listado. Continue lendo... quem sabe.

Logo no início da minha carreira, aprendi a importância de me rodear de pessoas muito competentes, e com o passar dos anos formei minha própria equipe editorial. Uma das primeiras pessoas que contratei foi minha assistente pessoal, Renate Roth, que está comigo há dezessete anos. Digo para as pessoas, e é verdade, que Renate é minha mão direita e também a esquerda. Mais recentemente, acrescentei Heidi Pollard à equipe, bem como Wanda Roberts e Carol Bass. A contratada mais recente é minha filha Adele LaCombe, que atua como gerente comercial e de marca. Essas cinco mulheres incríveis trabalham comigo em Port Orchard. Elas mantêm minha vida relativamente sã e — para usar um clichê — são o vento sob minhas asas.

Nancy Berland é minha assessora de imprensa pessoal há dezesseis anos. Não me mexo sem ela, que gerencia meu site, envia os informativos eletrônicos mensais e é responsável por uma dúzia ou mais de aspectos da minha carreira. Theresa Park, minha agente de ficção, tem me orientado no fluxo rápido do mundo editorial em mutação pelos últimos seis anos. Tenho uma dívida eterna com Theresa por suas sabedoria, inteligência e perspicácia comercial.

A história que você tem em mãos deve-se, em grande parte, a três das melhores profissionais editoriais: Libby McGuire, Jennifer Hershey e Shauna Summers. Cada uma delas acrescentou textura e profundidade a este livro. Sou grata a elas por suas ideias e fé em mim.

Agora, se esta fosse a cerimônia de Prêmios da Academia, a música começaria a tocar ao fundo, dizendo-me para encerrar meus agradecimentos e continuar com o programa. Então, em meu último suspiro quero agradecer a meu marido, Wayne, e meus filhos por seu amor e apoio. E Wayne, você não me engana nem um pouco quando se deita no sofá e me diz para não perturbá-lo porque está tendo ideias. Eu sei reconhecer uma soneca quando vejo uma.

A Autora



DEBBIE MACOMBER, autora de *A Turn in the Road*, *1105 Yakima Street*, *Hannah's List* e *Twenty Wishes* é uma das principais vozes femininas na literatura de ficção.

Sete de seus romances chegaram ao primeiro lugar da lista de mais vendidos do *The New York Times*, com três deles estreando em primeiro lugar nas listas do *The New York Times*, *USA Today* e *Publishers Weekly*. *Mrs. Miracle* (2009) e *Call Me Mrs. Miracle* (2010), de Debbie Macomber, foram os filmes mais assistidos do ano no canal Hallmark. Debbie vendeu mais de 160 milhões de cópias de seus livros em todo o mundo.

Visite-a em www.debbiemacomber.com.

Padrões de tricô



*Xale de crochê de Jo Marie
Modelo criado por Ellen Gormley*

MEDIDAS

Comprimento máximo: 88,9 cm

Largura: 35,5 cm

MATERIAL

Coleção Blossom Street de Debbie Macomber (distribuída pela Universal Yarn): Ponto meia: (100 g/422 m; 50% fio de lã fino de merino; 30% náilon; 20% angorá); cor nº 601, cereja, 1 novelo.

Agulhas: nº F-5 (US, 3,75 mm), ou um tamanho equivalente.

Noções: 6 marcadores de ponto tipo ganchinho

MEDIDA DA AMOSTRA

16 pontos X 11 carreiras = 10 cm de ponto padrão, fechado **Poupe tempo, reveja a amostra.**

ANOTAÇÕES PARA O PADRÃO

Corrente 2, no início da carreira, conta como se fosse 1 ponto alto. Os marcadores são colocados para aumentar o número de pontos. Mova os marcadores à medida que vai tricotando.

PONTOS ESPECIAIS

CL: * Dê um laço, enfie o fio na agulha no primeiro ponto específico e dê a volta na malha na altura do ponto alto; lace e faça duas voltas; lace, enfie a agulha no próximo ponto e faça uma volta na malha na altura do ponto alto; lace e dê duas voltas **; procure o próximo ponto, repetindo de * para ** uma vez a cada dois

pontos; lace e dê cinco voltas na agulha; está pronto o CL. (Depois da primeira corrente base, todo o CL deve ser feito na corrente 3, deslizando até o ponto alto.)

XALE CURTO

Corr. 186. **Carreira 1:** (Lado direito): passe o ponto na segunda corr. a partir da agulha; * corr. 4, procure a próxima corr., CL por cima das próximas 5 corr., corr. 4, procure a próxima corr., ponto baixo para a próxima corr., repetir toda a parte *; com a frente do lado direito, contando do começo da carreira, ponha o marcador nos pontos fechados 4, 8, 12, 16 e 20, corr. 4, voltar até o ponto 23. **Carreira 2:** * ponto baixo no topo do próximo CL; corr. 3, ponto alto no próximo ponto baixo; corr. 3; repetir toda a parte *, finalizando a última repetição com a corr. 1; ponto alto no último ponto baixo; corr. 3, volta até o ponto alto 24, ponto baixo 23. **Carreira 3:** Ponto baixo no próximo ponto baixo; ** * corr. 4; CL até a próxima 2ª. corrente; pular 3 espaços, trabalhando a metade do CL em cada corr. pular 3 espaços; corr. 4; ponto baixo no próximo ponto baixo; repetir duas vezes desde * até o próximo marcador; [corr. 4; CL na próxima 2ª. corr.; pular 3 espaços, trabalhando a metade do CL; pular 3 espaços, corr. 4; ponto baixo na mesma corr.; pular 3 espaços; corr. 7; procurar o ponto baixo; ponto baixo até a próxima corr.; pular 3 espaços; corr. 4; CL na mesma corr.; pular 3 espaços até a próxima corr.; corr. 4; ponto baixo até o próximo ponto baixo]; repetir de * até * duas vezes até o próximo marcador; repetir de [até] uma vez; repetir de ** por todo o padrão, finalizando a última repetição com a corr. no último ponto baixo, **deixando os últimos pontos sem acabamento**; corr. 1, volta. Mova os marcadores até a corr., pulando 7 pontos, até o CL 22; corr. 5, 7 pontos. Carreira 4: Ponto baixo no primeiro CL; [* corr. 3, ponto alto até o próximo ponto baixo, corr. 3; ponto baixo até o próximo CL; repetir de * até a corrente marcada; pular 7 espaços; corr. 3; ponto baixo até o topo do próximo CL antes da 7ª. corr., lace; corr. 3; ponto baixo até a corr. 7; pule 7 pontos; corr. 3; ponto baixo em CL]; repetir de [até] o final, finalizando a última repetição com ponto baixo no **último CL, deixando os últimos pontos inacabados**; corr. 4; voltar. **Carreira 5:** * CL até as próximas duas corr.; pular 3 espaços; corr. 4; ponto baixo até o próximo ponto baixo; repetir desde *, terminando a última repetição com um ponto baixo no último ponto baixo; carreira 4; voltar para CL 26. **Carreira 6:** * Ponto baixo no topo do próximo CL; corr. 3; ponto alto no próximo ponto baixo; ch3; repetir desde a parte *, terminando a última repetição com o ponto baixo no último CL; carr. 4; voltar. **Carreira 7:** Repetir a carreira 5; até CL 25. **Carreira 8:** Repetir a carreira 6. **Carreira 9:** Ponto baixo até o próximo ponto baixo. ** * carr. 4; CL nas próximas 2 carreiras; pular 3 espaços; carr. 4; ponto baixo no próximo ponto baixo *; repetir de * até * duas vezes [carr. 4; CL até a próxima 2ª carreira; pular 3 espaços; trabalhando na metade do CL a cada carr.; pular 3 espaços; carr. 4;

pular na **mesma** carreira 3 espaços; carr. 7; procurar o ponto baixo; ponto baixo até a próxima carr.; pular 3 espaços; carr. 4; CL na **mesma** carr.; pular 3 espaços; e na próxima carr. 3 pontos; carr. 4; ponto baixo no próximo ponto meia]; repetir de * até * duas vezes; repetir de [até] uma vez; repetir de ** por todo o padrão, terminando a última repetição no último **ponto baixo**, deixando os últimos pontos inacabados; carr. 4; voltar. Mova os marcadores para a carr.; 7 espaços até o CL 24; corr. 5; 7 espaços. **Carreira 10:** Repetir a carreira 4. **Carreira 11:** Repetir carreira 5; CL 28. **Carreira 12:** Repetir carreira 6. **Carreira 13:** Repetir carreira 7; até o CL 27. **Carreira 14:** Repetir carreira 6. **Carreira 15:** Ponto baixo até o próximo ponto baixo; corr. 4; CL até a carr. 2; pular 3 espaços; carr. 4; CL até a próxima carr. 2; 3 espaços; corr. 4; ponto baixo até o próximo ponto baixo; ** * até carr. 4; CL até a próxima carr. 2; 3 espaços; corr. 4; ponto baixo até o próximo ponto baixo *; repetir de * até * duas vezes; [corr. 4; CL até a próxima carr. 2; 3 espaços, trabalhando na metade do CL em cada carr.; 3 espaços; corr. 4; ponto baixo na **mesma** carr.; 3 espaços; corr. 7; procurar ponto baixo; ponto baixo na próxima carr.; corr. 4; CL na **mesma** carr.; 3 espaços e a próxima carr.; 3 espaços; corr. 4; ponto baixo até o próximo ponto baixo]; repetir de * até * duas vezes; repetir de [até] uma vez; repetir de ** por todo o padrão, terminando a última repetição com a carr. 4; CL na próxima carr. 2; 3 espaços; corr. 4; ponto baixo no **último ponto baixo**, deixando os pontos restantes inacabados; corr. 4; voltar. Mover os marcadores para a carr.; 7 espaços; CL no 26; 5 corr.; 7 espaços. **Carreira 16:** Repetir a carreira 4. **Carreira 17:** Repetir a carreira 5; CL no 30. **Carreira 18:** Repetir a carreira 6. **Carreira 19:** Repetir a carreira 5; CL no 29. **Carreira 20:** Repetir a carr. 6. **Carreira 21:** Ponto baixo no próximo ponto baixo; * corr. 4; CL nas próximas 2 corr.; 3 espaços; corr. 4; ponto baixo no próximo ponto baixo *; repetir de * até * mais 5 vezes; ** [corr. 4; CL na próxima corrente; 3 espaços, trabalhando na metade do CL em cada carr.; 3 espaços; corr. 4; ponto baixo na **mesma** carr.; 3 espaços; corr. 7; procurar o ponto baixo; ponto baixo na **mesma** carr.; 3 espaços; corr. 4; CL na mesma carr.; 3 espaços e a próxima carr.; 3 espaços; corr. 4; ponto baixo no próximo ponto baixo]; repetir de * até * 5 vezes; repetir de ** por todo o padrão, deixando os pontos restantes inacabados; corr. 4; voltar. Mova os marcadores para a carr.; 7 espaços; CL no 28; 3 corr.; 7 espaços. **Carreira 22:** Repetir a carreira 4. **Carreira 23:** Repetir a carreira 5; CL no 30. **Carreira 24:** Repetir a carreira 6. **Carreira 25:** Repetir a carr. 5; CL no 29. **Carreira 26:** Repetir a carreira 6. **Carreira 27:** Repetir a carreira 21; CL no 28; 3 corr.; 7 espaços. **Carreira 28:** Repetir a carreira 4. **Carreira 29:** Repetir a carreira 5; CL no 30. **Carreira 30:** Repetir a carreira 6. **Carreira 31:** Repetir a carreira 5; CL no 29. **Carreira 32:** Repetir a carreira 6. **Carreira 33:** Repetir a carreira 9 (mesma da carreira 21);

CL no 28; 3 carr.; 7 espaços. **Carreira 34:** Repetir carreira 4. **Carreira 35:** Repetir carreira 5; CL no 30. **Carreira 36:** Repetir carreira 6. **Carreira 37:** Repetir carreira 5; CL no 29. Alargue a malha. Dê o arremate final.

ABREVIATURAS

Corr. = corrente; CL = cluster, ou aglomerado de 3 pontos.

*Xale de tricô de Jo Marie,
Modelo criado por Michael del Vecchio*

MEDIDAS

Comprimento máximo: 182 cm

Largura: 16,5 cm

MATERIAL

Coleção **Blossom Street de Debbie Macomber (distribuída pela Universal Yarn):** Ponto meia: (100 g/422 m; 50% fio de lã fino de merino; 30% náilon; 20% angorá); cor nº 602, morango-silvestre, 1 novelo.

Agulhas: n. 9 (US, 5,5 mm), agulha circular de 73,6 cm ou um tamanho equivalente.

Noções: marcador de ponto, agulha de tapeçaria

AMOSTRA

14 pontos X 31 carreiras = 10 cm, em ponto tricô, fechado

Poupe tempo, verifique sua amostra.

XALE CURTO

Monte 179 pontos. **Primeira carreira (lado do avesso):** Tricote 2 pontos; ponha o marcador, [tricote 21 pontos, ponha o marcador, tricote mais um, ponha o marcador]; 7 vezes; tricote 21 pontos, ponha o marcador, tricote 2 pontos. Aumente a carreira (lado direito): tricote 2 pontos, deslize o marcador, [lace, tricote até o marcador, lace, deslize o marcador, tricote 1 ponto, deslize o marcador] 7 vezes; lace, tricote até o marcador, lace, deslize o marcador, tricote 2 pontos; 16 pontos em aumento. Tricote 1 ponto, na carreira do avesso. Repita estas 2 carreiras mais 7 vezes; 307 pontos.

BORDA

Carreira 1 (lado direito): tricote dois pontos, deslize o marcador, lace [tricote 1 ponto, * lace, tricote 1 ponto, deslize 1, tricote 2, diminuição sem inclinação: passar um ponto de meia para a agulha direita; tricote 1 ponto; lace; tricote 1 ponto; repita de * até o marcador; lace; deslize o marcador; tricote 1 ponto, deslize o marcador, lace] 7 vezes; * lace; tricote 1 ponto; deslize 1 ponto; diminuição sem inclinação: passar um ponto de meia para a agulha direita; tricote 1 ponto; lace; tricote 1 ponto; repita de * até o marcador; lace; tricote 2 pontos; 323 pontos. **Carreira 2 (e todas as demais carreiras do lado do avesso):** Tricote. **Carreira 3:** Tricote 2 pontos; deslize o marcador; lace; tricote 1 ponto; [tricote 1 ponto; * lace; tricote 1 ponto; diminuição sem inclinação: passar um ponto de meia para a agulha direita; tricote 1 ponto; lace; tricote 1 ponto; repita de * até o primeiro ponto antes do marcador; tricote 1; lace; deslize o marcador; tricote 1 ponto; deslize o marcador, tricote 1 ponto]; 7 vezes; tricote 1 ponto; * lace; tricote 1 ponto; diminuição sem inclinação: passar um ponto de meia para a agulha direita; tricote 1 ponto; lace; tricote 1 ponto; repita de * até o primeiro ponto antes do marcador; tricote 1 ponto; lace; tricote 2 pontos; 339 pontos. **Carreira 5:** Tricote 2 pontos; deslize o marcador; lace; tricote 2 pontos; [tricote 1 ponto; * lace; tricote 1 ponto; diminuição sem inclinação: passar um ponto de meia para a agulha direita; tricote 1 ponto; lace; tricote 1 ponto; repita de * até 2 pontos antes do marcador; tricote 2 pontos; lace; deslize o marcador; tricote 1 ponto; deslize o marcador; lace; tricote 2 pontos] 7 vezes; tricote 1 ponto; * lace; tricote 1 ponto; diminuição sem inclinação: passar um ponto de meia para a agulha direita; tricote 1 ponto; lace; tricote 1 ponto; repita de * até 2 pontos antes do marcador; tricote 2 pontos; lace; tricote 2 pontos; 355 pontos. Tricote 1 carreira do lado do avesso. Dê um arremate frouxo em todos os pontos. Estique a malha no comprimento e dê o lace final.

DEBBIE MACOMBER

Esta edição foi publicada sob acordo com Ballantine Books,
um selo de The Random House Publishing Group, uma divisão
de Random House, Inc.

Título original: The Inn at Rose Harbor
Copyright © 2012 by Debbie Macomber
Copyright © 2013 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos
descritos são produtos da imaginação do autor.
Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera
coincidência.

Versão Digital – 2013

Edição: Edgar Costa Silva
Produção Editorial: Alline Salles, Livia Fernandes
Preparação de Texto: Lizete Mercadante Machado
Revisão de Texto: Elizabete B. Pereira, Tamires Cianci
Projeto Gráfico e Diagramação: Ana Dobón
Diagramação ePub: Lucas Borges

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Macomber, Debbie

A pousada Rose Harbor / Debbie Macomber; tradução Antonio
Carlos Vilela. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2013.

Título original: The inn at Rose Harbor.
ISBN 978-85-8163-153-0
eISBN 978-85-8163-242-1

1. Romance norte-americano I. Título.
12-15138 | CCD-813

Índice para Catálogo Sistemático

1. Romances : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br



DIGITAÇÕES E TRADUÇÕES